

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - IFCH
Programa da Pós-graduação em História - PPGH**

**ENTRE LOCAIS E LUGARES: OS VESTÍGIOS DOS ANTIGOS
CAÇADORES-COLETORES NO ARROIO TOURO-PASSO,
URUGUAIANA-RS.**

TESE DE DOUTORADO

Flamarion Freire da Fontoura Gomes

**Porto Alegre, RS, Brasil
2016**

CIP - Catalogação na Publicação

Gomes, Flamarion Freire da Fontoura
Entre locais e lugares: os vestígios dos antigos
caçadores-coletores no arroio Touro-passo, Uruguaiana-
RS. / Flamarion Freire da Fontoura Gomes. -- 2016.
235 f.

Orientadora: Adriana Schmit Dias Dias.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto
Alegre, BR-RS, 2016.

1. Arqueologia. 2. Pré-história. 3. História. 4.
Antropologia. 5. Geografia. I. Dias, Adriana Schmit
Dias, orient. II. Título.

**ENTRE LOCAIS E LUGARES: OS VESTÍGIOS DOS ANTIGOS
CAÇADORES-COLETORES NO ARROIO TOURO-PASSO,
URUGUAIANA-RS**

Flamarion Freire da Fontoura Gomes

Tese de Doutorado em História apresentada ao Programa de Pós-graduação
em História, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como
requisito parcial para a obtenção do grau de
Doutor em História

Orientador (a): Profa. Dra. Adriana Schmit Dias

Porto Alegre, RS, Brasil

2016

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-graduação em História**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Tese de Doutorado

**ENTRE LOCAIS E LUGARES: OS VESTÍGIOS DOS ANTIGOS CAÇADORES-
COLETORES NO ARROIO TOURO-PASSO, URUGUAIANA-RS**

Elaborada por
Flamarion Freire da Fontoura Gomes

Como requisito parcial para a obtenção do grau de
Doutor em História

COMISSÃO EXAMINADORA:

Profa. Dra. Adriana Schmit Dias (UFRGS)
(Presidente da banca/Orientadora)

Profa. Dra. Silvia M. Copé (UFRGS)

Profa. Dra. Roselane Costella (UFRGS)

Prof. Dr. André Luís R. Soares (UFSM)

Conceito:

Porto Alegre, setembro de 2016.

DEDICATÓRIA

A minha linda pequena família, Isa e Aninha.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho só foi possível graças a uma série de pessoas e instituições sem as quais não teríamos tido condições para a realização do mesmo. Inicialmente agradeço ao CNPQ pelo incentivo financeiro a realização dos anos de curso, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por meio do Programa de Pós-graduação em História (PPGH), aos professores do programa, em especial a Profa. Dra. Silvia M. Copé, por sua contribuição nas questões preliminares deste trabalho apresentado na qualificação, também agradeço especialmente a Profa. Dra. Carla Brandalise pela oportunidade que nos propiciou repetida vezes de contribuir em suas disciplinas na graduação, a Profa. Dra. Roselane Costella por me oportunizar uma aproximação com a ciência geográfica de forma tão produtiva quanto instigante, ao secretário do PPGH e colega Gabriel Foking, bem como ao Guilherme (bolsista), ambos por sua pronta disposição em nos auxiliar nos ditames burocráticos, e nesta instituição meu agradecimento especial a minha orientadora, Profa. Dra. Adriana Schmidt Dias, por sua primorosa atenção para com este trabalho e compreensão a despeito de minhas dificuldades e obstáculos, mas sobretudo pela construção da sua obra, na qual nos inspira, motiva e guia no vasto campo da pesquisa sobre caçadores-coletores.

Agradeço ao Prof. Dr. André R. Soares, Coordenador do Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas (LEPA) e do Núcleo de Educação Patrimonial (NEP) da Universidade Federal de Santa Maria, por permitir que o acervo arqueológico da pesquisa fosse recebido pela instituição, e pela palavra de confiança e apoio já de longa data. Também agradeço ao corpo técnico do LEPA, Prof. Ms. Ângelo Pohl e Profa. Ms. Luciana Meseder pela presteza e amizade demonstrada ao longo do período de convívio durante minhas jornadas dos últimos tempos no LEPA.

Agradeço ao Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (MARSUL), na figura de seu diretor, Professor Jeferson e do estagiário Antônio, pela mesma presteza com a qual me receberam nas dependências desta importante instituição, abandonada pelo poder público e que conta apenas com a dedicação destes profissionais.

Agradeço a Profa. Ms. Thaianie Socoloski por sua dedicação, profissionalismo e amizade na árdua tarefa de me conduzir ao entendimento de um mundo plural nas maneiras de se manifestar através da linguagem humana.

Não posso deixar de agradecer aqueles que encontram-se agora já na distância do tempo. Tive a oportunidade de iniciar meu aprendizado aguçado pelo senso poético do professor Dr. Teófilo Torronteguy (*in memorian*) em suas célebres aulas de Pré-história na UFSM, e pela controvertida figura do professor Dr. Saul Milder (*in memorian*), a quem manifesto o reconhecimento pelo incentivo e oportunidades dos meus primeiros passos na arqueologia.

Também já mais nas lembranças do que em meu convívio, agradeço a grande oportunidade profissional a mim proferida, pelas pessoas do Prof. Ms. Édison Brito, Profa. Ms. Maria de Lourdes V. dos Santos, ou a Dudu, e Prof. Ms. Protásio Pletsh, por acreditarem no meu trabalho como docente e incentivarem as pesquisas arqueológicas através do apoio da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - Câmpus Uruguaiana. Aos colegas professores de todas as áreas do conhecimento e funcionários da extinta PUCRS Câmpus Uruguaiana, sobretudo aos motoristas Elton e ao 'Seu' Adão. A toda a comunidade do município de Uruguaiana, aos meus ex-alunos.

A Eliane Razeira, pelo apoio, pelo perdão, pela amizade, pelo incondicional amor.

RESUMO

O arroio Touro-passo localiza-se no município de Uruguaiiana, na fronteira oeste do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Nas décadas de 1960 e 1970, a região foi palco de importantes estudos arqueológicos como parte do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) e do Programa Paleoindígena (PROPA). A coordenação dos trabalhos ficou a cargo do arqueólogo Eurico Th. Miller, do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (MARSUL), instalado em Taquara-RS, e do apoio técnico-financeiro do Smithsonian Institute, com sede em Washington-EUA. As ferramentas teórico-metodológicas empregadas na época favoreciam a localização de sítios arqueológicos do período pré-colonial, e o estabelecimento de filiações culturais para as indústrias líticas e cerâmicas a partir do postulado das “Tradições” e “Fases” arqueológicas. No entanto, decorridos mais de quarenta anos destas pesquisas, a região não havia sido estudada novamente. Desta forma, novas teorias e metodologias foram incorporadas neste estudo, a fim de fomentar novas discussões sobre o tema dos sítios arqueológicos na região. Este trabalho desenvolve-se à luz da Arqueologia Espacial, embasando-se em documentos primários e pesquisas de campo realizadas entre os anos de 2000 a 2015. O resultado é um reordenamento da questão das espacialidades, identificando-se sítios sem ocupações como ‘locais’ arqueológicos’, e sítios ocupados como ‘lugares’ arqueológicos. Os termos foram incorporados do campo semântico da Geografia, e ao textualizar-se as espacialidades no arroio Touro-passo, evita-se o equívoco em considerar os sítios localizados no período do PROPA como as únicas referências cronológicas, estratigráficas e culturais para a arqueologia de caçadores-coletores na área em estudo.

Palavras-chave: Arroio Touro-passo, sítios arqueológicos, espacialidades.

ABSTRACT

The Touro-passo stream is located in Uruguaiana, the west frontier in Rio Grande do Sul, Brazil. In the 60s and 70s, important archeological studies were carried out in this region as part of the National Program of Archeological Studies (called PRONAPA) and the Paleo-Indigenous Program (called PROPA). The studies were led by the archeologist Eurico Th. Miller from the Archeological Museum in Rio Grande de Sul (called MARSUL), located in Taquara RS, as well as the technical-financial support by the Smithsonian Institute from Washington-USA. The theoretical-methodological tools used in the past helped to find pre-colonial archeological sites and to create cultural filiations for the lithic and pottery industries based on the archeological “Traditions” and “Periods”. However, more than 40 years after the studies, the region had not been studied again. This, new theories and methodologies were incorporated in this current study in order to start new discussions about the archeological sites in the region. This study was developed based on the Spatial Archeology with primary documents and field research that happened between 2000 and 2015. The result is a spatial reorder and there are non-occupied sites identified as “archeological spots” as well as occupied sites identified as “archeological places”. These words were included in the Geography vocabulary and, while referring to the Touro-passo stream, the sites found during the PROPA period are not considered the unique chronological, stratigraphic and cultural references to the archeology of collector-hunters in the studied area.

Key-words: Touro-passo stream, archeological sites, spatialities.

Sumário

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1. ESPACIALIDADES ARQUEOLÓGICAS: PARADIGMAS E REDEFINIÇÕES	25
1.1. Região da pesquisa.....	27
1.2. Paisagem(ns)	30
1.3. Área do projeto	35
1.4. Espaços, arqueólogos e geógrafos	41
1.5. Arqueologia Espacial e da Paisagem	48
CAPÍTULO 2. HISTÓRICO DAS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS E O CASO DO ARROIO TOURO-PASSO	54
2.1. Síntese do cenário brasileiro, notas introdutórias.....	54
2.2. Arqueologia Pré-histórica no Rio Grande do Sul.....	60
2.3. Questões estratigráficas, a Formação Touro-passo e o Estratotipo Miller-Varella: análises bibliográficas.....	74
CAPÍTULO 3. OS SÍTIOS PALEOINDÍGENAS NO ARROIO TOURO-PASSO.....	84
3.1. Os sítios arqueológicos nos relatórios do Programa Paleoindígena 1973-1977. (Fichas II-III/III-A/III-B)	85
3.1.1. Relatório final – 1977 ano 1972-73.....	87
3.1.2. Relatório final – 1977 ano 1974	89
3.1.3. Relatório final – 1977 ano 1975	90
3.1.4. Relatório final – 1977 ano 1976	93
3.1.5. Relatório final – 1977 ano 1977	95
3.2. Sítios paleoindígenas sem ocupação, ou ‘locais’ arqueológicos	99
3.2.1. Sítio RS I – 66 Milton Almeida	101
3.2.1. Sítio RS I – 67 Touro-passo	114
3.2.3. Sítio RS I – 68 Ribeiro.....	118
CAPÍTULO 4. ‘LUGARES’ ARQUEOLÓGICOS: SÍTIOS DE OCUPAÇÃO.....	123
4.1. Sítio RS U – Pindaí-mirim.....	124
4.2. Sítio RS U – Menezes	130
4.3. Sítio RS U – Santo Antônio	152
CAPÍTULO 5. ‘ARTE’ E ‘FATOS’: AS INDÚSTRIAS LÍTICAS NO ARROIO TOURO-PASSO.....	166

5.1. O Sítio RS U – Menezes e as etapas de produção	168
5.2. Sítio RS U – Santo Antônio	183
5.2.1. Coleção escavada	183
5.2.2. Coleção de superfície	189
5.3 Sítio RS U – Pindaí-mirim, coleção de superfície.....	194
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	197
BIBLIOGRAFIA.....	209
ANEXOS	214

Introdução

Este trabalho de tese de doutoramento apresentado ao Programa de Pós-graduação em História (PPGH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), área de concentração em Cultura e Representações, versa sobre arqueologia pré-histórica de caçadores-coletores. A pesquisa foi desenvolvida na área do arroio Touro-passo, localizado no município de Uruguai¹ na fronteira oeste do Estado do Rio Grande do Sul (Brasil). A escolha e delimitação da área de estudo foram definidas após a avaliação da importância histórica da região para a Arqueologia gaúcha. Esta importância ficou atestada inicialmente em análise das fontes documentais primárias constituída por relatórios de pesquisa desenvolvidos a partir de projetos arqueológicos de abrangência nacional, produzidos por Eurico Theófilo Miller nos anos de 1970. Tais documentos intitulam-se Programa de Pesquisas Arqueológicas Sobre o Paleoíndio, Paleofauna, Paleoclima, do Rio Uruguai, Rio Ibicuí e Áreas Próximas do Rio Grande do Sul, Brasil. Uma série de outras fontes primárias, como os originais de fotografias, croquis de escavações e dos sítios arqueológicos, anotações pessoais e mapas também foram analisados. O objeto de estudo desta pesquisa são os sítios arqueológicos da área do arroio Touro-passo. As problemáticas que se discorrem neste estudo estão no ordenamento espacial da área da pesquisa, haja vista o alto grau de destruição dos sítios, a grande dispersão de vestígios líticos em superfície nos terrenos altos e baixos, e da perturbação estratigráfica que corrobora para a mistura de vestígios líticos de contextos

¹ Uruguai. “Sua etnia foi originada por grupos nômades indígenas e posteriormente os elementos colonizadores foram espanhóis, portugueses e africanos. [...] As terras que hoje constituem o município de Uruguai, no início do século XVI, integravam-se na Capitania de São Paulo, pois a ela estavam subordinadas todas as terras que dali se estendem para o sul, até o rio da Prata. Em 1735, quando o brigadeiro José da Silva Pais assumiu o comando da província do Rio Grande de São Pedro, mandou construir uma fortificação na entrada do canal que liga a Lagoa dos Patos ao Atlântico, o que possibilitou o desligamento dessa província da ingerência paulista em 1738, passou à jurisdição do governo constituído em Santa Catarina, que abrangia os atuais territórios deste estado e do Rio Grande do Sul, porém da dependência da capitania do Rio de Janeiro. Em 1760, com a nomeação do coronel Inácio Eloi de Madureira, para o governo de Rio Grande de São Pedro, estas terras foram desligadas da jurisdição de Santa Catarina, passando a formar uma província autônoma no período do Brasil colônia. As terras pertencentes ao município de Alegrete, que antes pertenciam ao de Cachoeira, é que surgiu Uruguai, como município independente. [...] Elevado à categoria de vila com denominação de Uruguai, pela Lei Provincial no.58, de 29-05-1846. Sede na povoação de Santana do Uruguai, instalado em 24-04-1847. Elevado à condição de cidade com a denominação de Uruguai, pela Lei Provincial no.898, de 06-04-1874. Pela Lei estadual no. 10.655, de 28-12-1995, desmembra do município de Uruguai o distrito de Barra do Quaraí. Elevado à categoria de município. Em divisão territorial datada de 1997, o município é constituído de 5 distritos: Uruguai, João Arregui, Plano Alto, São Marcos e Vertentes.” Fonte: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/Prefeitura Municipal de Uruguai.

culturais e cronológicos distintos. Desta forma, a indicação de sítios novos e antigos, preservados ou destruídos, dos fatores de destruição e de formação dos mesmos, relacionados ao contexto caçador-coletor, tornam-se fatores primordiais para os futuros trabalhos de campo na região. Uma breve apresentação dos conjuntos líticos, o que inclui material resgatado de campo e outros de coleções antigas, avalizam a presença humana antiga na região, tornando-se uma questão central a distinção de sítios de efetiva ocupação humana, daqueles originados fortuitamente por fatores aleatórios, analisados e apresentados neste trabalho.

As concepções teóricas que norteiam este estudo, fundamentam-se com base na chamada Arqueologia Espacial, a partir dos pressupostos de D. Clarke (1977). A proposta do autor institui a definição de diferentes níveis de análise espacial sobre a área de estudo, sendo complementada por elementos do arcabouço conceitual oriundos da Geografia contemporânea. Tal relação implica na elaboração de uma abordagem diferenciada da abordagem preconizada pelas pesquisas antigas, humanizando os espaços arqueológicos sem deixar de referenciar os aspectos de ordem natural dos sítios arqueológicos.

A exposição dos elementos textuais chaves deste trabalho precisam ser complementadas com algumas questões relativas ao escopo de informações do projeto que originou esta tese. E foi, portanto, após análises bibliográficas e sobretudo das fontes primárias que nos vimos instigados a realizar os primeiros reconhecimentos da área da pesquisa, diretamente em campo, a partir do ano 2000. A iniciativa possibilitou aferir a riqueza arqueológica da região manifestada na proliferação de vestígios líticos nas margens e terrenos próximos tanto do rio Uruguai quanto do arroio Touro-passo e demais tributários, dispersos em superfície como em estratigrafia. Procedeu-se na sequência a formalização da pesquisa em 2004 a partir da expedição de portaria² ministerial instituída pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que concedeu a autorização para as pesquisas de campo, coletas e análises dos vestígios arqueológicos oriundos do projeto “Estudo dos sítios arqueológicos no arroio Touro-passo: Uruguaiana/RS”. O projeto de minha autoria e execução contava com a contrapartida institucional da PUCRS – Câmpus Uruguaiana, através do Museu

² República Federativa do Brasil. Diário Oficial da União. Edição n. 67 de 07/04/2004. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Portaria n.125, de 6 de Abril de 2004. Imprensa Nacional: Brasília, 2004. Em decorrência da proliferação dos achados na área da pesquisa o projeto solicitou e teve aprovada sua prorrogação por mais 2 anos, estendendo-se até o ano de 2008.

de Ciências e do Núcleo de Pesquisas Paleontológicas e Arqueológicas (NUPA)³. O projeto arqueológico enviado ao IPHAN objetivava avaliar a situação em especial de três sítios paleoindígenas, o RS I - 66 Milton Almeida, RS I - 67 Touro-passo e o RS I - 68 Ribeiro. Além destes sítios pleistocênicos, observou-se em carta topográfica que haviam ainda mais três sítios descobertos por ocasião do PROPA na área do projeto, um já nas margens do rio Uruguai, a cerca de 1,5 km na porção sul da foz do arroio Touro-passo denominado o RS I – 69 Fagundes, outro ao norte do Touro-passo, em águas da Sanga⁴ que dá nome ao sítio RS – I Palmito e por fim um outro sítio na localidade do arroio Carumbé.

Buscando aportes bibliográficos sobre o tema, verificou-se que apesar de inferências frequentes aos sítios da região, os mesmos não haviam sido pesquisados *in locu*, há mais de quatro décadas, tampouco haviam produções específicas, exceto raros artigos publicados na época dos primeiros achados. Em função desta situação destaca-se o artigo de Miguel Bombin, de 1976, como o estudo sobre paleopaisagem da área do arroio Touro-passo mais completo e importante para a Arqueologia local. A afirmação da existência de vestígios arqueológicos contemporâneos a uma fauna pleistocênica extinta na obra de BOMBIN (op.cit.), respaldou-se pelo aval do arqueólogo Eurico Theófilo Miller. Miller, na época vinculado ao Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (MARSUL/Taquara-RS), era integrante do projeto intitulado PROPA, que contava ainda com a contrapartida institucional do Smithsonian Institution (Washington - E.U.A), e da participação dos pesquisadores Betty Meggers e Clifford Evans. O PROPA era um desdobramento das atividades de um projeto anterior denominado PRONAPA

³Participamos da fundação do NUPA juntamente com os professores: Prof. Dr. Édison Oliveira (Coordenador do Laboratório de Paleontologia), Prof. Dr. Marcus Vinicius Querol (Diretor do Museu de Ciências), Prof. Dr. Enrique Querol (Assessor de Pesquisa PUCRS), Prof. Ms. Édison Brito (Diretor FAFIUR), Profa. Ms. Maria de Lourdes Vilella (Diretora da PUCRS Câmpus-Uruguaiana). O NUPA teve suas atividades encerradas juntamente com as demais atividades de todo o Câmpus da PUCRS na cidade de Uruguaiana. O objetivo principal do NUPA consistia na criação de um espaço institucional destinado ao suporte e incremento das atividades de pesquisa em Arqueologia e Paleontologia enquanto extensão da política universitária. O caráter interdisciplinar do NUPA, que congregava ações educativas e científicas entre os cursos de Licenciatura em História e Ciências Biológicas, assentava-se sobre o marco de um projeto principal no arroio Touro-passo, a partir da colaboração entre as diferentes áreas em seus projetos específicos. O quadro que se apresentava na época indicava, portanto, o estabelecimento de um contexto arqueológico de relevância científica, mas também desafiador não só inerente a complexidade do tema como também em virtude da incumbência da coordenação de pessoal, recursos financeiros, materiais e equipamentos e toda a logística necessária para o desenvolvimento do projeto em suas instâncias de campo e laboratório em mais de uma década de atividades

⁴ Durante as prospeções preliminares para a elaboração do projeto arqueológico, averiguou-se a localidade do arroio Carumbé, na porção ao norte do arroio Touro-passo, nas proximidades da foz deste arroio. O sítio RS I – Carumbé fora localizado por E. Miller, com registros de coleta superficial e corte estratigráfico conforme dados obtidos em consulta ao CNSA-IPHAN. Este sítio não foi localizado.

(1965-1970), ou Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Estes projetos corroboraram para a elaboração de um primeiro inventariamento dos sítios arqueológicos brasileiros, também contribuiu para estimativas de horizontes cronológicos e para o estabelecimento de filiações culturais a partir de vestígios líticos e cerâmicos. Também fomentou-se a partir de então uma série de discussões sobre as problemáticas regionais, dentre as quais a antiguidade do homem americano e particularmente no sul do Brasil. E. Miller formulou juntamente com Bombin suas proposições sobre os vestígios arqueológicos no arroio Touro-passo e rio Uruguai. Portanto, o arroio em questão tornou-se um ícone ao estudo de caçadores-coletores no Estado, inicialmente centrado nas discussões sobre o período mais antigo e controverso desta (Pré) história local que ficou conhecido por ‘paleoíndio’.

Apesar desta tese não destinar-se a elucidar questões específicas da problemática paleoindígena, pelos motivos que discorre-se na sequência, a questão não pode deixar de receber uma atenção especial neste trabalho. Em primeiro lugar porque foi a partir desta problemática que tomou-se a iniciativa em se retornar ao arroio Touro-passo com pesquisas arqueológicas, também pela pertinência do tema por suas cronologias muito antigas que reveste-se de importância para toda a Arqueologia sul-americana, e também pelo modelo arqueostratigráfico elaborado por Miller e Bombin permanecer como um mecanismo válido para o entendimento das questões paleoambientais da área.

O modelo arqueostratigráfico proposto pelos pesquisadores denominou-se ‘Formação Touro-passo’, e associava vestígios naturais e antrópicos. Sobre os vestígios culturais, a proposta da Formação Touro-passo instituiu uma sequência de três momentos de ocupação humana no contexto pré-colonial. Um primeiro e mais antigo momento destas ocupações é situado estratigraficamente aos níveis sedimentares inferiores da ‘Formação Touro-passo’ (rudáceo-lamítico), constituindo-se da ocorrência de lascas de metaquartzito botucatu e calcedônia. Os vestígios são atribuídos ao contexto dos caçadores-coletores não especializados, de bioma aberto, que teriam co-existido com animais da megafauna pleistocênica nos últimos 10 mil anos AP. Um segundo momento, correspondente ao nível sedimentar ‘lamítico’, logo acima do nível anterior, encontrariam-se líticos de metaquartzito onde o instrumento característico na metodologia pronapiana seria o ‘raspador de núcleo’. Deste nível sedimentar e conjunto lítico entenderam os autores que a sugestão principal consistia na presença de ‘coletores-caçadores’ adaptados a formações vegetais ao menos em parte fechadas. No terceiro, último e mais recente registro da presença humana de cultura ameríndia estaria

situada a maior variedade do registro arqueológico. Tratar-se-ia de instrumentos de arremesso tais como pontas-de-projétil, pedras de boleadeira e lenticulares. As lenticulares estariam diretamente relacionadas a cultura material dos índios históricos da região, denominados genericamente por ‘pampeanos’, que constituíam-se etnologicamente por populações conhecidas como ‘Charruas’ e ‘Minuanos’.

A ‘Formação Touro-passo’ torna-se uma referência importante para o estudo arqueológico, ainda que a publicação tenha como característica principal o estabelecimento de um modelo paleoecológico de sentido mais amplo, onde os vestígios humanos são vistos apenas como parte do ambiente natural em brevíssimas considerações, porém importantes, pois se estabelece neste momento uma interação indissociável entre homem e meio ambiente. A publicação de Miguel Bombin também ganha destaque para a Arqueologia sobretudo por Miller ter divulgado pouco seu trabalho, o que gerou muitas dúvidas sobre suas pesquisas, restando em virtude disso como principal fonte documental primária sobre as atividades arqueológicas na região os relatórios do Projeto (PROPA-MARSUL) registrados durante os anos de implementação do mesmo (1972-1977).

No campo das bibliografias específicas, observa-se que na sequência do tipo de abordagem naturalista de Bombin (op.cit.), seguiram-se as obras de Miller (1969; 1976; 1987), depois Milder (1993; 1994; 1995; 2000). Os autores discorrem sobre datações radiocarbônicas, formações estratigráficas e geomorfológicas com uma considerável capacidade analítica. No entanto, desconsideraram, ou não avaliaram corretamente o impacto das ações destrutivas sobre os sítios. Milder (2000) apresenta em seu modelo ‘locacional’, a inserção dos sítios na paisagem, realiza inferências sobre os processos de formação de sítios arqueológicos na região da fronteira oeste, e indica dentre outros fatores de destruição dos sítios perturbações com origem em bioturbações e floroturbações que se comparados ao impacto humano são de toda ordem, pouco expressivos. À época de Miller, durante o PROPA, o pesquisador já fazia referências sobre projetos ‘futuros’ que poderiam atingir os sítios arqueológicos, como a construção de barragens, estradas e demais obras de impacto ambiental sobre a área do arroio Touro-passo. Mas ainda assim, sem destinar a devida atenção para estes fatores pois o ‘paleoíndio’ parecia fixar-se na mente do pesquisador, voltando-se muito mais para os sedimentos e seus respectivos níveis, apegando-se ao menor sinal das evidências deste remoto passado pré-histórico, evidências nem sempre associadas a qualquer vestígio de caráter cultural. Observa-se que mesmo as inferências que apresenta sobre vestígios

mais recentes da inequívoca presença de caçadores-coletores no holoceno, ganham a devida atenção por parte do pesquisador. As problemáticas com relação aos sítios inseridos numa paisagem contemporânea também parecia uma realidade imperceptível aos olhos de um pesquisador aparentemente obstinado por apresentar argumentações convincentes diante do ineditismo de suas pesquisas. No caso de Milder (op.cit), observa-se que o mesmo destinou-se a compreender os mesmos mecanismos geoclimáticos e as filiações culturais sobre a região da fronteira sudoeste de forma crítica, mas em sentido tão amplo quanto difuso. Faz importantes elucubrações sobre as fases Ibicui e Uruguai, e contribui efetivamente com uma revisão crítica sobre os dados obtidos a partir do PRONAPA/PROPA. Fornece novas datações para a própria Formação Touro-passo, mas praticamente abandona a perspectiva cultural em suas observações, numa postura pessimista frente aos resultados que poderiam ser fornecidos a partir dos vestígios líticos. Nos seus termos, comenta: “Durante quatro longos anos nos dedicamos à análise do material lítico da Fase Uruguai, utilizamos um total de 53 variáveis atributivas e o resultado foi uma frustração maior que o número de variáveis que utilizamos.” (MILDER, 2000:77). Tal dificuldade encontrada pelo pesquisador, em não conseguir compreender os remanescentes da cultura material talvez tenham origem na abordagem teórica utilizada. Ao perceber os sítios arqueológicos como eventos que se explicam por uma dinâmica geomorfológica, as inferências culturais que destinam-se a compreensão do fator ‘humano’ passam a não fazer mais sentido algum.

O sistema de análise utilizado para explicar os conjuntos líticos à época das primeiras descobertas, baseava-se em ‘guias-fósseis’, que resultaram na estipulação das tradições e fases culturais com base em atributos analíticos constitutivos de uma relação forma x função, dando origem aos tipologismos que não conseguiram explicar as variações e variabilidades nos conjuntos líticos, e isto não foi diferente para os sítios pesquisados no arroio Touro-passo. As afirmações obtidas mediante coletas superficiais parciais, esboçando grandes quadros gerais da pré-história no sul do Brasil a partir das amostragens, também foram insuficientes para se traçar um perfil mais exato dos particularismos regionais. Sendo assim, a arqueologia de caçadores-coletores no Rio Grande do Sul pautou-se por muito tempo pela inserção dos vestígios líticos em associação das extensas e difusas filiações culturais sistematizadas em ‘tradições’ e ‘fases’ arqueológicas para os períodos pré-cerâmico e cerâmico. Para o caso dos grupos pré-cerâmicos, ou caçadores-coletores, estipulou-se sua filiação cultural a chamada Tradição paleoindígena para o período mais antigo, notadamente concentrados na

fronteira oeste do Estado. Supostamente avançando no tempo e no espaço, tais grupos teriam ocupado os territórios da região de áreas abertas nos campos da metade sul do Estado, sem significativas variações tecnológicas. Os conjuntos líticos nestes sítios mais recentes receberam a denominação de Tradição Umbu. A porção norte do Estado, já apresentando características ambientais próprias, teria sido ocupada mais tardiamente no defasado modelo do PRONAPA, por caçadores-coletores que utilizavam-se especialmente de implementos do tipo ‘bumerangóides’ como guia-fóssil de uma indústria lítica que foi denominada Tradição Humaitá. Ainda que o *limes* ecológico que separaria as duas tradições tenha sido revisto enquanto a fronteira cultural como foi preconizada no início do modelo de ocupação/dispersão territorial, apenas reflete que na prática Umbus e Humaitás só existem nas coleções do PRONAPA-PROPA. Jamais se conheceu pela etnologia culturas com estas denominações.

Considerou-se necessário apresentar ao final desta tese um panorama dos diferentes conjuntos líticos dos sítios da área da pesquisa a partir de indicadores de produção aplicados em análises de indústrias líticas. No entanto, as informações sobre a origem das peças individualmente e em contexto com as demais tornaram-se para nossa proposta de pesquisa, informações mais elucidadoras para a definição de sítios ocupados ou sem ocupação do que como indicadores de estilos tecnológicos propriamente ditos. Desta forma, o lítico não passou por análises, mas sim, por caracterizações de ordem mais apreciativa do que analítica, sendo aqui apresentados visualmente e apenas organizados conforme padrões de análise usuais para o estudo de indústrias líticas. O campo de estudo das tecnologias líticas é vasto e altamente promissor e creio que mereceriam uma tese inteiramente destinada a questão, com objetivos específicos e campo teórico-metodológico próprio. O material coletado em nossas pesquisas de campo oferecerão uma boa fonte para pesquisas com este intuito.

Dos vários problemas de ordem teórico-metodológica enfrentados para esta pesquisa, aponta-se o ecletismo dos sítios com relação a disposição dos mesmos na paisagem, ao tipo de perturbações relacionados a intensa degradação ambiental, a amplitude da área de estudo, a quantidade de material arqueológico disponível e o longo período temporal de ocupações. Sobre as abordagens recorrentes em Arqueologia para se explicar os sítios arqueológicos parece que o desafio dos arqueólogos de formação em Ciências Humanas está em não encontrar no campo semântico da sua área do conhecimento, o equivalente necessário para se traduzir, ao seu gosto, a linguagem do sítio arqueológico. Estas posturas são convergentes desde o discurso dos pesquisadores

que se debruçaram sobre o tema ao longo do histórico das pesquisas no arroio Touro-passo, ainda que algumas informações sejam esclarecedoras em alguns pontos. Este tipo de abordagem possibilitou prever-se com sucesso que os sítios, sobretudo os que se encontram em planície de inundação (P.I.), seriam destruídos na perspectiva de E. Miller, confirmando-se em estudos de S. Milder trinta anos após as arguições do primeiro. No entanto, ainda assim, os pesquisadores focam suas análises sobre o período mais antigo da ocupação humana na área, procurando insistentemente estabelecer relações crono-estratigráficas em conjunto com modelos sobre as paleopaisagens, mesmo sobre áreas degradadas, dando pouca atenção aos períodos mais recentes da presença destes caçadores-coletores. Em campo, observou-se que a mais significativa ocorrência de conjuntos líticos situa-se justamente em horizontes cronológicos mais recentes, com filiações de maior proximidade da Tradição Umbu do que com a Tradição Paleoindígena. Há também uma certa despreocupação em levar em conta a atuação das atividades agrícolas como agentes de desmedida perturbação dos sítios destacados nesta pesquisa, pouco aparecendo nos textos consultados, tratando-se a questão como um foco alheio as problemáticas arqueológicas. Por fim, como refere-se DIAS; JACOBUS (2000), o estudo dos sítios paleoindígenas de maneira geral, no Brasil, ocorre a partir de análises isoladas entre sítios muitas vezes distantes e sem co-relações diretas uns com os outros. Por fim, a descrição dos relatos geoarqueológicos que enfatizam exclusivamente a dinâmica dos espaços de um ponto de vista naturalista (pedogêneses, pedologias, tafonomias...), apesar da importante contribuição, assume uma roupagem estritamente tecnicista para uma Arqueologia que apropria-se mais das leis das ciências da terra, alijando a experiência humana da constituição de um ‘espaço arqueológico’, ou que torna a mesma secundária. Neste trabalho pretende-se retomar o caminho que possibilite o encontro a História ainda não escrita, redescobrimo um pouco mais sobre o passado das sociedades humanas não contempladas na historiografia tradicional, atribuindo-lhe o sentido necessário que é oferecer uma interpretação de mundo a partir dos sítios arqueológicos e dos remanescentes da cultura material.

O que oferecemos nesta tese é, portanto, uma pesquisa no campo das ciências humanas com interfaces multidisciplinares, buscando uma aproximação maior com os conceitos da Geografia cultural contemporânea do que com as abordagens em geoarqueologia tradicionais. A opção por estabelecer relações interdisciplinares com enfoque que priorize uma textualização dos espaços de ordem diversa da perspectiva predominantemente naturalista pareceu-nos mais condizente tanto com nossa formação

acadêmica quanto aos meios e recursos aos quais dispúnhamos durante os anos de execução da pesquisa, mas fundamentalmente pelo testemunho da destruição dos sítios paleoindígenas. A mesma dispersão de vestígios líticos na área do arroio Touro-passo que nos motivou a mobilizar as estruturas institucionais para viabilizar as pesquisas arqueológicas nos demonstrou a médio prazo, que resultavam de um catastrofismo hidráulico de proporções que só podem ser compreendidas na presença física do arqueólogo diante dos eventos geoclimáticos atuantes na região. Qualquer linha que se escreva relatando tais fatos, possivelmente resultarão na interpretação de um discurso impressionista ou exagerado, mesmo diante de registros históricos, análises topográficas, geoclimáticas, registros fotográficos, desenhos, croquis e qualquer prova documentada que procure assegurar em correspondência proporcional da realidade, o relato dos fatos. Avaliar a dimensão destes impactos só foi possível a partir do acompanhamento sistemático dos sítios arqueológicos durante todas as estações do ano, intercalados com a permanência em períodos freqüentes em campo ao longo de uma década de prospecções, efetuadas entre os anos de 2000 a 2010.

Reconsiderou-se, portanto, aos poucos a proposta original de pesquisa, das associações posteriormente percebidas como casuísticas entre os vestígios fósseis e arqueológicos, sempre nas ‘barrancas’, para uma nova percepção sobre o ‘espaço’ geográfico e o arqueológico. O sentido de uma paisagem arqueológica foi se consolidando ao longo do tempo de pesquisa e conhecimento da região. A concepção de ‘paisagem’ fora reportada muito timidamente nos relatórios do PROPA e demais trabalhos já relatados, sendo predominantemente explorada a noção de ‘estratigrafia’ e ‘datações’ para o estabelecimento prioritário de cronologias. Preocupações que se justificavam em sua época, e que tornaram-se fundamentais para a possibilidade de hoje nos atentar-mos para novos enfoques, possibilitando agora a amplitude teórica do tema. Até os trabalhos de S. Milder (op.cit.) a viabilidade da abordagem geoarqueológica fazia-se viável isto porque os modelos de E. Miller necessitavam de uma revisão. Porém, prosseguir insistente no rumo da Geoarqueologia já traçado pelos pesquisadores, pouco acrescentaria ao que já se consolidou sobre esta perspectiva na região. As datações não extrapolariam o limite de uma temporalidade razoável, novos modelos geoclimáticos igualmente não se difeririam muito do que se conhece e pouco ou nada contribuiria para a compreensão dos eventos sociais. De toda ordem, nenhum dado ambiental alteraria substancialmente o cabedal de conhecimentos que já se produziu sobre os episódios que envolvem o cenário ecológico testemunhado pela presença

humana na região. A constituição dos espaços que mais interessam a Arqueologia são os que se constituem pela *presença* dos vestígios humanos na superfície dos terrenos ou em depósitos sedimentares. Portanto, ressaltar o fato de que os sítios mais conhecidos do arroio Touro-passo se reportam a locais de redeposição aleatória de vestígios líticos, tornou-se importante para o ensejo à reflexão da comunidade científica. Desta forma, as datações obtidas em sítios perturbados ou sequer algum dia ocupados, podem fomentar concepções errôneas sobre processos migratórios, modelos de assentamento, identidades culturais regionais.

A pré-história do arroio Touro-passo havia sido escrita a partir dos barrancos, repletos de perturbações, inversões estratigráficas e níveis até mesmo ausentes de qualquer associação cultural. Ao sairmos das barrancas e percorrermos os demais compartimentos topográficos, novas evidências passaram a nos demonstrar que também havia uma pré-história que podia ser percebida ao compreender-se o horizonte, sem qualquer dimensão filosófica, trato do relevo propriamente dito. Tais situações analisadas neste trabalho convergiram para concluir-se sobre a necessidade em se mudar o foco da pesquisa, mudar as metodologias, as propostas teóricas, as questões e discussões de sempre, talvez alterar o modo de fazer pesquisa, sem desconsiderar o que já foi feito, traçando um caminho próprio, não seguindo por caminhos já percorridos, mas quiçá abrindo novas trilhas. Em função das questões apresentadas, estruturou-se este trabalho a partir da elaboração de cinco capítulos.

No capítulo 1 intitulado “Espaços e espacialidades arqueológicas: paradigmas e redefinições”, apresentam-se as propostas teórico-metodológicas sobre este estudo, discorrendo sobre Arqueologia Espacial e da Paisagem e sobre suas representações geográficas nos estudos arqueológicos. Para fins metodológicos, os diferentes espaços da área da pesquisa foram analisados orientando-se a partir das premissas da Arqueologia Espacial de CLARKE (1977), que sugere três níveis de análise, um macro-nível mais voltado para as questões econômicas e ambientais, um semi-micro que propõe-se a relacionar os diferentes sítios em uma mesma área de pesquisa, onde a dimensão cultural pode ser melhor analisada frente a comparação entre as formas de ocupação dos sítios arqueológicos, e o nível micro que objetiva o estudo dos sítios arqueológicos em suas estruturas internas, tornando viável uma abordagem mais próxima do cotidiano e das práticas vivenciadas pelo artesão pré-histórico. Na proposta do autor não há nem uma dimensão (distância) específica para situar estes níveis de análise, como também não se exige que seja realizado uma abordagem ‘total’ ou

seqüencial, como por exemplo do micro para o macro nível de análise ou vice-versa. Da Arqueologia da Paisagem partiu-se para as reflexões de caráter mais conceitual, procurando referências geográficas que encontrem conexões com o enfoque arqueológico. Tais conceitos pretendem refletir sobre os ‘espaços’ negligenciados por E. Miller, que focava suas observações a partir dos sítios e da formação geomorfológica de uma representação elaborada em suas pesquisas, denominada ‘área tipo’. Este mesmo enfoque foi tomado em estudos posteriores de S. Milder (op.cit), que faz oportunas comparações entre a Formação Touro-passo e a Formação Mataojo e Sopas (Uruguai), propõe um modelo de localização de sítios na paisagem, no entanto, pouco ou nada comenta sobre as atividades dos grupos humanos caçadores-coletores dispersos por áreas, locais e/ou lugares nos sítios arqueológicos e entre os sítios arqueológicos do arroio Touro-passo. Explana-se neste momento sobre as possibilidades de compreender os sítios e demais espaços constituindo o homem como um importante agente geomorfológico (SUERTEGARAY, 2002; SANTOS, 2008) que não apenas está na paisagem senão atuando e agindo, integrando-se a mesma de maneira direta, transformando os espaços, formando sambaquis, cerritos, casas subterrâneas, extraindo recursos naturais, manejando outros, deixando as suas marcas na terra.

Partimos de uma escala mais ampla de análise do que chamamos de ‘espaços arqueológicos’. O primeiro conceito em análise é o do próprio termo ‘espaço’, como a primeira realidade arqueológica, o espaço é um fato ‘físico’ mas pode alcançar o status de um produto social, resultado da ação humana e por isso, passível de ser apropriado ao universo sócio da cultura. O espaço é um termo coringa, está em todos os níveis e escalas e portanto, pode ser analisado por parcialidades ou em relação a totalidades mais abrangentes. Situar conceitualmente e geograficamente a porção de espaço em estudo e seus significados é primordial ao entendimento das diferentes situações em que se apresentam os sítios arqueológicos.

Delimitou-se neste trabalho como o espaço mais amplo em estudo como sendo correspondente ao termo ‘região’. A expressão pode indicar contextos distintos e que não estabelecem entre si um sinônimo em sentido literal. É o caso da região ser tomada por referências político-administrativas como o equivalente a expressão ‘fronteira-oeste’, ou pelo termo ‘Campanha’, que tem profusa conotação no que se refere às Campanhas militares das disputas platinas do século XIX. A região pode transcender as fronteiras geopolíticas institucionalmente convencionadas, e assumir uma feição enquanto identidade ambiental, no caso representada pela expressão conhecida por

‘Pampa’. Na sequência ainda numa escala mais ampla de abordagem, considerada nível macro de análise, discorre-se sobre as expressões ‘paisagem’ e ‘área’.

A paisagem contém o conjunto dos elementos geográficos e ambientais, e a partir da mesma abordamos clima, relevo, vegetação. Mas procuramos avançar para outras concepções. Tratamos a paisagem também como uma construção histórica que se inicia na Europa com vínculos mais próximo das artes do que com a ciência geográfica. A paisagem assume formas variadas de ser retratada, ao passo em que numa concepção menos positivista, não pode ser dissociada do fator humano. Por isso não apresentamos estes atributos em um capítulo à parte, e sim ao escopo do campo teórico.

Na abordagem sobre o conceito de ‘área’ nos deparamos inicialmente com uma situação essencialmente formal. Partindo-se de uma exigência jurídica, com base na legislação que regulamenta as atividades arqueológicas no país, e que concede ‘áreas’ de pesquisa por uma definição escalonada e geometrizada (polígono) do espaço em estudo. A principal referência para definição da área em estudo é a carta topográfica da área do arroio Touro-passo. Mas também verificou-se que a mesma escala da carta topográfica tomada por referência para o encaminhamento do pedido de autorização para atividades arqueológicas junto ao IPHAN, correspondiam até certa medida aos modelos etnoarqueológicos consultados que estimam ‘áreas’ de atuação direta de grupos caçador-coletor e até mesmo de comunidades agrícolas em raios concêntricos de 15 km aproximadamente. Estas áreas de atuação ganham contornos próprios principalmente de acordo com a disposição dos recursos do meio e das especificidades de cada tipo de terreno e de sociedade. É a partir da concepção de área que inserimos a localização dos sítios arqueológicos.

No capítulo 2, intitulado “Histórico das pesquisas arqueológicas o caso do arroio Touro-passo” realiza-se breves considerações históricas a despeito de questões elementares para o interesse no campo da Arqueologia, demonstrando a busca de uma sistematização tafonômica das indústrias líticas para os tempos mais remotos (paleolítico), demonstrando assim quão antigo é o interesse arqueológico pelo passado caçador-coletor da humanidade. Tal interesse cruza os mares, e com o encontro das terras americanas emerge a necessidade em se explicar a presença humana no “Novo Mundo”, à parte de um contexto bíblico. Os questionamentos sobre as origens do homem americano não se respondem satisfatoriamente à luz tão somente da fé, e o interesse pela antiguidade do homem na América torna-se a pergunta mais inquietante aos logo dos cinco séculos que se sucedem após a descoberta da América. Dos relatos

dos primeiros cronistas da conquista até as pesquisas mais elaboradas já no Brasil, a partir de Peter Lund é que desvelam-se aos poucos um passado mais antigo do que o imaginado pelos doutores clericais.

Em nosso Estado tais questionamentos não são menos pertinentes. O desenvolvimento das pesquisas no sul do Brasil, e conseqüentemente no Rio Grande do Sul vão se originar das iniciativas pessoais, passando a se constituir em disciplina acadêmica com a formação de profissionais especializados em centros de formação sobretudo de pós-graduação no país. Para o caso do Rio Grande do Sul, destacamos o tardio interesse pela fronteira oeste, também chamada indefinidamente em alguns casos observados como uma arqueologia do ‘interior’, deixando claro a latente atuação dos pesquisadores sobre a região leste do Estado, principalmente no litoral, em detrimento das demais regiões. É neste contexto tardio que demonstramos a necessidade em se realizar novas pesquisas sobretudo de campo, como as que realizamos. Apresentamos no amplo desenvolvimento histórico da Arqueologia um recorte histórico mais pontual, situado entre as décadas de 1990 e 2000, enfatizando o tema sobre caçadores-coletores no Estado. Apesar de não nos propormos a discutir os modelos atuais, historicamente as explicações formuladas e reformuladas pelos arqueólogos mais atuantes naquele momento, ainda centrados na tipologia e nas descrições dos sítios, originou a situação atualmente vista para a área da pesquisa, que como vimos, careceu de novos estudos de campo com abordagens a partir de estudos tecnológicos para os sítios do arroio Touropasso. Na seqüência apresenta-se as pesquisas arqueológicas no arroio Touropasso/médio rio Uruguai a partir dos dados bibliográficos sobre os sítios da área em estudo, destacando-se outros trabalhos recentes na região (Milder 1994, 1995, 2000), complementando-se as informações de caráter histórico com o relato das pesquisas recentemente desenvolvidas no período de nossas atividades já mencionadas, entre 2000 e 2010. Trata-se de um capítulo que se propõe a contextualizar nossa pesquisa no tempo, demonstrar a pertinência do tema e da área da pesquisa, subsidiando nossa proposta de estudo em meio a produção científica já existente sobre o assunto. Alguns problemáticas que discutiremos poderão ser percebidas como fatos recorrentes ao longo do tempo, como perturbações estratigráficas, pessoal nem sempre preparado e interesses políticos nos rumos das pesquisas e influenciando pesquisadores.

No capítulo 3 inferiu-se o título de “A questão paleoindígena no arroio Touropasso.”, com base nas referências apresentadas a despeito das representações espaciais, neste capítulo tratamos de dois níveis de análise espacial. O primeiro ao nível micro,

quando parte dos sítios antigos estarão sendo analisados. Neste capítulo nos reportamos aos sítios paleoindígenas, retratados nos documentos primários. No entanto, complementamos as análises das fontes documentais com nossos trabalhos de campo. Na parte final deste capítulo, após tecermos as considerações atualizadas sobre os mesmos, com a apresentação de nossos dados de campo, realizamos uma análise parcial sobre o contexto ambiental dos sítios paleoindígenas. Observado que os mesmos constituem-se em locais de deposição secundárias de vestígios, ou seja, estes sítios formaram-se mediante os processos de origem hidráulica e não tiveram uma efetiva ocupação, acabando por assim receber a denominação de ‘locais’ arqueológicos, contrapondo-se com os sítios de ocupação, tratados no capítulo seguinte como ‘lugares’ arqueológicos. Apenas o sítio RS I – 66 Milton Almeida apresentou na época de sua descoberta, indícios de uma estrutura arqueológica compatível estratigraficamente com uma provável ocupação paleoindígena, ainda assim, sem deixar de receber materiais de outras partes do arroio. Por esta situação ímpar, classificamos o mesmo como um sítio híbrido, no tocante a nossa proposta.

No capítulo 4, intitulado “Lugares arqueológicos: sítios de ocupação.” fundamenta-se sobre a concepção de sítios arqueológicos com provável presença humana. Correspondem a sítios recentes, descoberto por ocasião dos trabalhos de campo elaborados e desenvolvidos sob nossa coordenação e responsabilidade. Tais sítios apresentam uma relação direta com os recursos do meio-ambiente atual, ou seja, são sítios holocênicos relacionados à Tradição Umbu. O mesmos apresentam também um grau de destruição menos intenso, ainda que as perturbações estratigráficas sejam uma constante tal como nos sítios mais antigos, neste caso é possível estabelecer um nexo de relações que nos conduzem a melhores resultados sobre suas efetivas ocupações. São considerados ‘lugares’ por apresentarem um contexto espacial que sugere ocupação humana. O lugar significa um lastro de identidade cultural próprio com o grupo que ali assentou-se. Esta identidade só poderá ser conhecida quando da complementaridade de estudos tecnológicos sobre as indústrias líticas. No momento a contribuição se faz em distinguir quais sítios podem oferecer um campo de estudos futuros mais promissor neste sentido. Há notadamente um escolha, uma motivação, um vínculo direto entre o espaço (lugar) escolhido e ocupado fisicamente e psicologicamente. O lugar faz parte do território, este, numa escala mais ampla torna-se um elemento social, econômico, político que faz *juz* à um nível de importância maior, torna-se um espaço mais complexo e passível da necessidade de compreensão a partir da articulação

com os demais sítios arqueológico e não arqueológicos. Também se estabelece neste caso, uma interpretação de nível semi-micro, a partir do cruzamento dos dados dos sítios, tais como localização, indicadores estratigráficos, agentes de formação x perturbação, relação dispersão x concentração de vestígios, indicativos macro-visuais dos vestígios líticos, quantificações e classificações em categorias padronizadas da organização tecnológica.

O capítulo 5, o último da tese, intitula-se: “‘Arte’ e ‘fatos’: as indústrias líticas no arroio Touro-passo.”. Neste capítulo o objetivo central consiste em apresentar ao leitor os sítios localizados em nossas pesquisas de campo, situados num horizonte cronológico mais recente e atrelado aos caçadores-coletores holocênicos. Para os sítios descobertos em nossas pesquisas, em especial o sítio RS U – Menezes, conseguimos atingir um nível de observação mais apurado em função de alguns fatores como: melhor condição de preservação das estruturas arqueológicas em função da localização do mesmo (apesar dos agentes de perturbação), boa quantidade de vestígios, contexto arqueológico e ambiental em consonância, escavação arqueológica com dados em boa parte preservados, coleção com bom grau de variação e variabilidade das categorias, o que possibilitou verificar indicadores de etapas de produção de maneira mais profusa.

Conseguimos neste sítio atingir uma maior aproximação com a organização tecnológica que inclui desde a escolha da matéria-prima, suas estratégias de captação e composição das mesmas, da preparação de núcleos ou redução inicial, das reduções primária, secundária, refinamento ou retoque, utilização, manutenção e/ou modificação nos implementos até as conjunturas de abandono.

Tal perspectiva aproxima-se da proposta que contempla a definição de estilos tecnológicos como resultado de escolhas culturais, como com efeito realizado nos trabalhos de DIAS (1995, 1997ab, 1999, 2003). No entanto ressaltamos que o capítulo destina-se tão somente a apresentação visual dos vestígios líticos, que definem os locais e lugares pesquisados enquanto sítios arqueológicos. Privilegiamos para tanto, um sistema que favoreça a consulta visual das peças, estas ordenadas cada conjunto em conformidade com os atributos postulados acima. A última etapa deste trabalho encerra-se com as considerações finais, onde discorreremos sobre os resultados, contribuições e limitações de nossa pesquisa sobre os sítios arqueológicos na área do arroio Touro-passo.

Capítulo 1.

ESPACIALIDADES ARQUEOLÓGICAS: PARADIGMAS E REDEFINIÇÕES

Ao iniciar sobre a questão das espacialidades, apresentamos os diferentes níveis de análise espacial aplicados neste estudo, a partir dos pressupostos de D. Clarke (1977). A proposta do autor se concentra na estipulação de três níveis de análise, o nível micro, o semi-micro e o macro. O nível micro refere-se ao espaço do sítio arqueológico propriamente dito. Trata-se do estabelecimento das relações intra-sítio, ou seja, da relação artefatos e demais estruturas que compõem um sítio arqueológico, na busca por um entendimento das atividades humanas ao âmbito do ‘cotidiano’. É o nível onde se pode compreender as relações sociais intermediadas pela cultura material como um dos indicativos de uso social do espaço. No entanto, quando o sítio arqueológico encontra-se com alto grau de destruição ou quando o mesmo resulta de associações involuntárias entre artefatos e o local em que se encontra, então este nível de análise fica seriamente comprometido. A implementação deste pressuposto teórico requer, portanto, sítios com algum grau de preservação das estruturas arqueológicas em consonância com indicadores de ocupação efetiva do local dos achados.

Ao segundo nível, são as relações entre os diferentes sítios arqueológicos que formam o nível semi-micro de análise. Quando for o caso de uma proposta de estudo que tenha por objetivo um entendimento de atividades humanas sobre uma determinada área, o modelo teórico se torna mais complexo, pois, já não falamos mais apenas sobre a necessidade de se localizar um sítio bem preservado, senão de ao menos dois, os quais possam nos oferecer parâmetros comparativos sobre um mesmo contexto cultural e temporal. Obtendo-se estes elementos satisfatoriamente apropriados ao universo da pesquisa, conseguiremos um contexto coerente para as análises de ‘área’. Neste caso, os enfoques podem se tornar mais amplos e correspondem ao estabelecimento de padrões ou modelos de ocupação destes espaços. Neste nível, se faz *juz* ao contexto de sistemas econômicos, proporcionando interpretações mais acertivas sobre as dinâmicas de ocupação dos grupos humanos de respectivo sistema cultural. Estamos falando do nível macro de análises, referente aos enfoques que compreendem as características do meio ambiente e suas potencialidades explorativas, nas quais tais grupos agiram e interagiram sobre a paisagem. O modelo de Clarke não exige que os três níveis de análise sejam necessariamente empregados, sequer que sejam tomados em ordem crescente ou

decrecente, permitindo a cada pesquisador definir em função dos objetivos de cada pesquisa, os níveis e o ordenamento dos espaços que chamamos de sítios arqueológicos.

O modelo de Clarke é complementado na sequência com propostas de outros autores que trabalham com a temática, evidenciando que não existe apenas uma forma de ordenamento espacial. O que fica claro, independente da concepção teórica é a necessidade em se realizar uma textualização dos espaços arqueológicos a fim de subsidiar interpretações dos mesmos. A preocupação com as relações entre sítio arqueológico e meio ambiente são antigas na Arqueologia, e a utilização de recursos tecnológicos em conjunto com premissas teóricas não permanecem estáticas ao longo do tempo. Novas abordagens procuram elucidar os problemas das pesquisas arqueológicas, e um meio buscado frequentemente pelos arqueólogos encontra-se na interdisciplinaridade. Neste sentido, complementarmente ao enfoque da Arqueologia Espacial, buscamos uma aproximação com os conceitos da Geografia Cultural contemporânea. Ao se definir os níveis de análise em conceitos muito abrangentes como os apresentados, a Geografia Cultural nos auxiliou a delimitar as parcialidades espaciais, sem impor escalas fixas, favorecendo as interpretações sócio-históricas e ambientais dos espaços arqueológicos. As pesquisas anteriores a este trabalho embasaram-se em abordagens estritamente naturalistas e dissociadas em grande parte da questão cultural.

Os trabalhos precedentes a este na área do arroio Touro-passo, levados a cabo por E. Miller mais especificamente, e S. Milder três décadas após as arguições do primeiro, corroboraram de forma efetiva para se estabelecer informações primárias de fundamental importância, sem as quais, talvez, não poderíamos ter dado um passo adiante no tocante a questão teórico-metodológica. As datações e os modelos arqueo-estratigráficos dos autores corroboram para este estudo como ponto de partida, mas não seguimos na mesma linha teórico-metodológica.

Os níveis de análise elencados não possuem uma escala específica. Neste caso, ao associarmos com as categorias geográficas, assim organizamos conceitualmente as espacialidades para as pesquisas arqueológicas no arroio Touro-passo:

- a) Nível macro: região, paisagem (economia);
- b) Nível semi-micro: área de pesquisa (sistema cultural);
- c) Nível micro: sítio arqueológico (cotidiano).

Os sítios arqueológicos de caçadores-coletores localizados no arroio Touro-passo situam-se num amplo recorte temporal, que atinge os últimos 12.000 anos AP. Estes sítios antigos, descobertos na década de 1970, encontram-se seriamente comprometidos pela degradação ambiental, um dos fatores que nos motivou a aplicar novas metodologias de campo, que resultaram na descoberta de sítios melhor preservados. Desta forma criamos as condições necessárias para realizar um estudo que contemplasse todos os níveis de análise, e nossas conclusões que nos levaram a entender que os sítios antigos são *locais* arqueológicos, enquanto os sítios que descobrimos, por apresentarem indícios de ocupação efetiva, são *lugares* arqueológicos. Tal definição é fundamental para o estabelecimento de uma leitura adequada dos *espaços arqueológicos*. Assim podemos compreender a área da pesquisa, que comporta toda a extensão do arroio Touro-passo, de sua nascente até sua foz no rio Uruguai. A proliferação de vestígios arqueológicos, notadamente de líticos, evidenciam a riqueza arqueológica da área da pesquisa, mas também indicam a intensa perturbação dos sítios, ocasionando uma imensa área de dispersão destas evidências atribuídas aos antigos caçadores-coletores que povoaram a área durante o período pré-colonial.

1.1. Região da pesquisa.

Partindo de uma perspectiva em nível ‘macro’, abordaremos nesta etapa as concepções de ‘região’ e ‘paisagem’. Na parte final deste capítulo, nos deteremos aos elementos que caracterizam a ‘área’ de pesquisa, fornecendo as informações ambientais necessárias para o subsídio ao estudo dos sítios arqueológicos abordados nos capítulos seguintes. A ‘região’ na concepção de *landscape*, conforme DEMANGEOT (2000:04) pode ser um dos níveis de classificação dos ecossistemas¹, com projeções de extensão espacial de 100 à 1000 km. Esta estimativa é um dado importante para a compreensão da atuação dos grupos humanos tanto com relação aos aspectos de ordem econômica quanto de ordem tecnológica. Para LENCIONE (1999:199):

A questão da dimensão, presente na idéia de horizonte geográfico, coloca-se, também, em relação à região, na medida em que essa é vista como parte de uma totalidade maior. Por isso é que a idéia de região remete, imediatamente

¹ Conforme as referências, os níveis de classificação de acordo com a abrangência de análise dos ecossistemas se enquadraria na seguinte ordem: Ecótopo (=nicho) até 10m, Geótopo 10 -100m, Geofacies (=unit landform) 100 - 1 000m, Geossistema (=land form) 1Km – 1000km, Região (=landscape) 100km – 1000km, Domínio 1 000km – 2 000km, Zona, 2 000km – 10 000km.

à questão de escala. Todavia, falar em região como escala de análise, [...] como o significado de uma escala graduada, só é correto quando nos referimos a contextos posteriores ao século XVII, porque a escala graduada só foi concebida nesta época.

Compreender a concepção de região a partir de uma perspectiva menos escalonada e mais relativizada é possível, atribuindo a cada porção de espaço uma totalidade capaz de ser compreendida e explicada em si mesma. Esta perspectiva pode ser tomada a partir de uma concepção dialética de totalidade, onde deve-se levar em consideração a percepção de totalidades abertas (maior alcance geográfico) e/ou fechadas (menor alcance geográfico). Ao projetar-se um dado espaço sob a condição de ‘região’, e esta significando partes diferentes de uma totalidade aberta, não encontraremos necessariamente equivalência entre outros referenciais que procuram estabelecer os limites ou a abrangência de uma determinada região. Ao considerarmos o caso da Arqueologia, onde a cultura material é a referência mais direta de identidade cultural das sociedades em estudo, não podemos deixar de considerar a importância do *lugar* como um marco na construção de identidades culturais. Tais identidades estão em maior ou menor escala associadas as variações ambientais que oscilam entre os 100 e 1000 km que caracterizam uma região por atributos exclusivamente ecossistêmicos. A idéia de ‘região’ em nosso estudo aparece associada às seguintes expressões locais: Campanha, ‘Fronteira’ (oeste/sudoeste) e ainda ‘Pampa’.

A respeito da expressão Campanha, pode-se encontrar em JUSTUS et al. (1986:341), o seguinte, “O termo Campanha é uma denominação utilizada no Rio Grande do Sul, que define uma região geográfica a sudoeste do Estado, caracterizada, de modo geral, por uma área relativamente plana e coberta por vegetação campestre”. Segundo AREND (1990:32), a morfoestrutura da região da Campanha é composta por alternâncias entre camadas de arenito e derrames basálticos decorrentes das condições paleoclimáticas que causaram o cozimento do arenito. Pressupõe-se que tenha ocorrido a formação de um grande deserto (paleodeserto) nesta região que recebeu o nome de ‘Botucatu’. Os dados encontrados em JUSTUS et al. (op.cit.:341), nos dizem que a região geomorfológica² da Campanha ocupa uma superfície de 30.395 km², mencionando que ‘As formas de relevo desta região geomorfológica foram esculpidas em rochas efusivas básicas da formação Serra Geral e secundariamente em arenitos da Formação Botucatu’. Conforme AREND (op.cit.:33), “Na Campanha gaúcha,

caracterizada por uma superfície de ondulações suaves, o basalto é muito pouco espesso, existindo pontos onde o arenito está aflorando, devido à ação intempérica e erosiva que ocorre no basalto superposto”.

A expressão (Campanha) pode ainda relacionar-se a delimitação geopolítica contemporânea da “Fronteira” atual, segundo RAMBO (1994:104) “Politicamente, abrange os municípios de Livramento, Uruguaiana, Quaraí, Alegrete, Rosário e São Gabriel”, perfazendo um total de 32.994Km², podendo atingir cerca de 50.000Km² se considerarmos partes de outros oito municípios da ‘região’. Apesar de seu uso formal, a expressão contém no seu âmago cultural um signo inerente ao contexto histórico que é peculiar ao estado gaúcho. A concepção de ‘Campanha’ carrega em si a herança belicosa da histórica demarcação das fronteiras no cenário dos emergentes estados nacionais contemporâneos, particularmente ao caso do contexto platino do século XIX. Desta forma, Campanha e Fronteira apresentam uma complementaridade ao sentido de espaço, tempo e localização geográfica e herança cultural histórica.

No tocante a expressão “Pampa”, a mesma incorpora os elementos anteriormente citados. Sem contradição aos locais, a Pampa forma a roupagem da fronteira, o chão da Campanha. Adentra-se neste caso ao concerto dos *biomas*. Quanto aos aspectos de caráter ambiental, conforme AREND (op.cit.), o Rio Grande do Sul pode ser dividido em onze zonas fisiográficas, determinadas segundo atributos climáticos, topográficos e fitogeográficos. Neste sentido, a região da Campanha e/ou Fronteira sudoeste correspondente a uma destas zonas, caracterizada por paisagens campesinas de ondulações suaves, entremeada por matas ciliares e de galeria que margeiam rios, arroios e sangas. Esta descrição também pode corresponder a paisagem que se define por ‘Pampa’. Em DEMANGEOT (2000:364), encontra-se a seguinte definição: “São igualmente pradarias: *Pampa* significa planície herbácea em língua araucane (dialeto chileno), [...], um terreno não arborizado, no sentido vago do termo”.



Fig.1. Região de estudo. Fonte: www.mma.ibf.gov.br.



Fig. 2. Proximidades do arroio Touro-passo.

A região que abordamos aqui é portanto geomorfológica, é ambiental mas também cultural. Não é em nosso estudo cronológica, mas sim repleta de *temporalidades*. Ambiental por ser possível identificar um conjunto de paisagens com atributos próprios (fauna e flora). Cultural porque as etnias dos grupos humanos que aqui se estabeleceram em algum momento, moldaram-se aos locais transformando os mesmos em lugares. E assim surgiram novas identidades, mesclando traços de suas remotas origens das quais ainda hoje nos detemos em tentar conhecer um pouco melhor.

1.2. Paisagem(ns).

O termo foi concebido historicamente de diferentes formas, mas teria sido uma preocupação comum já entre os primeiros exploradores do Novo Mundo, nos séculos XVIII e XIX. É na América e no período correspondente que a própria Geografia parece assumir ares de cientificidade, conseqüentemente, problematizando seu objeto de estudo, ‘o espaço’. Na Europa já se delineavam os diferentes rumos que as escolas teóricas passavam a assumir no tocante ao espaço relacionado a paisagem. Tais representações são feitas inicialmente por artistas, que buscam romper com a herança medieval que enfatizava o predomínio do sagrado nas artes que retratavam a natureza. Ao representar o mundo em seu cenário natural, a paisagem começa a ganhar especial atenção, mas ainda sem um rigor científico no tocante a sua abordagem teórico-metodológica. Segundo POZZO; VIDAL (2010:115):

Quanto a origem do termo na literatura geográfica [...] a palavra ‘paisagem’ apareceu na Europa com várias traduções, como *landschaft* em alemão,

landscape em inglês, *paysage* em francês. Todas tinham em comum o fato de não possuírem nenhuma utilização científica em particular, até o aparecimento da Geografia alemã, em que o termo se tornou erudito.

Ainda que as concepções européias de paisagem tivessem em comum o fato de não serem conceitos construídos sob a égide da cientificidade, e mais atrelado ao campo das artes, a expressão acabou ganhando com o passar do tempo feições próprias em cada país. Na escola francesa a concepção de *paysage* assumiu inicialmente um aspecto mais tradicional ou conservador, e acabou tornando-se referência a uma Geografia descritiva, pouco dinâmica. Um melhor desenvolvimento da idéia de paisagem desenvolve-se a partir da expressão *landschaft*, da geografia alemã, atingindo a idéia de paisagem como uma entidade visual e espacial total do espaço vivido pelo homem, ou seja, um complexo natural totalmente relacionado à ação humana. Ressalta-se que a origem epistemológica das palavras relativas a ‘paisagem’ nos diferentes idiomas, conserva um certo grau de similaridade quanto ao entendimento da expressão, ou seja, todos os termos, independente de sua matriz lingüística relacionam-se ao sentido de uma determinada porção de espacialidade. Espaços concebidos numa dimensão de proximidade do indivíduo, não ampliando seu alcance para contornos maiores do que os equivalentes ao de uma região. Da expressão artística à concepção mais formalista da *paysage* francesa, desenvolve-se fortalecida e já nos moldes acadêmicos, passando à assumir uma proposta mais dinâmica da paisagem geográfica menos descritiva e mais reflexiva.

O desenvolvimento do arcabouço teórico e as novas rupturas paradigmáticas da Geografia, possibilita a fundação da chamada geografia cultural de Carl Sauer da Escola de Berkeley. Na Geografia de Sauer, a paisagem que interessa é aquela que diz respeito aos interesses humanos de habitar e transformar a natureza, chegando a considerar ‘uma abstração sem sentido’ aquela geografia física que excluía metodologicamente o homem. O desenvolvimento da concepção dos conceitos de paisagem resulta numa abordagem cada vez mais próxima das necessidades conceituais da Arqueologia. O que pode-se considerar um novo avanço e uma nova possibilidade de encontro ao patamar teórico, é a introdução das questões que se reportam ao grau do simbolismo e das representações na Geografia de vertente culturalista de Pierre Deffontaines. O simbolismo ganha força com os trabalhos de Olivier Dollfus, que passa a considerar a paisagem uma representação do espaço, e não um objeto em si. Nesta concepção, a paisagem pode ser entendida como uma forma de representação simbólica do espaço,

assim como os mapas são representações cartográficas, conforme SANTOS (2006:140), “Por não possuir uma existência em si, mas sim ser a essência em si do espaço que representa, podemos representá-la de várias formas. Essa representação evolui na história da civilização desde as pinturas rupestres, passando pelas aquarelas, gravuras, fotografias, etc...”. Como exemplo destas propostas que vão se consolidando no meio acadêmico, BERTRAND (1968) se reporta em outras palavras sobre o entendimento das representações do espaço enquanto paisagem, considerando esta uma combinação dinâmica e instável entre os elementos físicos, biológicos e antrópicos.

Ao se analisar os conceitos geográficos para a Arqueologia da Paisagem, CRIADO BOADO (1989), reintera o quanto paisagem e espaço não devem ser entendidos apenas com relação ao seu âmbito real, concreto, mas necessita ser pensado e até “imaginado”. Complementando-se esta idéia, com as palavras do geógrafo passamos a entender que, ‘[...] em verdade, a paisagem é uma realidade provisória, que está sempre por se formar; é um quadro de devir, nunca está pronta e muda a cada momento: em suma é uma realidade efêmera (SANTOS, 2006:123)’. Os dizeres do autor adaptados a nossa realidade de estudo implica em se compreender que os sítios do arroio Touro-passo apresentam-se de formas diversas, de acordo com a época do ano em que são prospectados. Portanto, ao se compreender os processos que atuam sobre os mesmos, sobretudo os que atuam de forma cíclica, como as épocas de enchentes ou de estiagem, os períodos de plantio ou de colheita, e até mesmo novas construções ou do abandono de antigas, todos estes fatores alteram significativamente a paisagem na área da pesquisa.

Agregamos a concepção de espaços em constante mutação, a idéia de temporalidade. Tal como a paisagem não se reporta tão somente aos elementos físicos, de caráter geomorfológico, mas também da percepção do sujeito, esta percepção é diretamente influenciada pelo ‘momento’. Este aspecto sutil da paisagem pode ser entendido com base em SANTOS (1988:61), “[...] tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista alcança, não é apenas formada de volumes, **mas também de cores, movimentos, atores, sons, etc...**” [Grifo meu]. Em poucas palavras LE LANNOU (1978:02) resume este interface disciplinar metaforicamente da seguinte forma, “A arqueologia da paisagem é um reencontro da História com a Geografia”. Para CRIADO BOADO (op.cit: 246):

[...] a Arqueologia da paisagem pretende descrever os processos sócio-culturais de construção da paisagem passada, através da Arqueologia. Por paisagem, neste sentido, entendemos: a criação, através da ação humana de um cenário social conjugando ambiente (como meio), sociedade (como utilização do meio), e cultura (como concepção sobre o meio) e por Arqueologia entendemos o que normalmente se deveria entender: o estudo da cultura material dentro de contextos sócio-culturais documentados arqueologicamente

Parte importante da paisagem diz respeito a flora local. Passando a considerar então as características da vegetação na paisagem, segundo AREND (op.cit.:48):

O Rio Grande do Sul apresenta basicamente dois tipos de formação: a florestal e a campestre. Os campos ocupam mais da metade do Estado [...] Nas áreas campestres encontram-se formações arbustivas e até florestais, dependendo da concentração de umidade em certos trechos. Ao longo dos rios e vales *úmidos observam-se matas ciliares, e matas de galeria.*

As espécies vegetais mais comuns da região são compostas por sarandis (*Sebastiania sp.*, *Terminalia australis*), unha-degato (*Acacia bonariensis*), crista-de-galo (*Erythrina brasilienses*), aguapés (*Eichornia crassipes* e *E. azurea*), ouriço (*Echinocactus*), gravatás (*Dyckia*), algarrobo (*Prosopis algarobilla*), o nhanduvaí (*Acacia farnesiana*) e a cina-cina (*Parkinsonia aculeata*). A variedade de espécies vegetais pode ser decorrência de alterações no solo. A vegetação parece contribuir mais enquanto nicho para uma diversidade de espécimes animais, passíveis de consumo do que ela mesma tornar-se fonte abundante de alimento.

A vegetação é influenciada diretamente pelo clima. A climatologia é um estudo complexo, e deve considerar vários fatores que se enquadram em ‘permanente’ e ‘dinâmicos’. Os fatores permanentes compreendem a latitude, altitude, maritimidade/continentalidade e as formas do relevo. Os fatores dinâmicos consideram a temperatura, pressão atmosférica, ventos, umidade e precipitações. Estes fatores podem agir de forma alternada e em alguns casos, de forma concomitante. A significação destes dados consiste em verificar que a localização geográfica do Estado, situado abaixo do trópico de Capricórnio, confere ao Rio Grande do Sul um clima de tipo ‘subtropical’, mesotérmico e sem período de estação seca. Conforme AREND (1997), o clima do Estado se divide em dois tipos, um subtropical com verões quentes e com chuvas proporcionalmente distribuídas durante todo o ano e que predomina na maior parte das regiões, designado pela fórmula Cfa (C-clima mesotérmico úmido, f-sempre úmido, a-verão quente). Um outro clima, Cfb (C-clima, f-sempre úmido, b-

verão brando com invernos mais rigorosos), se concentra na parte nordeste do Rio Grande do Sul, onde se encontram as regiões de altitudes mais elevadas. O Rio Grande do Sul sofre a influência de duas massas de ar principais, a Tropical e a Polar. Delas decorre três frentes, uma Massa Tropical Atlântica, uma Massa Continental Tropical e uma Massa Polar Atlântica. A Massa Polar Atlântica é a que atua de maneira mais forte no Estado oriunda do sul, forma-se sob o oceano do litoral argentino e direciona-se em sentidos ocidentais, centrais e orientais, sendo que na direção central encontra o Rio Grande do Sul. É esta massa de ar que ocasiona precipitações climáticas as quais uma vez atingindo a região da Campanha, devido a ausência de barreiras físicas na geografia local como serras ou florestas, proporciona que o vento ganhe velocidade. É este fenômeno climático que se denomina na Campanha por “vento minuano”. O “Minuano” com chuviscos passa a ser chamado de “pampeiro”. Outro fenômeno climatológico que é comum em todo o Estado, principalmente na região da Serra e da Campanha, é a geada. A geada ocorre quando há, durante a noite, perda do calor adquirido de dia e que permanece na superfície dos terrenos. Trata-se de um princípio físico de “sublimação”, que é a transformação de vapores d’água contidas na umidade ambiente, com a solidificação destes vapores, originando-se uma fina capa de gelo. Tal processo ocorre principalmente quando há quedas bruscas de temperatura, registrando-se em níveis a partir de 0°. Conforme AREND (op.cit:41), “No Rio Grande do Sul a ocorrência de geada no inverno é freqüente na região da Campanha, pela penetração das massas de ar frias [...]”.

Ainda como parte importante do ambiente, ou paisagem da região, deve-se considerar a situação dos recursos hídricos disponíveis, e atentar para esta questão a partir de duas considerações. Uma primeira numa escala ampla relacionada as águas da região, outra dimensão numa perspectiva de ambiente que compõe a paisagem da área da pesquisa. Os recursos hídricos desempenham importante papel em qualquer paisagem e em qualquer sociedade ao longo do tempo, sendo um recurso vital para a sobrevivência das espécies animais, vegetais e demais organismos. Para o homem são vias de transporte, propiciam a pesca, o consumo para pessoas e animais e por isso importam ao estudo. É possível considerar que o Rio Grande do Sul abarca a Bacia hidrográfica do sudeste, e a Bacia do nordeste, na qual faz parte o rio Uruguai e seus afluentes. O rio Uruguai faz parte também da Bacia Platina. O Rio Uruguai e o arroio Touro-passo são elementos centrais no ambiente dos sítios, destacando-se na paisagem da área da pesquisa e suas representações cartográficas enfatizam sua significância na

área. Os sítios arqueológicos da pesquisa estão localizados nas proximidades ou junto destes cursos d'água, como também na Sanga do Palmito, arroio Pindaí-mirim e Carumbé. Não entende-se os assentamentos humanos sem este recurso vital, da mesma forma que não entende-se adequadamente a dinâmica de destruição dos sítios arqueológicos sem a compreensão do impacto da ação hidráulica sobre os mesmos. Do ponto de vista cultural, na origem do termo Touro-passo, havia o sentido de designar um '*passo bravo*'. É o Touro-passo, bem como o próprio rio Uruguai, possivelmente uma espécie de 'fronteira', de divisor de espaços que reflete numa análise mais apurada, duas formas de relevo. Uma situada na metade sul, ou margem esquerda do arroio Touro-passo, permeada por coxilhas cobertas por uma vegetação de campo, lindante com matas de galeria que margeiam os arroios e sangas. Na margem direita, ou metade norte, encontram-se terrenos menos elevados, onde as planícies de inundação recobrem vastas extensões de campo, sobretudo os que se localizam nas proximidades da foz deste arroio nas águas do rio Uruguai.

1.3. A área do projeto.

O projeto "Estudo dos sítios arqueológicos no arroio Touro-passo: Uruguaiana/RS", foi desenvolvido na zona rural do 5º. Distrito de São Marcos, localizado ao norte do referido município gaúcho, fronteira oeste do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Distante aproximadamente 15 Km do centro da cidade, a área específica do projeto situa-se entre as coordenadas lat. sul 29º.30' e 29º.45"; e long. oeste 57º.00" e 56º.45". A superfície da área delimitada pelo projeto corresponde entre 624Km² à 648Km² com base em referenciais obtidos na carta topográfica de 'São Marcos'³ – Uruguaiana, (Min. Exército, 1978), que contempla da nascente do arroio Touro-passo (sentido leste-oeste) nas proximidades do arroio Carumbé, até sua foz no rio Uruguai. As margens do rio Uruguai estendem-se dentro dos limites da área da pesquisa, por uma extensão aproximada de 18 Km, preponderantemente ao norte-noroeste do arroio Touro-passo. Uma série de outros cursos d'água, classificados nominalmente e principalmente como arroios e sangas, além de uma série de açudes e barragens da qual destaca-se a Barragem Sanchuri, ao norte da carta utilizada, constituem o cenário das águas na região.

³ Ministério do Exército – Diretoria de Serviço Geográfico. **São Marcos. Região Sul do Brasil.** Folha SH.21.X-C-IV-1 MI – 2959/1.1978, escala 1:50.000.

A descrição da área da pesquisa, com base em BOMBIN (1976:3-4) consiste nos seguintes dados:

A bacia do arroio Touro passo está localizada no município de Uruguaiana, extremo noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, entre os rios Ibicuí e Quaraí. Do ponto de vista natural, a bacia em questão está na Região da Campanha. A área estudada em maior detalhe (48Km²), localiza-se no terço inferior do curso do Touro passo, com centro aproximado na longitude 56°.50'W e latitude 29°.40'S.

Os espaços considerados área nesta pesquisa e por Bombin não se equivalem. Enquanto para Bombin sua área de pesquisa delimita-se conceitualmente em 'Planície de Inundação' (P.I.), num terreno que se estende entre 35Km à 48Km² , abrangendo distâncias entre 700-3000m das margens do arroio, nossa pesquisa contemplou aproximadamente 400km², o que corresponde a toda a área da carta topográfica apresentada na sequência.



Fig. 3. Min. do Exército – D. S. G. **São Marcos. Região Sul do Brasil.** 1978, escala 1:50.000. Os pontos vermelhos indicam os sítios paleoindígenas, os triângulos pretos os sítios holocênicos.

Na área de pesquisa do projeto ‘Estudo dos Sítios Arqueológicos no Arroio Touro-passo: Uruguai/RS’, a delimitação transcende a chamada ‘área tipo’ da Formação Touro-passo. Estudou-se uma região consideravelmente maior em termos de extensão, abarcando relações mesmo entre sítios arqueológicos fora do alcance proposto para o modelo crono-estratigráfico de M. Bombin. Uma área de maior alcance foi vislumbrada por abranger sítios arqueológicos do mesmo contexto cultural (caçador-coletor) pesquisados por E. Miller, bem como pelas condições ecológicas similares. Na

área da pesquisa situa-se o conjunto de sítios arqueológicos em estudo. As prerrogativas para a delimitação da área se fundamentam sob dois aspectos. Um de caráter legal, como a necessidade de uma delimitação específica para o encaminhamento de projetos ao IPHAN. Outro aspecto que influenciou na delimitação da área de pesquisa foi a incidência de sítios arqueológicos verificados na carta topográfica consultada, e ainda a extensão aproximada de 15km do próprio arroio, o que corresponde ao modelo etno arqueológico de MARTINEZ Y ZAPATERO (1984) de ocupação espacial para sociedades pré-industriais.

Na área da pesquisa, além da ação das cheias atuando sobre os sítios arqueológicos, elencamos outros fatores de destruição:

- a) Áreas destinadas a rizicultura;
- b) Pastagem para gado bovino, eqüino, ovino;
- c) Canais de irrigação;
- d) Diques de contenção (represamentos) – arroio Touro-passo;
- e) Arado mecânico;
- f) Máquinas agrícolas de grande porte como tratores e colheitadeiras;
- g) Moto-bombas capazes de inverter o fluxo das águas nos arroios;
- h) Lixo industrial deixado em acampamento de caçadores e predominantemente de pescadores (modernos);
- i) Desmatamento;
- j) Abertura de estradas e o trânsito de veículos leves e pesados;
- k) Instalação de canos e tubulações metálicas para irrigação, de grandes proporções;
- l) Agentes químicos no solo e nas águas (agrotóxicos);
- m) Coleta de pedras soltas no campo para evitar choque com arado;
- n) Edificações (casas, galpões, silos, currais, poteiros, mangueirões, cercas, torres de transmissão de energia, linhas de gasoduto);
- o) Extração de cascalho;
- p) Valas de escoação nos terrenos das lavouras;
- q) Barragens e açudes;
- r) Escavações arqueológicas (ilegais) em barranca.



Fig. 4. Margens rio Uruguai, 'draga'.



Fig 5. Margens rio Uruguai, construções.



Fig. 6. Arroio Touro-passo: mecanização.



Fig. 7. Arroio Touro-passo: erosão.



Fig 8. Arroio Touro-passo: bioturbação.



Fig. 9. Arroio Touro-passo: Plantação.



Fig.10. Arroio Touro-passo: extração de terra.



Fig. 11. Arroio Touro-passo: Planície de inundação.

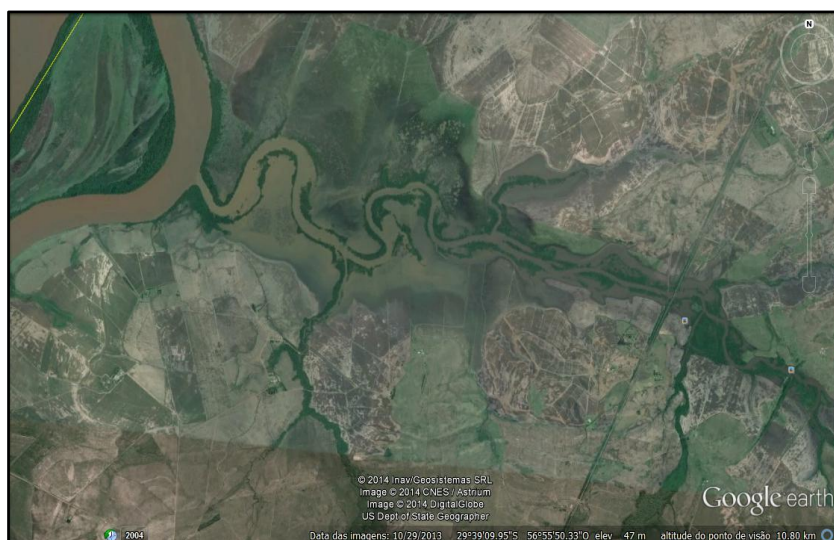


Fig. 12. Foz do arroio Touro-passo nas águas do rio Uruguai. Google earth 2012.

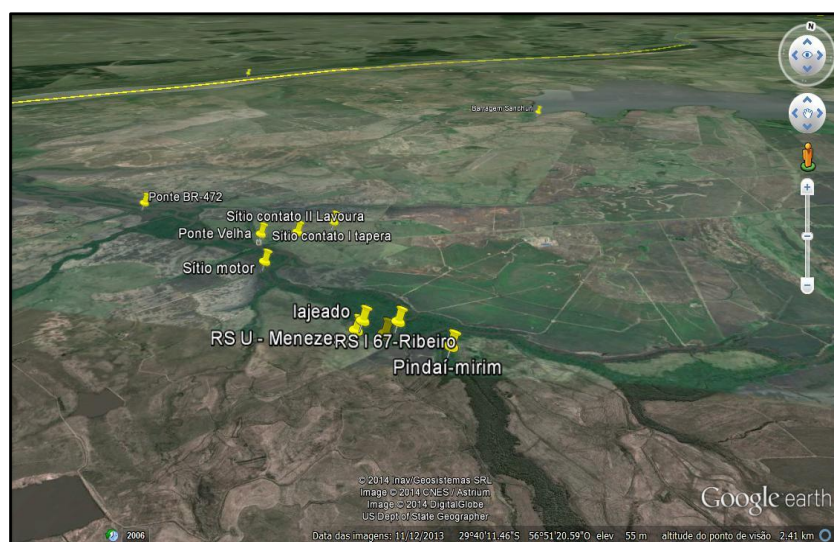


Fig.13. Locais e lugares arqueológicos no arroio Touro-passo. Google earth/2012.

Tais fatores de destruição estarão alterando os espaços em todos os níveis de análise, dos locais e lugares dos sítios arqueológicos propriamente ditos, aos níveis de análise mais amplos como a ‘área’ e/ou a ‘região’ da pesquisa, com isto inserindo-se na paisagem arqueológica em estudo.

1.4. Espaços, arqueólogos e geógrafos.

Os trabalhos mais recentes e próximos a nossa área de pesquisa foram realizados por S. Milder, na linha teórico-metodológica da chamada Geoarqueologia. Milder ensaia um amplo modelo para a localização e interpretação de sítios na fronteira-oeste. Em seu modelo chamado ‘locacional’ (Milder: 2000) o autor baseia-se no modelo de MORAIS (1999) aplicado na região do rio Paranapanema (SP), propondo os seguintes elementos a serem observados na paisagem para a localização de sítios arqueológicos: a) Topo de interflúvios; b) Terraços-fluviais; c) Cabeceiras de nascentes; d) Pavimentos detríticos; e) Cascalheiras; f) Arenito remobilizado (locais com processo de arenização). O modelo de MILDNER (2000) é válido e coerente, no entanto ao se explanar sobre uma área imensa de aplicação, torna-se difuso, pois abrangeria todas ou as mais frequentes ‘estações’ paisagísticas que se apresentam na região da fronteira-oeste, Campanha e sudoeste do estado gaúcho. Por este modelo⁴, os sítios poderiam estar em ‘todos’ os lugares, o que é correto mas impreciso. Esta abordagem mecânica sobre a natureza sem associações diretas com o comportamento cultural das sociedades retringe-se ao elementar de qualquer estudo, como o que aparece em GARANGER et. al. (2002:77):

El estudio de las formas del relieve terrestre, muy estrechamente ligado a la geología, [...], es una de las aproximaciones fundamentales para llegar a comprender los procesos que han originado la formación de un paisaje, producto de la actuación de toda una serie de procesos que se denominan “morfoclimáticos” (alteraciones, erosiones, sedimentaciones...). [...] La geomorfología no solo proporciona una gran ayuda en el campo de la estratigrafía [...], sino que también se utiliza para la búsqueda y conocimiento de habitats prehistóricos.

A sedução pelas idéias geomorfológicas aplicadas a Arqueologia como prerrogativas isentas de questionamento, sustentam o que parece ser uma forte tendência em boa parte das pesquisas arqueológicas, ainda que alguns pesquisadores tenham claro as limitações de tais abordagens, como comenta ARAÚJO (1999:40):

[...] quero deixar claro que não acredito que a Geologia ou a Geografia sejam a panacéia para os problemas da Arqueologia, não por causa de qualquer especificidade relacionada à condição humana, mas simplesmente por uma

⁴ O modelo poderia ser mais específico se o pesquisador tivesse melhor delimitado uma área de observação, estimado as porcentagens de sítios arqueológicos localizados em cada compartimento topográfico e elaborado relações mais próximas dentre estes elementos, os tipos de ocupação e os vetores de destruição associados às estruturas arqueológicas e perfis estilísticos das indústrias líticas ‘locais’.

questão de interesse e de escala. A maneira como a Geologia vê os depósitos sedimentares está de acordo com uma escala da ordem de milhares de quilômetros quadrados. A distinção entre estratos se dá com base em mudança de ambiente de deposição que se deram ao longo de milhares de anos, traduzidos em espessuras de dezenas de metros. Nem mesmo a geologia do Quaternário trabalha normalmente em uma escala diretamente aplicável aos nossos interesses.

Na imagem abaixo encontra-se um exemplo do que o autor supra-citado se refere. Barrancas com acúmulos de sedimentos formam depósitos espessos que envolvem os remanescentes arqueológicos.



Fig.14. Barranca do sítio RS I 69-Fagundes, rio Uruguai.

No exercício da interdisciplinaridade, a contribuição da historiografia para o campo de discussão sobre as formas de se abordar a paisagem podem partir de uma percepção histórica, como a encontrada em PRADO (1999: 197):

A natureza não é, portanto, um objeto neutro, perscrutada pelo **olhar supostamente imparcial do cientista** ou pelo do artista em busca da 'beleza pura'. **Suas representações são carregadas de idéias** que produzem imagens e símbolos, contribuindo para **compor o imaginário de uma sociedade**. [Grifo meu].

O fato de que as relações entre a Arqueologia e as ciências da terra possuem pontos de equilíbrio e desequilíbrio nos direcionaram para buscar possibilidades diferentes em torno desta relação imbricada. A elaboração de uma forma diferenciada do que se fez até o momento para se pensar os sítios arqueológicos no arroio Touropasso foi mais uma necessidade do que uma escolha, ao se constatar a destruição dos

sítios mas ao mesmo tempo verificar a grande dispersão dos mesmos. O fato constatado não havia sido considerado, nas suas reais proporções, em nenhum estudo precedente à este. Desta forma, o reordenamento das espacialidades arqueológicas necessitava que seu núcleo central, o ‘espaço’, fosse repensado conceitualmente, afinal, qual o espaço arqueológico é o mais significativo? Qual tipo de sítio atualmente pode tornar-se mais relevante?

O espaço pode ser compreendido como o núcleo epistemológico da ciência geográfica. Porém, o termo pode corresponder a uma ampla gama de definições e interpretações que irão variar de acordo com a área do conhecimento, seu momento histórico de definição conceitual, bem como de acordo com a influência teórica dos autores consultados. Na Arqueologia, o principal espaço referenciado é o do sítio arqueológico. A partir das teorias da Arqueologia Espacial e da Paisagem, o espaço do sítio arqueológico delimitado em uma área fechada, normalmente onde ocorrem as escavações, precisa ser compreendido nas suas perspectivas de horizontalidade e verticalidade. Pelo primeiro princípio, o estabelecimento das relações espaciais entre os vestígios arqueológicos dispersos pelo terreno e destes com as demais estruturas antrópicas e ainda das relações entre sítios arqueológicos interdependentes de uma mesma região requerem a atenção do arqueólogo ao contexto ambiental. Tomados nesta conjunção, artefatos, sítios arqueológicos e meio-ambiente, forma-se uma paisagem, a paisagem arqueológica. No tocante a perspectiva vertical, este mesmo espaço sugere uma sobreposição de camadas estratificadas a partir do acúmulo de sedimentos. A cada nível estratigráfico pode-se recuperar indícios que sugerem uma dimensão de temporalidade e de eventos passados ocorridos neste mesmo espaço, possibilitando recuperar ao menos parcialmente, a sugestão de diferentes paisagens que contemplam eventos passados.

Porém, apesar das relações intrínsecas entre a Geografia e a Arqueologia os arqueólogos em muitos casos ainda tem se utilizado dos aportes geográficos apenas como subsídio para a descrição dos processos naturais, retirando o homem e a perspectiva do ‘social’ das atribuições geográficas. O arcabouço conceitual da Geografia oferece possibilidades efetivas de uma contribuição para os estudos arqueológicos, indo muito além da descrição paisagística, senão tornando indissociável o homem como agente central de grande parte de seu campo hermenêutico. Ao enfatizar que sítios arqueológicos podem ser classificados de acordo com os inúmeros conceitos geográficos contemporâneos, evidencia-se as possibilidades já enunciadas pelos

precursores da Arqueologia Espacial e da Paisagem. Ao definir o ‘espaço’ que relacionamos com a Arqueologia como sendo o geográfico, estamos considerando os elementos naturais visíveis, passíveis de uma representação cartográfica, porém, não restrita a uma dimensão matemática da realidade. Mesmo o espaço⁵ geográfico, ainda trabalhado por boa parte dos arqueólogos como um conjunto de dados descritivos do ambiente natural para um entendimento da mecânica geomorfológica deve ser percebido em sentido mais amplo. Também se faz necessário compreender que mesmo a descrição efetiva de tais processos geomorfológicos resultam das interpretações de cada pesquisador, da sua percepção sobre os processos e sobretudo de suas correlações interdisciplinares e representações finais. Quando nos referimos ao espaço geográfico-arqueológico do(s) sítio(s) em estudo, buscamos neste trabalho, com base em COPÉ (1991:208), o seguinte entendimento, “Quando falamos no espaço a nível de sítio, estávamos nos referindo ao espaço etnograficamente compreendido”. Este espaço com identidade foi o que se buscou neste trabalho, distinguindo-o de outros fortuitamente constituídos. Partindo-se das suas premissas geográficas que não excluem a experiência humana sobre o espaço físico, como apresentam CASTROGIOVANNI; COSTELLA (2006:08), “O espaço geográfico é constituído por formas materiais visíveis naturais e construídas pelas sociedades através dos *movimentos* que se estabelecem. Essas relações caracterizam um lugar em um certo tempo histórico e devem ser objetivos de estudo da geografia”. Outro elemento encontrado nos conceitos geográficos modernos que interagem com a constituição do espaço arqueológico (sítio), é a ‘técnica’. Comenta SANTOS (op.cit: 25):

É por demais sabido que a principal forma de relação entre o homem e a natureza, ou melhor, entre o homem e o meio, é dada pela **técnica**. As técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, **cria espaço**. Essa forma de ver a técnica não é, todavia, completamente explorada [**grifo meu**].

Ao indicar a dimensão humana a partir da técnica o autor permite primeiramente identificar qual espaço (o geográfico no caso) que se quer contemplar, para depois pensá-lo, re-conceituá-lo à luz do tipo de atividade humana exercida neste

“O espaço geográfico é o espaço constituído pela superfície terrestre inteira, compreendidos os oceanos e as regiões inabitadas. Além disso, ele possui uma certa espessura pois diz respeito, ao mesmo tempo, ao meio sólido (litosfera), ao meio líquido (hidrosfera), ao meio gasoso (atmosfera) e engloba o meio vivo (biosfera). Esse espaço geográfico é concretamente percebido pelos objetos materiais, visíveis e mensuráveis que o compõem: rochas, montanhas, vales, rios, florestas, campos, edificações, etc. Mas engloba também uma larga gama de outros conceitos ou de relações invisíveis de ordem física, biológica ou humana” JOLY, Fernand. A Cartografia. Campinas, SP: Papirus, 1990. 2011 p.61-62.

mesmo espaço, ao longo do tempo, já então tomado ao nosso estudo como ‘sítio arqueológico’. Há no espaço arqueológico e geográfico, portanto, um conjunto de sistemas, ações, relações e interações que devem ser pensadas na sua amplitude, no alcance da sua dimensão espacial ou seja, nas proporções que se pode conceber o espaço geográfico/geo-arqueológico. Para SANTOS (op.cit.:44):

Tempo, espaço e mundo são realidades históricas, que devem ser mutuamente conversíveis, se a nossa preocupação epistemológica é totalizadora. Em qualquer momento, o ponto de partida é a sociedade humana em processo, isto é, realizando-se. Essa realização se dá sobre uma base material: o espaço e seu uso; o tempo e seu uso; a materialidade e suas diversas formas; as ações e suas diversas feições.

O espaço que buscamos compreender neste trabalho é o espaço ‘social’, que existe quando o homem está ou esteve presente em um local, quando neste local interage com outros indivíduos, bem como com o meio em que está inserido, transformando-o e sendo transformado por ele. Distinguir um espaço ‘social’ de um ‘natural’ significa qual tipo de sítio arqueológico faz ‘mais’ sentido pesquisar.

Além de compreender o sentido do termo ‘espaço’ a partir dos conceitos geográficos, cabe a necessidade de pensar sobre a representação deste mesmo espaço. Evidencia-se nesta proposta a necessidade de se construir relações de entendimento sobre este espaço com uma geografia cultural, não se tratando de uma mera descrição dos processos geomorfológicos, senão mais pertinentes são as percepções das ações ocorridas nos espaços arqueológicos. Ainda segundo COSTELLA (op.cit.:60):

“No momento que se compreende que o espaço é um sistema de ações, que essas ações estão presentes em suas representações, se compreende, também, que os elementos que compõem o espaço estão de forma a permitirem uma interpretação coerente entre eles. A textualização desse espaço não só compreende uma interpretação mais apurada das relações existentes nele, como também uma organização textual com coerência, relacionando diferentes quadros que a compõem. Em cada nível de dificuldade superado na interpretação das ações no espaço, se estruturam totalidades diferentes. Essas totalidades vão abrangendo patamares que dão conta de etapas de compreensão diferenciadas, cada vez mais complexas. Dessa maneira, pode-se textualizar espaços diferentes do mundo, compreendendo totalidades referentes a esses espaços, por meio de coordenações das relações”.

A textualização do espaço mencionado pela autora, percebido enquanto um processo semiótico, parte da identificação de elementos significativos na paisagem que se convertem em ícones que se representam por meio de sinais/símbolos codificados num sistema pré-estabelecido de convenções, que permitem representar os diferentes

elementos que estão presentes em um determinado espaço, tornando-se assim um *signo*. Desta forma, o arroio Touro-passo assumiu o signo de uma (ide)entidade paleoindígena, mesmo desconhecido em sua essência (tempo, cultura, tecnologia). O que são estes sítios paleoindígenas e o que representam para a arqueologia sul-riograndense?

Pode-se considerar que o resultado desta textualização codificada a partir de símbolos (paleoíndio) assume formas diferentes de representação, sendo talvez a mais pertinente os mapas, que também podem ser cognitivos, ou seja, qual a idéia que associamos a determinado lugar. Regidos por convenções por vezes internacionais, a amplitude das representações, no caso cartográficas ⁶, apresentam desafios com relação a medidas de ângulos, direções, distâncias, desníveis, superfícies entre outros elementos. Estes desafios se apresentam na prática ao arqueólogo em todas as etapas das pesquisas de campo, das análises prévias de cartas topográficas, imagens de satélite e fotos aéreas até a escavação propriamente dita. Dos vários tipos de mapas, destacam-se os topográficos. Segundo JOLY (2011:45), “Os mapas topográficos tem por objetivo a representação exata e detalhada da superfície terrestre no que se refere a posição, a forma, as dimensões e a identificação dos acidentes do terreno, assim como dos objetos concretos que aí se encontram permanentemente”. Ainda assim, apesar de todo o esforço nos propósitos de uma representação fiel dos elementos que integram um dado espaço representado num mapa, segundo JOLY (op.cit.:07):

Um mapa dá uma imagem incompleta do terreno. Ele nunca é uma reprodução tão fiel [...]. Mesmo o mais detalhado dos mapas é uma simplificação da realidade. Ele é uma construção seletiva e representativa que implica o uso de símbolos e de sinais apropriados. As regras dessa simbologia pertencem ao domínio da **semiologia gráfica**, que estabelece uma espécie de **gramática da linguagem cartográfica**. [Grifo meu].

Ao abarcar uma cosmovisão humana, a percepção do espaço, não seu conceito, emerge possivelmente como uma das primeiras experiências humanas tendo como ponto de partida o espaço vivenciado, o espaço do corpo. Ao reconhecer-se no mundo percebendo o meio ao seu redor, o homem toma por referência sua própria dimensão espacial. Seu primeiro espaço é em seu próprio ‘eu’, o ponto de referência parte de si mesmo para com os demais espaços que constituem seu mundo desdobrando-o primordialmente em locais e lugares.

⁶ “A cartografia é a arte de conceber, de levantar, de redigir e de divulgar os mapas” JOLY (2011).

Locais e lugares tornam-se fundamentais para a compreensão das sociedades, das culturas. Os conceitos que procuram definir uma e outra expressão são muitos, e em alguns casos podem assumir um mesmo sentido. No entanto, para este estudo, procuramos nos remeter ao entendimento de que se tratam de situações distintas, como se reporta TILLEY (1994:18), “Locales may offer a distinct quality of being inside, or part of, a place.”. Podemos entender que a concepção de “espaço” teria sido precedida por uma compreensão psicologicamente mais simples do mundo, tomado pela percepção primordial de “lugar”. O lugar seria parte de uma área, ou dado espaço reconhecido pelo conteúdo de um conjunto de objetos materiais⁷, apropriado ao sentido de identidade a um referido grupo ou indivíduo. Desta forma, os lugares arqueológicos não servem como indicadores territoriais, mas de espaços que podem estar atrelados aos domínios tradicionais (não propriedade) de determinado grupo, por isso, sem uma escala rígida de limite ou fronteira. O sentido da idéia de ‘lugar’ que nos reportamos, encontramos em OLIVEIRA (2012:04):

Encontramos que o verbete “lugar” é um substantivo masculino oriundo do antigo latim *lôgar*, *lôcus* e *local* como adjetivo. [...] nos deparamos com nada mais nada menos que *dezoito* vocábulos para designar lugar. A definição de lugar se mescla, se confunde com *espaço ocupado* (aqui empregaremos esse termo), com sítio. [...] percebemos e sentimos a realidade temporal acoplada ao lugar, ao espacial.

Não analisaremos a expressão lugar conceitualmente, mas construímos o seu significado em acordo com a citação apresentada. Neste caso, parece situar-se melhor no menor nível de análise, ou seja, atrelado ao espaço dos sítios arqueológicos de ocupação. Sobre a expressão ‘local’, parece constituir-se perifericamente ao ‘lugar’, equivalendo-se usualmente a um ponto de localização, não necessariamente localidade. Ainda que possa encontrar-se também associado sobre as perspectivas de ação sobre o espaço, como no exemplo de TILLEY (1994:19), “Locales are settings in which interaction takes place.”. O ‘local’ neste trabalho se reporta aos sítios arqueológicos não ocupados, formados por associações involuntárias de material arqueológico. Tais sítios não devem ser entendidos como secundários, pois importam pelo predomínio sobre a área de pesquisa, comportando uma grande variedade e quantidade de materiais. No entanto limitam-se enquanto “documentos” capazes de informar com segurança sobre as

⁷ Por ‘objetos materiais’, no contexto da obra, entenda-se a composição dos elementos da geografia física, sem restringir ou talvez considerar o termo equivalente à cultura material, ou vestígios arqueológicos enquanto artefatos.

dinâmicas de ocupação (migrações), padrões de assentamento, datações e estabelecimento de cronologias.

Encerrando-se as considerações preliminares sobre as contribuições dos conceitos geográficos, partindo do ‘espaço’, o espaço é a primeira realidade do sítio arqueológico, sobre e a partir dele pode-se aferir todas as demais situações tanto de ordem natural quanto relativo a presença e atuação humana. O espaço comporta ainda diferentes temporalidades, portanto, diferentes histórias. Registra e é o registro do mundo para o homem e é onde se encontra o registro do homem no mundo.

1.5. Arqueologia Espacial e da Paisagem.

No campo interno ao da Arqueologia, a corrente da Arqueologia espacial, de CLARKE (1997:09), norteou este trabalho, sem deixar de estabelecer os diálogos necessários com os conceitos geográficos modernos. Neste sentido, compreender os sítios arqueológicos significa também levar em consideração o que o autor chama de ‘recursos do espaço’. Tais recursos espaciais podem ser escalonados em diferentes níveis de análise, partindo do micro, semi-micro e macro. Assim, ao se criar espaços de análise que podem ser estudados separadamente, obtém-se um melhor controle dos registros de dados de campo, possibilitando ao arqueólogo estipular em que nível pretende trabalhar mas também correlacionando-os.

A ligação entre o nível micro (sítio arqueológico) e o nível semi-micro (conjunto dos sítios arqueológicos de uma área) pode estabelecer pelo o que CARBONNEL I ROURA (1984:33), denomina de espaços *intrazonal* e *interzonal*. O primeiro refere-se ao espaço de convívio social, enquanto os espaços entre um sítio e outro seriam espaços voltados para a produção. A importância dada a concepção de espaço se destaca no entendimento de que: “O espaço é o marco das relações sociais, em qualquer comunidade histórica”. As coletas superficiais tornam a tarefa mais difícil, sendo a escavação de unidades sociológicas preservadas o meio mais seguro para o estabelecimento de tais relações tecnológicas e culturais. Em CARBONNEL I ROURA (op.cit) os sítios de ocupação, que consideramos lugares arqueológicos são chamados de Centros de Intervenção (C.I.). É a partir do C.I. que são localizados os espaços interzonal e o intrazonal. As informações sobre o espaço interzonal e as formas que este assume com o tempo, devem partir do C.I. que serão chamados de complementares. Os C.I. complementares podem abarcar áreas de caça, zonas de abastecimento de matéria-

prima, espaços dedicados a reprodução tecnológica, caracterizando seu registro pela frequência ou ausência de ordenação territorial e mínima ou nula de diversidade morfotécnica-morfofuncional.

Segundo BLANCH ESPUNT; MAYORAL FRANCO, “[...] uma área doméstica, [pode ser] definida pela relação entre estruturas e restos de combustão, além de restos alimentares” (1984:11). Pode ocorrer uma descontextualização entre sítio e vestígios arqueológicos, como no caso resultante de ações pós-depositacionais, muito comuns nos sítios de barrancas. Nestes casos, já consideram os autores que a conexão entre artefatos e estruturas prejudica o estabelecimento claro dos limites das relações entre espaços interzonal e intrazonal, comprometendo assim, não só o sentido do sítio enquanto tipo de ocupação, bem como todo o meio ambiente próximo aos mesmos. Para estes casos, em sítios redepositados, as inferências ambientais perdem sua validade, que não vão ir além dos processos naturais. BLANCH ESPUNT; MAYORAL FRANCO (op.cit) destacam que ao nível micro, cabem as análises dos *sedimentos* que compõem a estratigrafia do sítio. O sedimento, como um arquivo repleto de dados informa primeiramente sobre as variações de si mesmo, e como estas variações podem e afetam a disposição espacial dos vestígios antrópicos e naturais. Para os autores, os agentes mais comuns que atuam sobre os sítios originando o início de sua desestruturação são: a) o pisoteamento de animais, principalmente quando trata-se de áreas de pastagem, b) o trânsito de pessoas (picadas, caminhos, trilhas, estradas), c) a erosão do solo. A partir das considerações sobre o sedimento, deve-se inferir também sobre o significado da terra, pelo seu sentido ideológico, político, territorial, econômico, enfim por sua importância simbólica para as sociedades humanas. Conforme RUIZ RODRIGUES et al. (op.cit.:75):

Dada a importância da terra em economias pré-capitalistas, entendemos que os lugares e as áreas de produção do espaço não residencial, são primários no marco econômico e portanto ao seguimento e a reconstrução no espaço residencial ‘o assentamento’ é um dos objetivos a definir nas relações de distribuição entre assentamentos e território exterior.

Para os autores há uma importância em especial no tipo de assentamento que tem por fim funções residenciais, e a partir deste tipo de sítio se poderia, portanto, estabelecer as demais relações espaciais e suas respectivas áreas de atividades.

RUIZ RODRIGUES et. al. (1984:70), apresenta uma proposta de abordagem através de três níveis de áreas de atividades, que correspondem a área de produção, onde

se desenvolvem os trabalhos individuais de cooperação simples, restringida, ampliada ou complexa, área de consumo, de tipo ‘subsistência’, área de intercâmbio, de trocas interculturais (sub-culturais). Todas estas áreas de atividades e seus prováveis locais de ocorrência conferem ao sítio arqueológico um status geral de ‘assentamento’.

MARTINEZ; ZAPATERO (1984), dividem o sítio em áreas, num sistema que denominam de arqueologia exterior (off-site), e arqueologia interior (on-site), formulando-se uma teoria característica de médio alcance. A teoria de médio alcance deve estar relacionada a objetivos específicos de um determinado sítio, não trata-se de um teoria geral, que possa ser empregada aleatoriamente. Uma das maneiras encontradas para a elaboração de teorias de médio alcance é a divisão territorial da área da pesquisa, dividida basicamente em dois territórios a) território de exploração, b) território de captação. O estudo do sítio em análises territoriais se resume na idéia de um ponto central, que é o sítio propriamente dito, e uma área adjacente que forma um círculo ao redor de si mesmo. Este método privilegia a relação homem x terra, ao invés de outros métodos nos quais o estudo se limita as relações humanas. Os primeiros trabalhos nesta sistemática foram chamados de ‘captação do sítio’ (site catchment analysis) o termo citado em MARTINEZ Y ZAPATERO (1984:57), é retirado de Higgs e Vita-Finzi, e indica zonas de abastecimento ou fornecimento de recursos.

Estima-se que uma pessoa sem recursos de transporte levaria o tempo médio de uma hora para se chegar à estas zonas de abastecimento. As distâncias de atuação direta ficariam em torno de 5 a 10Km em um círculo concêntrico. Uma área equivalente a esta distância pode ser considerada territórios ideais de exploração, sendo assim, é imprescindível o levantamento destas áreas pelo arqueólogo. Porém, se for percorrido trajetórias em sentidos geográficos opostos, poderemos encontrar uma situação inteiramente inusitada, pois nem sempre ocorre uma distribuição radial das atividades. Outra consideração importante são as transformações no terreno ocorridas durante o tempo, e que podem alterar significativamente a paisagem.

MARTINEZ; ZAPATERO (op.cit.:69), sobre a relação entre território, população e os objetivos da arqueologia, comentam: “Se acreditamos que um dos objetivos da arqueologia é o estudo do comportamento humano no passado [...] e que as causas determinantes deste último são econômicas, então relações entre população e recursos podem ser uma importante fonte de informação”. A aplicação do sistema de análise de um sítio em território de captação privilegia o aspecto econômico, reduzindo a relação homem com o meio-ambiente como uma relação unilateral, onde o natural é

utilizado somente como fonte geradora de recursos, desconsiderando-se a influência que este exerce sobre o homem. Neste mesmo sentido, comenta MIRANDA, et. al. “[...] a aplicação puramente mecânica do método, acentuam somente e exclusivamente a especialização econômica das atividades de um grupo humano, reduzindo-o a um mero ‘devorador’ da riqueza ao seu entorno”. (1984:200).

MIRANDA et al. (op.cit), propõe o termo, “Áreas de utilização diferencial”, que abrangem as áreas com qualquer tipo de evidência de atividade de qualquer ordem, identificando a atividade e a exploração do espaço, podendo ser habitações, sepultamento, locais de produção, extração e comércio, estratégico e/ou defensivo. A esta metodologia se propõe o auxílio de escavação, ainda que possa ser trabalhada independentemente.

A Arqueologia Espacial, pelo o que podemos perceber portanto, se apresenta intimamente associada à idéia de contexto. Segundo HODDER (1988:145), a palavra “contexto” origina-se do latim “contexere”, e significa tramar, entrelaçar, conectar. O artefato fora deste ‘contexto’ é como a peça de um quebra cabeças sem as demais, ou seja, a importância que o artefato tem quando associado ao sítio, perde-se na quase totalidade quando este é tomado isoladamente.

HODDER (1988) pondera que todo o artefato possui esta dupla potencialidade de significações como relações não dicotômicas mas interdependentes, sempre imbuídas de um alto grau ideacional de maior ou menor significância cultural, portanto sempre como uma forma de expressão cultural. Para o autor, dois contextos devem ser analisados, o espacial e o temporal.

A Arqueologia Espacial desenvolve-se a partir da clássica proposta de CLARKE (1977), de se dividir o sítio em áreas de análise correspondente aos níveis micro, semi-micro e macro. A aceitação desta proposta deve-se a necessidade em compreender melhor as relações homem x ambiente, dentro dos espaços onde ocorrem estas relações. Para CRIADO BOADO (1989), a proposta de Clarke pode ser classificada metodologicamente em fatores de ordem distributiva. Os fatores distributivos relacionam-se aos aspectos de localização dos artefatos, estruturas, bem como da relação conjuntural entre estes elementos. O paradigma da Arqueologia Espacial surge, portanto, quando se reconhece que não existe uma única Arqueologia Espacial, bem como não existe uma única concepção de espaço. O espaço não pode ser entendido apenas no seu âmbito real, concreto, necessita ser pensado, como comenta CRIADO BOADO, “o espaço não é só matéria, senão também imaginação...”

(op.cit.:29). A abordagem aparentemente mais reflexiva da Arqueologia da Paisagem inverte a análise da Arqueologia Espacial que estrutura-se no dimensionamento dos terrenos, e numa abordagem funcional. Segundo CRIADO BOADO (op.cit.:29):

Outra característica básica desta reorientação teórica está na busca de novos horizontes de reflexão, indo além da hegemonia do empirismo e do funcionalismo. E contra toda a tradição representada pela New Archaeology, se deve destacar que a arqueologia espacial não se acaba na temática de estrita dimensão economicista, na problemática da maximização de energia e recursos e na tendência a minimização de esforços e risco. Este tipo de arqueologia espacial que parte de um homem concebido como criatura ecossistêmica [...] como indivíduo despersonalizado [comandado] pela natureza e por seu estômago. Mas [por] detrás deste tipo de homem [...] não é a sociedade etnográfica ou arqueológica, esse homem é uma versão determinada de indivíduo pós-industrial [...] [comandado] pelos imperativos econômicos e energéticos.

CRIADO BOADO (1989:246), expõe uma definição apropriada ao contexto arqueológico “[...] é a criação através da ação humana [...] de um cenário social conjugando ambiente (como meio), sociedade (como utilização do meio), e cultura (como concepção sobre o meio)”.

BERTRAND (1977) destaca alguns elementos para a melhor compreensão do termo. Segundo ele a paisagem toma um sentido maior, não se restringe ao meio, passa a compreender os sistemas sociais, econômicos, religiosos, enfim, a paisagem torna-se um produto socializado “produit socialisé”. O espaço natural não existe, a paisagem passa a ser um produto social, ainda que possa ser determinada por mecanismos naturais como o sol, os ciclos biológicos, fotossíntese das plantas, ou seja, a paisagem perde sua dimensão estritamente ecológica. Enfim, o arqueólogo trabalha com uma nova paisagem, a “paisagem arqueológica” (1977:133). Segundo o autor, a Arqueologia da Paisagem constitui um marco sócio-ecológico, integrado a análise de estruturas agrárias, podendo transcender a estas, tornando-se uma reconstituição de geossistemas. Para PERELMAM (1977:28):

[...] as diferenças apontadas entre Arqueologia Espacial, [...] e da Arqueologia da Paisagem permaneceram restritas sobretudo a terminologia adotada por um ou por outra escola arqueológica. Na realidade tratam-se de reflexões sobre um mesmo campo, com variações de ênfase. A Arqueologia Espacial, com sua origem anglo-saxônica demonstra uma aproximação maior com a antropologia, a Arqueologia da paisagem é nitidamente influenciada pela escola geográfica francesa.

As discussões sobre as inúmeras possibilidades de representações espaciais da área da pesquisa foram apontadas, mas não concluídas. Isto se deve ao fato de que repensar os espaços deverá ser uma tarefa constante, adaptando-se conceitualmente sempre que tenhamos uma paisagem nova a ser compreendida, mesmo sobre espaços já pesquisados. Nas inferências históricas que passaremos a narrar, evidenciaremos como o arroio Touro-passo foi concebido como um espaço praticamente exclusivo da questão paleoindígena para a arqueologia sul-riograndense. Também veremos como os arqueólogos historicamente constituíram suas idéias sobre as sociedades de caçadores-coletores no Rio Grande do Sul, dos inícios da exploração européia até os fins do século XX e quais os rumos que as pesquisas atualmente apontam.

Capítulo 2.

HISTÓRICO DAS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS E O CASO DO ARROIO TOURO-PASSO

2.1. Síntese do cenário brasileiro, notas introdutórias.

O contexto histórico das pesquisas arqueológicas no arroio Touro-passo não se compreende de maneira isolada dos acontecimentos que envolveram a trajetória desta ciência em seu cenário mais amplo, o cenário ‘brasileiro’. Neste sentido, antes de discorrer sobre a questão histórica das pesquisas sobre caçador-coletores na região em estudo, algumas considerações preliminares se fazem necessárias sobre a própria arqueologia no Brasil. Não pretendemos discutir sobre o estágio atual das pesquisas sobre o tema, senão encontrar ao longo do tempo, os problemas que podemos relacionar com o modelo arqueológico construído para a área do arroio Touro-passo nos estudos que nos precederam.

Pode-se considerar que estudos arqueológicos ocorrem no país há mais de um século, considerando os achados de Peter Lund¹ entre 1835-1844 na região de Lagoa Santa, em Minas Gerais. Mas pode-se considerar ainda mais remota as primeiras iniciativas para se conhecer o passado indígena nacional, sendo este legado iniciado no século XVI, por ocasião da recente descoberta do ‘Novo Mundo’.

Desde então as notícias que chegam a Europa de habitantes desconhecidos suscitam as primeiras discussões sobre a origem dos mesmos, haja vista que as explicações para esta questão na época citada, deveriam encontrar-se nas linhas do Antigo ou do Novo Testamento das sagradas escrituras. No campo da historiografia²,

¹ O dinamarquês Peter Lund é considerado o ‘pai’ da paleontologia brasileira. Sua contribuição para a arqueologia é secundária, pois o sítio de Lagoa Santa, onde foram encontrados ossos humanos de recuada datação, foram resultado de suas prospecções paleontológicas em cavernas da região. Contribuiu efetivamente com a arqueologia ao procurar estabelecer associações entre vestígios humanos com fauna pleistocênica em momento que a antiguidade do homem americano era inquestionavelmente recente.

² Outras referências sobre a temática da historicização podem ser encontradas em: PROUS, A. P. *História da Pesquisa e a Bibliografia arqueológica no Brasil*. Arquivos do Museu de História Natural. Belo Horizonte: UFMG, 4/5, 1979/1980: 11-24; MEGGERS, B. *Advances in brazilian archeology, 1935-1985*. *American Antiquity*, 50 (2), 1985: 364-373; FUNARI, P. P. A. *L’Arqueologia en Brasil: política y academia en una encrucijada*. In: POLITIS, G. (ed.) *Arqueologia em América Latina hoy*, Bogotá: Biblioteca Banco Popular, 1992: 57-69; FUNARI, P. P. A. *Arqueologia Brasileira: visão geral e reavaliação*. *Revista de História da Arte e Arqueologia*, n.1. Campinas: UNICAMP, 1994: 23-40; BARRETO, C. *A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia no Brasil*. In: Antes de Cabral: *Arqueologia Brasileira - I* – Revista da USP, nº 44, 1999-2000; ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M. *Arqueologia em Perspectiva: 150 anos de prática e reflexão no estudo do nosso passado*. In: Antes de Cabral: *Arqueologia Brasileira - I* – Revista da USP, nº 44, 1999-2000.

destaca-se em SOUZA (1991) os nomes de Pero Vaz de Caminha, Américo Vespúcio e Pero Lopes de Souza na primeira metade do século XVI, e Hans Staden que chegou a viver entre os Tupinambás, escrevendo em 1557 em ‘Duas Viagens ao Brasil’, suas memórias que retratavam de perto uma horrorizante cultura antropofágica aos olhos europeus. Poderia-se ainda registrar do avistamento de inscrições rupestres noticiadas por soldados do capitão-mor Feliciano Coelho, em 1598, conforme PROUS (2004:05).

Tais relatos e escritos mesmo que não sejam pesquisas arqueológicas na concepção moderna da expressão já esboçavam o interesse e a problemática de um tema que há mais de meio milênio de *descobertas*, portanto, ainda não se dá por encerrado: as origens e a antiguidade do homem americano. Vale lembrar que mesmo na Europa até o século XVIII, a Arqueologia como estudo formal praticamente inexistente e o interesse por grandes civilizações do passado predominam no bojo das atenções dos primeiros pesquisadores, pouco afeitos ao estudo das sociedades simples. No Brasil é de fato no século XIX que o interesse pelas terras ainda desconhecidas ou pouco exploradas ganha um incremento com as pesquisas em história natural, valendo-se muitas vezes também da coleta de dados e registros de populações indígenas tanto históricas quanto inferências a utensílios e lugares outrora ocupados por antigos povos nativos, rememorados nas lembranças das tradições culturais dos indígenas históricos.

Para melhor se compreender a trajetória percorrida pela arqueologia brasileira nos últimos séculos, algumas produções se ocuparam em elaborar quadros explicativos deste processo de longa duração. Priorizar-se-á outros esquemas mais atuais como o de PROUS (1992), esquematizado no quadro abaixo:

QUADRO 1. ETAPAS HISTÓRICAS DA ARQUEOLOGIA NO CENÁRIO BRASILEIRO.

a) O início da arqueologia brasileira 1870-1910.	
b) O período intermediário: 1910-1950.	
c) O período formativo da pesquisa moderna: 1950-1965.	c.1. Alguns amadores famosos.
	c.2. A atuação governamental e as missões estrangeiras.
d) A pesquisa recente no Brasil: 1965-1982.	

Fonte: PROUS (1992).

Os momentos iniciais da arqueologia no Brasil originam-se, a partir desta síntese, do interesse pessoal de D. Pedro II pelas antiguidades e a conseqüente criação do Museu Nacional e posteriormente do Museu Paulista. Ao Norte do país, em Belém do Pará, a referência em arqueologia passa a ser o Museu Paraense que agrega oficialmente o nome de Emílio Goeldi. O tema dos ‘sambaquis’ neste período parece ter despertado um maior interesse pelos pesquisadores, sobretudo do Museu Paulista, haja vista que “concheiros” utilizados como jazidas de cal passam a ser considerados sítios arqueológicos.

O chamado período intermediário proposto pelo autor, de 1910 à 1950, tem início com o primeiro arqueólogo profissional a atuar no país, o austríaco Padberg-Drenkpohl. No entanto, suas pesquisas (1926 a 1929) não corresponderam as suas expectativas que visavam confirmar a antiguidade do homem pré-histórico da região de Lagoa Santa. Sua metodologia consistiria em definir níveis estratigráficos pouco perturbados para se estabelecer com maior confiabilidade a relação entre os vestígios humanos com megafauna pleistocênica. Deste ponto por diante, até 1950 ocorre a atuação isolada de médicos, biólogos, geólogos e outros profissionais sem especialidade em Arqueologia. Neste período, somente o argentino A. Serrano teria estudado acervos e sítios arqueológicos entre 1935 e 1940, mas sem fazer escavações. Por fim, a obra de Angione Costa (1934) teria sido o primeiro manual de arqueologia brasileira, contudo pouco teria sido sua contribuição pois tratava-se de uma compilação de dados conhecidos. O tímido desenvolvimento das pesquisas sobre os povos nativos neste momento reflete que a necessidade de afirmação de uma identidade nacional passava a agregar ao universo dos interesses político-ideológicos das elites dominantes brasileiras, os elementos afro-brasileiro e europeu.

O chamado “Período formativo da pesquisa moderna”, situa-se entre 1950 e 1965, e divide-se em dois tópicos. O primeiro intitulado ‘Alguns amadores famosos’, destaca dentre outros nomes o de Guilherme Tiburtius que atua em conjunto com J. Bigarella nas regiões do norte de Santa Catarina e Paraná, com o endosso institucional da Universidade Federal do Paraná. Harold Walter, Arnaldo Cathoud e Aníbal Matos atuam em Minas Gerais interessados na mesma temática da antiguidade do homem americano, porém, o mesmo problema de estratigrafia perturbada compromete o resultado dos trabalhos. Além dos problemas estratigráficos, segundo PROUS (op.cit.) também se atribui os resultados pouco consistentes ao despreparo da equipe formada por operários. Em 1956 uma equipe formada por pesquisadores americanos e

brasileiros, liderados por Wesley Hurt incrementa as pesquisas arqueológicas, contudo, os resultados também não teriam sido muito proveitosos. Além de Minas Gerais em outros estados destacaram-se os seguintes arqueólogos amadores: Pe. Balduino Rambo no Rio Grande do Sul, W. Zumblick e C. Ficker em Santa Catarina, Pereira Jr. e Sales Cunha no Rio de Janeiro.

A segunda parte ainda deste mesmo período denomina-se ‘A atuação governamental e as missões estrangeiras’. Destaca-se a criação de uma Comissão de Pré-história, com representantes do Museu Nacional e da Universidade Federal do Paraná junto a Universidade de São Paulo, que depois torna-se Instituto de Pré-história.

Dentre os estrangeiros, dois casais de pesquisadores destacam-se de sobremaneira dentre os demais. É o caso de Joseph Emperaire e Annette Laming, que atuaram inicialmente em escavações no interior do Paraná e em sambaquis neste estado e em São Paulo entre 1954 e 1956. J. Emperaire morre no Chile, mas Annette Laming retorna ao Paraná onde leciona e trabalha na direção de escavações e na qualificação de pessoal. Coordena no Paraná, em 1966, um seminário sobre indústrias líticas que passou a ser referência para os arqueólogos brasileiros.

O outro importante casal de pesquisadores norte-americanos é formado por Clifford Evans e Betty Meggers. Coordenam em 1964 um seminário sobre cerâmica e a aplicação do método Ford, que passou a nortear as pesquisas de grande parte dos arqueólogos brasileiros desde então, até o método passar a sofrer sucessivos questionamentos que serão tratados na sequência deste trabalho. No tocante a contribuição destes pesquisadores norte-americanos, PROUS (op.cit.:14) comenta:

Podemos considerar que, desde 1964-1966, a maior parte dos trabalhos sobre material lítico inspirou-se na orientação dos Emperaire, enquanto aqueles que se referem à cerâmica obedecem às normas elaboradas pelos Evans. Quase todos os arqueólogos que assumem hoje postos de responsabilidade no Brasil devem sua formação, [...] aos Emperaire, aos Evans ou a Hurt, pesquisadores cujas qualidades humanas e científicas tornaram-nos tanto amigos quanto mestres dos que trabalharam com eles.

Tais projetos voltavam-se a rápida elaboração de um “quadro *geral das culturas brasileiras*” (PROUS,op.cit:16), a partir da aplicação do método Ford. Desta maneira, milhares de sítios teriam sido localizados sob o diagnóstico embasado por coletas superficiais, poços-teste e sequências cronológicas. Para o autor, houve resistência ao método Ford por parte de pesquisadores de instituições importantes como do Museu Nacional, do Museu Paulista, do Museu da Universidade Federal de Santa

Catarina e do setor de arqueologia da Universidade de São Paulo. No entanto, no sul do Brasil, sobretudo no Rio Grande do Sul, as pesquisas de campo e as influências teórico-metodológicas do PRONAPA criaram raízes profundas em vista da participação de pesquisadores e de instituições gaúchas, como a Fundação de Amparo à Pesquisa no Rio Grande do Sul (FAPERGS) e do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (MARSUL). A linha teórico-metodológica do PRONAPA teria norteado ainda as atividades arqueológicas do Instituto Anchieta de Pesquisas de São Leopoldo (RS).

Para PROUS (op.cit.) a pesquisa “*recente*” no Brasil ocorre entre os anos de 1965 à 1982, caracterizando-se pela proliferação de centros de pesquisa, utilização de datações por radiocarbono (C¹⁴), desenvolvimento de grandes projetos como PRONAPA e PRONAPABA e os decorrentes resultados dos mesmos que estipularam dois períodos primordiais para a pré-história brasileira, um mais recente denominado ‘Cerâmico’, outro mais antigo e na época ainda pouco explorado que denominou-se ‘Lítico’. A obra de A. Prous oferece uma boa contribuição para o entendimento das principais questões que envolveram as atividades arqueológicas no país do final do século XIX (1870) ao final do século XX (1982).

A partir deste momento, outra síntese histórica pertinente ao nosso estudo encontra-se em DIAS (1999), na qual encontraremos o elo histórico de ligação entre as primeiras descobertas arqueológicas no arroio Touro-passo e nossas pesquisas. A importância em se destacar este período histórico mais recente consiste no estabelecimento de alguns paralelos necessários ao entendimento de algumas questões como a inquietação sobre a antiguidade do homem americano, os problemas estratigráficos para os sítios mais antigos, as associações questionáveis com faunas extintas, o despreparo das equipes, os referenciais teóricos e as metodologias de campo, a destruição dos sítios. A pertinência deste histórico consiste em refletir em que medida o arcabouço do conhecimento arqueológico constituiu-se sobre áreas degradadas ambientalmente, e possivelmente até mesmo sem ocupação.

Na primeira fase do histórico recente da arqueologia sul-brasileira de caçadores-coletores, DIAS (op.cit.) destaca a sistematização das atividades de campo, por meio de grandes projetos como o PRONAPA. Os resultados teriam sido profícuos com relação a amplitude das áreas pesquisadas e também para a elaboração de filiações culturais. No entanto, as premissas teórico-metodológicas aplicadas neste momento, com base em coletas superficiais, poços-teste e a definição de determinados artefatos líticos como “guias-fósseis”, criaram uma visão superficial e polarizada do contexto

pré-cerâmico. Estipulou-se desta forma duas grandes tradições culturais denominadas Umbu, com pontas de projétil, e Humaitá, sem pontas de projétil. As particularidades regionais e locais não conseguiram ser, por estes meios, compreendidas em suas dinâmicas próprias.

A segunda fase das pesquisas se caracteriza pelo incremento da produção bibliográfica sobretudo com base nos dados obtidos durante o PRONAPA. A primeira deficiência observada neste momento se dirige a falta de relação direta entre os trabalhos de coleta e os sítios arqueológicos, ocasionando uma lacuna entre a abundância de material e a farta descrição ambiental. Uma aproximação entre o contexto cultural e ambiental a partir dos sítios, e não de forma paralela, torna-se um dos desafios para os pesquisadores pós-PRONAPA. Predominou no período a visão de sítios arqueológicos como entidades isoladas ao contexto espacial tanto dos sítios com seu entorno quanto das relações inter-sítios inerentes as Tradições Umbu e Humaitá.

A autora ressalta para a época que apesar da dicotomia campo-floresta para esta fase histórica da arqueologia, que haviam outras lacunas deixadas pelo PRONAPA em aberto, como estudos de subsistência que eram ainda muito pouco explorados. Ressalta-se as críticas pelo uso da expressão “pré-cerâmico” como outro elemento de polarização entre os grupos caçadores-coletores e os que utilizavam-se da agricultura.

As análises tipológicas teriam sido produzidas sem atenção aos dados quantitativos e descritos de forma genérica. Os pesquisadores atuantes no momento, ressentiam-se da ausência tanto de dados estatísticos quanto do estabelecimento de relações mais próximas entre as etapas de produção e os contextos próprios de cada sítio, estes muitas vezes tomados meramente como sequências de ocupações (quando em estratigrafia), mas sem a compreensão destas ocupações.

Por fim, a década final do século passado norteara-se para estudos mais críticos e melhor elaborados sobre os problemas tecno-tipológicos comparativos entre as indústrias líticas dos caçadores-coletores sobretudo no Rio Grande do Sul.

Até aqui foi possível perceber que na busca por respostas sobre a ocupação humana no continente americano, dentre profissionais qualificados também houve a participação de amadores não menos dedicados a Arqueologia, dos quais talvez não tivéssemos conseguido avançar nos estudos ou estaríamos ainda muito longe do cabedal de conhecimento que dispomos hoje. Há, portanto, um horizonte de situações que partiram de iniciativas de indivíduos isolados a atuação de equipes e instituições especializadas como temos na atualidade. As circunstâncias sócio-históricas próprias de

cada época apontam para dois vetores importantes, que influenciaram nos rumos das pesquisas arqueológicas brasileiras. O primeiro diz respeito às influências econômicas, políticas, ideológicas e governamentais de cada período, o segundo cabe atentar para os reflexos das questões primeiras, sobre os próprios pesquisadores e suas pesquisas, influenciando diretamente sobre os temas de maior interesse ou ‘pertinência’ em cada momento, as maneiras, os meios e os recursos empregados concomitante aos modos de pensar e agir arqueologicamente.

Elaborar e apresentar estes quadros explicativos com base nos autores consultados se justifica enquanto uma necessidade ímpar, destinada a oferecer uma visão das conjunturas históricas da arqueologia no país e que influenciaram de maneira direta ou indireta a nossa própria pesquisa. Sobre o histórico específico no Rio Grande do Sul, atentamos para o fato do quão tardio foi o interesse despertado pela rica fronteira oeste do Estado.

2.2. Arqueologia pré-histórica no Rio Grande do Sul.

A melhor síntese histórica dos primeiros passos da Arqueologia gaúcha foi assim esquematizada em BROCHADO (1969:03):

As primeiras notícias a respeito da arqueologia do Estado do Rio Grande do Sul, foram dadas por missionários jesuítas e funcionários coloniais no século XVIII, e por alguns militares que escavaram túmulos indígenas na primeira parte do século XIX. A pesquisa científica começou no entanto com os trabalhos pioneiros de alguns estudiosos alemães nos sambaquis litorâneos, na segunda metade daquele século. As primeiras especulações científicas a respeito da classificação cultural dos indígenas pré-históricos do Estado foram feitas, no mesmo período, por Theodor BISCHOFF, Carlos von KOSERITZ, Hermann Von IHERING e Carlos TESCHAUER.

Um novo interesse tem sido despertado pelas escavações de arqueólogo argentino Antonio SERRANO nos sambaquis litorâneos, em 1937, seguiu-se um período no qual amadores interessados renovaram as pesquisas, abrindo alguns novos campos, como os atêrros do extremo sul do sistema lacustre.

Até aqui é possível considerar a construção de duas situações. A primeira diz respeito a elaboração de um quadro analítico onde as discussões acadêmicas neste período já reportam-se as vinculações das culturas indígenas do sul do Brasil mais ao contexto ‘platino’ e ‘andino’, do que com as demais regiões do país. A segunda situação é a preeminência do interesse pelo litoral sobre o interior do Estado. Para se evidenciar esta preferência por área de pesquisa, pode-se retornar ao primeiro quartel do século

XIX, com as investidas de Carlos Von Koseritz. Já a partir dos inícios do séc. XX, o litoral é prospectado por Roquette-Pinto e nas décadas subsequentes mantém-se vivo este interesse despertado nos pesquisadores, como é o caso de Serrano (1937), Ruy Rubem Ruschel e Ascânio Ilo Frediane (1947), Antonio Teixeira Guerra e Luís Castro Faria (1952), Pe. Pedro Inácio Schmitz e Pe. Balduino Rambo (1957), Patrick Delaney e Miguel Bombin (1965).

Buscando aproximações geográficas para o caso deste trabalho, as pesquisas já interiorizadas na região da Campanha se iniciam a passos lentos com B. Rambo no município de Quaraí, entre 1944 e 1945. O pesquisador localiza, fortuitamente, vestígios líticos que chamará de ‘Estação Lítica Nhandubai’. Realiza uma coleta superficial sobre afloramento rochoso. Assim apresenta BROCHADO (op.cit.:24):

Com êste achado B. RAMBO identificou uma indústria lítica composta de raspadores de formatos variados: côncavos, de extremidade, unguiculares, concoidais e piramidados, cônicos ou em aresta; lascas concoidais retocadas, talvez usadas como ‘facas’; volumosas cunhas de punho unifaciais, percutores nucleares cuneiformes; e pontas de armas de arremêso trabalhadas em ambas as faces, com chafraduras basais; que juntamente com material lítico polido, em muito menor quantidade, compôsto de ‘bolas’, ‘mós’ e pedras lenticulares, atribui aos indígenas Charrua, segundo a classificação preconizada pelo arqueólogo argentino A. SERRANO (1932,1936,1937). Mas, por suas características próprias, esta indústria certamente constitui uma industria lítica nova para o território do Rio Grande do Sul, a qual pode bem ser denominada “Quaraiense”. A mesma indústria foi também identificada no lado oposto da fronteira, no território do Uruguai, onde após os trabalhos de Antonio TADDEI (TADDEI, 1955), Raul Campá SOLER e Daniel VIDART (SOLER e VIDART, 1959), foi denominada “Catalanense”.

O padre B. Rambo também teria elaborado uma síntese sobre a ocupação indígena pré-colonial que pode ser assim esquematizada:

- a) Província do sudoeste ou província “Mbaiá” (Charruas, Chanás, Guenôas, Mboanes, Iaros e Minuanos), com predominância de uma indústria lítica polida, com ‘bolas’, lenticulares e mós. Características gerais do ‘quaraiense’, ‘catalanense’ e de outras indústrias líticas similares na Argentina;
- b) Província sambaquiana ou do Litoral, sem grupos etnologicamente referenciados na obra consultada, com predomínio na cultura material de implementos polidos, do tipo zoólitos, machados de formas diversas, pesos de rede, almofarizes, quebra-coquinhos, ‘bolas’ e ‘pontas de armas de arremêso’ lascadas;
- c) Província do Planalto ou Serra, também sem filiações culturais definidas e de ‘[...]

relativa pobreza lítica' (BROCHADO, op.cit.:25). Apresenta artefatos polidos, diferentes tipos de machados, incluindo 'itaiçás', almofarizes, mãos-de-pilão, amoladores, tembetás e 'pontas de armas de arremesso lascadas.

Das últimas notícias que se destacam da obra de BROCHADO (op.cit) se faz pertinente incorrer sobre o fato do Pe. Inácio Schmitz receber em 1964, da então Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, atual IPHAN, a solicitação para realizar 'um levantamento arqueológico no Estado". No mesmo ano, a vinda do casal americano Clifford Evans e Betty Meggers contribuiu para que em 1965 o Rio Grande do Sul também recebesse atividades do PRONAPA, quando as pesquisas no Estado passam a ter um grau de atividade nunca antes conseguido. Trabalhos estes que ficaram a cargo de Eurico Miller, vindo a integrar-se ao PRONAPA em 1966 o próprio autor da obra em resenha, José Justiano Proenza Brochado.

A arqueologia gaúcha recebe um grande incremento também com a fundação, em 1967 do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul, sediado em Taquara. Há uma descrição dos arqueólogos³ em atividade no momento da publicação em consulta, são eles Ítala I. Basile Backer (Inst. Anchieta de Pesquisas), Miguel Bombin (PUCRS), Danilo Lazzarotto e Frei Camilo Chaves (Facul. Filos. Ijuí), Eurico Th. Miller (MARSUL), Guilherme Naue e Ir. Valeriano (Col. São Francisco), Fernando La Salvia (Facul. Filos. Caxias do Sul), Pe. Pedro Schmitz e Pedro Mentz Ribeiro (Inst. Anchieta de Pesquisas), Rolf Steinmetz (Mus. Antropol. Diretor Pestana-Ijuí), Vander Valente (Facul. Filos. Rio Grande). Tais pesquisadores distribuíam-se entre pesquisas efetuadas nos sambaquis do litoral; cavernas e abrigos sob rocha no Planalto, em sítios abertos no nordeste, sudoeste e centro do Estado, e ao longo dos rios Uruguai, Ijuí e Jacuí, em sítios abertos no Planalto (casas subterrâneas), sítios abertos com cerâmica guarani, do tipo acampamentos e cemitérios nos rios Ibicuí, Jacuí, Ijuí, Taquari, Sinos, Pelotas; além de sítios históricos na região das Missões.

Como vimos, fica claro que o tema mais estudado no histórico das pesquisas, até o final da década de 1960 no Rio Grande do Sul, foi sem dúvida os sambaquis do litoral. A progressiva atenção para outras regiões, no caso a região da fronteira oeste do Estado, de fato parece ter sido executada mais sistematicamente apenas quando das

³ Teriam 'acompanhado' alguns trabalhos (BROCHADO, op.cit.:23), Pe. Rohr (Mus. Homem do Sambaqui-SC), Elton Krause, Rainer Burhrmann, Plínio Dall'agnol, Arno Kern, Levergildo Freitas, Daniel Carnign e Pe. José Pivetta.

atividades do PRONAPA. A bibliografia consultada referencia apenas a atuação isolada de Pe. Balduino Rambo e do sítio⁴ do qual origina-se a indústria lítica ‘quaraiense’ nos anos 50, com um mínimo de registros e análises inócuas. No alto Uruguai as inferências são poucas, e sobre a porção situada na fronteira oeste, médio rio Uruguai, não há qualquer referência histórica. Isto porque ainda que tardiamente, é somente no período posterior a esta publicação consultada que teremos uma extensão do PRONAPA, é o chamado PROPA. E é portanto, tardiamente que se passa a percorrer as regiões mais interioranas do Estado. Somente pesquisas mais ‘recentes’, situadas entre os anos de 1970, 1980 e 1990 que vão se ocupar com mais atenção destes sítios e suas indústrias líticas, formatando assim, um quadro mais completo da arqueologia de caçadores coletores em campo aberto, na região da fronteira oeste do Estado.

Passamos a considerar a partir de agora as discussões históricas que situam-se entre o final do século XX e os inícios do século XXI. Ressalta-se que estas bibliografias nos auxiliam a compreender as metodologias empregadas para as pesquisas de campo e a interpretações dos dados laboratoriais aplicados durante as pesquisas no arroio Touro-passo nos anos de 1960-1970, e como estes dados influenciaram nas produções seguintes e ainda evidenciar as mudanças de enfoques, de propostas e de resultados quando comparados com nossas pesquisas e outras pesquisas atuais.

Neste sentido, considera-se que os modelos teóricos propostos para o estudo sobre pré-história do Rio Grande do Sul foram balizados historicamente a partir do PRONAPA⁵ e posteriormente no PROPA⁶. Sobre as pesquisas vinculadas ao PRONAPA, comenta DIAS (1995:17):

Dentro desta perspectiva, os participantes do PRONAPA deveriam localizar o maior número possível de sítios em uma área previamente selecionada. Nestes seriam feitas coletas de superfície e, quando possível, um ou dois cortes estratigráficos para a obtenção de amostras das seqüências arqueológicas locais.

⁴ A ‘Estação Nhandubai’ referida no texto, de onde se localizou e fundamentou a idéia de uma indústria lítica semelhante a encontrada no Uruguai (Catalanense), e que aqui recebe o nome de Quaraiense, deve localizar-se nas proximidades do arroio Nhanduvai, entre os limites de Quaraí e Uruguai.

⁵ Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (1965-1970).

⁶ Programa Paleoindígena (1972-1978).

Segundo a autora, os mentores norte-americanos do Smithsonian Institution para o PRONAPA, Clifford Evans e Betty Meggers, entendiam que os sítios mais profundos a serem localizados deveriam requerer no máximo um dia de trabalho.

Como decorrência dos achados, estruturou-se a pré-história brasileira de forma geral em função das concepções de ‘Tradição’ e ‘Fase’, a partir das diretrizes pronapianas de influência norte-americana, sistematizada por Willey e Phillips. Conforme HOELTZ (1997:17):

[...] o termo tradição foi empregado para caracterizar dois grandes grupos de caçadores-coletores que habitaram tanto o pampa do Rio Grande do Sul quanto o planalto sul-brasileiro, denominados Umbu e Humaitá, respectivamente. Como ambos os grupos pré-cerâmicos tiveram não só uma grande dispersão espacial mas também um longo período de duração, indicada por datações de radiocarbono (C14), inúmeras fases foram definidas nas pesquisas desenvolvidas em áreas de ocupação destes caçadores-coletores.

A estrutura conceitual dos referenciais teórico-metodológicos pronapianos que pensados ao contexto cerâmico passam a ser implementados para estudo também do contexto lítico, balizaram-se a partir de determinadas expressões conforme se refere SCHMITZ (2007:21):

Tradição, para agrupar conjuntos de sítios ou de componentes que partilham fenômenos culturais durante longo tempo e amplo espaço; **Fase**, para um espaço singular, ou camada arqueológica, em que se encontram associados elementos culturais por tempo menor, em espaço mais restrito; **Sítio** ou componente, para um espaço singular, ou camada arqueológica, em que se encontram associados elementos culturais da fase e da tradição; **Tipo**, para um elemento discreto da tradição, com tendência temporal definida dentro da fase. Este esquema procurava organizar e hierarquizar o material no tempo e no espaço. [Grifo meu].

Dentre a nomenclatura básica do modelo pronapiano acima descrita, pode-se considerar que estas expressões foram incorporados na literatura especializada desde a época do Pronapa, mantendo-se ao longo dos anos subseqüentes. No entanto as expressões passaram a ser questionadas, e com o desenvolvimento de novas propostas de estudos a amplitude das discussões sobre o legado do PRONAPA/PROPA, avolumaram-se em críticas, como as encontradas em MILDNER (2000:59):

Os caçadores-coletores e ceramistas incipientes dos tempos históricos (minuanos) são denominados Tradição Vieira. Geralmente os nomes são os mais desconectados possíveis da realidade etnohistórica. A Arqueologia gaúcha baseia-se na denominação de conjuntos materiais e seus atributos e

não em unidades sociológicas e históricas passíveis de um conhecimento mais amplo e de uma dinâmica social. Na realidade os caçadores-coletores do Estado, que eram entidades vivas, foram transformados em aspectos de suas técnicas, em atributos mensuráveis e visíveis na concepção mais positivista e cartesiana do termo.

Organizados os pilares científicos da arqueologia gaúcha neste período, surgem outras sínteses sobre a ocupação humana pré-colonial no Estado. Neste sentido, já referenciando a fronteira oeste, comenta SCHIMITZ (1991:01):

O Rio Grande do Sul foi povoado antes do que a maior parte das pessoas imagina. O ambiente seco e frio da última glaciação, com ventos gelados varrendo paisagens de pouca vegetação, foi o cenário dos primeiros humanos que, a uns 10.000 anos a.C., acamparam a beira do rio Uruguai e nos abrigos rochosos do Caí.

A antiguidade estimada para a presença humana no Estado recuaria a transição geoclimática do pleistoceno para o holoceno, assimilando pelos pesquisadores do período características paleoindígenas. Desta forma o termo “paleoíndio” também acabou sendo incorporado aos modelos de ocupação pré-colonial mais antigos no Estado. No entanto, ainda que persista até os dias atuais, permanecem as dúvidas sobre sua aplicabilidade a um contexto diverso ao de sua origem. O termo aparece em LEROI-GOURHAN (1981:191), como uma necessidade primária para a organização do esboço inicial da pré-história americana, no entanto, com as seguintes críticas:

Durante muito tempo seria adotada a expressão um pouco vaga de “paleoíndio” para tudo o que dizia respeito aos mais antigos caçadores da América, sem consignar a esse termo limites cronológicos precisos. Ao estágio paleoíndio, na classificação de Wormington, sucede um estágio “arcaico”, caracterizado pelo desaparecimento das grandes espécies quaternárias (mamute e mastodonte, bisão fóssil, cavalo, etc) e pela intensificação da pesca e da coleta, cujo início se situa por volta do VI milênio a. C., desenrolando-se depois estádios mais recentes com o aparecimento da agricultura e da cerâmica.

O sentido polissêmico da expressão tornou-a mais atrelada ao senso de ‘temporalidade’ dos vestígios arqueológicos, mas o termo pode ainda ser relacionado a uma tecnologia de lascamento referente a chamada ‘Tradição’ paleoindígena, representada ao menos pelas Fases Ibicuí e Uruguai. No entanto, tais indicadores tecnológicos todavia se adequavam dentro do tipologismo clássico, sendo incapaz de distinguir com clareza as especificações de uma e outra filiação cultural. Em SCHMITZ

(1999:56), as questões vinculadas com o sentido da expressão ‘Paleoíndio’ se compreendem da seguinte forma:

O conceito de cultura do paleoíndio contém, entre outros, os seguintes elementos: populações que teriam vivido predominantemente de caça grande, também chamada megafauna; sítios principalmente de matança, não de acampamentos residenciais; artefatos identificadores, pontas bifaciais, especializadas, de projétil, geralmente acompanhadas de lascas usadas como facas, raspadores e raspadeiras; o ambiente, um período frio e seco; população, pouco numerosa, dispersa e nômade, organizada em bandos frouxos.

No tocante ao aspecto da indústria lítica do período correspondente, SCHMITZ (op.cit.:57) comenta, “O fundamento para usar o termo Paleoíndio baseava-se nas datas de um horizonte industrial caracterizado especialmente por unifaces bem acabadas que teriam a função de raspadores, raspadeiras e facas, mas sem pontas de projétil. [...] Um elemento é hoje bem claro: não se realizava nestes sítios o conceito clássico, estrito, de Paleoíndio, criado para culturas de ambientes abertos de clima frio ou temperado.”. KERN (1997:93) comenta que o termo ‘paleoíndio’ seria referente as camadas inferiores da estratigrafia arqueológica na região oeste do Rio Grande do Sul, ainda que também entenda que o termo não foi devidamente adaptado as questões locais, e sim, meramente copiado do modelo arqueológico norte-americano.

Em KERN (1994:63) aparece uma contextualização da ocupação humana na Bacia do Prata, indicando a região do pampa argentino, uruguaio e sul-riograndense como o cenário da ocupação humana mais antiga na região. Para o autor, é somente por volta de 5.000 AP. que se percebe o desenvolvimento de ao menos dois grandes grupos de caçadores-coletores atuando no Rio Grande do Sul. Esta questão encontra forte resistência de acordo com as pesquisas mais recentes.

As possíveis relações existentes entre o homem e a fauna pleistocênica extinta, particularmente os mamíferos fósseis denominados de megafauna, tornaram-se comensuráveis a partir dos trabalhos do PRONAPA no sítio RS-I-50: Lajeado dos Fósseis. Com os indícios de uma inesperada remota antiguidade de humanos na região, tornou-se necessário um novo projeto que denominou-se PROPA. A questão paleoindígena pode ser considerada o foco central do PROPA, tiveram como origem o sítio RS I-50 que localiza-se na margem esquerda do rio Ibicuí (Itaqui), mais precisamente na foz da Sanga da Cruz. Neste sítio encontrou-se um crânio fóssil de *Glossotherium*, datado em 12.770 +- 220 AP. Questionamentos de ordem tafonômica e

estratigráfica são direcionados para as relações propostas por Miller entre a associação dos vestígios arqueológicos e paleontológicos no sítio RS-I-50 (Jacobus, 1991; Milder, 1995).

No entanto, produções científicas mais recentes tendem a demonstrar associações mais seguras entre vestígios paleontológicos e arqueológicos, ainda que em outras regiões do Brasil, como em VIALOU (2007:181), “No espaço habitacional (30m²) há evidências da convivência do homem com a fauna fóssil extinta, o glossotério. **É assim, o primeiro e único sítio brasileiro que testemunha ao mesmo tempo a coexistência da presença humana com a fauna fóssil extinta**”. [Grifo meu]. Ainda que uma escassa indústria lítica tenha sido escavada, composta por um conjunto de apenas 200 peças de lascas e plaquetas retocadas “pouca e bem rudimentar”, com lascamentos efetuados nos cantos de blocos de calcário. Mas são as estruturas arqueológicas que conferem uma maior confiabilidade, pois existem fibras trabalhadas, frutos, carvões de fogueiras, matéria-prima trazida de outros locais, perfil estratigráfico bem preservado com seqüências cronológicas coerentes. No entanto há uma questão sobre a representatividade do fóssil em função de tratar-se somente a 01 (um) único exemplar de fauna, o *Glossotherium Letsomii*. Incrementa o ensejo a reflexão ainda o fato de que segundo a autora, haviam boas condições de preservação, e os vestígios de micro fauna seriam ‘pouco presentes’ e ‘não representativos’. Todavia não só a associação entre líticos e megafauna, mas os ossos teriam sido ‘trabalhados’ por aquecimento, originando fraturas típicas correspondentes. O estabelecimento deste tipo de associação direta entre vestígios de fauna extinta a evidências culturais são praticadas desde o século XIX. Este método persiste entre os pesquisadores mesmo com elaboradas teorias. Para HILBERT (1999:78) é a praticidade desta metodologia que faz adeptos, como comenta:

Parece que a aplicação desta metodologia de: Estabelecer “guias fósseis”, relacioná-los com fauna pleistocênica extinta e depois definir eventos geoculturais é bastante divulgada nos momentos preliminares de pesquisas arqueológicas paleolíticas até hoje. Observamos também que esta forma de tipologia tornou-se uma metodologia com um sucesso tremendo, por causa de sua praticidade e aplicabilidade.

Considerando-se o entendimento da questão paleoindígena como um indicador temporal dos vestígios humanos mais antigos da região do oeste sul-riograndense, poderia-se inserir a Fase Ibicuí como o período mais antigo do paleoíndio, e a Fase

Uruguai o segundo e último período considerado paleoindígena. MILDNER (1994) faz uma análise crítica sobre a Fase Ibicuí considerando esta sem subsídios consistentes para sua definição. No entanto, a força ideológica do PRONAPA assegura sobrevida aos seus preceitos. Parece ser o caso que encontrou-se em KERN (1997:93):

A fase Ibicuí caracteriza-se por uma indústria lítica de lascamento por percussão e retoques sob pressão. Apresenta utensílios com aparência rudimentar, isto é, núcleos, talhadores, raspadores e lascas associados a megafauna. [...] A Fase Ibicuí tem uma datação de 12.770 +- 220 A. P.

No decorrer do histórico das pesquisas que visavam atribuir um perfil mais exato sobre a ocupação mais antiga para a macro-região do oeste sul-riograndense, apesar da sua importância no momento de sua definição, enquanto referencial cultural e cronológico, a Fase Ibicuí foi definida formalmente por E. Miller a partir de um conjunto lítico de apenas 46 peças, sendo que para MILDNER (1987) a coleção corresponderia a 123 peças, sendo 8 pontas-de-projétil que não foram apresentadas pelo criador da Fase Ibicuí.

A coleção que mesmo após a descoberta de um número maior de peças continua sendo inexpressiva, fora obtida a partir de somente três sítios arqueológicos, dois localizados⁷ na margem esquerda do rio Ibicuí, em dique marginal (RS-I-50 Lajeado dos Fósseis) e planície de inundação (RS-I-107), e o outro na margem direita do rio Quaraí (RS-Q-2 Passo da Cruz). Segundo MILLER (1987:47), “Devido a erosão fluvial, eles estão sendo progressivamente destruídos.” Sobre a escassez de dados que definem a Fase Ibicuí MILDNER (1994:90) comenta:

[...] podemos dizer que o sítio RS I 50 não contém elementos suficientemente claros e definidos para ser aceito com (o) um assentamento humano, pois não possui delimitação espacial definida, existem contradições entre a documentação gráfica [...] e as publicações posteriores, a datação se fez sobre um elemento de origem geológica (fóssil) [...] sem evidências de que tenha sofrido a ação humana; a inserção de sítios na paisagem revela que existe um grande potencial de sedimentação e erosão [...] ressaltando que a abundância de fósseis na área é muito grande, possibilitando equívocos.

A ocupação humana no Passo da Cruz, representada pelo sítio RS Q 2, demonstra a ocorrência de um material arqueológico definido, muito similar aos sítios da Fase Uruguai, porém sua cronologia não pode ser aceita sem reservas, já que a amostra datada não pertence ao local das escavações e esta foi extrapolada para o sítio por similaridade estratigráfica entre ambos os locais. Desta forma o RS Q 02 pode ter uma cronologia entre 12.000 e 8.500

⁷ Não realizamos uma profunda análise documental sobre os sítios da Fase Ibicuí por estarem fora da área proposta para este estudo.

A.P. limites conhecidos da Fase Uruguai, a qual concluímos que deve ser incorporado o sítio por similaridades tecno-tipológicas. A coleção porém é muito pequena para uma análise distributiva que seja representativa.

Sobre o terceiro sítio da Fase Ibicuí, o RS I 107, revisto em MILDNER (op.cit.:67), encontra-se em sub-capítulo destinado a comentar este sítio apenas 4 linhas, que dizem, “O sítio RS I 107 é um dos componentes da Fase Ibicuí, porém não possui acervo registrado no MARSUL, nem número de catálogo, tão pouco ficha de sítio ou datação, desta forma consideramos que o mesmo não possui aceitabilidade científica.”

Ao encerrar suas impressões sobre a Fase Ibicuí, conclui o autor: “Desta forma a ocupação humana no sudoeste do Rio Grande do Sul continuará sendo uma especulação já que a Fase Ibicuí se esvaziou nas suas contradições” (Milder, op,cit.:92).

Sobre a Fase Uruguai as informações são tão escassas quanto da Fase Ibicuí. A Fase Uruguai corresponderia a fase pré-cerâmica paleoindígena, caracterizada pela ocorrência de pontas de projétil, localizados entre os rios Ijuí e Quaraí, e ao longo do rio Uruguai. As datações para esta fase situam-se entre 11.555+- 230 AP (RS-IJ-68) e 8.585 +- 115 AP (RS-IJ-67), conforme MILLER (1987).

Para a caracterização da Fase Uruguai, utilizou-se a seguinte referência, encontrada em MILDNER (2000:77):

A Fase Uruguai possui uma coleção de materiais líticos comum aos demais sítios da denominada Tradição Umbu ou até mesmo ao Complexo Itaquí Arcaico. Ao compararmos com outros sítios da coleção é muito pequena, não ultrapassando os três milhares de peças. A esmagadora maioria das evidências provém de cortes e sondagens. Uma das melhores coleções, a do sítio RS I-96 (Fagundes), é procedente de uma coleta superficial.

Tal como a Fase Ibicuí, a Fase Uruguai foi revista em estudos mais recentes como em DIAS; JACOBUS (2003). Numa reavaliação documental sobre a questão da ocupação humana antiga para o sul do Brasil, os autores sugerem que dos vinte e um sítios arqueológicos definidos para a Fase Uruguai, localizados nas barrancas dos rios Uruguai, Ibicuí e Quaraí, apenas dez apresentariam coerência estratigráfica, cronológica e arqueológica, dentre os quais oito no Rio Grande do Sul, sendo seis na região sudoeste do Estado, e um deles o sítio RS I - 66 Milton Almeida, este no arroio Touro-passo.

Os sítios onde se detectou a presença paleoindígena, parece a Miller, que não deixaram de ser ocupados pelas gerações posteriores, ou seja, junto às corredeiras (baixios), afloramentos rochosos e arroios, locais propícios a coleta de moluscos e pesca farta. Com o desenvolvimento das sociedades indígenas, uma série de ramificações

culturais se apresentam como desenvolvimentos de um foco inicial. Como exemplo disto, pode-se pressupor que a Fase Uruguai se desenvolverá até o século XVI, passando a receber a designação de Tradição Umbu.

Sobre o período mais recente da ocupação humana, já associados ao holoceno, sobressaria-se a filiação cultural do PRONAPA denominada Tradição Umbu. Para PROUS (1992:149), a caracterização da Tradição Umbu corresponderia a uma indústria lítica com lascas retocadas e pontas de projétil. Segundo o autor, os portadores desta tecnologia concentraram-se nas regiões menos arborizadas do Rio Grande do Sul, ocorrendo uma dispersão cultural que possibilitou a assimilação desta cultura nas regiões das encostas do planalto. Os sítios relacionados a Tradição Umbu, apresentam uma dispersão geográfica que se estende aos estados brasileiros do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo, também na Argentina (Misiones, Corrientes), e Uruguai. Encontrar-se-ia nos campos subtropicais as fases mais antigas da Tradição Umbu, sobretudo no sudoeste do Rio Grande do Sul.

Para NOELLI (op.cit) um fator importante para a compreensão da Tradição Umbu é sua longa persistência nos padrões culturais e tecnológicos, mantendo-se com grande semelhança artefatos produzidos desde 12.000 AP até 1.000 AP. E sobre o tipo de rocha preferencialmente utilizado nas indústrias líticas classificadas como Umbu segundo PROUS (1992) seriam o sílex e o arenito, deixando rochas como basalto somente para confecção de uns poucos artefatos mais pesados. Ainda sobre a dispersão da Tradição Umbu no estado, comentava RIBEIRO (1990:129):

Como a Tradição [Umbu] recua ao período de transição entre o Pleistoceno e Holoceno, não podemos nos restringir ao estudo da paisagem atual. No início da ocupação, o grupo esteve diante de uma paisagem estépica, passando para uma, paulatinamente, mais florestal. Hoje ela se apresenta heterogênea e foi a Umbu a única que ocupou todos os ambientes: litoral marinho, planalto leste, planalto oeste, encosta do planalto e planície. Destes, a planície e encosta do planalto, ambos ao sul, foram aqueles em que melhor se adaptou.

Um dos problemas que podem ser levados em conta para a dificuldade no estabelecimento desta relação mais direta entre as supostas indústrias líticas paleoindígenas e da Tradição Umbu, pode ser a pouca ocorrência de sítios arqueológicos desta natureza, sobretudo ainda capazes de oferecer com algum grau de segurança, relações estratigráficas confiáveis. Nos termos VIALOU (2007:174) “Não é

possível estabelecer uma continuidade entre as culturas do Pleistoceno e as do Holoceno pelo número reduzido de sítios e vestígios”.

QUADRO 2. HISTÓRICO DAS FASES DA TRADIÇÃO UMBU

Estado	Fase/Sítio	Idade A.P. Absoluta A Estimada E	Pesquisador	Artefatos característicos
RS	Ibicuí	12770+- 220 A 12690+- 100 A	Miller 1976/1978	Núcleos, talhadores, raspadores e lascas Com ou sem retoque.
RS	Uruguai	1155+- 230 A 8585+- 115 A	Miller 1976/1978	Raspadores, lascas, lâminas, núcleos, talhadores, Pontas-de-projétil com pedúnculos e aletas
RS	Batinga	8290+- 130 A	Ribeiro 1989	Raspadores, pontas-de-projétil, lascas
RS	Capivara	Idem F.Batinga	Schmitz 1985	Raspadores, pontas-de-projétil, pré-formas, lascas
PR	Vinitu	8000 A 6000 E	Chmyz 1976; 1977/1978	Pontas-de-projétil com pedúnculo e aletas, raspadores Pontas bifaciais, folhas bifaciais e facas
RS	Umbu	5950+- 190 E 5680+- 240 A	Miller 1969-1974	Pontas-de-projétil estreitas, pequenas e médias, pedunculadas E lanceoladas
PR	Bituruna	3000 E	Chmyz 1969	Pontas-de-projétil com pedúnculo e aletas, raspadores, pontas Bifaciais, folhas bifaciais e facas
RS	Itapuí	5655+- 140 A	Miller 1969-74 Ribeiro 1972	Pontas-de-projétil pedunculadas bifurcadas, raspadores, boleadeiras
RS	Amandaú	5000 a 4000 E	Miller 1969	Pontas-de-projétil pedunculadas e apedunculadas, raspadores E talhadores
RS	Araponga	Mais recente que Amandaú e mais antiga que a Camuri	Miller 1971	Pontas-de-projétil pedunculadas e apeduncul- Ladas, raspadores, talhadores, lascas e lâminas retocadas
SC	Suruvi	1500 E	Piazza 1971	Pontas-de-projétil pedunculadas e apedunculadas
RS	Camuri	5000 a 4000 E	Miller 1967 1971	Pontas-de-projétil pedunculadas e apedunculadas, raspadores
PR	Iguaçu	3110+- 140 A	Chmyz 1969	Pontas-de-projétil pedunculadas c/ aletas, Raspadores, facas bifaciais, buris
PR	Céu azul	3705+- 130 a 755+- 60 A	Rauth	Pontas-de-projétil
PR	Potinga	3000 E	Chmyz 1969	Pontas-de-projétil pedunculadas c/ aletas, Raspadores, furadores, buris, folhas bifaciais
RS	Itaqui	3527+- 145 A	Miller 1969	Pontas-de-projétil pedunculadas c/ aletas, ras- padores, furadores, buris, folhas bifaciais
RS	Patos	2500 a 2400 E	Schmitz 1969	Pontas-de-projétil
RS	Lagoa	2435+- 85 a 2000+- 120 A	Schmitz 1969	S/ dados
RS	Chuí	2500 à 1500 E	Schmitz 1971- 1972	S/ dados
RS	Rio Pardinho	2920+- 120 e 1425+- 115	Schmitz 1970 Schmitz;Brochado 1981	Pontas-de-projétil pedunculadas c/ aletas, e artefatos sobre núcleos e lascas
RS	Panambi	Idem F. Rio Pardinho	Brochado 1969	Indústria de lascas, pontas-de-projétil pe- dunculadas, pontas foliáceas, bifaces
SC	Itaió	660+- 80 a 290+- 80 A	Piazza 1974	Pontas-de-projétil pedunculadas com aletas, pontas foliáceas, raspadores

Adaptado de HOELTZ (1997).

As evidências arqueológicas sugerem que as populações relacionadas a Tradição Umbu tinham características próximas das demais sociedades caçadoras-coletoras de forma geral, tais como andar em grupos relativamente pequenos e nômades.

O quadro formulado nos anos de 1990 sobre as fases desta tradição cultural sustentavam que para o sul do Brasil, haviam 22 fases para sítios arqueológicos com pontas de projétil sendo 15 no Rio Grande do Sul, 5 no Paraná e 2 em Santa Catarina.

RIBEIRO (1990), questionava se a Fase Ibicuí pertenceria ou não a Tradição Umbu, ressaltando que as evidências de pressão nos líticos seria um ponto favorável de ligação no entanto, a ausência de pontas de projétil seria desfavorável a filiação da Fase Ibicuí a Tradição Umbu. A fragilidade dos dados pertinentes a Fase Ibicuí, que se sustenta sob apenas três sítios escavados e no conjunto de 46 peças líticas lascadas, que ligariam a Fase Ibicuí a Tradição Umbu, pode ser facilmente posta em dúvida. Ainda que apresentando dúvidas sobre a rota de chegada do homem pré-histórico na região, uma vez “estabelecidos” no Rio Grande do Sul, RIBEIRO (1990:134-35) comentava que:

Resumindo, teríamos a chegada do grupo no sudoeste do Rio Grande do Sul há mais ou menos 11.500 anos A. P. e daí, uns partindo na direção do centro do Estado e outros, em torno do 7 ou 8 milênio A. P., subindo ao alto Paraná, invadindo planalto e litoral. Vivendo inicialmente numa vegetação mais rarefeita do que a atual, deveriam buscar refúgio em vegetação mais densa, seja junto aos cursos d'água, seja em pequenos vales encaixados onde se manteria uma certa umidade.

O autor sugere o estabelecimento de três momentos distintos para esta Tradição, o mais antigo equivale, entre outras, a Fase Uruguai, o intermediário corresponde a Fase de mesmo nome: Umbu, datado em 6.000 anos AP., localizado nas encostas ao sul do planalto, e o momento mais recente que chegou aos 290 AP., sendo encontrado tanto no Rio Grande do Sul quanto em Santa Catarina e no Paraná. Por volta dos 2.000 AP., as populações vinculadas a Tradição Umbu teriam desenvolvido a técnica de cerâmica, o que pode ser um indicativo do desenvolvimento de uma nova economia, baseada na horticultura. Este avanço tecnológico pode significar alteração nas relações de produção, refletindo, talvez, em novas formas de organização social.

Algumas características em relação aos sítios da Tradição Umbu podem ser tanto a ocorrência à céu aberto como em abrigos sob rocha. Excetuando-se os abrigos, os sítios não cobertos podem ser localizados no campo ou em áreas florestais, apresentando a característica comum de se estabelecerem na parte mais alta de terrenos próximo a cursos d'água como rios, arroios e sangas. Segundo SCHMITZ (1984), muitos dados do PRONAPA permaneciam inéditos, acarretando em perda de informações importantes sobre a questão.

Conforme NOELLI (2000:235):

As datas mais recentes, por sua vez, sugerem que o processo de expansão territorial das populações Kaingang, Xokleng e Guarani foram gradativamente comprimindo e confinando as populações da Tradição Umbu a certos territórios, formando bolsões no planalto, onde há datas de até 600 anos atrás. É provável que essas populações, quando comprimidas, [...] tenham conseguido, manter alguns territórios e autonomia, havendo possibilidade de ter trocado pessoas e realizado algum tipo de comércio.

Segundo DIAS (1994), a dicotomia que havia sido estabelecida pelo PRONAPA entre as Tradições Umbu e Humaitá, a partir do diagnóstico das pontas de projétil para os sítios da primeira filiação cultural estabelecera-se em função da inadequação teórico-metodológica para análise de lítico. Uma abordagem que privilegiava a descrição de tipos morfológicos, sem equiparações entre dados quantitativos e padrões analíticos unificados resultou num quadro amplo e genérico das culturas nativas do Estado, sem qualquer aproximação com possíveis identidades culturais. Boa parte do estabelecimento de fases dentro da Tradição Umbu foram definidas em função de datações e localização geográfica.

Apesar de todas as tentativas de caracterização dos grupos caçador-coletores vinculados a Tradição Umbu, é a partir do trabalho de DIAS (1994), sobre o sítio RS-C-Capivari I (abrigo-sob-rocha) que encontramos um quadro analítico consubstancial, com o estudo mais apurado das tecnologias líticas. O resultado destas análises que passam a levar em conta as cadeias operatórias empregadas na produção de artefatos, partindo do estudo das estratégias de captação da matéria-prima, da redução inicial e secundária sobre o lítico, e do emprego do processamento unipolar, bipolar alijados aos perfis morfológicos aplicados às pontas de projétil é que se obteve talvez o primeiro marco para uma redefinição dos modelos gerados para definir-se a Tradição Umbu. O estudo aponta para a relação direta entre períodos de ocupação e as alterações paleo-climáticas e comprova a impossibilidade de empregar-se as alterações morfológicas deste tipo de artefato, com a função de marcadores temporais.

Seguindo nesta linha de trabalho, as escolhas tecnológicas tornam-se um caminho que passa a ser percorrido pela autora, como indicadores de identidades culturais. Neste sentido, DIAS (2007) reporta-se ao fato de que, embora os conceitos de Tradição e Fase arqueológica estabelecidos pelo PRONAPA reportem-se as variações e ou variabilidades do registro arqueológico, os mesmos não conseguem explicar as relações intrínsecas entre variabilidade artefactual e comportamento cultural. Desta

forma, todo o quadro histórico representado nas publicações dos anos de 1990, alteram-se de sobremaneira frente a novas perspectivas de estudo para o caso das pesquisas sobre caçadores-coletores no sul do Brasil.

As conclusões finais que podemos chegar sobre a questão dos caçadores-coletores para o sul do Brasil, em especial no Rio Grande do Sul, indica a existência de uma significativa variabilidade nos conjuntos líticos, porém a manutenção de modelos sociais e econômicos relativamente estáveis por um longo período de tempo, para o caso dos caçadores-coletores do interior, enquanto que para as regiões do litoral e lacustre, a incidência de um processo de transformação das sociedades pré-coloniais localizadas nestes nichos ecológicos é significativa, a partir do holoceno, ou nas palavras de DIAS (2012:368):

Alors quês lês chasseurs-cueilleurs du Brésil meridional avaient maintenu des strategies sócio-économiques relativement stables pendant l'Holocène, les trajectoires historiques dès sociétés de chasseurs-cueilleurs qui occuaient em même temps la côte atlantique brésilienne ont subi d'intenses processus de transformation.

Uma vez apresentado as estruturas históricas que balizaram os estudos arqueológicos de caçadores-coletores no Estado, destacando-se as primeiras discussões sobre as concepções de “Tradição”, “Fase” “Paleoíndio”, “Fase Ibicuí”, “Fase Uruguai” e “Tradição Umbu”, no período pós-PRONAPA, vamos passar a aprofundar estas questões no caso da área do arroio Touro-passo, iniciando pelos sítios considerados ‘locais’ arqueológicos.

2.3. Questões estratigráficas, a Formação Touro-passo e o Estratotipo Miller-Varella: Análises bibliográficas.

As principais referências encontradas sobre arqueologia na literatura especializada que se reportam a área do arroio Touro-passo, integram os trabalhos de E. Miller, e mais recentemente algumas inferências aparecem nas publicações de S. Milder. Pode-se considerar neste contexto de escassez de produção intelectual específica, que a obra mais emblemática sobre o arroio touro-passo não é exclusivamente resultado de uma pesquisa arqueológica, sequer de autoria de um arqueólogo. Trata-se de uma publicação de 1976 de Miguel Bombin na revista de comunicações do Museu de Ciências da PUCRS intitulada “*Modelo Paleoecológico*

Evolutivo Para o Neoquaternário Da Região Da Campanha-Oeste Do Rio Grande Do Sul (Brasil). A Formação Touro-passo, e Seu Conteúdo Fossilífero e a Pedogênese Pós-deposicional". A publicação referendou a presença humana no cenário ecológico do período da transição geoclimática do pleistoceno para o holoceno, nos últimos 12.000 anos AP. As demais publicações encontradas tecem referências ao arroio e aos trabalhos de Miller, no entanto, é em Bombin que vemos um propósito específico para a compreensão de um cenário paleoambiental em um nicho ecológico bastante específico, no que chamará de 'área tipo', que não ultrapassa 3 Km de largura a partir das margens do arroio.

M. Bombin e E. Miller avalizam a relação crono-estratigráfica entre vestígios fósseis e arqueológicos no arroio Touro-passo, instituindo o modelo que ficou conhecido por Formação Touro-passo. A Formação Touro-passo passa a ser uma referência arqueostratigráfica que associa vestígios naturais e antrópicos. Sobre os vestígios antrópicos, a proposta da Formação Touro-passo institui uma sequência de três momentos de ocupação humana no contexto pré-colonial. O mais antigo momento destas ocupações é situado estratigraficamente aos níveis sedimentares inferiores da 'Formação Touro-passo' (rudáceo-lamítico), constituindo-se da ocorrência de lascas de metaquartzito botucatu e calcedônia. Os vestígios são atribuídos ao contexto dos caçadores-coletores não especializados, de bioma aberto, que teriam co-existido com animais da megafauna pleistocênica nos últimos 10 mil anos AP. Ao contexto pronapiano, são nestes níveis estratigráficos mais inferiores da Formação Touro-passo que se registra o recorte temporal em correspondência ao estágio cultural que atrelou-se a idéia de 'Paleoíndio'. No modelo arqueológico tradicional, o 'Paleoíndio' estaria representado no oeste do Rio Grande do Sul pelas Fases Ibicui e Uruguai.

Um segundo momento, correspondente ao nível sedimentar 'lamítico', logo acima do nível anterior, encontrariam-se líticos de metaquartzito onde o instrumento característico é o raspador de núcleo. Deste nível sedimentar e conjunto lítico entenderam os autores que a sugestão principal consistia na presença de 'coletores-caçadores' adaptados a formações vegetais ao menos em parte fechadas. Tal mudança no nicho ecológico da área da pesquisa equivale-se as alterações geoclimáticas que produziram mudanças significativas no cenário ecológico, de uma paisagem predominantemente formada por campos em função dos resquícios glaciares manifestados sob a forma de clima mais seco e frio, para um paulatino aquecimento das temperaturas, favorecendo a partir de um clima mais quente e úmido, a proliferação de

diferentes espécies vegetais e animais. Originando-se um cenário altamente favorável ao estabelecimento de sociedades caçadoras-coletoras, sobretudo pela interface campo/mata e o incremento de uma rede abundante de recursos hídricos. Temporalmente estamos situando os eventos do nível lamítico entre os estágios do holoceno inicial até a estabilização no ótimo climático por volta dos 5.000 AP. Culturalmente se delimitou a ocorrência neste nível de uma maior diversidade e quantidade de implementos líticos, que corresponderiam a Tradição Umbu.

No terceiro, último e mais recente registro da presença humana de cultura ameríndia estaria situada a maior variedade do registro arqueológico. Trataria-se de instrumentos de arremesso tais como pontas de projétil, pedras de boleadeira e lenticulares. As lenticulares estariam diretamente relacionadas a cultura material dos índios históricos da região, denominados genericamente por pampeanos, que constituíam-se etnologicamente por populações conhecidas como ‘Charruas’ e ‘Minuanos’.

Ainda que a publicação tenha como propósito o estabelecimento de um modelo paleoecológico de sentido mais amplo, onde os vestígios humanos são vistos apenas como parte do ambiente natural em brevíssimas considerações, as referências sobre a presença humana como parte inerente ao biosistema antigo fomenta as discussões sobre a antiguidade do homem na porção meridional da América do Sul.

A publicação de M. Bombin também ganha destaque para a Arqueologia gaúcha sobretudo por Miller ter divulgado pouco seu trabalho, o que gerou muitas dúvidas sobre suas pesquisas, restando em virtude disso como principal fonte documental sobre as atividades arqueológicas na região os relatórios do Projeto (PROPA-MARSUL) registrados durante os anos de implementação do mesmo (1972-1977), que serão analisados na sequência.

Além da obra de Bombin referida, destaca-se, portanto, algumas publicações de Eurico Miller dentre os quais o artigo na revista *Estudios Atacameños*, (1987), intitulado “Pesquisas arqueológicas paleoindígenas no Brasil Ocidental”. Na publicação o autor se refere a estudos em várias regiões do país, no entanto, destacaremos tão apenas as referências que o autor faz com relação ao arroio Touro-passo. Referindo-se ao Rio Grande do Sul, destaca as regiões da Campanha e Missões, sobretudo os municípios de Uruguaiana, Quaraí (entre os rios Uruguai e Quaraí), Alegrete, Itaqui e São Borja. O arroio Touro-passo é desta forma referenciado pelo autor nas suas arguições iniciais, MILLER (1987:37):

Ao rio principal, o Uruguai (médio), seguem-se os rios Ibicuí ao centro da área, Quaraí ao sul, Icamaguã e Ijuí ao norte, arroio Touro Passo no centro-sul e, dezenas de córregos (arroyos) menores. Apenas o rio Uruguai tem suas nascentes sobre o Planalto Meridional (basalto trapp), próximo ao litoral.

Dentre outras descrições ambientais, referindo-se as características climáticas atuais com suas acentuadas oscilações entre as épocas de verão e inverno, aos tipos de vegetação que se compõe basicamente por formações de gramíneas alternando-se nas áreas alagadiças com arbustos e faixas descontínuas de matas ciliares as margens de arroyos e rios. Destaca-se suas observações sobre os aspectos geomorfológicos, situando a Formação Touro-passo num contexto mais amplo do que a respectiva ‘área tipo’ definida por Bombim, apresentada no seu ‘Modelo Paleoecológico Evolutivo’. MILLER (op. cit.,:37) comenta sobre esta questão:

Sobressaem as rochas basálticas da Serra Geral Grupo São Bento (Jurássico-Cretácio), o arenito Botucatu (Jurássico) e pseudodiques de metaquartzito (arenito silicificado) oriundo do pirometamorfismo entre a lava e o arenito. No arroio Touro-passo ocorrem sedimentos da Formação Touro Passo (Bombim, 1976), como provavelmente ocorrem nos pequenos rios e córregos, junto ao rio Uruguai na Campanha e parte de Missões. No rio Uruguai ao longo dos diques marginais percebe-se com muita nitidez o Estratotipo Miller-Varela (Correa, 1980) composto de cinzas vulcânicas, silte e areias; esse estratotipo está menos definido nos afluentes. [Grifo meu].

Sobre as questões de ordem estratigráfica, MILLER (op.cit.) destaca 4 variantes encontradas na área do projeto do PROPA para a região da fronteira oeste do Rio Grande do Sul:

- 1- Rio Uruguai ao sul da foz com do rio Ibicuí (azul);
- 2- Rio Uruguai, ao norte da foz do rio Ibicuí (rosa);
- 3- Arroio Touro-passo e rio Quaraí (laranja);
- 4- Rio Ibicuí (verde).

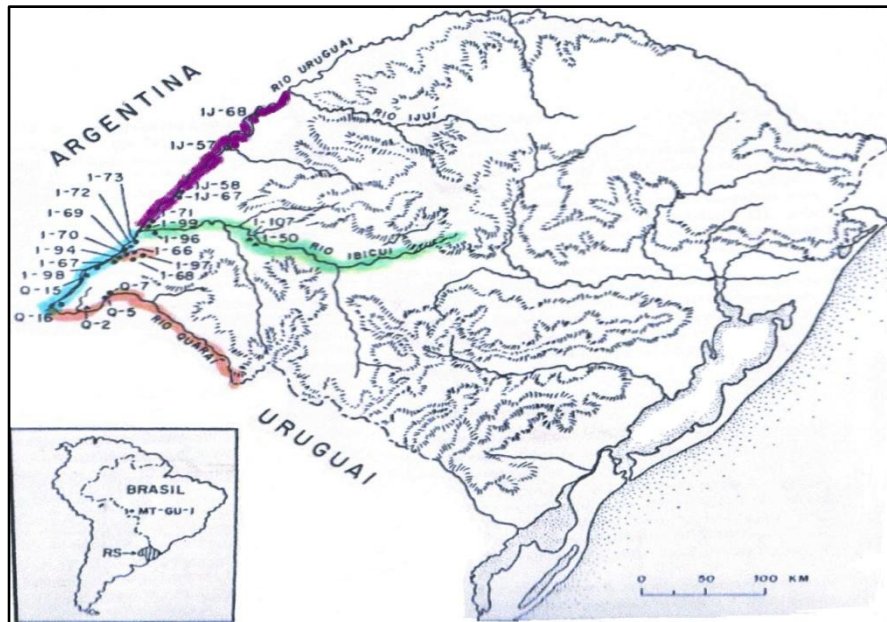


Fig.15. Região de abrangência do Estratotipo Miller-Verella. (Fonte: MILLER, 1987:38).

As 4 variantes estratigráficas dos sítios da região estariam organizadas num sistema de sequências de até 9 horizontes, subdivididos em 3 unidades estratigráficas, onde situam-se os contextos paleoíndigenas sugeridos em Miller (1987:39) em datações ao redor de 10.400 +- 110 AP. No entanto, esta subdivisão estratigráfica que visava articular o sistema de informações sobre as ‘evidências’ paleoíndigenas é pouco clara. No artigo consultado o autor não utiliza nenhum modelo visual, seja desenho de perfil ou fotografia, mantendo apenas um narrativo prolixo. Outra dificuldade em se compreender o sistema estratigráfico consiste que determinadas evidências não corresponderem aos mesmos horizontes, como é o caso da ocorrência de ‘cinzas vulcânicas’, que servem de referência para a elaboração do ‘estrato guia’, denominado “Miller-Varella”. Comenta MILLER (op.cit.39) “[...] tomando como referência a base da unidade estratigráfica II (horizontes V e VI) ou horizonte V, composto de cinzas vulcânicas, constituindo-se num estrato guia (estratotipo Miller-Varella)”.

A definição deste estratotipo torna-se uma das referências para os levantamentos de campo de Miller, que também norteariam-se por evidências de paleocanais de drenagens, paleobacias de drenagem ‘assoreadas, e reativadas no holoceno até o presente, e de diques marginais desnudados. Contudo, tais inferências parecem ser apenas complementações, pois fica claro na localização de todos os sítios que são nas barrancas que se buscam os sítios arqueológicos. Talvez a contribuição mais significativa neste artigo não seja o que o autor apresenta sobre seus trabalhos

realizados, senão da indicação, ainda que vaga, de onde não pesquisou. Segundo MILLER (op.cit.:57) “Assim, se houver evidências culturais paleoindígenas, será nos sedimentos do horizonte IX dos rios Quaraí e Ibicuí que eles deverão ser pesquisados.”.

Neste artigo, como em toda sua obra, Miller detém-se em pormenorizar as questões de ordem geomorfológica, acrescentando sobre os métodos de trabalho de campo, das prospecções as escavações propriamente ditas. Ao se referir sobre a cultura material, o autor não menciona o arroio Touro-passo especificamente, no entanto, apresenta considerações sobre as Fases Ibicuí e Uruguai, que para a realidade da sua época, eram evidências incontestáveis da presença de um estágio paleoindígena na fronteira oeste do Rio Grande do Sul. Sobre a Fase Uruguai, a primeira observação que se encontra em Miller é sobre a área de dispersão desta indústria, haja vista que a mesma, ao se encontrar nas margens dos rios Uruguai e Quaraí, poderiam estender-se até regiões incertas na Argentina e Uruguai correspondentemente.

Junto ao rio Uruguai estariam 14 sítios arqueológicos desta Fase, todos eles, segundo MILLER (1987:50) “[...] **estão sofrendo os efeitos da erosão** fluvial anual [...]”. [Grifo meu]. Novamente nos reportamos ao entendimento de que, decorridos 40 anos das observações do pesquisador, dos quais pudemos acompanhar a situação dos mesmos desde o ano 2000 até o presente, o processo de erosão das barrancas, e assoreamento das margens fora a intensa degradação ambiental motivada pelo incremento das atividades rizícolas, no mínimo comprometem a justaposição das estratigrafias e materiais.

Na sequência do texto, complementa MILLER (op.cit.:50), “[...] **são raras as evidências líticas** desde o embasamento rochoso, junto a aglomerados de seixos [...] (leito rochoso do rio Uruguai - basalto ou arenito metamórfico). Estas últimas ocorrências cronologicamente seriam contemporâneas a Fase Ibicuí, sem pontas de projétil, e não há ainda como afirmar ou negar suas associações a Fase Uruguai.”.

Ao referir-se aos artefatos, comenta MILLER (op.cit.:50), “Por razões alheias a nossa vontade, as análises das evidências interdisciplinares e arqueológicas pouco progrediram e ainda encontram-se a nível preliminar.” [Grifo meu]. Ainda neste trecho, o pesquisador se refere a presença de pontas de projétil em sítios da Fase Uruguai, a partir de 1975, sendo que até o ano anterior, considerava-se esta fase sem pontas. Menciona que os utensílios diagnósticos, desta Fase⁸ constituem-se por:

⁸ MILLER (op.cit.:51) “Ao todo foram reunidas, in situ, cerca de 3.240 evidências líticas: 11 pontas de projétil, 38 raspadores, 18 percutores, 29 núcleos esgotados, 37 pedras de bigorna, 167 lascas grossas e

- a) *pontas-de-projétil*, pedunculadas de formas variáveis mas de tamanho médio a pequeno (4,9 a 2,9cm), estreitas e raramente largas (1,6 a 3,4cm), principalmente em calcedônia,
- b) *facas* bifaciais médias à pequenas (12,4 à 4,2cm),
- c) *raspadores* circulares, laterais e terminais pequenos (2,7 a 3,9cm),
- d) *pré-formas* lanceoladas bifaciais,
- e) *micro-lascas* resultantes de lascamentos e retoques à pressão e percussão,
- f) *lascas e lâminas*⁹ pequenas à medianas (1,0 a 4,2cm),
- g) *núcleos* (3 a 19cm),
- h) *percutores* (5,2 a 7,9 cm) esferóides à cilíndricos,
- i) *bigornas* (sem informações adicionais),
- j) *talhadores*¹⁰ tipo ‘chopper’,
- k) *raspadores* pequenos, altos e circulares, oriundos de núcleos esgotados.

Ressaltamos que o artigo é de 1987, e o autor se refere as pesquisas que foram levadas a cabo pelo mesmo até o fim do segundo projeto para a região, o PROPA, encerrado em 1978. As expressões transcritas que se repassam a idéia de escassez de evidências líticas e das associações culturais indefinidas após uma década do término das atividades formais dos projetos, nos evidenciam à fragilidade com que a questão arqueológica (cultural) é abordada, encoberta por um discurso de profícua identidade com a área das ciências da terra. Estas sim, com o suporte de especialistas, conseguem maquiar um fundamento mais coerente sobre os sítios arqueológicos, mas que não subsidiam um entendimento mais apurado sobre a diversidade cultural destas populações.

Tais propostas já seriam possibilidades de estudo viáveis, as quais encontrou-se em poucas observações do trabalho de Miller que sugerem a intenção em se realizar uma abordagem diferenciada do que fez ao longo de todos os projetos em que foi integrante. Contudo, cabe destacar as poucas e tímidas linhas que o autor destina em busca de uma aproximação com a questão cultural. Conforme MILLER (op.cit.:51):

grandes, 247 lascas médias, 102 lâminas médias, 247 lascas pequenas e mais de dois milhares de micro lascas.”

⁹MILLER (op.cit.:51) “[...] com e sem retoque intencional e/ou com evidência de uso (micro lascamentos ordenados e contínuos até 1,5cm – ou desordenados nas serrilhas).

¹⁰MILLER (op.cit.:51) “[...] em pequena quantidade, elaborados em seixos rolados, com gume reto a convexo, lateral ou terminal.”

Tanto na Fase Uruguai como na Ibicuí, as proporções dos utensílios líticos são determinantes **tecnológico-culturais**, uma vez que a matéria prima sã permite dimensões bem acima das adotadas (como ocorre no complexo pré-cerâmico Itaqui, Miller, (1969). [...] Também a matéria-prima utilizada é uma adoção cultural-tecnológica, visto a abundância de todas.” [Grifo meu].

Em artigo anterior, ao partir de uma breve caracterização ambiental da região oeste do Rio Grande do Sul (Campanha e Missões), faz uma primeira observação importante, MILLER (1969:13), “Como as gramíneas apenas disfarçam os afloramentos rochosos, com aspecto de coxilha, modelados por grande quantidade de seixos, o indígena, em qualquer parte, encontrava a indispensável matéria-prima lítica.” O que é exposto de maneira exagerada, na área do arroio Touro-passo encontra relativo respaldo. Se de fato, nas porções superiores dos terrenos mais altos há uma maior incidência à exposição de superfície rochosa, nas porções inferiores, paulatinamente vão se sobrepondo camadas sedimentares deslocadas pelo fluxo dos ventos e chuvas. Porém é junto aos lageados formados após cheias e enchentes, que afloram seixos e blocos de melhor maleabilidade para os trabalhos de lascamento do artesão pré-histórico.

Neste artigo o pesquisador se reporta a localização de 81 sítios arqueológicos na região, até 1968, que seria o terceiro ano de implementação do PRONAPA. Destes sítios, todos em campo aberto, o predomínio seria de sítios tipo ‘habitação’, no entanto não há qualquer justificativa para esta definição. Se conhece em algumas passagens nos escritos de Miller as referências sobre ‘fogões’, ou seja, blocos de rocha dispostos de maneira que o pesquisador julgava consistir-se em estruturas de fogueiras. Tais estruturas, as quais não aparecem nos croquis de perfil estratigráfico, tampouco de plotagens, não precisam ser necessariamente de sítios tão somente relacionados à habitação. Dos sítios por nós pesquisados, do contexto paleoindígena, somente o RS I 66 – Milton Almeida apresenta estruturas de cocção documentadas satisfatoriamente, ainda que tenhamos classificado o mesmo como *híbrido*, isto porque é tanto resultado de ação pós-deposicional (local arqueológico) quanto efetivamente um sítio de ocupação (lugar arqueológico).

Para nosso entendimento, há grandes possibilidades de todos ou a maioria dos sítios da Fase Uruguai tanto no rio Uruguai quanto no arroio Touro-passo, serem resultado de ações pós-deposicionais. Isto quer dizer que tentar estabelecer rotas migratórias a partir dos dados do PROPA, pode corresponder a interpretações equivocadas, tornando-se primordial a aferição em campo destes sítios arqueológicos.

Dentre o total de sítios, teriam sido classificados duas fases cerâmicas e uma lítica, embora o autor destaque ‘[...] à pobreza das amostras cerâmicas e sua obtenção sem evidências estratigráficas’ MILLER (1969:14).

De algum proveito para este estudo, são as poucas referências que Miller destina neste artigo ao ‘Complexo Itaquí’, tão poucas que o trecho pode ser transcrito, MILLER (1969:15-16):

Os sítios maiores localizam-se nas margens dos grandes cursos de água; os menores sobre as coxilhas lindantes e cerros juntos aos banhados. A espessura do refugio não vai além da do próprio líticos. O nível arqueológico pode ser tanto superficial como encoberto por aluviões de até 3m de espessura. As dimensões dos sítios são variáveis, de 500 a 3000m² [...]. Raramente se percebe tênues lentes de carvão nas barrancas. No rio Ibicuí, associados a líticos deste complexo (?), encontramos fósseis de fauna Pleistocênica extinta (Paramilodon ?) [...]. Os artefatos compõem-se principalmente de: raspadores [...], lâminas-faca, facas-raspadores, lascas com evidência de uso, talhadores, pontas-de-projétil, percutores e, em menor número, bifaces [...] e raras boleadeiras [...]. Apesar do estado preliminar das análises, podemos perceber uma grande variedade de pontas-de-projétil, que chama a atenção mais pela conformação do pedúnculo do que pela da lâmina, apesar desta também apresentar formas algumas características e distintas das demais culturas até o presente encontradas no Rio Grande do Sul [...]. As pontas-de-projétil típicas são bifaciais e só raramente ocorrem as monofaciais. [...] Sendo esta uma breve comunicação, ater-nos-emos somente à descrição dos pedúnculos (ou bases) [...]. A presença de líticos como: biface em ângulo obtuso (bumerangóide), raspadores e talhadores, demarcam meridionalmente a existência de alguns artefatos idênticos aos do Altoaranaense de Menghin (1967:19-29) e fase Caaguaçu (Miller, 1968: [...]), e assemelhados aos líticos do Cuaraimense, segundo o que inferimos de Bórmida (1964:105-28). [...]”.

A produção bibliográfica de Miller é condizente com as diretrizes estipuladas pelo PRONAPA e PROPA. Vemos que é marcante o apelo às ciências da terra e ao tipologismo que descreve tipos de materiais, procurando estabelecer associações aos níveis estratigráficos. No entanto, todo o aporte do pesquisador não ultrapassa o fato de indicar a presença humana antiga na região. Fica latente a ausência do menor ensejo em buscar identidades, hábitos, costumes, algum traço que pudesse oferecer um entendimento de como as culturas locais interagiam com as ambiências regionais. Estas lacunas, ao que me parecem são decorrência de dois fatores, do próprio tipologismo do material lítico e da abordagem positivista sobre os sítios (espaços arqueológicos), desconsiderando referências etnoarqueológicas e baseando-se em associações estratigráficas questionáveis.

Uma vez apresentado as estruturas históricas que balizaram os estudos arqueológicos de caçadores-coletores no Estado, destacando-se as primeiras discussões

sobre as concepções de “Tradição”, “Fase”, “Paleoíndio”, “Fase Ibicuí”, “Fase Uruguai” e “Tradição Umbu”, no período pós-PRONAPA, vamos aprofundar estas questões no caso da área do arroio Touro-passo. Apesar de nossa pesquisa ter se iniciado com a perspectiva de estudo de campo também nos sítios paleoindígenas no arroio Touro-passo, mas em virtude do avançado grau de destruição dos mesmos, e por consequência termos redirecionado esta pesquisa para os sítios melhor preservados que descobrimos, faze-se necessário, realizar uma análise com profundidade sobre os documentos primários elaborados por E. Miller. Tais documentos são contrapostos de nossas observações sobre os sítios *in locu* e ainda com o material coletado nestes sítios pelo pesquisador, de tal maneira que possamos comparar o contexto paleoindígena com o contexto caçador-coletor holocênico. Tal relação é inédita, pois para os pesquisadores do PRONAPA-PROPA, esta relação foi negligenciada, bem como por todos os outros interessados pelo assunto, que não pesquisaram os sítios, ou mesmo não importaram em avaliar a presença mais recente desta sociedade na área da pesquisa.

Capítulo 3.

A QUESTÃO PALEOINDÍGENA NO ARROIO TOURO-PASSO.

Apresentamos no capítulo anterior as questões históricas que envolveram a constituição da Arqueologia enquanto ciência em construção, tanto no cenário brasileiro quanto no sul-riograndense. Também traçamos os pressupostos elementares que balizaram a arqueologia de caçadores-coletores no Estado, procurando apontar as metodologias e concepções teóricas que nortearam os primeiros estudos arqueológicos, os quais foram implementados nas pesquisas efetuadas no arroio Touro-passo. Evidenciamos o quão tardio foi o interesse dos arqueólogos em pesquisar a fronteira oeste do Rio Grande do Sul, até então voltados predominantemente para as regiões litorâneas das áreas lacustres ao sul e do nordeste gaúcho. O levantamento bibliográfico sobre a área da pesquisa também evidenciou, conseqüentemente, a ausência de trabalhos específicos sobre os sítios do arroio Touro-passo no período pós-PROPA. No entanto, ressalta-se que é esta ausência de estudos sistemáticos específicos que faz com que a análise das fontes documentais primárias ganhe ainda mais importância.

Neste sentido, consideram-se para este estudo a própria cultura material, que no caso constitui-se em um acervo¹ inédito de vestígios líticos, obtidos mediante coletas superficiais controladas, sondagens e escavações. Utilizamos também do aporte documental do “Programa de Pesquisas Arqueológicas sobre o Paleoíndio, Paleofauna, Paleoclima, do Rio Uruguai, Rio Ibicuí e áreas próximas do Rio Grande do Sul, Brasil”

Os documentos analisados constituem-se de relatórios, fichas de atividades e fichas de cadastro de sítio arqueológico confeccionadas no contexto dos trabalhos do PROPA bem como as fichas de datações radiocarbônicas emitidas pelo Smithsonian. Além da análise dos documentos do Marsul-Smithsonian, estivemos no Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul a fim de registrar amostras do conjunto lítico coletado nos sítios do PROPA no arroio Touro-passo (RS I – 66 Milton Almeida, RS I – 67 Touro Passo (I), RS I – 68 Ribeiro), sobretudo em função de não termos realizado escavações nestes sítios devido ao avançado grau de destruição dos mesmos, e pela inócua presença de vestígios arqueológicos *in locu*.

¹ Os trabalhos de campo foram realizados mediante Portaria n.124 de abril de 2004, com renovação aprovada até 2008, sob nossa elaboração e coordenação, e contrapartida institucional da PUCRS Câmpus Uruguaiana.

Encontramos também uma série de documentos internos, produzidos por E. Miller, referentes às pesquisas arqueológicas do PROPA nestes três sítios do arroio Touro-passo. Trata-se de croquis de escavações, fotos dos sítios e materiais, fichas manuscritas, códigos de identificação de peças, controles de campo dos materiais e níveis estratigráficos. Muito deste material está incompleto e não foi utilizado como documento, mas ilustraram complementarmente os episódios particulares que envolveram as pesquisas de campo de E. Miller. Desvelaram aos nossos olhos talvez mais sobre o ambiente do próprio pesquisador do que propriamente das pesquisas realizadas. Várias fotografias nos servem de fato para compreender melhor uma série de questões, sobretudo com relação a situação ambiental dos sítios arqueológicos pesquisados, nos idos dos anos de 1974. As fotografias, em especial das escavações no sítio RS I – 66 Milton Almeida, por exemplo, justificam uma nova avaliação sobre a relação entre materiais *in situ* e redepositados, bem como uma re-conceituação deste sítio, híbrido em nossa proposta de definição sobre locais e lugares arqueológicos.

3.1. Os sítios arqueológicos nos relatórios do Programa Paleoindígena /1973-1977. (Fichas II- III /III-A/III-B).

Passando a partir deste momento a considerar os relatórios, se faz necessário discorrer sobre a composição dos mesmos e da maneira como organizou-se a análise dos dados. Os relatórios são compostos de 3 tipos de documentos:

- a) Fichas de cadastro com dados pontuais;
- b) Ficha(s) complementares onde Miller descreve as características dos sítios, comenta sobre as atividades desenvolvidas e emite suas impressões sobre a situação dos mesmos com relação ao seu potencial arqueológico e grau de preservação. Ocorre que em alguns casos existem sítios com uma, e até duas, ou nenhuma destas fichas complementares;
- c) Partes textuais dos relatórios de Miller, quando trechos serão transcritos tal como o pesquisador apresenta, principalmente a suas conclusões finais, sobretudo nos relatórios de término das atividades no ano de 1977;
- d) O quarto tipo de documento analisado e com apenas trechos transcritos, refere-se às fichas de datação por Radiocarbono, procedentes do Smithsonian Institution.

As fichas de registro de sítio arqueológico agora analisadas são documentos primários, “produzidos pelo pesquisador” Eurico Miller, coordenador e arqueólogo responsável pelas pesquisas vinculadas ao PRONAPA/PROPA na área de pesquisa. Os documentos foram obtidos mediante visita ao Marsul no ano de 1999. O material consultado apresenta dados objetivos, descritivos e fornecem ao menos, trinta e três² itens de informações sobre cada sítio pesquisado. É com base nestas fichas que foram produzidas o cadastramento no IPHAN, porém há diferenças que serão oportunamente observadas. Optou-se por não realizar a transcrição completa de todas as fontes em função da excessiva quantidade de informações, algumas desnecessárias ou redundantes. Em função disso, optou-se por apresentar os dados considerados mais significativos para a pesquisa, transcrevendo apenas os trechos compreendidos como os mais apropriados para não se perder a originalidade das idéias do autor e a legitimidade documental.

Algumas perspectivas nesta dinâmica podem ser encontradas nos documentos primários relativos a dois tipos complementares de fichas produzidas por Miller, onde o pesquisador expõe em poucas linhas (transcritas parcialmente), pareceres sobre a situação dos sítios na paisagem e atividades por ele realizadas. Em alguns sítios são duas fichas, que serão identificadas pela designação ‘Documento III (A/B), em outros sítios apenas uma. Apresentam-se com dados no cabeçalho com alguma identificação padrão, e um espaço onde o pesquisador apresenta suas observações com letra cursiva. O que difere uma ficha de outra, além de uma numeração própria, quando referentes a um mesmo sítio são basicamente a data de preenchimento e a atividade desenvolvida pelo pesquisador.

Por fim, ainda oriundo da mesma fonte (Relatório final PROPA), partes do texto do relatório final serão apresentados da mesma maneira, realizando-se o parafraseamento das informações no objetivo de sintetizar e destacar as partes consideradas mais pertinentes para este estudo, sem deixar de transcrever os trechos

² Dados completos disponíveis nas fontes consultadas: 1.Sítio, 2.Localidade, 3.Estado, 4.Município, 5.Distrito, 6. Designações anteriores da localidade (ou sítio), 7. Proprietário e endereço, 8. Proprietários anteriores, datas e endereços, 9.Arrendatário ou morador atual, 10.Atitude em relação ao sítio ou pesquisa, 11.Delimitação e descrição do sítio, 12.Área, 13.Espessura, 14. Altura, 15.Vegetação, 16.Água mais próxima, 17.Tipo de solo do local, 18.Tipo de solo dos arredores, 19.Pesquisas ou escavações anteriores, 20.Tipo de cultivo atual, 21.Erosão, 22.Construções, estradas, etc, 23.Possibilidades de destruição, 24.Material arqueológico (enterramentos, artefatos, etc.), 25.Início da pesquisa, 26. Término na pesquisa, 27.Observações (por itens), 28.Referências anteriores (publicadas ou não), 29.Coleção do Museu (nº), 30.Fotos, 31.Desenhos ou material suplementar, 32.Pesquisador (es), 33.Registrado por.

fundamentais sobre propostas, metodologias e resultados da pesquisa efetuada, complementando-se com nossas considerações sobre as informações obtidas na análise documental.

Os documentos analisados que passamos a apresentar fazem parte do Relatório Final – 1977, do projeto “Pesquisas Arqueológicas nos Sítios Paleoindígenas RS-I-69: Laranjito e RS-I-70:Imbaá-1”, com contrapartida institucional do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (MARSUL), com recursos financeiros da FAPERGS, na modalidade tipo Bolsa Especial de Pesquisa-Arqueologia 85/76, nível V – renovação - 2^o, e do Smithsonian Institution, USA – Paleoindian Research – Fund. No. SFC 2-5879.

3.1.1. Relatório Final – 1977.

Projeto “Pesquisas Arqueológicas nos Sítios Paleoindígenas RS-I-69: Laranjito e RS-I-70:Imbaá-1”. Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (MARSUL), FAPERGS, Bolsa Especial de Pesquisa-Arqueologia 85/76, nível V. Smithsonian Institution, USA – Paleoindian Research – Fund. No. SFC 2-5879.

Primeira fase (1972-1973). Responsável: Eurico Theófilo Miller.

Nas páginas iniciais do documento é possível encontrar informações no tocante a questões metodológicas de campo, das quais destacamos algumas situações importantes tanto para as pesquisas da época, como para as atuais. Com relação às questões climáticas desta etapa de campo, Miller argumenta com base bibliográfica e em suas experiências de campo, que o período mais favorável para prospecções e escavações consistiriam nos meses de verão, entre dezembro e março, pela menor precipitação pluviométrica. No entanto, de acordo com os documentos, nesta etapa da pesquisa houve intenso período de chuvas em todo o Rio Grande do Sul, tornando inviável os trabalhos de campo nas barrancas. Nos termos do autor, “Ocorreu no entanto um alto índice pluviométrico em toda a região sul do Brasil e mesmo na área da Campanha do Rio Grande do Sul, [...] prolongando-se por toda a extensão do verão. **Nestas circunstâncias os sedimentos Pleistoscênicos raramente e por poucas horas [...]**” [Grifo meu]. Deste trecho destacamos algo que foi e é freqüente sobre os sítios arqueológicos da área da pesquisa, a drástica ação das águas sobre as condições de preservação dos sítios e as limitações para trabalhos de campo que priorizem a observação das barrancas dos rios e arroios. Diante destas circunstâncias climáticas, o

pesquisador recorria as nascentes destes cursos d'água (principais rios e seus tributários), lamentando-se por esta metodologia restringir em extensão as áreas percorridas, bem como pelas “poucas possibilidades” oferecidas para obtenção de informações arqueológicas.

Esta situação nos remete para uma observação importante. De acordo com toda a sorte de documentos analisados, sejam de caráter primário e mesmo bibliográfico, não há qualquer referência a sítios arqueológicos encontrados em nascentes de rios, sangas e/ou arroios da região. Ainda na mesma página do documento analisado, o autor comenta sobre dois sítios paleoíndigenas situados fora da nossa área de pesquisa, onde foram encontrados restos de fauna e flora extinta: RS-I-50 Lageado dos Fósseis (animal e vegetal); RS-Q-7 Passo da Revolta. Após apresentar os dados relatados, prossegue em seu texto: “Além destes investigamos as seguintes jazidas fossilíferas: [...] Sanga do Salso, animal e vegetal (afl.Quaraí, Uruguiana), [...], Jarau, animal e vegetal”, ou seja, mais dois sítios *arqueológicos* apresentariam vestígios paleontológicos tanto de origem animal quanto vegetal, sendo estes considerados como *jazidas fossilíferas*. Por fim, ao término do relatório de março de 1972 à março de 1973, encontram-se importantes observações que se apresentam com características de conclusões, ao menos parciais. Passamos a transcrever o texto para melhor apreciação, MILLER (op.cit.:05):

-Existem **testemunhos consistentes** do Paleoíndigena na região da Campanha do Rio Grande do Sul-Brasil. As **evidências conhecidas ainda são poucas e estão muito dispersas**. [Grifo meu].

-Os objetivos da 1ª. Fase – outros sítios Paleoíndigenas- não foram atingidos; sendo necessário ao Programa novas tentativas (1 ou 2 anos) com condições pluviométricas favoráveis. Em 1974 não estaremos restringidos ao verão (nosso presente inverno apresenta-se seco e quente, diverso do normal).

Uma apreciação geral sobre este primeiro relatório analisado indica, apesar das incongruências observadas, ao menos duas constatações que se fazem pertinentes. A primeira diz respeito a situação dos sítios na paisagem, considerando a ênfase numa metodologia de análise de barrancas que mostrou-se muito prejudicada pela ação das águas, sejam em decorrência das chuvas e/ou cheias dos rios Uruguai, bem como no arroio Touro-passo. Tampouco são localizados com precisão qualquer dos sítios mencionados. Por fim, o autor considera sem sombra de dúvidas, a existências de sítios do contexto paleoíndigena. Não há qualquer análise tecnológica sobre o material lítico, além da descrição dos ‘tipos’, que forneça argumentos claros para a distinção destas filiações culturais. Há exclusivamente a idéia da associação estratigráfica entre o

material coletado e seu nível estratigráfico, porém, não se encontra uma problematização sobre esta relação, níveis culturais X níveis naturais, ainda mais que em todo o relatório o pesquisador argumente e ressalte os prejuízos para as pesquisas pela ação das águas. Não há qualquer inferência sobre a destruição dos sítios provocada por fatores antrópicos.

3.1.2. Relatório Final – 1977.

Projeto “Pesquisas Arqueológicas nos Sítios Paleoindígenas RS-I-69: Laranjito e RS-I-70:Imbaá-1”. Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (MARSUL), FAPERGS, Bolsa Especial de Pesquisa-Arqueologia 85/76, nível V Smithsonian Institution, USA – Paleoindian Research – Fund. No. SFC 2-5879. Ano: 1974. Responsável: Eurico Theófilo Miller.

No plano de pesquisas do projeto³ “Programa de Pesquisas Arqueológicas sobre o Paleoidígena, Paleofauna e Paleoclima do Rio Uruguai, Ibicui e áreas próximas do Rio Grande do Sul-Brasil”, para o ano de 1974, constavam a justificativa para a elaboração do mesmo, devido aos achados arqueológicos associados a uma fauna pleistocênica extinta, no ano de 1968, durante o 3º. ano do PRONAPA, também pelo desconhecimento arqueológico, paleontológico e ecológico em sentido mais amplo sobre o período. Os objetivos desta etapa do projeto consistiam em: a) localizar sítios paleoindígenas e paleontológicos, associados ou não; b) a partir dos sítios localizados, realizar escavações e coletas. Neste ano (1974), as chuvas não foram ‘totalmente’ prejudiciais as pesquisas, e os resultados foram os seguintes, (Miller, op.cit.:02):

Arqueologicamente localizados três sítios paleoindígenas em Uruguaiana, sendo que um, no arroio Touro Passo, pelas suas características qualitativas e quantitativas, está sendo escavado desde 16/02/74 prolongando-se até 31/03/74. A monta de evidências já alcançada permite adiantar uma reconstituição bastante exata do meio ambiente paleoindígena.

Apesar do pesquisador se referir a descoberta de três sítios paleoindígenas, comenta apenas que um seria localizado no arroio Touro-passo, e não faz mais referência a localização dos outros dois, se no rio Uruguai ou se em outro local no

³ Novamente os profissionais destacados para o projeto consistem em Eurico Miller (arqueólogo-pesquisador principal) Darcy Closs (coordenador de pesquisas sobre paleofauna e paleoclima), Paula Couto e Miguel Bombim (paleontólogos e ecólogos), Hardy Jost (geomorfólogo).

interior do município. Tampouco refere-se a identificação dos sítios descobertos. Neste trecho do relatório também aparecem considerações sobre a paleontologia, ressaltando-se os bons resultados em termos qualitativos e quantitativos sem maiores detalhes, informa sobre a coleta de solo nos sítios arqueológicos, para estudos sedimentológicos, palinológicos, “para aferições climatológicas dos períodos em questão”, por fim anuncia que foram estudados os ‘mecanismos geomorfológicos’ da bacia do arroio Touro-Passo.

Outro trecho que se destaca deste relatório, refere-se aos resultados dos materiais arqueológicos, MILLER (op.cit.:03), “2.1.3. As amostragens dos sítios Paleoindígenas perfazem 2.767 evidências líticas e 114 ósseas, e caracterizam-se pela ausência de pontas-de-projétil [...]. As amostragens dos sítios pré-cerâmicos do Complexo Itaqui, compreendem 2038 evidências líticas, assim distribuídas: [...]”. Encerrando-se as passagens que destacamos neste relatório de 1974, projeta os principais fatores de destruição que ameaçam o patrimônio arqueológico da região. Segundo MILLER, (1974:02):

Várias barragens estão projetadas para futuro próximo no Rio Uruguai e afluentes. Dezenas de importantíssimos e insubstituíveis sítios Paleoindígenas serão encobertos pelas águas. Faz-se necessário então um ‘Programa de Salvamento Arqueológico’ permanente, extenso, intenso com pessoal e verbas suficientes para a extração em tempo das evidências e dados arqueológicos.

Além das barragens, Miller alerta ainda para outras atividades de forte impacto ambiental, conseqüentemente atingindo irremediavelmente os sítios da região, tais como reflorestamentos, terraplanagens, aterros. No entanto, não há em qualquer passagem dos documentos analisados, uma reflexão sobre o impacto causado pelas próprias escavações, e se preservaram blocos testemunhos dos sítios para pesquisas futuras.

3.1.3. Relatório Final – 1977.

Projeto “Pesquisas Arqueológicas nos Sítios Paleoindígenas RS-I-69: Laranjito e RS-I-70:Imbaá-1”. Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (MARSUL), FAPERGS, Bolsa Especial de Pesquisa-Arqueologia 85/76, nível V Smithsonian Institution, USA – Paleoindian Research – Fund. No. SFC 2-5879. Ano: 1975. Responsável: Eurico Theófilo Miller.

O relatório de 1975 se inicia como todos os outros, com a identificação do projeto “Programa de Pesquisas Arqueológicas sobre o Paleoíndio [...]”, e informações complementares que vão do tipo de auxílio financeiro, regime de trabalho e prazo de vigência. Dados que devem ser destacados desta parte do relatório consiste na informação sobre a localização de mais 06 sítios Paleoindígenas, além de 14 já identificados, segundo o autor, na etapa anterior do projeto (1974-1975) e ainda um sítio que havia sido localizado em 1967-68, no Rio Grande do Sul. Nesta parte ainda há informações sobre a realização de ‘testes estratigráficos’, ‘escavações’ e ‘coletas’ *in situ*, coleta de amostragens de carvão para datações absolutas por C14, limpeza e catalogação das evidências arqueológicas (líticas).

O relatório de 1975 aponta que o programa de pesquisas estendeu-se para outras regiões do Estado, com os mesmos objetivos e metodologia: percorrer as barrancas dos rios priorizando a “localização e identificação de sítios Paleoindígenas”. Desta forma, o relatório comenta sobre atividades desenvolvidas no nordeste do Estado gaúcho bem como até as regiões da Depressão Central e do Planalto sul-riograndense. Dentre as considerações que destacam-se para nosso estudo, afirma o pesquisador sobre o nordeste sul-riograndense, MILLER (1975:02):

[...] o nordeste do Estado a região de maior índice pluviométrico contrastando sensivelmente com a Campanha. – por seu provável maior potencial florístico e faunístico, na época Paleoindígena, considerando como hipótese de trabalho, como um reflexo de provável potencial hídrico superior ao da Campanha dentro do mesmo horizonte temporal, e os possíveis reflexos na presença do Paleoíndio na porção nordeste do Estado.

Esta informação parece muito significativa em dois pontos, o primeiro ao considerar a região nordeste do estado, pelas justificativas apresentadas, como a (paleo) paisagem mais adequada ao estabelecimento de caçadores-coletores do período de transição pleisto-holocênica, respectivamente correspondente em temporalidade e ‘filiação cultural’ ao denominado estágio ‘paleoindígena’. Suas justificativas para a afirmação se baseiam além das questões ambientais/ecológicas (recursos hídricos, fauna e flora mais abundantes e variadas), em observações estratigráficas a partir de sucessões de solos considerados a partir do pleistoceno superior semelhantes aos da região da Campanha. Comenta o autor sobre as prospecções realizadas nos rios Pelotas (Bom Jesus), Uruguai (Iraí), Antas (Bom Jesus e São Francisco de Paula), Sinos (Taquara, Igrejinha, Rolante, Santo Antônio) e Maquiné (Osório). Dentre os rios mencionados na

região nordeste, ressalta o pesquisador que os melhores resultados foram obtidos junto ao rio dos Sinos, segundo o próprio Miller, talvez pelo maior conhecimento da região em função de sua proximidade com o MARSUL, o que teria favorecido no acompanhamento mais freqüente do fluxo das águas. Segundo Miller, no respectivo relatório (1975), os sítios arqueológicos Paleoindígenas (tardios) localizados no rio dos Sinos (barrancas), nesta etapa do projeto, foram: RS-S-363 Prainha (Taquara), RS-S-364 Paredão (Taquara), RS-S-365 Pinheirinho (Rolante), RS-S-366 Monge (Santo Antonio da Patrulha), sendo o mais importante o RS-S-363 pela estratigrafia com 5 níveis distintos, além dos ‘testemunhos culturais paleoindígenas’.

Destes quatro sítios mencionados, teriam sido coletados do período paleoindígena 38 evidências líticas⁴ sem associação a fauna pleistocênica⁵.

Sobre a fronteira oeste, onde situa-se nossa área de estudo, o relatório fornece as informações sobre a localização de dois sítios Paleoindígenas em Uruguaiana, sendo eles o RS-I-94 Imbaá 2 e o RS-I-95 Imbaá 3, ambos situados as margens do rio Uruguai, distando entre si aproximadamente 2.500m, em ‘cabeceiras de duas pequenas corredeiras’. Comenta o autor o seguinte sobre estes sítios, MILLER (op.cit.:5), “Nestes sítios o horizonte estratigráfico VIII por sua posição contígua ao nível normal do Rio Uruguai apresentam dificuldades para escavações prolongadas devido a oscilação do nível pelas cheias. No entanto foi possível extrair uma apreciável amostragem perfazendo 153 peças líticas [...]” [Grifo meu]. Novamente se evidencia o comprometimento das relações arqueostratigráficas em função da destruição dos mesmos pela ação das águas, restando ao pesquisador tão somente o conjunto lítico obtido nos sítios. Ao referir-se sobre as pesquisas neste período (1975) no rio Uruguai, pelo que se pode compreender no texto, nas imediações do alto Uruguai, sobre a questão paleoindígena, o pesquisador comenta sobre o achado de mais dois sítios do período correspondente que não alterariam em nada o panorama das informações sobre o Paleoíndio já obtidas nas etapas anteriores do programa.

Novamente referindo-se a região da Campanha, o pesquisador apresenta as seguintes conclusões, MILLER (op.cit.:5):

⁴ A listagem dos líticos considerados paleoindígenas nos sítios apresentados seria a seguinte: 4 talhadores (choppers, chopping-tool), 7 núcleos, 3 batedores, 9 lascas c/ evidências de uso, 15 lascas s/ evidências de uso. Miller (1975, pág. ‘5’), *‘Tipologicamente, os talhadores assemelham-se mais aos pertinentes às fases pré-cerâmicas posteriores, cronologicamente, situadas no nordeste do estado. Isto parece evidenciar um relacionamento uma tradição cultural desde o Paleoíndio até a Tradição Taquara, possuidora também de implementos cerâmicos’*.

⁵ Ossos de animais teriam sido encontrados apenas nos níveis holocênicos destes sítios.

10.1-Na região da Campanha:

Os resultados de 1975 vêm confirmar os obtidos em 1974 quanto: a extensão temporal [...] (13.000-6.000 anos A.C.)-Culturalmente pertencem a uma tradição de lascas e núcleos.-Não eram especializados estritamente na caça à megafauna, e pescavam.-O hábito de acampar prolongadamente junto aos baixios, principalmente ao longo das corredeiras dos rios os aponta também como coletores de moluscos e peixes.

Na sequência do relatório, no ítem 10.2, nos comentários sobre as pesquisas na região nordeste do Estado, Miller estabelece algumas relações interessantes com a região da Campanha e da Depressão Central. Reafirma a presença paleoindígena na região, predomínio de pequenos acampamentos nas proximidades de rios e lagos, e comenta das perspectiva paleoindígena na Depressão Central em oposição a Campanha, MILLER (op.cit.:6):

Em relação a configuração respectivamente da Campanha e da Depressão Central (nordeste) pode-se dizer que dificilmente serão encontrados grandes concentrações de restos líticos Paleoindígenas na Depressão Central. A causa seria justamente a não concentração de caça e da coleta devido a homogeneidade ambiental no tocante ao trinômio, 'água-vegetação-caça, observável na Depressão Central. O oposto se verifica na Campanha; concentrações de sítios arqueológicos Paleoindígenas (e mesmo pré-cerâmicos em geral) devido aos campos limpos e matas de galeria, causando as concentrações biológicas-vegetal e animal- ao longo dos rios, grandes e pequenos.

Ao término do relatório de 1975, Miller faz algumas considerações pontuais. Comenta sobre a inexistência de bibliografia nacional sobre a questão Paleoindígena no Estado, diz que os resultados da etapa de 1974 foram apresentados no México no mesmo ano e prevê para o término do programa, entre 1976 e 1977 mais 3 projetos que seriam: 1) Pesquisas Arqueológicas Paleoindígenas na Campanha (Uruguaiana); 2) Pesquisas Arqueológicas Paleoindígenas no Nordeste do RS; 3) Pesquisas Arqueológicas em Mato Grosso e Roraima.

3.1.4. Relatório Final – 1977.

Projeto “Pesquisas Arqueológicas nos Sítios Paleoindígenas RS-I-69: Laranjito e RS-I-70:Imbaá-1”. Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (MARSUL), FAPERGS, Bolsa Especial de Pesquisa-Arqueologia 85/76, nível V – renovação - 2^o. Smithsonian Institution, USA – Paleoindian Research – Fund. No. SFC 2-5879. Ano: 1976. Responsável: Eurico Theófilo Miller.

Na parte inicial, além de dados gerais como nos anteriores (Regime de trabalho, tipo de bolsa, vigência), o título do projeto apresentado é bem específico: “Pesquisas Arqueológicas nos sítios paleoindígenas RS-I-69: Laranjito e RS-I-70 Imbaá-1”. Apesar dos sítios enfocados neste relatório não estarem na área da pesquisa, considerando-se a importância em estabelecer parâmetros regionais e mesmo interregionais, destacamos algumas informações de maior relevância e contribuição para nosso estudo. Miller discorre sobre os propósitos iniciais desta etapa, que constituiriam-se em atividades centradas apenas no sítio RS-I-70 Imbaá, no entanto este sítio teria apresentado pouco material arqueológico e grande influência das águas do rio Uruguai por estar assentado a apenas 50cm do nível das águas, sendo constantemente enconbertto. Por este motivo as atividades teriam sido estendidas ao sítio RS-I-Laranjito, por este apresentar-se assentado a 100cm positivos em relação ao nível das águas do rio Uruguai, no entanto, mesmo com altitude maior este sítio também teve que ser escavado de acordo com o fluxo das águas. Na sequência de suas observações, Miller descreve a metodologia empregada nos trabalhos de campo nestes sítios. Ressalta-se nesta parte do relatório a seguinte afirmação, MILLER (op.cit.02), “Portanto em RS-I-69 Laranjito existe pelo menos quatro níveis arqueológicos Paleoindígenas⁶”. Esta informação importante carece de maiores interpretações por parte do pesquisador.

Nas considerações finais deste relatório, comenta MILLER (op.cit.: s/n):

10-Conclusões: o estado atual das análises nos permite, apesar de não concluídas, algumas conclusões prévias e parciais, 10.1- Pode-se dizer com certeza que (em áreas ao longo dos sítios arqueológicos RS-I-69 Laranjito e RS-I-70 Imbaá) o homem – o Paleoíndio – já habitava as margens do rio Uruguai há pelo menos 11.000 anos atrás. [...], 10.4- Em sua alimentação participavam pequenos e grandes animais, alguns extintos atualmente. 10.5- Pelos restos carbonizados de amendoas ou sementes, estes Paleoíndios além de caçadores eram coletores. 10.6- A localização dos sítios junto a corredeiras (baixios) afloramentos rochosos e arroios onde abundam os moluscos dulciaquícolos e peixes de toca como o jundiá, cascudo, muçum e outros, permitiria a apreensão e coleta dos mesmos. 10.7- A antiga localização destes sítios junto à confluência de rio com arroio é comprovada pelos sedimentos fluvio-lacustres que preenchem os leitos fósseis (de canais de) arroios extintos ou desviados. 10.8- A caracterização das indústrias contidas nos demais níveis arqueológicos Paleoindígenas só será possível com a retomada e ampliação das escavações em RS-I-69 Laranjito, difícil de

⁶ A afirmação do pesquisador tomariam por base a localização de restos de carvão e ‘artefatos líticos’, oriundos dos níveis estratigráficos mais inferiores da escavação, que teriam atingido 250cm de profundidade, segundo o mesmo, 150cm abaixo do nível das águas do rio Uruguai. Miller fala ainda que evidências arqueológicas, paleontológicas, líticos, ossos e amostras vegetais teriam sido coletadas para exames polínicos, no entanto não fornece nenhuma informação adicional sobre as evidências paleontológicas.

execução devido sua situação abaixo do nível médio do rio Uruguai e a intensa infiltração das águas através de vertentes.

Ao encerrar o relatório de 1976, Miller aponta que outras informações deverão ser acrescentadas após a última etapa do projeto no ano seguinte, de 1977, quando na ocasião do relatório final, outras informações sobre a continuidade dos trabalhos no sítio RS-I-70 Imbaá, por ‘solicitação ⁷e sugestão’ do especialista em Paleoíndio do Smithsonian Institution, Dr. Dennys Stanford.

3.1.5. Relatório Final – 1977.

Projeto “Pesquisas Arqueológicas nos Sítios Paleoindígenas RS-I-69: Laranjito e RS-I-70:Imbaá-1”. Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (MARSUL), FAPERGS, Bolsa Especial de Pesquisa-Arqueologia 85/76, nível V. Smithsonian Institution, USA – Paleoindian Research – Fund. No. SFC 2-5879. Ano: 1977. Responsável: Eurico Theófilo Miller.

Passamos a considerar o relatório final de 1977.

É o documento onde Miller apresenta os resultados gerais de todo o período de implementação do PROPA, apesar de apresentar como título do projeto, não o “Programa de Pesquisas Arqueológicas sobre o Paleoíndio ...”, mas dá continuidade ao projeto anterior (1976), com o título “Pesquisas Arqueológicas nos Sítios Paleoindígenas RS-I-69: Laranjito e RS-I-70:Imbaá”. Na primeira parte do relatório, como de praxe, constam informações gerais sobre a parte administrativa do mesmo. Já na introdução, Miller novamente refere-se a proposta original do projeto de 1976, ter sido direcionado especificamente para o sítio RS-I-70 Imbaá, e que em função de sua pouca altimetria (50 cm ‘+’) em relação ao nível das águas do rio Uruguai, não houve possibilidade de realização de escavações ‘contínuas e sistemáticas’, consequentemente, pouco material arqueológico resgatado. Miller utiliza a expressão ‘pequenas cheias’, para ressaltar a oscilação constante do nível das águas do rio Uruguai. A ampliação do projeto para o sítio RS-I-Imbaá teria sido, portanto, para minimizar os prejuízos à pesquisa de campo, causada pelas águas do rio Uruguai, uma vez que este sítio teria

⁷ Dennys Stanford, Clifford Evans e Betty Meggers, todos do Smithsonian, teriam se encontrado nas dependências do Marsul na primeira quinzena de dezembro de 1976, ocasião em que avaliaram os resultados obtidos nas pesquisas, e sem emitir conceitos sobre as pesquisas no documento analisado, teriam acordado no prosseguimento dos trabalhos (1976, pág.’5’).

maior altimetria. O pesquisador alerta para futuras dificuldades de pesquisas de campo junto ao rio Uruguai, segundo MILLER (1977:02), “Assim, as escavações arqueológicas junto ao rio Uruguai, em estratos contendo evidências Paleoindígenas, constituir-se-ão em empreendimentos de difícil execução, como o estão sendo estes dois sítios Arqueológicos Paleoindígenas.”, e prossegue, MILLER (op.cit.:02):

A retomada dos trabalhos arqueológicos, interrompidos pelas cheias, seja de curta ou longa duração, confronta-se com problemas de ordem científica e econômica principalmente, originados pelas cheias que além da destruição dos estratos geológicos, miscigenam as evidências arqueológicas, nelas contidas. A retomada das escavações, pelos trabalhos ex – trás e períodos de tempo inativos, representam um encargo econômico não previsível e só agora avaliável.

Na sequência do relatório, o pesquisador passa a descrever, no item ‘8’, as metodologias empregadas para os trabalhos de campo, no que condiz já na parte das escavações propriamente ditas. Nos sub-itens 8.5, 8.6, Miller refere-se aos procedimentos de registro e coleta de ‘evidências arqueológicas como paleontológicas de natureza lítica, óssea e vegetal’. A partir do item ‘9’ do relatório, o pesquisador passa a tecer análises preliminares sobre os resultados das escavações nestes dois sítios. Refere-se ao total de 898 evidências arqueológicas paleoindígenas líticas em arenito metamórfico, basalto e calcedônia, discorrendo genericamente sobre o tipo de material obtido. Fala ainda da coleta de alguns tipos de sementes, referindo-se apenas a ‘amendoas’ que teriam sido encontradas junto a focos de carvão, estando estas sementes carbonizadas o que para o pesquisador indica o consumo humano pelo ‘Paleoíndio’. Restos ósseos também são referidos pelo pesquisador segundo MILLER (op.cit.:04), “Apesar de pouco, os restos ósseos de fauna extinta pleistocênica apresentam, em sua maioria, evidências de utilização pelo Paleoíndio, representadas por incisões e entalhes.”. Ainda sobre os vestígios paleontológicos, o pesquisador destaca a importância do achado de “troncos, galhos e folhas”, em antigos arroios extintos, encobertos por sedimentos holocênicos que demonstrariam a ‘ocorrência de mudanças pelo menos geomorfológicas por alterações climáticas.

Encontram-se neste relatório referência a existência de conjuntos de concentrações de focos de carvão que segundo MILLER (op.cit.:04), “as evidências não foram perturbadas ou deslocadas após o abandono do sítio, há mais de dez mil anos atrás.” Estas importantes afirmações não somente contradizem as linhas anteriormente apresentadas, quando o pesquisador refere-se ao prejuízo das pesquisas pela ação das

águas, incluindo a ‘miscigenação’ das evidências. Tampouco o autor confirma a qual sítio ele está se referindo, se ao RS-I-69 Laranjito, ou se ao RS-I-70 Imbaá I. Acreditamos que trata-se deste segundo, em função da depreciação apresentada pelo pesquisador neste e no relatório anterior, em função da pouca ocorrência de material e inconvenientes de um trabalhos de escavação ‘sistemático e contínuo’. No sub-ítem 9.3, Miller então se refere ao sítio RS-I-Laranjito, discorrendo sobre seus níveis arqueo-estratigráficos ‘paleoindígenas’. Segundo o autor consistiriam em quatro níveis paleoindígenas, cada nível com espessura não superior aos 15 cm em que aproximadamente 8cm ocupam os líticos, delimitados um nível de outro por ‘carvão esparso ou aglomerado’. Ainda no sub-ítem 9.3, Miller refere-se ao sítio RS-I-70 Imbaá-I, fala de restos vegetais paleontológicos abaixo dos níveis (ou horizontes) paleoindígenas, a cerca de 15-25 cm destes, estendendo-se horizontalmente a vários metros e verticalmente a alguns centímetros. Na sequência do texto, comenta MILLER (op.cit.:05), “O testemunho de antigos fogões é re-presentado por aglomerados de carvão sobre argila queimada e, contam-se em número elevado: tem aspecto circular não ultrapassando a 100 centímetros de diâmetro”. Não fica exatamente claro se estes ‘fogões’ estariam no nível estratigráfico que Miller comentava. A redação do pesquisador é ampla, genérica e em muitos trechos confusa. Suas conclusões ora partem de observações específicas já na mesma linha comenta sobre achados e vestígios que aparentemente não se tratam do mesmo local. Pela forma pontual em que apresenta suas considerações, fica claro o desejo do autor de ser objetivo na apresentação de seus dados, no entanto, sua forma escrita, seu texto, permeiam-se de frases e parágrafos ora dúbios e prolixos. No sub-ítem 9.4, Miller tece considerações importantes sobre a sequência crono-estratigráfica obtida mediante os resultados das datações por C14 encaminhadas ao Smithsonian (EUA), provenientes destes sítios (ao que se pôde compreender). Apresentamos algumas destas fichas de datação, para MILLER (op.cit: 05) o resultado de suas amostras indicava o seguinte:

9.4- Uma série de 6 amostras de carvão Paleoindígena, obtidas em 1976/1977, permite elaborar uma sequência cronológica, consistente e concordante com a sequência estratigráfica, situadas entre 9.000 e 11.000 anos antes do presente (1950). A consistência destas datações foi reforçada e confirmada (e vice-versa) por outras 11 – datações de outros sítios Paleoindígenas próximos e de mesmas características arqueológicas e geológicas, recentemente datadas.

O penúltimo ponto do relatório final de 1977, faz considerações sobre os sítios RS-I-69 Laranjito e RS-I-70 Imbaá I, no qual comenta MILLER (op.cit.:06), “9.7-O nível Paleoindígena menos profundo (6,80-6,90m) é o mais rico em restos arqueológicos de natureza lítica apresentando evidências concretas, percentualmente de feitura bifacial. Em ambos os sítios esta característica é observável (pontas de projétil e pré-formas bifaciais).

Passamos agora a transcrever o item 10 do relatório final, correspondente as conclusões preliminares. MILLER (op.cit.: 6-8):

10- Conclusões preliminares: o estado atual das análises nos permite apesar de **apenas em nível experimental, algumas conclusões – prévias e parciais**, por não termos elementos suficientes para delimitar e traçar os contornos ou limites (?) e, dentro deles extrair através das escavações, toda a gama de dados – possíveis e necessários e, quem sabe, não previstas pelo inquérito do plano no projeto. 10.1- **Há consistência suficiente, através de datações obtidas em laboratórios criteriosos (C14) nos Estados Unidos da América do Norte (USA) e Japão, para poder – se afirmar que às margens do Rio Uruguai, em Uruguaiana, o homem, aqui denominado Paleoindígena, já exercia suas atividades cotidianas, tomando posse das terras** donde extraia o necessário para o sustento pelo – menos individual. Pelo conjunto de fogões, haveria a constituição de pequenos grupos que formariam pequenas famílias. 10.2- Seriam caçadores, coletores, pescadores, pelos restos de artefatos, flora e fauna (terrestre e aquícola). Os restos ósseos atuais, no sentido arqueológico, de fauna pleistocênica, inclui os cervídeos, como os provavelmente abatidos. **Apesar de restos ósseos de megafauna extinta, nos extratos arqueológicos e geológicos similares, nestes não há evidências claras de abate – processamento (descarne) pelo Paleoindígena,** 10.3- Seus artefatos líticos mais diagnósticos [...] 10.3- Uma das técnicas empregadas é [...] 10.4 – Com exceção da indústria contida no estrato superior [...] ainda permanecem uma incógnita [...] Assim, a **caracterização total dependerá da continuidade das escavações, em sentido horizontal e vertical, prioritariamente em RS-I-69, que, como nos demais sítios Paleoindígenas à margem do Rio Uruguai, são de difícil execução devido a situação abaixo do nível médio do rio e, a intensa – infiltração das águas através de porejo e vertentes.** 10.5- A localização dos sítios paleoindígenas é coincidente através dos tempos com os demais sítios indígenas, ou seja, junto às corredeiras (baixios), afloramentos rochosos e arroios, pela abundância de coleta de moluscos e peixes de toca. A antiga localização é junto de arroio e rio é comprovada pelos leitos fósseis de arroios extintos ou desviados, atualmente preenchidos – por sedimentos holocênios. 10.6- **Apesar dos ótimos resultados obtidos quanto aos itens do plano do Projeto, alguns ainda não estão suficientemente entendidos e/ou não estão plenamente aceitos ou convincentes.** Estas respostas estão sob sedimentos de até 9 metros de espessura, sendo necessário mais escavações. [...]. [Grifo meu].

As partes destacadas em negrito no trecho do relatório final transcrito evidenciam as contradições de Miller sobre os vestígios paleoindígenas em Uruguaiana. Apresenta como garantia de suas observações as datações obtidas, porém as bases

empíricas de suas argüições encontram-se mais nas representações que formulou sobre as evidências arqueológicas encontradas. Na sequência do documento analisado, as palavras finais observadas tratam de informar sobre mais um projeto de ‘salvamento arqueológico’ encaminhado ao IPHAN e ao Smithsonian, com o aceite deste último, o que segundo o pesquisador asseguraria o prosseguimento das atividades.

Por fim, o histórico por nós elaborado a despeito das atividades do PROPA na área do arroio Touro-passo deixa claro a preocupação em estabelecer cronologias e datações, na prospecção superficial e/ou em barrancas de rios e afluentes da região, do tipologismo, da visão de sequência de ocupações, da intrínseca influência de discurso assentado nas ciências de terra, em nada explorando o viés cultural e antropológico, enfim, um quadro elaborado e condizente com sua época, na qual economia e política se interpõem sobre a construção do tipo de conhecimento à ser produzido. Não teríamos outro resultado senão uma pré-história ‘orgânica’.

3.2. Sítios paleoindígenas sem ocupação, ou ‘locais’ arqueológicos.

Iniciamos nossas ponderações sobre os sítios paleoindígenas na área do projeto a partir de um contexto arqueológico que pode ser semelhante ao caso de nosso estudo. Comenta VIALOU (2007:175):

As pesquisas sistemáticas sobre uma centena de sítios mostraram que as jazidas ricas em fósseis de fauna extinta com datações do final do Pleistoceno, área conhecida como *Pampa de los Fósiles*, nunca foram contemporâneas aos sítios de ocupações humanas pré-históricas. As instalações humanas da cultura e do homem de *paiján* (esqueleto de 2 indivíduos datados de 11000 anos) que ocuparam um grande espaço não longe de *Pampa de los Fósiles*, desconhecaram a megafauna local, sucedendo-a no tempo [...].

As referências poderiam ser sobre os sítios paleoindígenas da área do arroio Touro-passo. Uma série de elocubrações enunciadas por Miller reforçavam insistentemente sobre a relação entre megafauna pleistocênica e vestígios culturais antigos, contemporâneos uns com outros. Passaremos a discorrer sobre estes sítios, com base nos documentos primários, secundários mas sobretudo nas observações de campo realizadas no decurso desta pesquisa. Destinamos especial atenção aos sítios RS I 66 – Milton Almeida, RS I – 67 Touro-passo (I), RS I – 68 Ribeiro, todos localizados às margens do arroio Touro-passo.

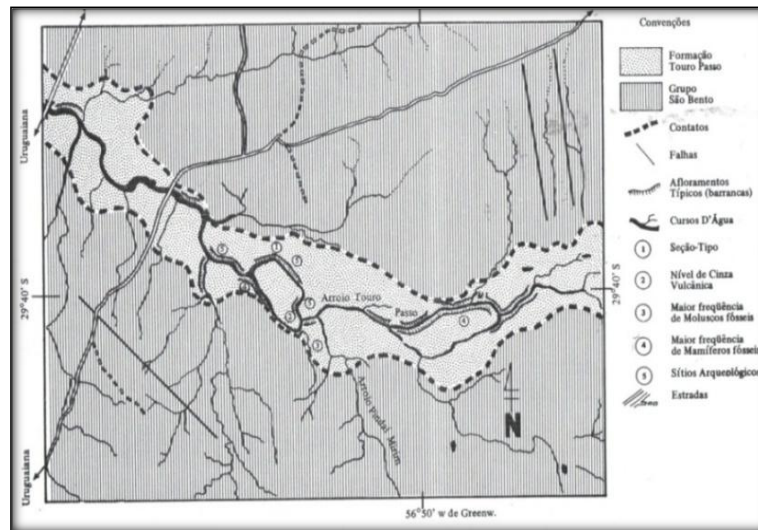


Fig.16. Sítios paleoindígenas no Touro-passo (Escala 1:50.000). BOMBIN (1976:10).

A base mais consistente para a coleta de dados de campo desta pesquisa resultam das experiências que tivemos diretamente na área dos sítios, no arroio Touro-passo, entre os anos de 2000 a 2010, principalmente a partir do projeto por nós elaborado e coordenado, denominado “Estudo dos Sítios Arqueológicos no Arroio Touro-passo: Uruguaiana/RS”. O projeto, previsto para ser desenvolvido em 2 anos obteve portaria IPHAN n.125 em de 06 abril de 2004 à 2006, obtendo licença de renovação até o ano de 2008. Os objetivos iniciais do projeto consistiam em: a) avaliar as potencialidades dos sítios arqueológicos na área da pesquisa, em função dos 30 anos das pesquisas iniciais de Eurico Miller; b) avaliar as relações possíveis entre vestígios arqueológicos (prioritariamente líticos) e paleontológicos (prioritariamente mamíferos fósseis da megafauna pleistocênica). Inicialmente apenas 3 sítios seriam pesquisados, em função da maior parte das referências encontradas nas fontes documentais, indicando suas adequações aos propósitos inicialmente estipulados na pesquisa, são eles: 1) RS I – 66 Milton Almeida; 2) RS I – 67 Touro-passo; 3) RS I – 68 Ribeiro. O projeto previa ainda coletas e escavações para fins de obtenção de novas coleções do contexto paleoindígena, secundariamente prevíamos no projeto a possível localização de novos sítios.

No entanto, já desde as primeiras prospecções verificou-se três situações que chamaram a nossa atenção. A primeira consistia na grande perturbação dos sítios, acarretando em um alto grau de destruição das *estruturas arqueológicas*, entendidas como um ‘conjunto significativo de vestígios’ nos termos de PROUS (1992:26.). De

imediate foi possível avaliar os ensaios bibliográficos e registros documentais do PROPA, elaborados por Eurico Miller, nos quais já se previa a destruição dos referidos sítios arqueológicos. Os fatores de destruição mencionados por Miller se referem a duas formas, os processos naturais como cheias em primeiro caso, seguido de erosão das barrancas, e fatores antrópicos como a construção de barragens e estradas. Ainda assim, tais referências são apresentadas de maneira discreta pelo pesquisador, sem estabelecer uma relação direta com a época de seus estudos, prevendo os impactos ambientais sobre os sítios em eventos ‘futuros’ ao contexto do pesquisador. Também cabe ressaltar que abordaremos os sítios paleoindígenas sobre as concepções de ‘local’ arqueológico. Com o termo queremos nos referir ao fato de que se encontram vestígios, mas sem sinais efetivos de ocupação humana, como daremos o entendimento a seguir. A concepção de sítios arqueológicos enquanto ‘lugares’, se refere ao fato de que nos sítios que nós localizamos, faz-se condizente e efetiva comprovação de ocupação humana (lugar).

3.2.1. Sítio RS I – 66 Milton Almeida - S. 29° 40’ 12” W. 56° 51’ 10”.

Localizado no município de Uruguaiana-RS, na localidade conhecida por ‘Touro-passo’, em propriedade do Sr. Milton Almeida. Considerado ‘paleoíndio-arcaico’, o sítio situa-se “[na] *margem direita do Arroio Touro Passo, lindante a uma corredeira: delimitação imprecisa a leste e norte, ao sul um braço morto do arroio Touro Passo.*”. O ambiente ao seu em torno constitui-se de vegetação de mato ralo e solo do local do tipo argilo-arenoso com pedregosidade nas coxilhas próximas. São descritos a presença de artefatos tais como “bifaces lanceoladas, raspadores, pré-formas bifaciais lanceoladas, facas, raspadores, furadores, pontas de projétil, lascas e lâminas, núcleos, percutores e ossos de fauna pleistocênica extinta.’. A pesquisa foi realizada entre 15/01/74 à 19/05/74. Foram realizados no local ‘cortes e escavações num total de 280m² com mais de 2.000 evidências arqueológicas’. De acordo com a ficha não havia referências anteriores deste sítio e foram produzidos desenhos e fotografias. Não há página de referência no documento analisado.

Há duas fichas complementares sobre este sítio (Fichas III A-B), onde são expostas algumas considerações sobre o mesmo a partir do que deve se tratar de um poço-teste e de considerações sobre escavações propriamente ditas.

Na primeira (III-A), com a seguinte identificação: N.sítio 'I-66', N. de corte 'teste', Nome do sítio e profundidade da escavação 'Milton Almeida - teste a 250cm prof., n. de catálogo 4533. Conforme MILLER (op.cit.:s/n):

Este sítio, situado a margem direita do rio Touro Passo, junto a uma corredeira, em terras de Milton Almeida, foi o primeiro sítio arqueológico do Programa de Pesquisas Paleodígenas, a apresentar características cronologicamente sem dúvida pleistocênicas, no município de Uruguaina. As evidências arqueológicas transpareciam na barranca há 250cm abaixo do topo e a 45cm acima do embasamento basáltico (barranca). Estendia-se em linha horizontal por 6m de extensão. No teste, que abranjeu esta extensão por volta de 60cm barranca a dentro e cerca de 30cm acima e abaixo, além do nível citado, nos demais nada apresentou-se, ou seja o material arqueológico formou um estrato com no máximo 15cm de espessura. As evidências compostas de lascas, tendo na maioria raras evidências de uso, e pré-formas de raspadores e talvez facas (?), apresenta incrustações de CaCo₃ ora em forma de concreções ora em figura de radículas. Alguns líticos soltos, acima desta camada, evidenciam as possibilidades de artefatos nas camadas superiores. Estão densamente concretados com CaCo₃. Estratigraficamente observa-se as seguintes características: 1º. solo umoso cinza escuro com +- 30cm, 2º. Solo quase negro argiloso com algum CaCo₃ na base e com +- 60cm, 3º. solo argiloso cinza escuro com abundante concreções de CaCo₃ 4º. Solo cinza claro com concreções no topo principalmente, pouco argiloso, 5º. Solo cinza claro a palha e base avermelhada com contato com seixos e embasamento basáltico, CaCo₃ em dissolução e algumas concreções. Coletor Eurico Th. Miller data 14/01/74.

Na atualidade este sítio em nada se compara com relação à disposição dos vestígios em estratigrafia, bem como com relação a própria paisagem do sítio. No tocante a questão estratigráfica, a descrição dos solos por sua coloração inflige uma série de alterações que atrelam-se ao momento de sua observação. Períodos úmidos ou de estiagem prolongada alteram significativamente a concepção deste tipo de observação, embora seja um dos recursos passíveis de uso para a definição dos estratos. Ainda assim, é possível encontrar materiais em estratigrafia, sempre após períodos de chuva. No entanto os mesmos não apresentam a concentração relatada pelo pesquisador, e vão sendo redepositados alternadamente ao longo das barrancas.



Fig.17. RS I – 66 Milton Almeida antes da escavação PROPA. MARSUL.

De acordo com as fontes documentais e bibliográficas, esta foi a maior escavação realizada pelo pesquisador nos sítios do arroio Touro-passo, sendo ainda o que demonstrou melhor a presença humana no lugar. Porém Miller não estabelece a relação entre material redepositado e *in situ*, aspectos que se comprovam ao estabelecer parâmetros de observação sistemática sobre a dinâmica ambiental, e que poderiam ser evidenciados complementarmente com análises tecnopológicas da indústria lítica do sítio.



Fig.18. Proximidade das águas. Fonte: MARSUL.

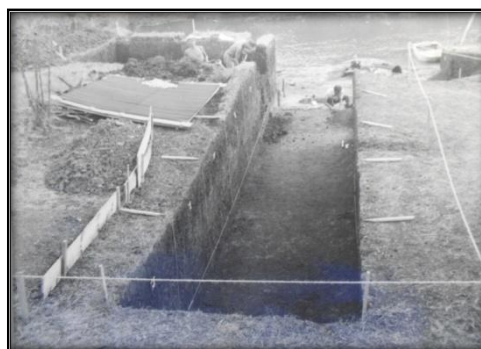


Fig.19. Corte estratigráfico. Fonte: MARSUL.



Fig.20. Escavações no RS I – 66 Milton Almeida. Fonte: MARSUL.

A imagem acima, além de demonstrar o impacto da escavação sobre o sítio, evidencia o diastema entre o que parece ser o membro lamítico da Formação Touro-passo sobreposto por solos holocênicos, representados na imagem pelos solos mais claros e escuros, respectivamente.

Na outra ficha do mesmo modelo (Ficha III-B), que encontra-se na mesma página s/n consultada do referido relatório, apresenta as seguintes informações e considerações: n.º. sítio ‘I-66’, n.º. de corte ‘escavações, nome do sítio e profundidade da escavação ‘Milton Almeida – níveis de 0-390cm prof., n.º. de catálogo 4534 a 4706. Descrição das informações, MILLER (op.cit.:s/n):

As **escavações extensas e intensas** deste sítio tiveram início em 17/02/74 com participação de 8 a 14 operários de Uruguaiana. Estratigraficam, para fins arqueológicos **nos baseamos na descrição de 14/01/74 contida na ficha I-66: Milton Almeida n.4533**. As evidências escavadas após lavadas foram, com etiquetas, postas em sacos de papel e plástico. Sempre que evidente eram inscritas as observações necessárias, nos invólucros, para evitar a confecção de centenas de fichas que se iriam repetir nos detalhes e desnecessariamente. Miguel Bombim retirou uma coluna de solo para exames polínicos. Foram executados medições altimétricas pelo topógrafo Gama do DNER. **Executamos a escavação por quadrículas de 2X2m e de 10 em 10cm, orientando o nível de acordo com a estratigrafia natural**. Os desenhos necessários foram elaborados em papel milimetrado em escala 1:100 a partir de um datum. Maiores detalhes, veja os esboços. **Somente na base do sítio junto ao basalto é que se evidenciaram dois fogões e raros restos ósseos na quase totalidade reduzidos a pequenos fragmentos**. Os trabalhos foram encerrados em 12/5/ __ devido ao frio e cansaço dos operários e chuvas. Coletor Eurico Th. Miller data 14/01 a 12/05/74. **[Grifo meu]**.

Entre o relato transcrito e a imagem que apresentamos na sequência, observa-se que a macha escura evidenciada durante as escavações, sugere a existência pretérita de algum tipo de estrutura de cocção. No entanto, a mesma assenta-se estratigraficamente sobre o membro lamítico da Formação Touro-passo, demonstrada visualmente na imagem anterior. Com isto, o relato transcrito que descreve a existência de ‘fogões’ diretamente na base do sítio junto ao basalto não encontra respaldo entre relato e imagem.

Elementos intrusivos à provável estrutura de cocção, tal como concreções de CaCo_3 , que aparecem no interior da mancha escura, não são comentadas pelo pesquisador. Observa-se na imagem que segue que as concreções de CaCo_3 aparecem em sobreposição direta à estrutura, sem fazer parte do pacote sedimentar. As concreções também mantêm seu aspecto geral sobretudo no tocante a tonalidade esbranquiçada que lhe é característica, sem aparente alteração de cor, decorrência natural do sedimento ao ser exposto à alterações de temperatura concentrada, como no caso de uma fogueira. A ocorrência da formação espontânea de carvão por meios naturais são eventos facilmente observáveis nos solos da região, por nós testemunhado, sobretudo nos solos antigos, como se encontra em BOMBIN (1974:59):

Foram encontrados troncos carbonizados (salix?) Na base dos lamitos da F. Touro Passo, próximo ao diastema com o membro rudáceo. Esta situação estratigráfica de troncos carbonizados, tem sido encontrada repetidamente pelo autor em outras sequências fluviais do Sul do Brasil, (e.g. afluentes do rio Ibicuí-RS) e também por outros autores [...]. Esta maior riqueza em restos orgânicos no sentido da base rudácea, está de acordo com o início do ciclo sedimentar por uma acentuada denudação da área-fonte (KUAL,1971) e, portanto, compatível com clima tendendo à semi-aridez e chuvas concentradas intermitentes (BIGARELLA, 1971).

Na imagem abaixo, observa-se que a disposição da camada de CaCo_3 encontra-se apenas na superfície da macha escura.



Fig.21. RS I – 66 Milton Almeida: macha escura em nível paleoindígena. MARSUL.



Fig.22. Detalhe da mancha escura, RS I - 66 Milton Almeida. MARSUL.



Fig.23. RS I – 66 Milton Almeida. MARSUL.

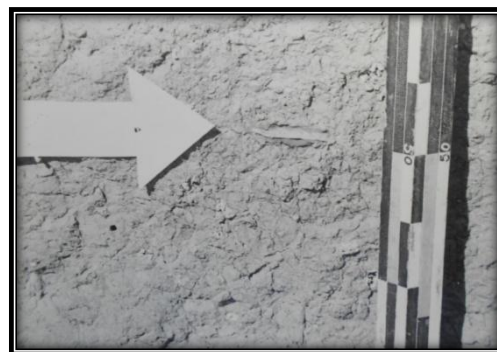


Fig.24. Lítico em estratigrafia. MARSUL.



Fig.25. RS I-66 Milton Almeida: estratigrafia. MARSUL.

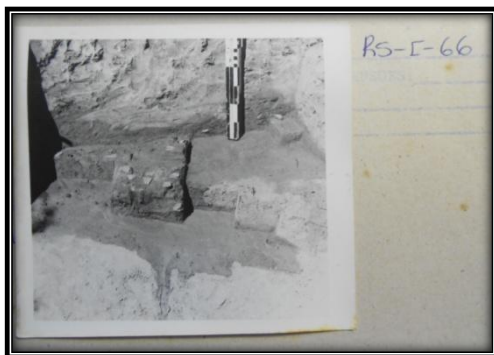


Fig.26. RS I 66 – níveis inferiores. MARSUL.



Fig.27. RS I 66 – líticos. MARSUL.

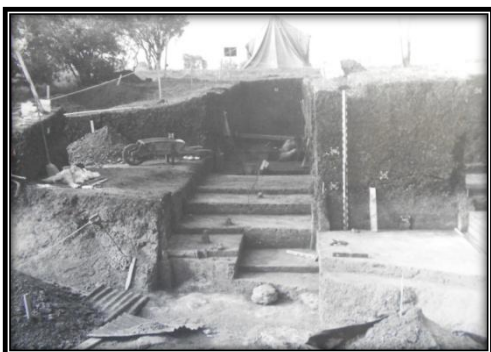


Fig.28. RS I – 66 escavações (a). MARSUL.



Fig.29. RS I – 66 escavações (b). MARSUL.

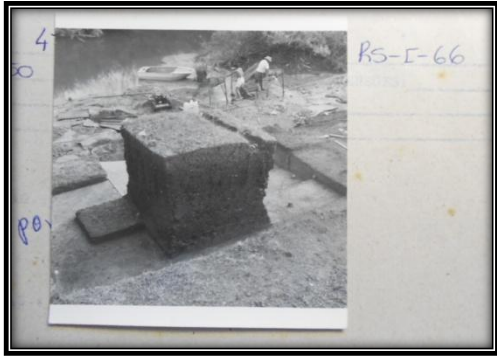


Fig.30. RS I – 66 bloco testemunho. MARSUL.

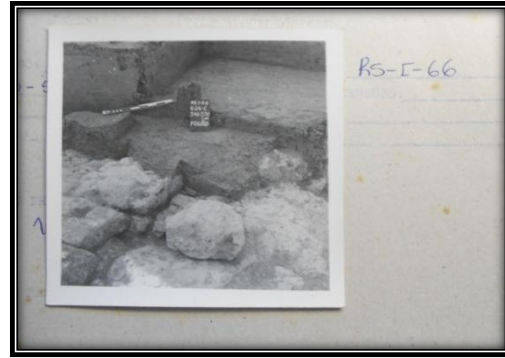


Fig.31. RS I – 66 níveis inferiores. MARSUL.

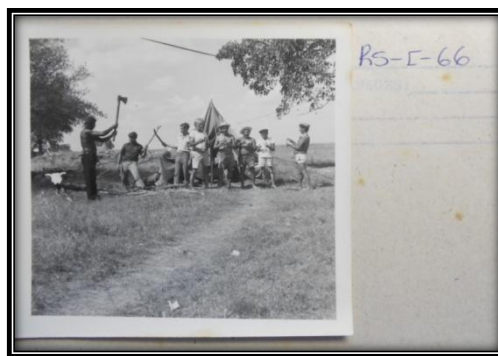


Fig.32. Escavadores no sítio RS I – 66 Milton Almeida. MARSUL.

Quanto ao material arqueológico escavado por E. Miller no arroio Touro-passo, apresentamos amostras da coleção do MARSUL. Porém, é apenas no sítio RS U – Menezes que obtivemos no conjunto lítico, uma variabilidade implementos que podem ser ordenados de acordo com toda a sequência de operações como ilustraremos no capítulo seguinte.

Sítio: RS I – 66 Milton Almeida.

a) Núcleos:



Fig.33. Núcleo sobre seixo (a). MARSUL.



Fig.34. Núcleo sobre seixo (b). MARSUL.



Fig.35. Núcleos poliédricos, vista lateral. MARSUL.

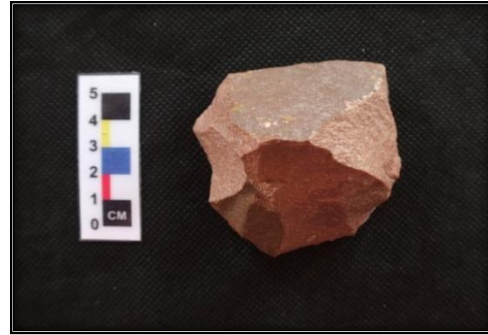


Fig.36. Núcleo poliédrico, vista superior. MARSUL.

b) Lascas:



Fig.37. Lascas com CaCo_3 . MARSUL.



Fig.38. Lascas com retoques. MARSUL.

c) Artefatos unifaciais, bifaciais e pré-formas:



Fig.39. Artefato bifacial. MARSUL.



Fig.40. Fragmentos de pré-forma. MARSUL.



Fig.41. Pontas de projétil. MARSUL.



Fig.42. Pré-formas bifaciais. MARSUL.



Fig.43. Artefatos bifaciais. MARSUL.



Fig.44. Pontas de projétil fraturadas. MARSUL.

d) Artefatos brutos e polidos:



Fig.45. Bloco utilizado como bigorna. MARSUL.



Fig.46. Percutor. MARSUL.

Os registros fotográficos nos servem de parâmetro para se verificar a situação ambiental dos sítios, a metodologia empregada nas escavações, o impacto causado pela própria escavação, as características da coleção escavada, bem como contrapor com os relatórios e publicações apresentadas pelo arqueólogo E. Miller. Serve também para que possamos repensar neste momento sobre o próprio sítio, em seu estágio atual. Foram

inúmeras as prospecções realizadas tanto neste quanto nos demais sítios, constantemente aferidos ao longo dos anos de 2000 à 2010, com acompanhamentos assistemáticos até o ano de 2016.

Há dois fatos que merecem nosso registro. O primeiro se refere ao assoreamento dos sedimentos do sítio RS I – 66 Milton Almeida nas águas do arroio Touro-passo. O processo gerou um recuo na margem que vemos nas fotos, de ordem aproximada de 20 metros, ou seja, os sedimentos revolvidos pelas escavações de Miller, incluindo o bloco testemunho que não foi citado em nenhum trabalho do pesquisador, foram completamente removidos, permanecendo atualmente apenas a base rochosa em basalto exposto. O segundo fato é que ainda é possível encontrar-se, como registrado nas fotos de nossas prospecções, líticos esparsos e em alguns casos, mesmo em estratigrafia. No entanto, a monta de vestígios ao longo da década de observação, revelou momentos episódicos de oscilação na quantidade de material redepositado, e sua redeposição que estende-se por limites que não se restringem a área tradicional do sítio. Isto equivale dizer que os fatores que agiam sobre o sítios, sobretudo por ação hidráulica, como o próprio Miller já alertava, continuou atuando sobre o local, com grau de catastrofismo potencialmente superior ao da época citada. Também o incremento da mecanização dos trabalhos agrícolas, acarretaram a destruição completa do sítio.

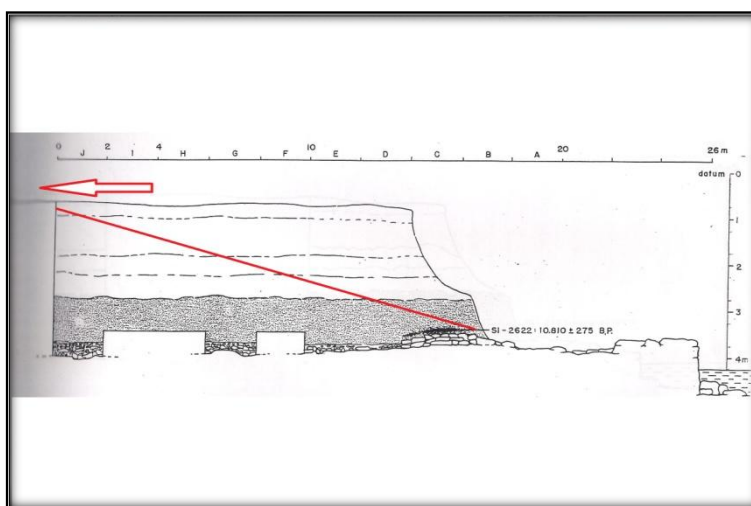


Fig.47. Formação de rampa de erosão RS I – 66 Milton Almeida. MILLER (1977).



Fig.48. RS I – 66 barrancas ao fundo. Gomes



Fig.49. RS I – 66 afloramento basáltico e lítico.

As fotos acima demonstram o recuo da barranca com relação ao nível médio das águas do arroio Touro-passo, e a localização de implementos líticos de toda ordem, em superfície ou em estratigrafia, mas todos redepositados.



Fig.50. RS I – 66 barranca. Gomes.



Fig. 51. Material em estratigrafia. Gomes.



Fig.52. Lixo em estratigrafia. Gomes.



Fig.53. Plástico em estratigrafia. Gomes



Fig.54. Acesso ao RS I – 66 M. Almeida. Gomes



Fig.55. Líticos superficiais. Gomes.

Observamos que o mecanismo hidráulico de destruição do sítio RS I - 66 Milton Almeida consiste inicialmente na formação de rampas de erosão que surgem em decorrência da ação das chuvas, agindo sobre os sedimentos em sentido vertical. Com o aumento do nível das águas, a correnteza atua de forma a carregar os sedimentos erodidos depositados sobre as rampas de erosão, resultando após a estabilização do nível normal, ao surgimento de novas barrancas, estas cada vez mais distantes da margem originalmente escavada por E. Miller, expondo cada vez mais a base basáltica que forma o nível mais inferior e antigo da F. Touro-passo. Todavia, ao passo que a barranca avança sobre o terreno próximo ao sítio, vestígios mais recentes podem facilmente ser encontrados sobrepostos ao basalto, em associações fortuitas com vestígios mais antigos, o que inclui fósseis de fauna pleistocênica.



Fig.56. Sondagem em vertente. E. Razeira.



Fig.57. Líticos submersos. E. Razeira.

A localização deste ponto de concentração de líticos nas proximidades do sítio RS I - 66 Milton Almeida, em situação de assoreamento, é mais um exemplo da dinâmica hidráulica da área do arroio Touro-passo. Podemos entender que, portanto, os terrenos mais altos passaram despercebidos pelas pesquisas precedentes. No caso de Miller, sequer foram cogitados, Milder fará inferências sobre a possibilidade de sítios mais antigos e melhor preservados, ainda encontrarem-se nas partes superiores dos terraços, no entanto, não chegou a comprovar sua teoria, fato que passamos a validar neste momento. Outro fator curioso é o de que, mesmo nas porções superiores destes terraços, como no caso em questão, o material encontra-se rolado e parcialmente submerso, alternando-se com materiais em superfície deslocados para as fendas que se sobressaem dos afloramentos basálticos. Não houve a coleta destes materiais, por se tratar de um contexto novo que requer planejamento e prévia autorização pelo IPHAN.

3.2.2. Sítio RS I – 67 Touro Passo (I): S. 29° 40' 12" W. 56° 52' 20".

Localizado no município de Uruguaiiana-RS, na localidade designada por Touro Passo, em propriedade do Sr. Milton Almeida. O sítio é considerado (Paleoindígena) e é descrito nos seguintes termos, MILLER (1977:s/n), “*Sítua-se à margem direita do arroio Touro Passo numa barranca de 8m de altura, com artefatos sob 8m de sedimentos e o 0,0 m acima do nível das águas normais; delimitação incerta.*”. Cobrindo uma área de +- 300m² e com espessura (que consideramos tratar-se da estratigrafia) de 2,5m, em local descrito com vegetação do tipo mata de galeria e junto a água, o solo do local é do tipo argilo-arenoso, em terras destinadas a pecuária, e a erosão é intensa, com possibilidades de destruição indicadas pelas cheias anuais. Os vestígios arqueológicos descrito são o seguintes, MILLER (op.cit.:s/n), “*totalmente lítico-lascas e laminas com evidencias de uso, núcleos, choppers, raspadores (restos ósseos de fauna pleistocênica).*”. Encontram-se referências a respeito da realização de dois cortes experimentais para averiguação de conteúdo. No campo ‘pesquisador’ completa-se com o nome de Eurico Th. Miller, e no campo data consta como início 4/01/74 e término da pesquisa em 7/1/74.



Fig.58. RS I – 67 Touro-passo (I), rampa de erosão. MARSUL.



Fig.59. RS I – 67 rampa de erosão. Gomes.



Fig.60. RS I – 67 Touro-passo (I): barranca. MARSUL.



Fig.61. RS I – 67 Touro-passo (I). Perfil estratigráfico. MARSUL.

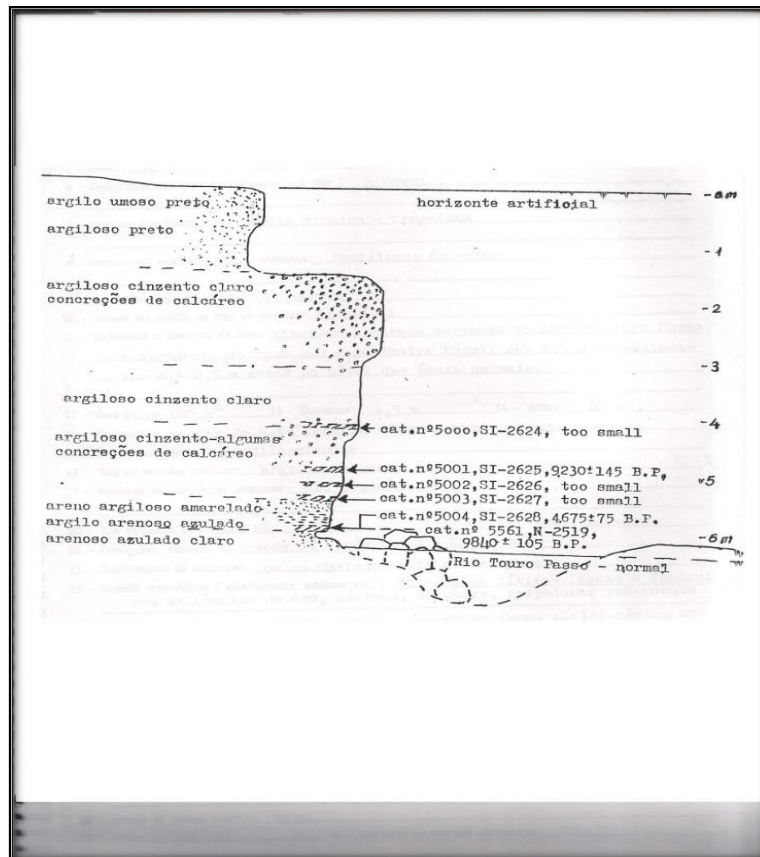


Fig.62. Estratigrafia RS I – 67 Touro-passo (I). Miller (1977).

A descrição das características estratigráficas do sítio RS I – 67 Touro-passo, são apresentadas por MILLER (op.cit.:s/n):

Este sítio situa-se a margem direita do rio Touro Passo. Não há evidências de corredeira natural. Do topo à base da barranca tem-se 630cm de altura. Não se percebe embasamento rochoso. Por essa razão a estratigrafia no sítio apresenta uma camada cinza azulada arenosa contendo fragmentos ósseos de fauna extinta e carvão. Na camada inferior a esta, **há abundância de ramos de arbustos pleistocênicos perfeitamente conservados**. Resumidamente dos 400 aos 630cm há varias camadas com raros líticos lascados e **algum carvão**. De 0 a 400cm são raros os líticos e preferencialmente situados, ou melhor, presos, na camada que contem abundantes concreções de CaCo₃. Nos demais aspectos a estratigrafia é a mesma que em I-66. A vegetação é de campo com matas pequenas e ciliares, a topografia é levemente ondulada com afloramentos rochosos no topo das cochilhas. Coletor Eurico Th. Miller / Data 01/4/74. [Grifo meu].

Localizando-se a meio caminho do sítio RS I 66 – Milton Almeida, o pesquisador não chegou a avaliar se este poderia ter se formado em decorrência dos processos erosivos do primeiro, resultado de arraste fluvial já que as relações espaciais entre ambos sugere esta possibilidade. O provável fator que deve ter feito Miller

desconsiderar esta possibilidade tenha sido sua aparente crença de que todos os fragmentos de carvão disseminados de maneira discordante na estratigrafia se tratassem de restos de fogueira, bem como os ‘raros líticos lascados’ impregnados de CaCo_3 fossem considerados materiais *in situ*. É difícil entender porque o pesquisador desconsidera relações diretas de bioturbação sobre o sítio, uma vez que este encontra-se abaixo de uma vegetação com raízes por ora profundas, e que em decorrência, tornam-se mais um fator de perturbação estratigráfica.

Ainda assim, apesar de definir o mesmo enquanto paleoindígena, a escassez dos vestígios, o processo erosivo e a ausência de perspectivas produtivas para os resultados de uma escavação, mesmo após a realização de “...dois cortes experimentais” (Miller, 1974:s/n), motivaram o pesquisador a não escavar este sítio, apesar da proximidade com o RS I – 66 Milton Almeida. Tais fatores também foram avaliados em nossas prospecções, resultando no entendimento de não intervir no local para, resguardando-se a expectativa de que novos materiais poderiam ajuntar-se no local, por arraste fluvial. Verificou-se como em outros locais que este processo é contínuo, ou seja, há momentos em que nada mais se encontra neste sítio, intercalado por outros nos quais pequenas lascas podem ser sazonalmente agrupadas. Portanto, fora a parede da barranca, nada encontraríamos no interior dos sedimentos. Quiçá material rolado por ventura de outros processos episódicos de redeposição.

Quanto a coleção arqueológica presente no acervo do MARSUL, observa-se a presença de núcleos e lascas, como seguem abaixo ilustrado.

a) Núcleos:



Fig.63. Núcleos com plataforma. MARSUL.



Fig.64. Núcleo com concreções de CaCo_3 . MARSUL.

b) Lascas:



Fig.65. Lascas perfil alongado. MARSUL.



Fig.66. Lascas corticais com CaCo3. MARSUL.

3.2.3. Sítio RS I – 68 Ribeiro: S. 29° 40' 34" W. 56° 51' 25".

Localizado no município de Uruguaiiana-RS, na localidade designada por Touro Passo, em propriedade do Sr. Antonio Ribeiro. O sítio é considerado (Paleoindígena) e é descrito nos seguintes termos, MILLER (op.cit.:s/n), “*Sítua-se à margem esquerda do arroio Touro Passo e apresenta-se como uma casacalheira fóssil sob 2,5m de sedimentos e à 0,5m acima do nível das águas normais.*”. Cobrindo uma área de 100m² e com espessura (que consideramos tratar-se da estratigrafia) de 1,5m, em local descrito com ‘restos de mata latif’, e junto a água, o solo do local é do tipo argilo-arenoso. Não havia qualquer forma de cultivo no local à época do registro, e a erosão é intensa, as possibilidades de destruição são indicadas pelas cheias anuais e barragens. Os vestígios arqueológicos descrito são o seguintes, MILLER (op.cit.:s/n), “*totalmente lítico-lascas e laminas com evidencias de uso, núcleos, choppers, raspadores pré-formas bifaciais lanceoladas, (restos ósseos de fauna pleistocênica extinta).*”. No campo ‘pesquisador’ completa-se com os nomes de Eurico Th. Miller e Miguel Bombin, tendo o registro sido efetuado pelo primeiro, em 26/6/1974.

Sobre este sítio, não encontramos as outras duas fichas complementares (III-A/III-B) do MARSUL, mas somente uma ficha descritiva com a seguinte identificação: n.sítio ‘I-68’, n. de corte ‘em branco’, nome do sítio é Ribeiro – e a ‘Profundidade de Escavação’ é de 0-350cm, n. de catálogo 5155.

O contexto ambiental deste sítio arqueológico, onde o pesquisador associa os elementos estratigráficos e culturais, são apresentados da seguinte forma, MILLER (op.cit.:s/n):

Este sítio situa-se a margem esquerda do rio Touro Passo em uma curva fechada do mesmo onde recebe um afluente que seca na estiagem. Está cercado de mata ciliar e após por campo que cobre as coxilhas rasas que constituem a topografia local. O sítio compreende material ósseo, lítico e carvão acumulado em uma cascalheira pleistocênica. Serve para demonstrar o deslocamento e aprofundamento do leito do Touro passo. Está encoberto por sedimentos argilosos de varias cores contendo CaCo_3 , dissolvido e em concreções. **Parte do sítio já foi erodido e em poucos anos nada mais restará in loco, indo provavelmente formar outra cascalheira.** Maiores detalhes veja croquis e descrição estratigráfica do I-66 e I-69 pois apresenta uma camada ou horizonte estranho aos afluentes do Rio Uruguai onde é comum. Eurico Th. Miller 03/4/74. [Grifo meu].

Localizado pela primeira vez por nossa equipe em 2004. Como no caso dos demais sítios paleoindígenas do Touro-passo, aferimos a sua idêntica situação quanto aos demais, ou seja, o respectivo sítio localiza-se como Miller havia relatado, na confluência do próprio arroio Touro-passo com o Pindaí-mirim. O interflúvio provoca o acúmulo de sedimentos que se redepositam às margens da confluência, trazendo desta forma, materiais arqueológicos e paleontológicos para o local. A sobreposição dos vestígios de ambas as naturezas são de mesmo modo como nos demais sítios, esporádicas e fortuitas. Não há um contexto arqueostratigráfico seguro, passível de garantir uma associação confiável entre resíduos líticos com fósseis. O local já era de conhecimento das equipes de paleontologia da PUCRS Câmpus-Uruguaiana que realizavam a coleta de fósseis. Os relatos de tais associações seriam freqüentes, e sempre com pareceres de associação involuntária.

Até o ano de 2010, encontrava-se no local um bloco de sedimentos redepositados, onde podiam ser vistas lascas incrustadas juntamente com pequenos seixos rolados, ao nível de CaCo_3 da Formação Touro-passo. O lítico também pode aparecer solto, em superfície, ao nível das águas nos momentos de estiagem. Não realizou-se nenhum tipo de intervenção uma vez que não haviam indícios estratigráficos de material *in situ*, e pela ínfima ocorrência de material lítico. Realizamos o acompanhamento sistemático sem que houvesse alterações significativas no quadro ambiental apresentado, conforme pode-se acompanhar de acordo com a oposição entre os registros fotográficos antigos e os atuais, na sequência apresentados.



Fig.67. RS I – 68 Ribeiro, sondagens. MARSUL.

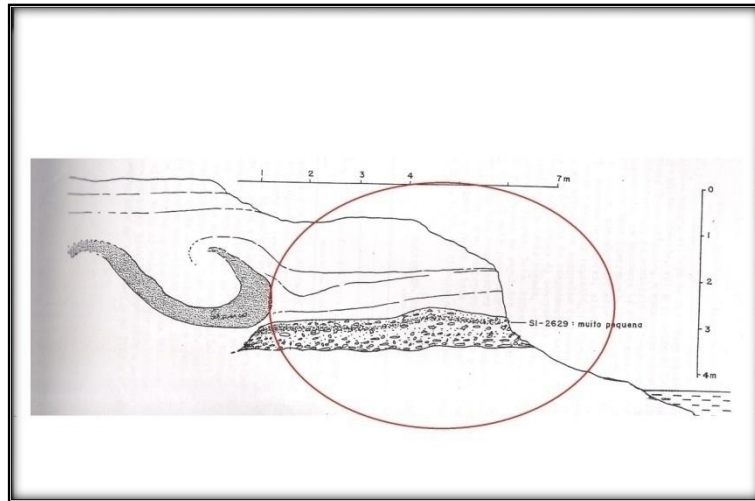


Fig.68. Estratigrafia RS I – 68 Ribeiro. MARSUL.



Fig.69. RS I - 68 Ribeiro. Gomes.

Quanto aos artefatos líticos da coleção do PROPA, observa-se na coleção do MARSUL as seguintes categorias:

Sítio: RS I – 68 Ribeiro.

a) Lascas:



Fig.70. Lascas. MARSUL.



Fig.71. Seixo com depressão circular e incrustações de CaCo3. MARSUL.

A emblemática questão paleoindígena para os sítios do arroio Touro-passo carece, ao nosso ver, de possibilidades frutíferas ao campo do conhecimento dos grupos caçador-coletor do período. A intensa degradação ambiental, em parte oriunda de eventos naturais, em outra parte decorrente do incremento das atividades agrícolas, sobretudo com o desenvolvimento da mecanização do trabalho no campo afetaram os sítios paleoindígenas de tal sorte que reminiscências ainda podem estimular ações de pesquisa, como fora o nosso caso. No entanto, ao se compreender os fatores de distribuição das evidências, a inconstância das situações ambientais que atuam diretamente na disposição dos vestígios arqueológicos, corrobora para a reavaliação das relações custo x benefício em se encampar empreitadas que envolvam logística de grande porte. Os registros apresentados nos indicam a presença de grupos humanos de antiguidade latente ocupando a região. Porém, é somente no sítio RS I – 66 Milton

Almeida que nos aproximamos de um ‘lugar’ arqueológico, sobretudo pelo número mais significativo de vestígios coletados, e por situarem-se depositados no interior dos sedimentos, sugerindo associações com outras estruturas de ocupação, tal como os ‘fogões’ de Miller.

Capítulo 4.

‘LUGARES’ ARQUEOLÓGICOS: SÍTIOS DE OCUPAÇÃO.

Descobrir novos sítios arqueológicos não era o objetivo primordial do projeto que encaminhamos ao IPHAN em 2004. Fazia parte das perspectivas, porém o objetivo principal consistia na retomada dos trabalhos de campo sobre os sítios paleoindígenas, sobretudo os três localizados no arroio Touro-passo.

No entanto, nos deparamos com algumas situações que culminaram numa mudança drástica de enfoque. Os sítios paleoindígenas foram localizados com relativa facilidade, uma vez que contamos com o apoio do Prof. Dr. Édison Vicente Oliveira, na época coordenador do Laboratório de Paleontologia da PUCRS – Câmpus Uruguaiiana, que realizava pesquisas na região, e tinha profundo conhecimento de campo sobre a área do arroio Touro-passo.

Com a constatação do avançado grau de destruição ambiental em toda a área do arroio Touro-passo, o que resultava em situações constantes de redeposição de material lítico com fósseis rolados, as associações estratigráficas encontravam-se irremediavelmente comprometidas. Tal situação manteve-se constante ao longo de todo o período dos trabalhos de campo, e após mais de uma década de acompanhamento destes sítios, um padrão de perturbação foi possível de ser constatado e descrito anteriormente. Ao longo do desenvolvimento do projeto que antecedeu o presente trabalho, ao aferir a perturbação dos sítios, passamos a observar a paisagem e realizar prospecções que visassem sítios melhor preservados, e estes encontrariam-se necessariamente longe das barrancas. Desta forma passamos a aferir diferentes compartimentos topográficos, utilizando-nos de incursões oportunísticas sobre locais não relatadas nos documentos das pesquisas de E. Miller.

Os resultados nos revelaram igualmente uma relativa facilidade na localização de sítios ainda não cadastrados, mas sempre com algum grau de perturbação considerável. Vestígios líticos passaram a ser encontrados em áreas de plantio, próximo a edificações e estradas. Apesar da grande quantidade de sítios dispersos na área da pesquisa, elencamos apenas três para este estudo, justamente o que nos ofereceram as melhores condições de pesquisa, sobretudo por apresentarem o que definimos, com base em PROUS (1992) de ‘estruturas arqueológicas’, ou seja, conjuntos significativos de vestígios, em associações relativamente bem preservadas. Tais sítios são apresentados nesta sequência.

4.1. Sítio RS I - Pindaí-mirim.

Localizado no município de Uruguaiana, entre as coordenadas S. 29° 44' 05" - W.56° 51' 02", nas margens do arroio de mesmo nome, Bacia do rio Uruguai, com extensão estimada de 100m x 30 m largura, com vegetação do tipo campo, a céu aberto e somente em superfície, em terras destinadas ao pastoreio. O sítio RS I – Pindaí-mirim apresenta características de ocupação do período pré-colonial, com estruturas do tipo área de lascamento, e filiação cultural da Tradição Umbu. O fator de destruição identificado foi erosão moderada. Este foi o primeiro dos ‘novos’ sítios arqueológicos localizados nas cercanias do arroio Touro-passo, já em decorrência do projeto “Estudo dos sítios arqueológicos no arroio Touro-passo: Uruguaiana/RS”, de nossa autoria e execução. Os procedimentos contaram com uma longa prospecção ao longo da margem direita do arroio Pindaí-mirim durante o período compreendido entre os dias 12 e 17 de julho de 2004. O método oportunístico foi empregado em decorrência dos objetivos da prospecção visarem apenas atingir a área de interflúvio entre os arroios Pindaí-mirim e Touro-passo, onde localizaria-se o sítio do PROPA RS I - 68 Ribeiro. Não haviam referências bibliográficas, documentais nem por meio de relato das fontes orais que indicassem a existência de vestígios arqueológicos no arroio Pindaí-mirim. As motivações iniciais que nos incitaram a prospectar este arroio desconhecido para a Arqueologia partiram da sua proximidade com o arroio Touro-passo, das características geomorfológicas e ambientais, aferidas por meio de carta topográfica e imagens de satélite. A metodologia empregada em campo consistia em prospecções assistemáticas ao longo das margens do arroio Pindaí-mirim e terrenos próximos. Conforme observado pelos meios visuais digitais e impressos, verificou-se que o referido arroio situara-se na metade sul da carta topográfica, na qual o arroio Touro-passo encontra-se representado ao centro da mesma. Há uma nítida diferença entre os terrenos que situam-se entre sul e norte, pois ao sul existem cotas altimétricas mais elevadas, nas quais são mais abundantes os pontos de afloramentos tanto de arenito nas porções mais elevadas quanto de basalto nas imediações do arroio Pindaí-mirim. Este fato nos apontou previamente para a possibilidade de ocorrência de sítios do tipo oficina, enquanto áreas de coleta de matéria prima, também pela maior altimetria dos terrenos, uma melhor preservação frente aos principais agentes de degradação dos sítios arqueológicos da região, tais como os agentes hidráulicos e agricultura. Em campo verificou-se a existência dos afloramentos rochosos conforme nossas interpretações sobre os recursos visuais consultados, apontando farta disponibilidade de matéria-prima propícia para

lascamento, havendo uma conjugação entre seixos nas partes submersas do arroio e blocos de arenito tanto na estratigrafia quanto em superfície. Sobre estes afloramentos em pedimentos de encosta observa-se com facilidade a dispersão de materiais líticos, sobretudo nas feições que voltam-se para o interior dos terraços. Porém, é nas margens do arroio Pindaí-mirim em afloramento rochoso sob terreno de campo limpo, pouco inclinado e sobre um desnível das águas variante entre 1,50m à 2,00m que encontra-se uma concentração mais consistente de vestígios, tomados neste estudo pela concepção de estrutura arqueológica, e por isto, identificado como sítio arqueológico de ‘ocupação’, ou um ‘lugar’ onde outrora, caçadores-coletores ocuparam-se em explorar os recursos do meio, realizando a redução inicial aplicada sobre blocos e seixos, resultando em núcleos e lascas enquanto resíduos tecnológicos destas ocupações.

Diferentemente dos sítios do PROPA localizados no arroio Touro-passo, os quais permanecem imersos em boa parte do ano por ocasião das cheias, sendo composto essencialmente por materiais redepositados em decorrência de arraste fluvial, o sítio RS U – Pindaí-mirim situa-se em terreno firme e elevado, sobre pavimento rochoso que impede ou diminui tanto o deslocamento horizontal quanto vertical do lítico. O fluxo das águas neste arroio parece ser menos intenso se comparado ao do arroio Touro-passo. Desta forma, os deslocamentos provocados por ação hidráulica de origem fluvial e/ou pluvial, atuam de maneira menos intensa sobre o terreno do sítio. A pouca declividade do terreno corroborado com a superfície irregular do mesmo também evita que a ação eólica atue de forma a alterar as estruturas arqueológicas presentes no sítio. A vegetação rasteira e escassa ao passo que também diminui os deslocamentos involuntários do material, tornam-se pouco atrativos para o pastoreio do gado, e praticamente impedem qualquer tipo de cultivo. O fator de destruição mais atuante neste sítio é a erosão, relativamente branda.

Os elementos apresentados que corroboram para a relativa preservação do sítio se contrapõem ao interesse do artesão pré-histórico em ocupar o ‘lugar’. O mesmo fluxo das águas brandas mas permanentes do sítio, associado ao repleto fornecimento de matéria-prima tanto em arenito e seixos captados nas porções superiores do terreno, quanto em basalto nas porções inferiores, junto às águas, forneceram assim condicionantes atrativas para a ocupação esporádica.



Fig.72. Curso inicial do arroio Pindaí-mirim.



Fig.73. Curso médio do arroio Pindaí-mirim.



Fig.74. Arroio Pindaí-mirim, barranco.



Fig.75. Arroio Pindaí-mirim, processo erosivo.

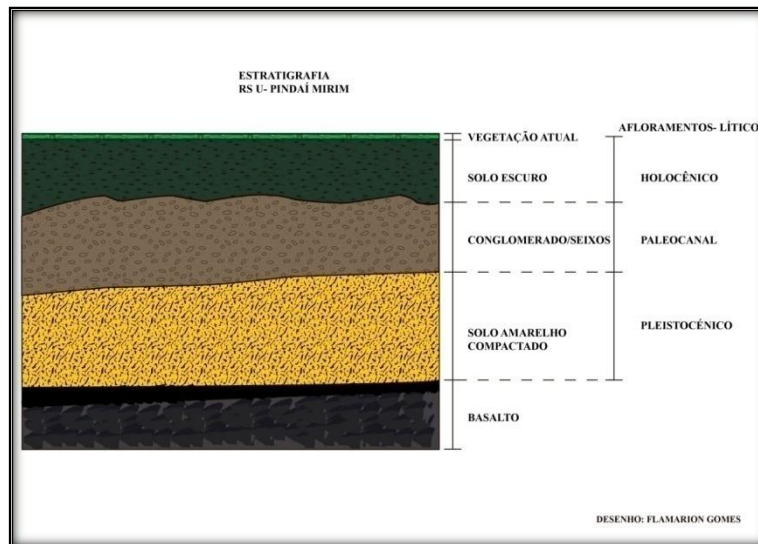


Fig.75. Sítio RS U – Pindaí-mirim, modelo litoestratigráfico informal. Gomes.



Fig.76. RS U – Pindaí-mirim: pavimento rochoso regular. Gomes.



Fig.77. RS U – Pindaí-mirim: pavimento rochoso irregular. Gomes.



Fig.78. Forma de relevo com feição residual, arroio Pindaí-mirim. Gomes.

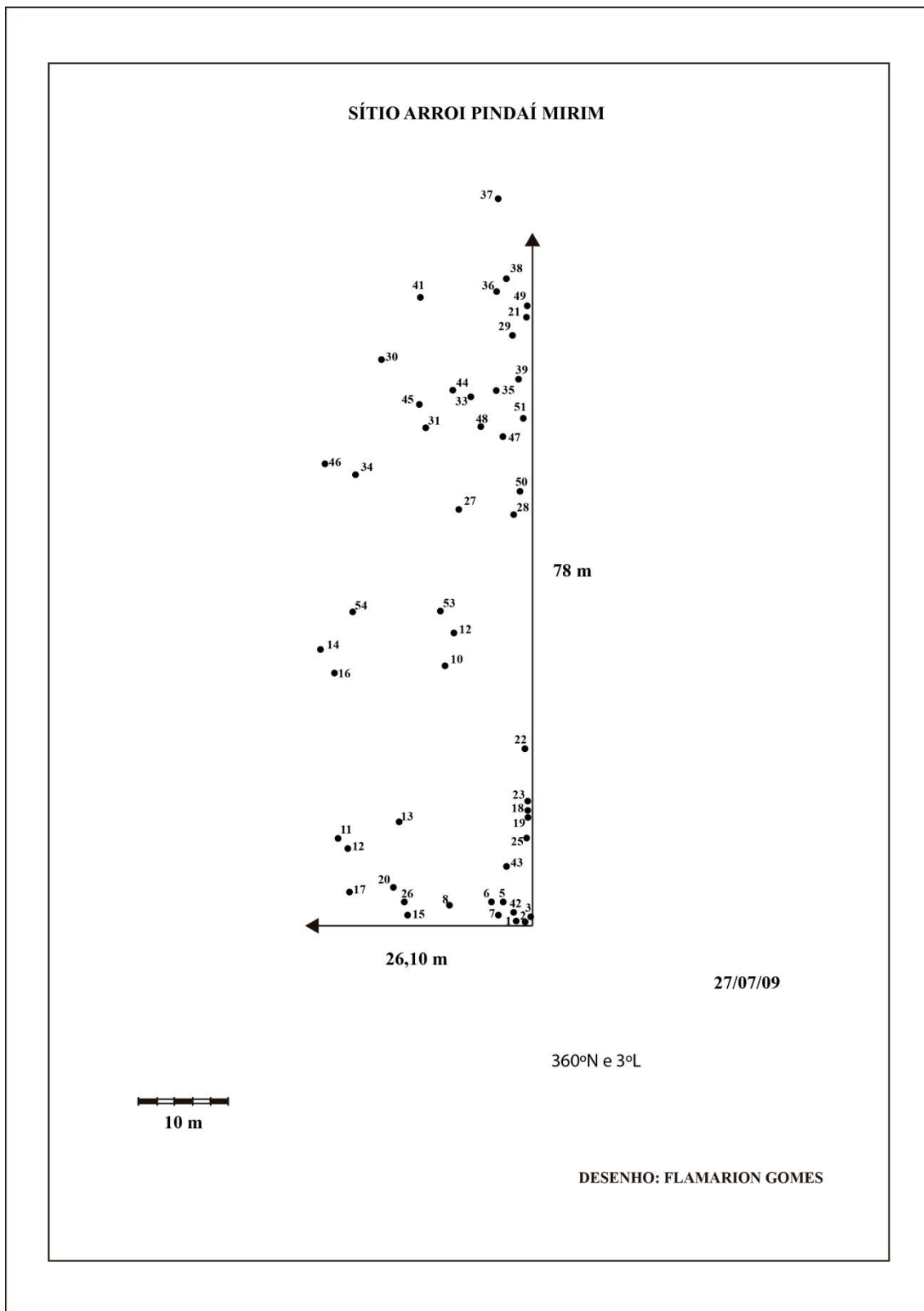


Fig.79. RS U – Pindaí-mim, coleta superficial sistemática.



Fig.80. RS U - Pindaí-mirim, núcleo sobre bloco em superfície. Gomes.



Fig.81. RS U – Pindaí-mirim, implementos líticos com pátina. Foto: Gomes



Fig.82. RS U – Pindaí-mirim, núcleo poliédrico ‘rolado’. Gomes.

4.2. O sítio RS U – Menezes.

Localiza-se no município de Uruguaiana, entre as coordenadas S:29° 40'48.3" – W:56° 51'38.5", nas proximidades do arroio Touro-passo, em terras utilizadas para pastoreio, com vegetação de campo aberto, pré-colonial, tipo oficina/acampamento, em superfície e estratigrafia. Filiação cultural pertencente à Tradição Umbu, com fator de destruição imediato as atividades agrícolas e estado de preservação entre 25% à 75%.

Este sítio foi localizado no ano de 2004 em função das atividades do mesmo projeto já referido na descrição do sítio RS U – Pindaí-mirim, o qual coordenávamos. A metodologia empregada em campo seguiu-se de prospecções assistemáticas entre planície de inundação e pedimentos de sopé e encosta, tal como fora empregado para a descoberta do sítio no arroio Pindaí-mirim. O procedimento contrasta com a metodologia pronapiana que focava exclusivamente as barrancas de rios e arroios caudalosos.

A partir das primeiras evidências líticas roladas, encontradas em planície de inundação, a equipe do NUPA-PUCRS-Câmpus Uruguaiana foi organizada de modo a cobrir sistematicamente os pontos mais elevados dos terrenos, constatando-se o aumento de material e sua concentração já em pedimento de encosta, em terras lavradas por arado mecânico. Estipulou-se um ponto zero (P.0.) junto à um amontoado de pedras recolhidas do campo pelos agricultores da propriedade rural, tornando-se assim, uma referência visual nítida e permanente para a exata localização do sítio arqueológico, que denominou-se RS U - Menezes.

Ainda nesta primeira etapa das intervenções no sítio RS U- Menezes, após a estipulação do P.'0', prosseguiu-se ao estendimento de duas linhas transversais a partir do eixo central do P.'0' sob as coordenadas geográficas já referidas, estendendo as mesmas até onde os vestígios superficiais paravam de aparecer ou tornavam-se esporádicos, o que ocorreu por aproximadamente 50m a partir do P.'0' nas quatro direções (norte-sul-leste-oeste). A extensão padrão foi adotada nesta metragem, sem realizar um fechamento da área em virtude de se desconhecer a extensão real do sítio em estratigrafia. O terreno onde encontrou-se o sítio se destinava ao plantio de arroz resultando em grande perturbação estratigráfica. A expectativa que restava-nos consistia em observar possíveis variações no emprego das tecnologias líticas empregadas sobre os vestígios líticos, e alguma fácies melhor preservada entre os sedimentos que poderia indicar sucessão de ocupações mais definidas, por exemplo. A disposição do plano de intervenção (coletas superficiais, sondagens, escavações) originou uma figura

geométrica em forma de cruz (+), demarcada com alinhamento de barbante fixado em solo por meio de estacas de metal (piquetes). As linhas foram orientadas por meio de bússola, nível topográfico, GPS e da carta topográfica. O terreno do sítio ficou dividido em quatro 'setores', dois ao norte em sentido às águas do arroio Touro-passo, nas porções mais inferiores do terreno (pedimento de sopé, planície de inundação) denominados setor A e A2, estes separados pelo alinhamento do traçado. Na metade sul do terreno do sítio denominamos setores B e B2, também separados pelo alinhamento estendido.

Observou-se que a maior dispersão de material, ainda sem remoção da vegetação superficial, encontra-se entre A2 e B2 (sentido leste do P.'0'), principalmente em B2 (porção mais elevada do terreno), como segue no exemplo apresentado na sequência [croqui das sondagens]. Todos os quadrantes (A,A2,B,B2) estão na parte mais ao norte da coxilha, onde os ventos oriundos do sul são parcialmente barrados pela própria elevação do terreno. Desta forma, além da coleta superficial sistemática, com plotagem 'x'-'y' no setor B2, em cada ponto final das linhas estendidas realizamos a abertura de poços-teste para fins de averiguação de materiais em estratigrafia e em qual parte dos setores ofereceria melhores resultados para uma escavação. Foram plotados 62 pontos de coleta superficial nos setores A2 e B2 (porção leste do terreno do sítio), sendo que em cada ponto foram recolhidos, ocasionalmente, mais de um lítico em função da proximidade entre os materiais. Com a abertura dos poços-teste (P.T.), com profundidade de até 50cm, verificou-se que aos 10cm de profundidade a ocorrência mais freqüente de material lítico correspondia a lascas pequenas de arenito. O material não apresentava a pátina enegrecida do óxido de manganês presente nos vestígios paleoindígenas do rio Uruguai, tampouco as concreções de CaCo₃, típicas destes sítios pleistocênicos da Formação Touro-passo, que em associação com as ponta-se-projétil encontradas nos trabalhos de escavação ocorridos posteriormente, configuraram o sítio à filiação cultural denominada Tradição Umbu.



Fig.83. RS U – Menezes. Gomes.



Fig.84. RS U – Menezes. Gomes.

Com a retomada das pesquisas de campo no verão do ano seguinte de 2005, a segunda etapa dos trabalhos no sítio visava a realização de escavações propriamente ditas, já com os dados obtidos pelas sondagens e coletas sistemáticas que indicavam a maior concentração de evidências líticas na parte mais alta do terreno (setor B2), e em estratigrafia perturbada. O retorno ao sítio passou a ser realizado por acesso de estrada, localizando o P.0. que havia sido plotado por GPS. Também havíamos demarcado o local exato do P.0. com uma estaca plástica. Procedemos a instalação do equipamento (nível topográfico) para medições do terreno e delimitação da área do sítio.



Fig.85. RS U – Menezes, ponto '0'.



Fig.86. Demarcação dos 'setores' e 'quadrantes'.

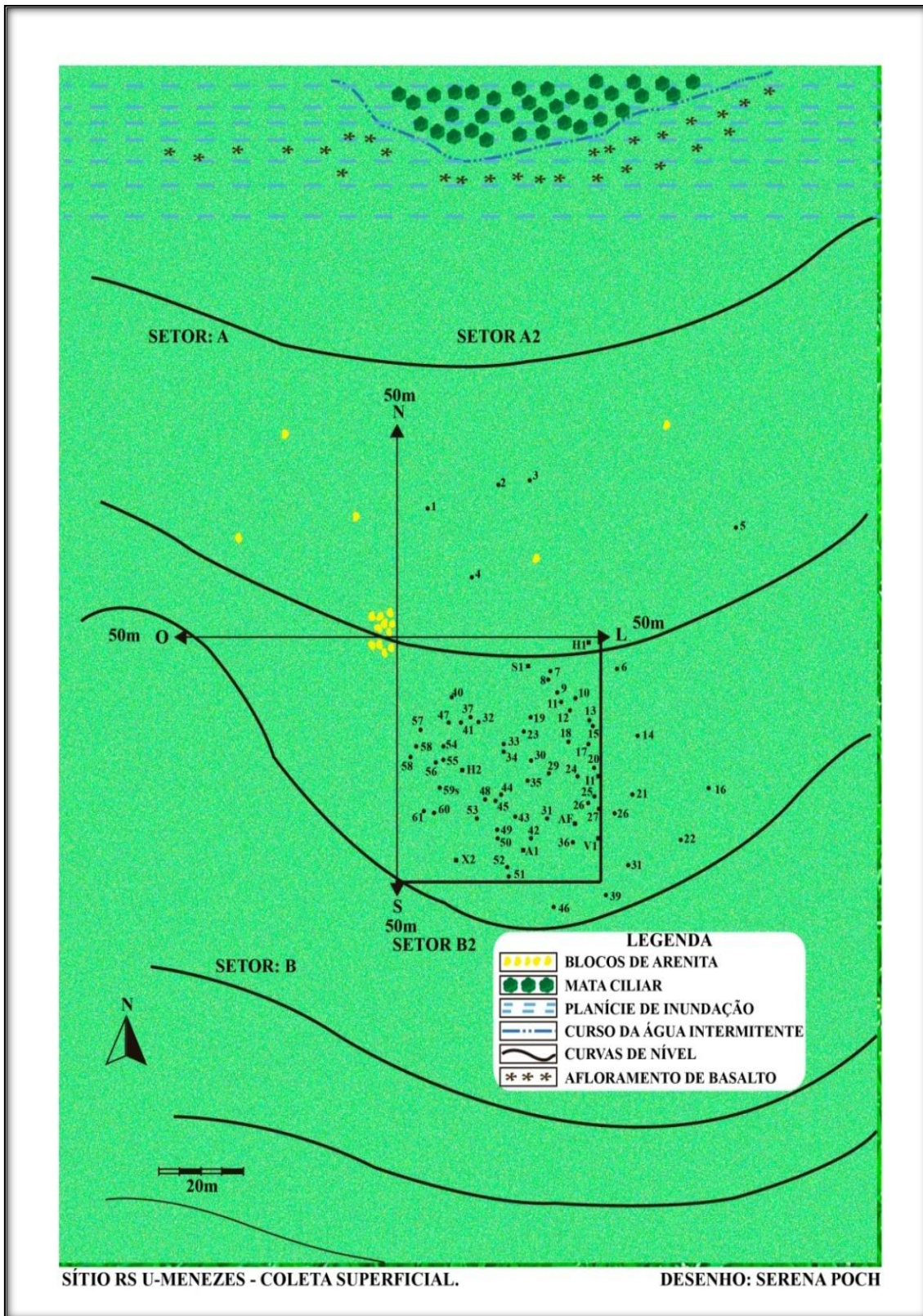


Fig.87. Demarcação do terreno do sítio RS U – Menezes, setores ‘A’ e ‘A2’; ‘B’ e ‘B2’. S.Poch.

Os pontos numerados na imagem indicam a coleta superficial, e o polígono, o setor escavado.

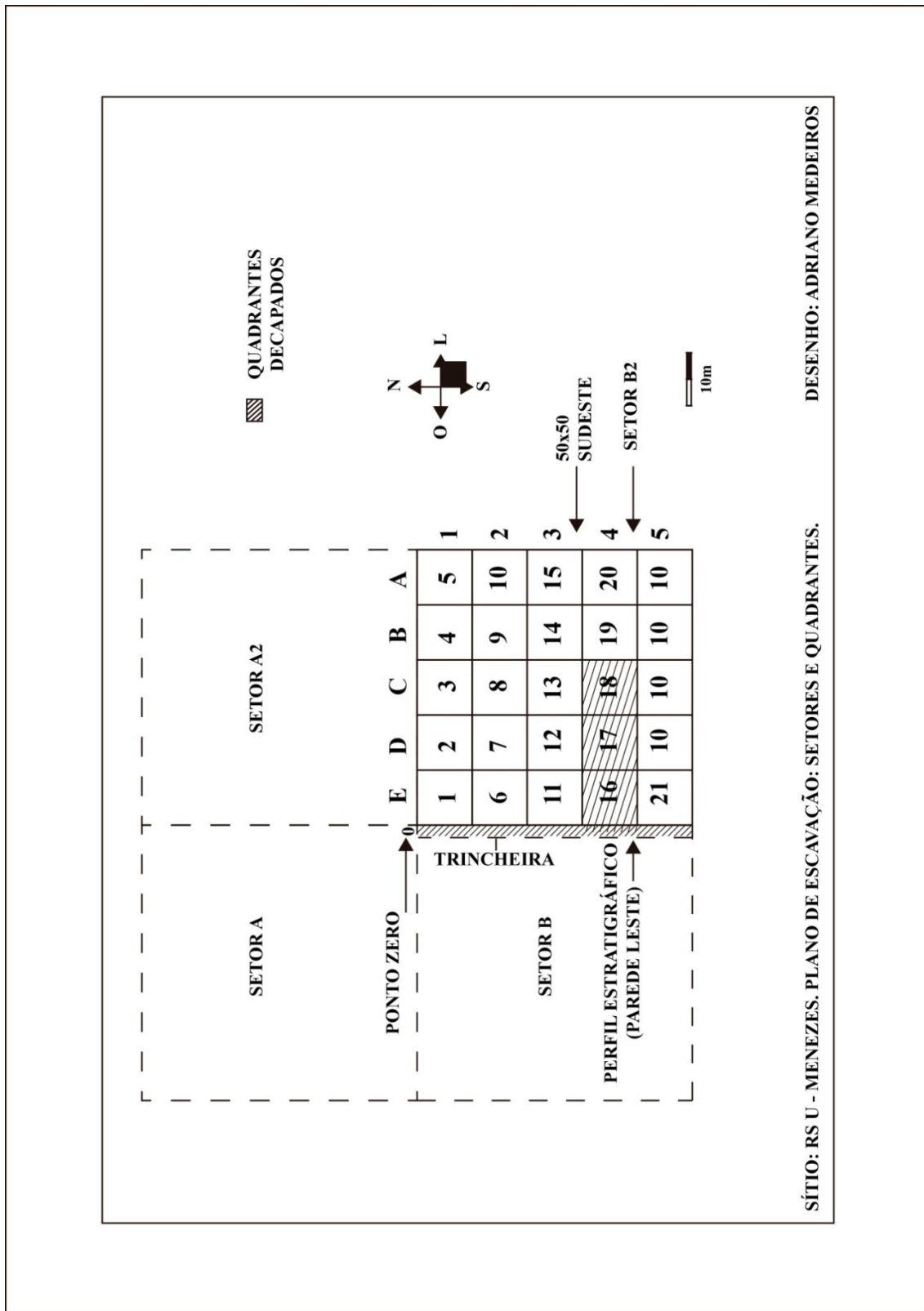


Fig.88. Plano de intervenção no sítio arqueológico RS U – Menezes.

Do ponto zero, estendeu-se novamente as demarcações anteriores, ou seja, as linhas de 100m de extensão em sentido norte-sul e leste-oeste, cortadas entre si em 50m no eixo central onde instalara-se o P.‘0’. Demarcou-se no terreno os quatro setores identificados como A, A2 e B, B2, sendo que os quadrantes localizados em A, situam-se ao norte e os quadrantes localizados ao sul correspondem a ‘B’. Após a recomposição dos setores (A,A2,B,B2) do terreno do sítio, com o estabelecimento do P.‘0’ foi realizado nesta segunda campanha de campo o estendimento de uma malha de quadriculamento sob forma de ‘quadrantes’ (10x10m). Cada quadrante do setor B2 recebeu uma identificação independente, a partir tanto de uma referência numérica quanto das letras do alfabeto, desta forma foram estipulados 25 quadrantes, dos quais apenas o 16 (E4), 17 (D4), 18 (C4) foram efetivamente escavados.

Antes do início da decapagem nos quadrantes, realizou-se a demarcação de um trincheira de 25cm de largura por 50m de extensão, perfazendo toda a extensão da linha estendida em sentido sul, partindo do P. ‘0’ dividindo os setores ‘B’ e ‘B2’, com profundidade média de 30 cm. Esta trincheira foi fundamental para definir o setor mais próspero, também o quadrante mais importante, indicando-nos as profundidades, a camada estéril e as camadas arqueológicas bem como os níveis naturais preliminarmente avaliados nas sondagens das primeiras prospecções. A terra removida da trincheira era depositada imediatamente ao lado de onde havia sido retirada, evitando a mistura de solos de uma parte ou de outra da escavação e permitindo uma boa clareza no processo de evidenciação das estruturas arqueológicas e uma boa afluência para o trânsito dos pesquisadores, sendo redepositada no mesmo lugar de origem após o término dos trabalhos.



Fig.89. P-‘0’ trincheira. Foto: Gomes.



Fig.90. Demarcação da trincheira. Gomes.



Fig.91. Decapagem da trincheira.



Fig.92. Perfil estratigráfico, solo antropogênico.



Fig.93. RS U – Menezes. Bloco em estratigrafia, 2004.



Fig.94. Bloco em superfície, 2016.

A estratigrafia na área escavada está composta por quatro níveis.

*Nível superficial: coberto por vegetação rasteira, onde apareceu grande quantidade de material;

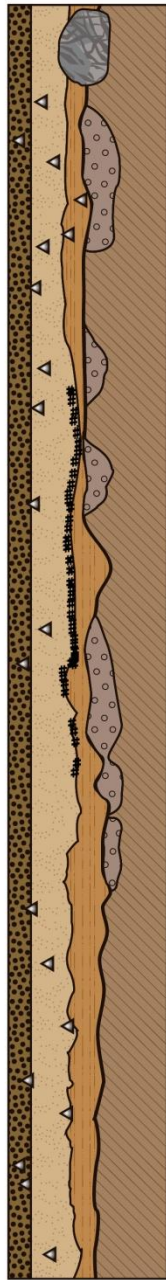
1º. Nível: terra de cor marrom escura, com espessura irregular em conformidade à inclinação do terreno, estendendo-se de forma contínua. O material arqueológico encontra-se presente em grande quantidade, da superfície aos 11cm de espessura deste sedimento;

2º. Nível: terra arenosa de coloração mais clara, acompanha toda a extensão do terreno, com a ocorrência de material arqueológico entre 5cm à 23cm de profundidade;









3º. Nível: sedimento pigmentado, de coloração alaranjada decorrente da decomposição do arenito, oscila entre os 20cm aos 29cm de profundidade. Contém material arqueológico ocasional, intrusivo das camadas superiores ao sedimento, em decorrência provável da pressão exercida pelo trânsito de maquinário agrícola;

4º. Nível: solo argiloso com seixos isolados, sem material arqueológico associado.

SÍTIO RS U-MENEZES. NÍVEIS ESTATIGRAFICOS TRINCHEIRA QUADRANTE 16 OU E4. (PAREDE LESTE)



LEGENDA

-  TERRA MARRON -ESCURO (1º NÍVEL ARQUEOLÓGICO)
-  TERRA ARENOSA (2º NÍVEL ARQUEOLÓGICO)
-  ARENITO EM DESCOMPOSIÇÃO E PIGMENTAÇÃO LARANJA (3º NÍVEL ARQUEOLÓGICO)
-  ARENITO
-  BLOCO ARENITO
-  SOLO ARGILOSO COM SEIXOS
-  LÍTICOS
-  CARVÃO

DESENHO: FLAMARION GOMES

Fig.95. Perfil arqueostratigráfico do sítio RS U – Menezes.

Indica-se na legenda ainda 4 elementos consorciados ao perfil litoestratigráfico informal: a) fragmentos de arenito, b) bloco isolado de arenito, c) líticos e d) carvão.

A composição estratigráfica do sítio RS U – Menezes é bastante simples, e difere do modelo arqueostratigráfico da Formação Touro-passo de BOMBIN (1976) bem como da variação do modelo revisto em MILDER (2000), ambos já apresentados. Vale recordar que a localização do sítio RS U – Menezes encontra-se dentro da abrangência da chamada ‘área tipo’ definida por M. Bombin. A formação básica evidenciada nos trabalhos de escavação consiste em um solo escuro (terra preta) decorrente dos compostos orgânicos da área de plantio atual, compondo um pacote sedimentar de aproximadamente 11cm de espessura, alternando-se para um solo mais claro, com uma terra arenosa predominante entre 5 à 23cm de espessura. Logo abaixo do nível mais claro, compondo o que seria um 3º. nível, encontra-se a superfície um solo mais compacto de pigmentação alaranjada, podendo ser decorrente do arenito em decomposição da formação Botucatu depositado sobre um último sedimento perfazendo a 4º. Camada, onde predomina um solo argiloso e úmido, depositado sobre a pavimento rochoso da encosta.

No interface entre estas duas camadas mais profundas foram localizadas lentes de manchas pretas que se assemelham em cor, textura, densidade e formato a resíduos de carvão. Todavia não foram encontrados fragmentos maiores que tornasse possível uma identificação do material em função da umidade do solo encontrada à esta profundidade. Não descarta-se que seja solo antropogênico, ainda que não tenham sido evidenciados nas escavações marcas ou sinais de estruturas fixas tais como marcas de estacas no solo ou restos de alimentação. No entanto, as machas pretas localizadas sugerem uma associação com rochas naturais recobertas por sedimentos recentes, associado a lascas de arenito, formando um ponto de concentração que parece corresponder ao solo de ocupação. Apesar dos impactos ambientais, o sítio arqueológico oferece melhores condições de preservação se comparação com os sítios em barrancas.



Fig.96. Deslocamento de vestígio lítico.



Fig.97. Deslocamento de vestígios líticos.

Durante a execução dos trabalhos de campo, foi possível aferir o deslocamento de material arqueológico em superfície, após um rápido mas intenso episódio de chuva. O resultado do deslocamento destes vestígios, lascas pequenas e médias em sua maioria, foram da ordem de 10cm à 40cm. Evidentemente que a remoção da vegetação superficial corroborou para este deslocamento, todavia não se pode desconsiderar que mesmo com um potencial menos destrutivo do que a ação das correntezas dos canais maiores, o tempo de exposição do sítio ao intemperismo deve ter resultado em um certo grau de deslocamento das estruturas do mesmo.



Fig.98. Panorama da escavação. Gomes.



Fig.99. Ponta de projétil. Gomes.

Os vestígios evidenciados era marcados por piquetes de metal e permaneciam nas condições encontradas, prosseguindo-se com a decapagem ao redor do vestígios que ficara em pedestal ao término dos trabalhos. Desta forma, o material em níveis superiores permaneciam evidenciados em pedestal, possibilitando contrastar não apenas a dispersão das evidências pelo terreno do sítio, como também a oscilação altimétrica entre os vestígios.



Fig.100. Dispersão de lítico no terreno. Gomes
Gomes



Fig.101. Desnível do lítico no terreno.

Após o material já estar em pedestal, a estaca de metal era removida e embaixo do vestígio era colocado um pequenos pedaço de papel branco para contrastar visualmente com o solo, favorecendo a percepção visual sobre a dispersão destes vestígios tanto verticalmente quanto horizontalmente.



Fig.102. Solo de ocupação. Gomes.



Fig.103. Escavação em extensão. Gomes.

Em função da extensão da cobertura superficial do terreno do sítio, do pouco tempo para a escavação e do reduzido número de integrantes da equipe de escavação, optou-se pelo emprego de uma decapagem em área aberta, a partir dos quadrantes de 10m, subdivididos por quadrículas grandes de 5m, acompanhando os níveis naturais e preservando a localização das peças. A proposta de trabalho também mostrava-se eficiente ao objetivo de se evidenciar solo de ocupação, privilegiando a horizontalidade do sítio e suas co-relações com a paisagem. Desta forma consideramos que houve uma coerência metodológica que se iniciou na análise da área a partir das cartas topográficas, da incursão em campo que resultou na localização de novos sítios, culminando com a escavação por decapagem em área aberta. Todos os procedimentos metodológicos empregados, resultaram em pleno êxito, revelando sítios de ocupação efetiva completamente distintos dos achados do PROPA na área do arroio Touro-passo.

Embora a metodologia pronapiana mostrara-se efetiva para a localização de sítios, sobretudo por sua facilidade em aferir apenas as barrancas dos rios, no entanto, restringiu-se a sítios com perturbações de grande monta, o que compromete os dados produzidos no período.



Fig.104. Decapagem em quadrante. Gomes/2004.

O método cooperativo utilizado propiciou uma experiência positiva em função de proporcionar a toda a equipe uma visão de ‘contexto’, favorecendo as discussões em grupo, o que pelo método usualmente conhecido como Wheller, no qual cada escavador é colocado em quadrículas alternadamente, torna menos propício. Desta forma, foi possível criar uma visão de ‘contexto’ de ocupação, difícil quando o escavador pode passar dias numa mesma quadrícula as vezes saindo de uma e direcionado a abertura de outra. O método Wheller, ainda que seja muito utilizado e com bons resultados, origina-se de uma tradição militarizada, onde o escavador é muitas vezes alijado da experiência de interpretação do espaço, resguardado aos intentos do coordenador da escavação. Vale lembrar que pela imensidão terreno à ser averiguado, o sítio poderia e ainda pode se estender por muitos metros para qualquer um dos setores, por isso a projeção da escavação realizada preservou e deixou indicado um plano de escavações para etapas futuras, que podem ampliar nossas informações, já consistentes para afirmar que houve ocupação humana pré-histórica no sítio arqueológico escavado.

O método empregado na escavação também favoreceu à melhor eficiência no tocante a localização, registro e coleta dos vestígios, comprometido pela fadiga dos escavadores dado as altas temperaturas do verão, a forte incidência de luz solar prejudicando a acuidade visual dos escavadores. Também a ausência de um limite artificial (quadrículas fechadas) entre a parte de um ou de outro escavador favoreceu na remoção de grande quantidades de terra com segurança.

Na prática o processo consistiu em ordenar um grupo para a remoção da vegetação superficial com o uso de enxadas, seguido por um grupo que procedia a

decapagem propriamente dita com o uso de espátula, colher de pedreiro, pincel, pás plásticas de mão e balde. A terra dos baldes era depositadas em um ‘carro de mão’ que permanecia fora da área de escavação. Um ou dois integrantes da equipe se encarregavam de levar a terra recolhida do quadrante da escavação para o processo de peneira da terra em local reservado para esta finalidade. Os vestígios eram deixados no exato local em que se encontravam.

Na etapa final dos trabalhos procedemos a coleta das peças a partir de registro em 3D. desta forma, cada peça foi removida após seu registro individual (salvo conglomerados). Uma equipe tomava as dimensões X,Y no plano cartesiano, enquanto uma segunda equipe conduzia as tomadas das alturas, ficando um pesquisador na régua e outro no nível instalado no P:0. Uma terceira equipe, a de coleta, assim que as medidas eram realizadas pelos outros integrantes da equipe recolhiam a peça de sua posição original, eram colocadas em um saco de papel identificado individualmente com as coordenadas plotadas. O mesmo pesquisador que recolhia a peça dirigia-se até o centro de coordenação da escavação para acondicionamento do material, onde permanecia outro pesquisador responsável pela elaboração dos croquis e demais desenhos necessários. Todo o processo era registrado por meio fotográfico.



Fig.105. Localização em 3D dos vestígios. Gomes.



Fig.106. Coleta dos vestígios. Gomes.



Fig.107. Registro do material. Gomes.



Fig.108. Acondicionamento do material. Gomes.

Nos relatórios do projeto “Estudo dos sítios arqueológicos no arroio Touro-passo: Uruguaiana/RS”, encaminhados ao IPHAN, encontram-se referências sobre as etapas de campo já descritas, onde reafirmamos nossas impressões iniciais, durante a fase de prospecções. Para, GOMES, 2005:07,

As interpretações sobre o sítio arqueológico RS U – Menezes, tiveram uma importante redefinição a partir das escavações, que passou a ter dados mais específicos. [...] o estágio atual das pesquisas [...] corroboram para a interpretação inicial, ou seja, após a escavação de um setor, reafirma-se a classificação funcional do sítio como [acampamento] satélite. Os pacotes sedimentares novamente apresentaram a relação artefatos X microlascas, obtidas no nível superficial, sem a marca de estruturas fixas, destinadas a habitação ou cocção, por exemplo. A escavação evidenciou blocos de pedra em destaque no solo de ocupação, com uma dispersão radial de microlascas, o que sugere o local exato da debitagem.

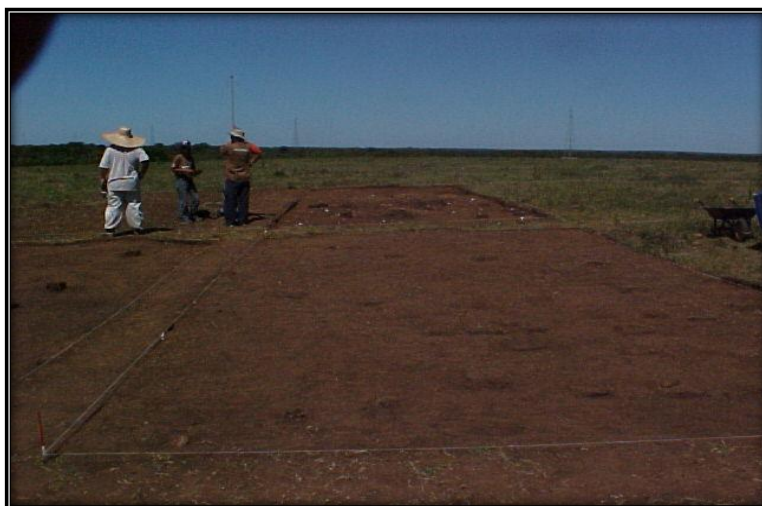


Fig.109. O plano de escavação e a decapagem em ‘open area’. Gomes.



Fig.110. RS U – Menezes após o término dos trabalhos de decapagem e coleta. Gomes.

A inserção do sítio na paisagem atual permite o estabelecimento de uma série de relações com o ambiente próximo. Considerando-se o sítio ao horizonte holocênico, o bioma e habitat em associação aos achados arqueológicos indica o lugar de um provável assentamento pré-histórico em local estratégico para fins primariamente de ordem econômica. A escolha do local permite a instalação, ainda que provisória, de um pequeno grupo de indivíduos organizados para a predação de animais da fauna local, a pesca e possivelmente a coleta de vegetais, dado a conjugação de campo, mata e curso d'água permanente, além da disponibilidade de acesso a matéria-prima para produção de implementos. A face da coxilha escolhida para a instalação do grupo, voltado para a face norte em direção ao próprio arroio Touro-passo, também oferece uma barreira natural aos ventos vindos do sul, a elevação do terreno oferece uma boa visão das áreas próximas e até mesmo mais distantes, oferecendo uma boa condição para a observação de fenômenos meteorológicos como o sentido de chuvas e frentes-frias, a movimentação de animais e até mesmo de outros grupos. A conjugação dos elementos naturais favoráveis a ocupação humana mencionados não excluem a predileção do lugar dentre outros, haja vista que a porção norte do arroio, ou margem direita onde situam-se os sítios pleistocênicos localizados pelo PRONAPA-PROPA, encontram-se em terrenos formados na maior parte por áreas de inundação ou úmidas, por sua baixa altimetria, o que desde Miller considerava um fator de destruição para os sítios pleistocênicos conhecidos, como confirmou-se neste estudo.



Fig.111. RS U – Menezes, paisagem atual.

Fig.112. RS U – Menezes, arroio Touro-passo ao fundo.

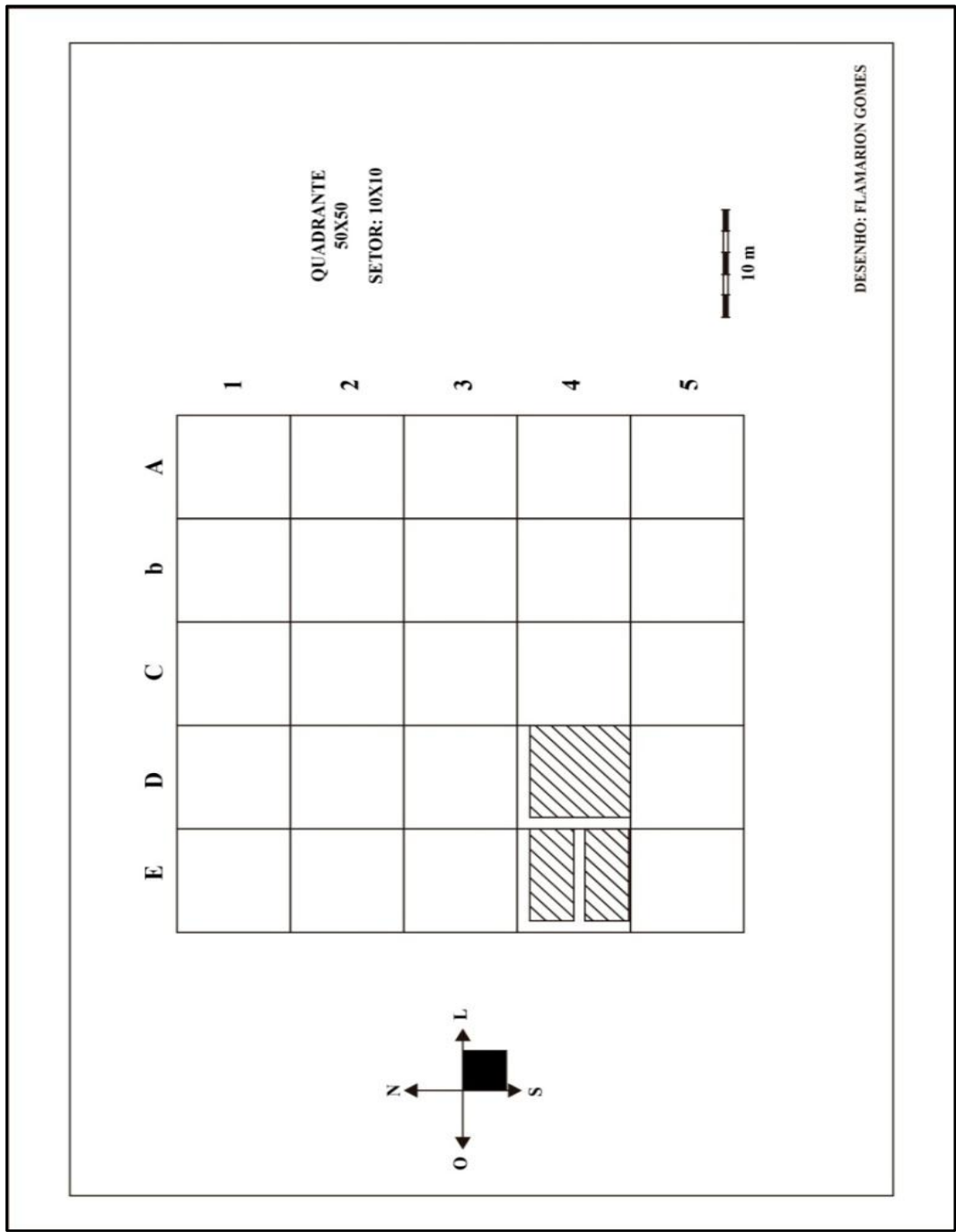


Fig.113. RS U – Menezes, lano de escavação, setor B-2. Gomes.

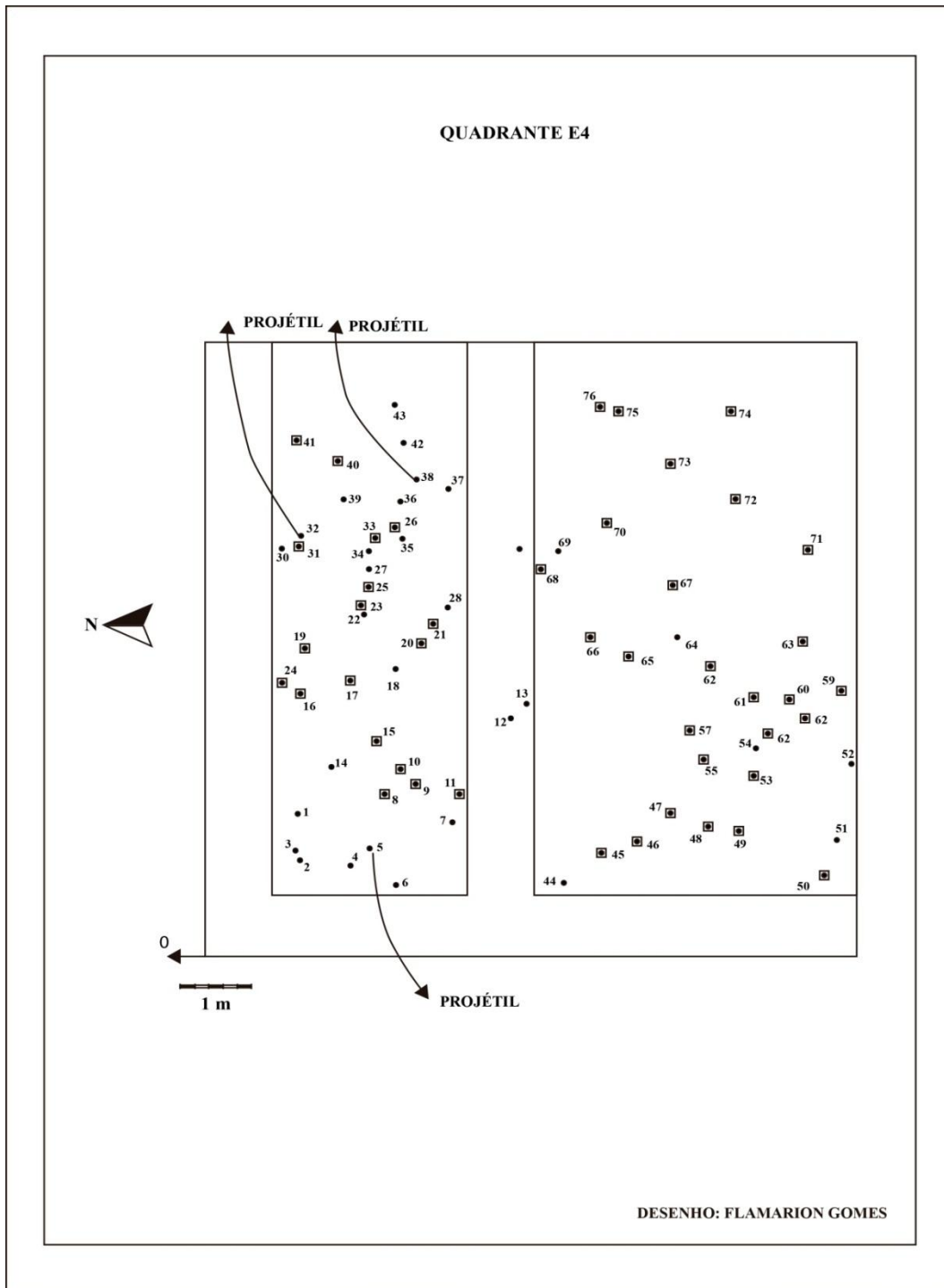


Fig.114. RS U – Menezes, quadrante E-4 nível 1.

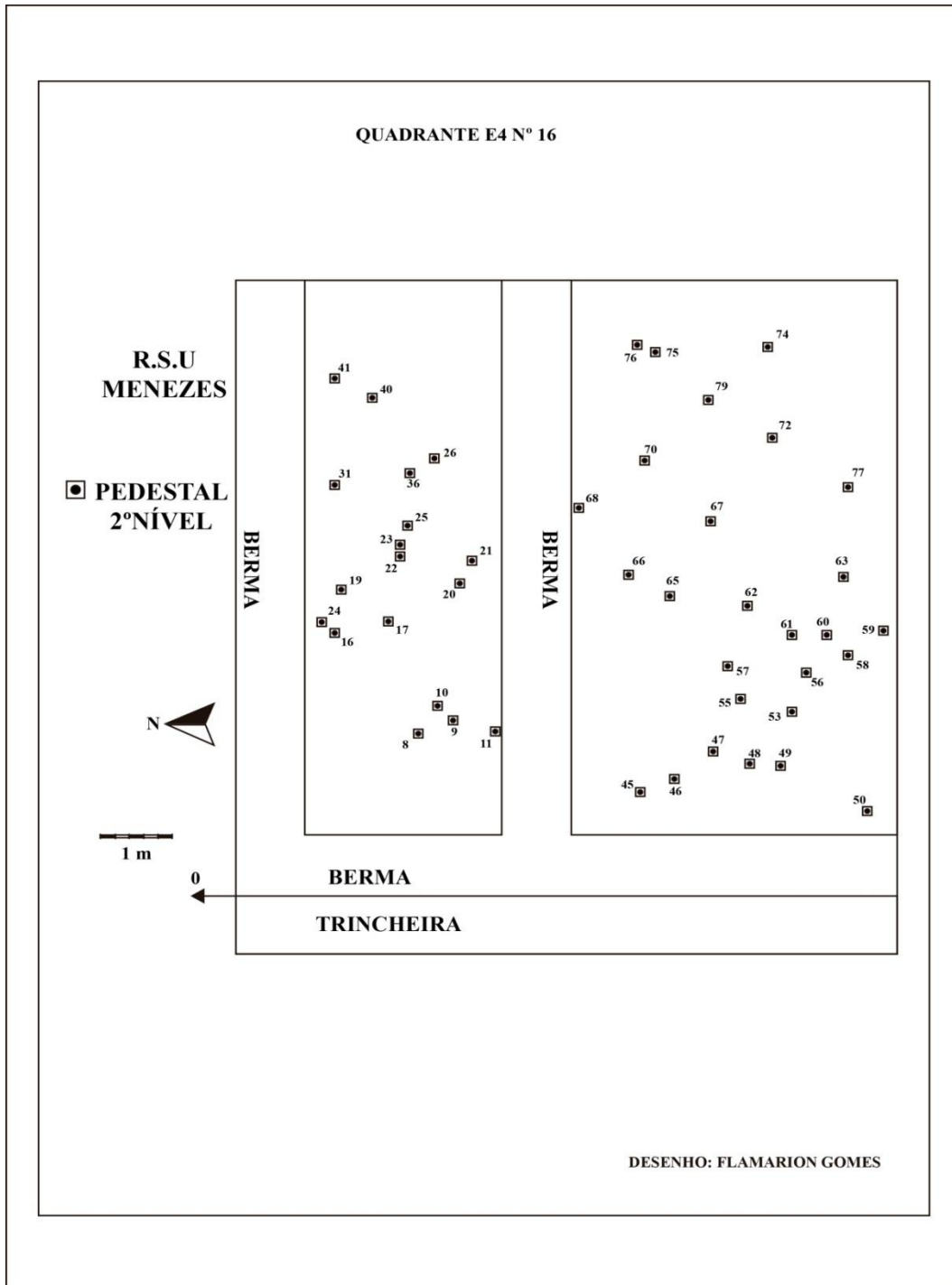


Fig.115. RS U – Menezes, quadrícula E-4, nível 2. Gomes.

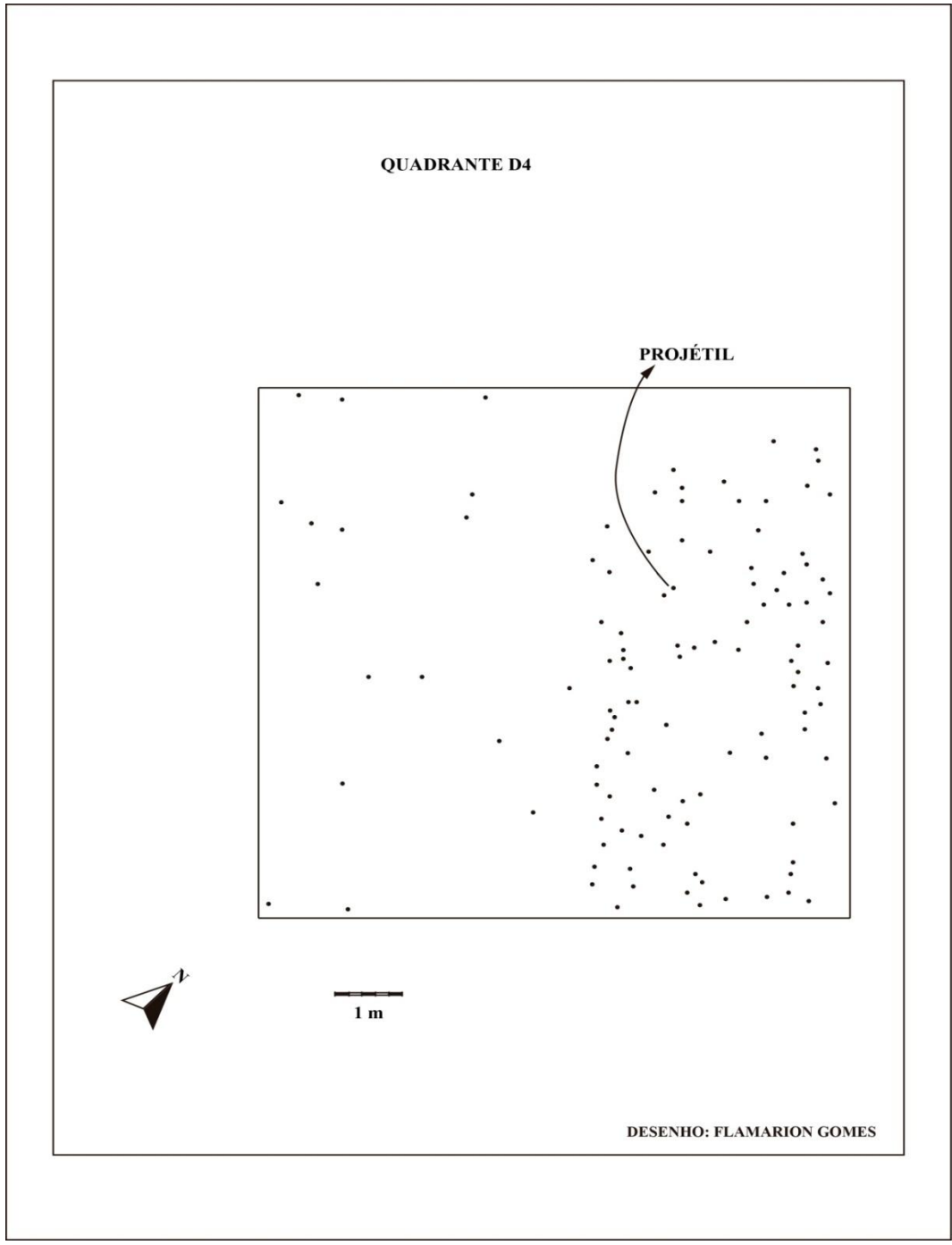


Fig.116. RS U – Menezes, quadrante D-4, nível 1. Gomes.

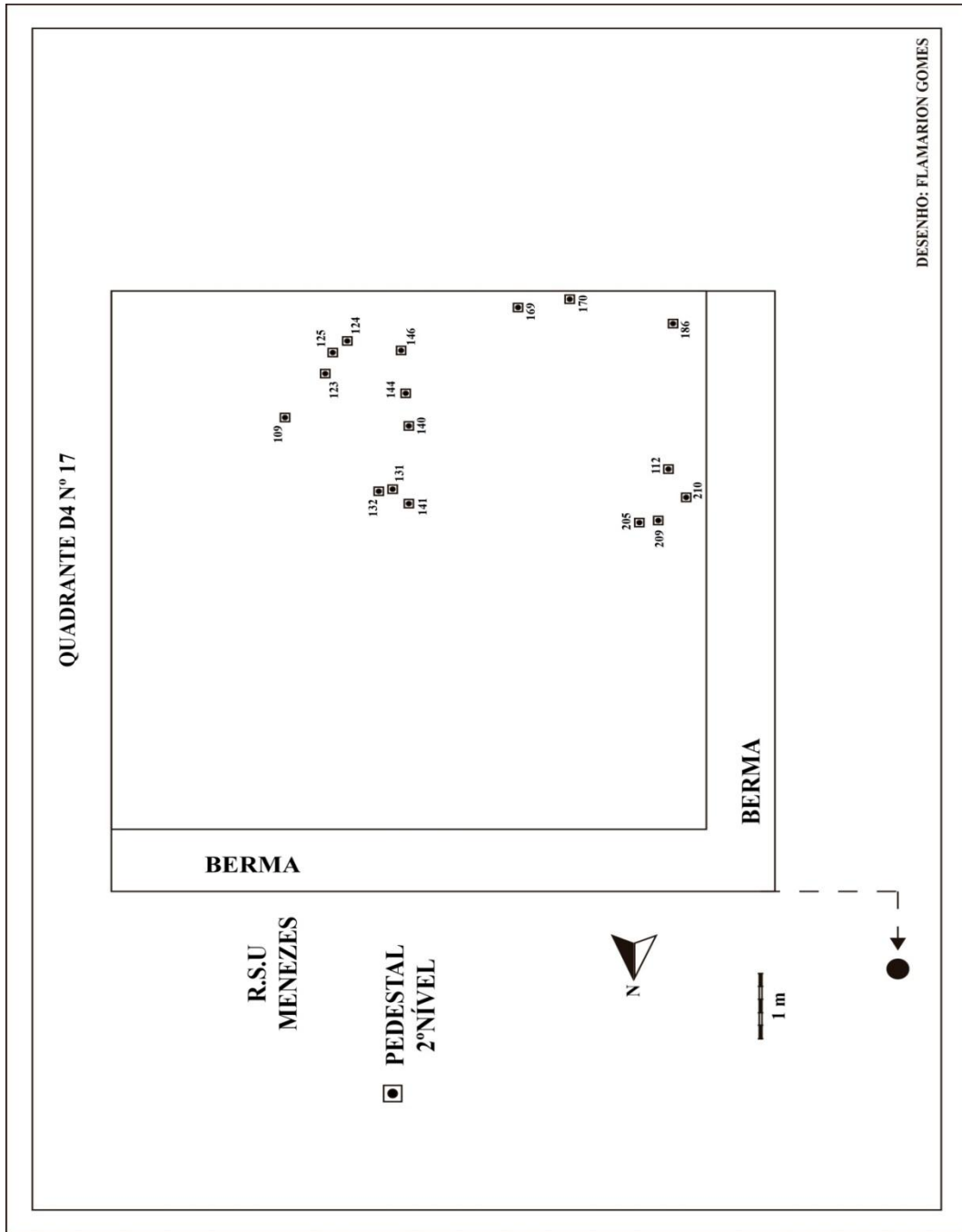


Fig.117. RS U – Menezes, quadrante D-4, nível 2. Gomes.

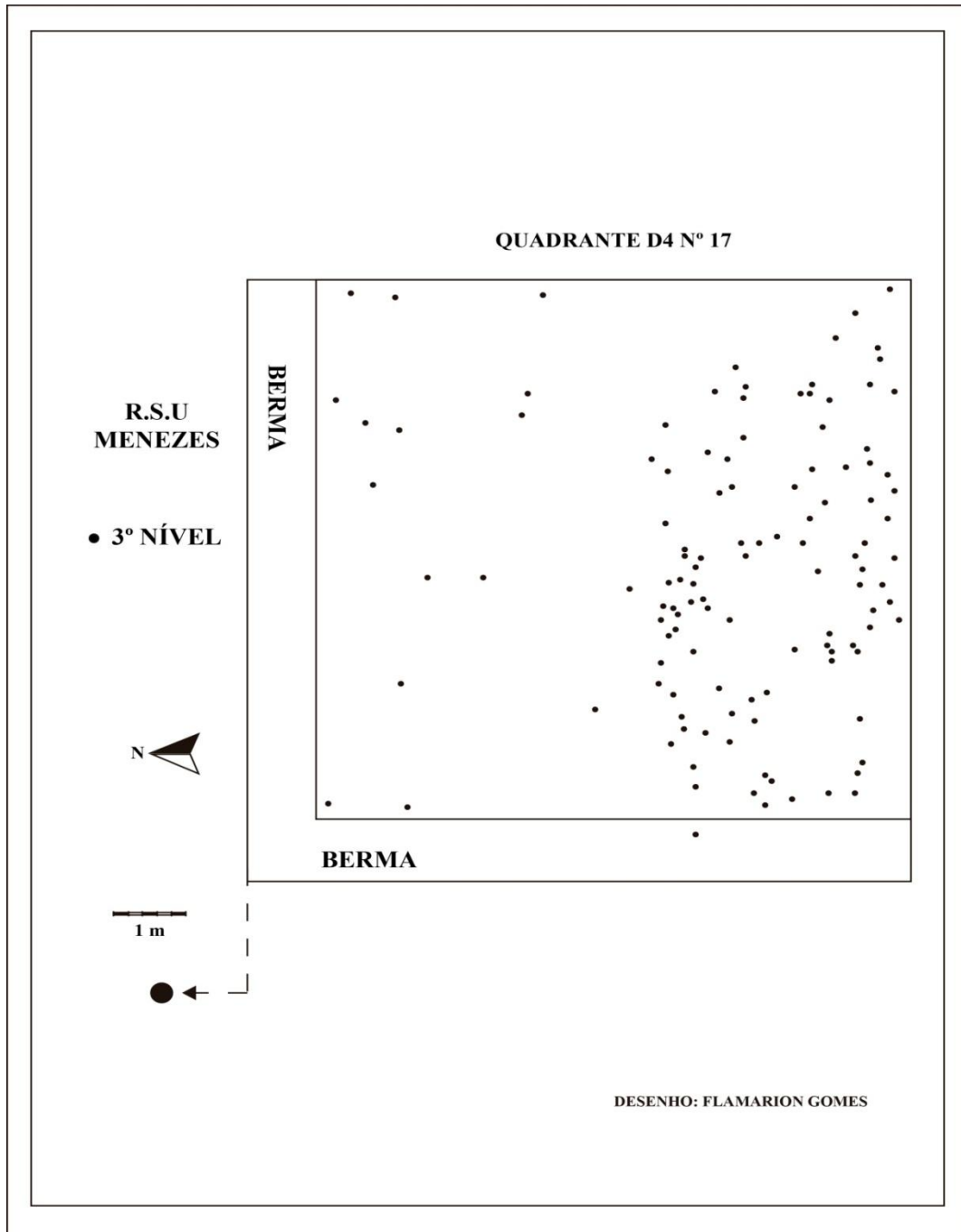


Fig.118. RS U – Menezes, quadrante D-4, nível 3. Gomes.

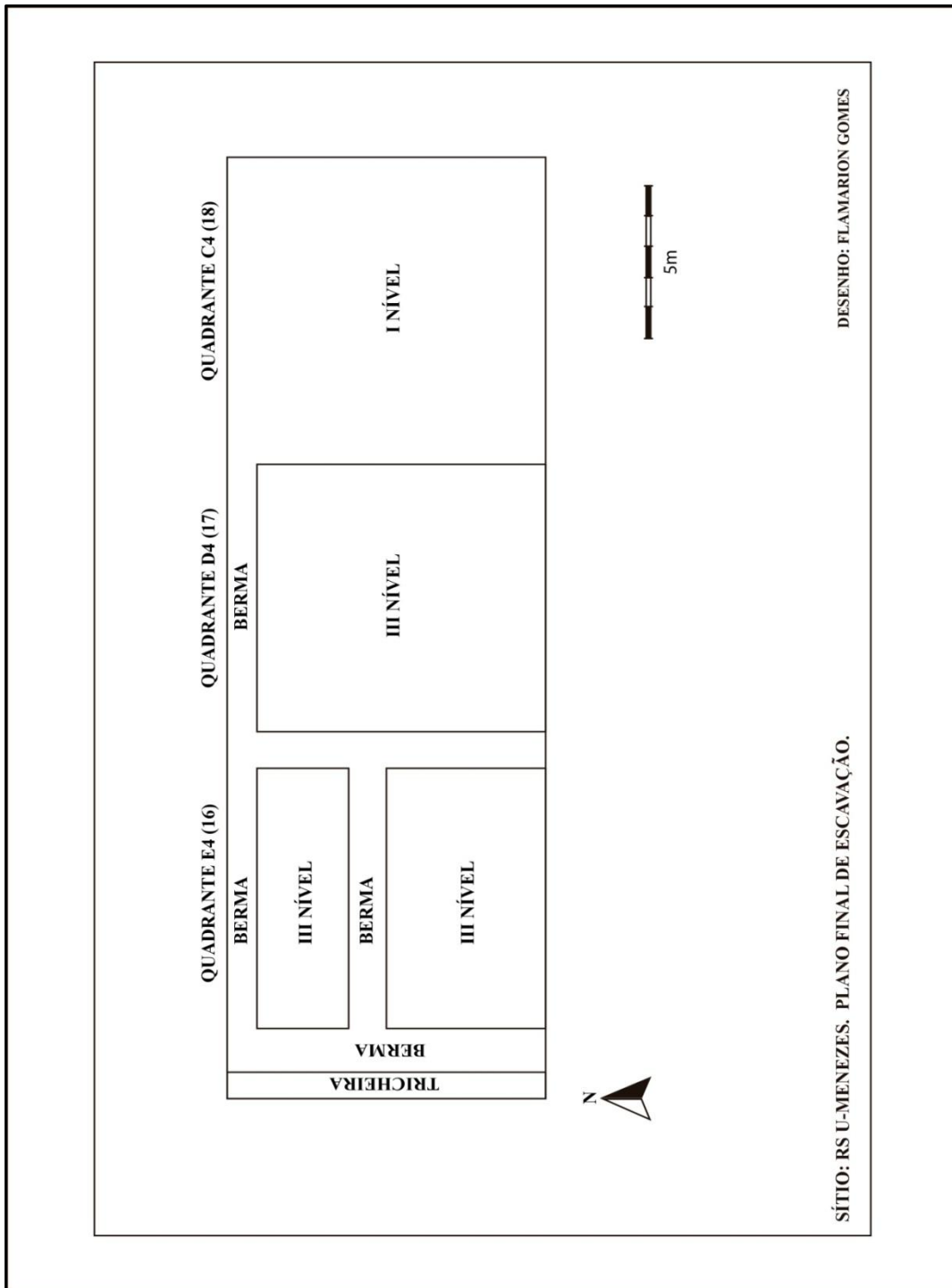


Fig.119. RS U – Menezes, quadrantes e níveis escavados. Gomes.

4.3. Sítio RS U – Santo Antonio.

Com localização no município de Uruguaiana-RS, o sítio RS U - Santo Antônio situa-se as margens do rio Uruguai, de onde é possível avistar na margem oposta, ou direita do mesmo rio, solo argentino. Além de sua localização na extremadura das terras brasileiras na fronteira com o país vizinho, outra particularidade deste sítio é sua descontinuidade, alternando-se em ao menos 3 pontos de concentração que projetam-se ao longo de aproximadamente 300 de metros sobre a extensão da mesma margem. Ao longo do trecho percorrido, constatou-se a seguinte situação:

- a) Ponto 1: vestígios situados às seguintes coordenadas S. 29° 34' 84" - W. 56° 56' 39". Encontram-se tais vestígios neste ponto como nos outros, nas porções inferiores do barranco, próximo à lâmina d'água, dispostos superficialmente pelo terreno de forma irregular, ficando evidente tratar-se de material disperso ao longo de 145m de extensão por 5m largura em decorrência de arraste fluvial;
- b) Ponto 2: Lugar de concentração de lascas em estratigrafia, onde realizou-se uma escavação em profundidade. Nesta altura os vestígios dispersos por arraste fluvial do ponto anterior transpassam as lascas de arenito roladas da rampa de erosão, por meio das ravinas. Trata-se de um evento interessante pois, pela observação do terreno e as características dos materiais rolados e dos materiais em estratigrafia é possível distinguir com clareza e precisão um contexto de outro, mesmo havendo parcialmente a sobreposição de vestígios lítico;
- c) Ponto 3: situa-se na mesma margem, e no mesmo sentido de dispersão do ponto 1, pois trata-se do prolongamento da mesma dispersão de material rolado por arraste fluvial, distinguindo-se dos pontos anteriores pela lacuna de espaço, ainda que de poucos metros, dos pontos anteriores. Dos 96 metros percorridos ao longo deste trecho, a dispersão de material rolado perde intensidade, sendo que apenas 20 vestígios líticos foram coletados. O fenômeno de formação é o mesmo, a aparente heterogeneidade de materiais também, porém em menor quantidade.

Este sítio foi localizado por ocasião das prospecções do mesmo projeto de nossa autoria e execução, que já nos haviam revelado os sítios RS U – Pindaí-mirim e RS U - Menezes. Sobre o novo local prospectado, não haviam registros documentais ou bibliográficos de sítios ou relatos orais de ocorrência de material arqueológico. A decisão de se averiguar a localidade partiu da análise da carta topográfica e imagens de

satélite, e pela comparação das condições ecológicas entre este local que ainda não havia sido prospectado com o local onde situa-se o sítio RS I - 96 Fagundes. A ausência de meandros também evitou a formação das cascalheiras redepositadas como o ‘padrão’ observado para a formação dos sítios pleistocênicos do arroio Touro-passo. Após as análises dos recursos de representação gráfica sobre o local, portanto, não esperávamos a formação de sítios por material redepositado em cascalheiras, mas as expectativas traduziam-se na possibilidade de se localizar vestígios rolados das barrancas e rampas de erosão. Tal situação é assim descrita na sequência do relatório do projeto NUPA-PUCRS (GOMES, Iphan/2005: s/p) “Embora o local não se caracterize pela concentração de material redepositado, ou seja, neste trecho do rio não existe curvas acentuadas que pudessem reter material oriundo de outros locais, levou-se em consideração a possibilidade de material desbarrancado”.



Fig.120. RS U Santo Antônio rio Uruguai. Gomes.

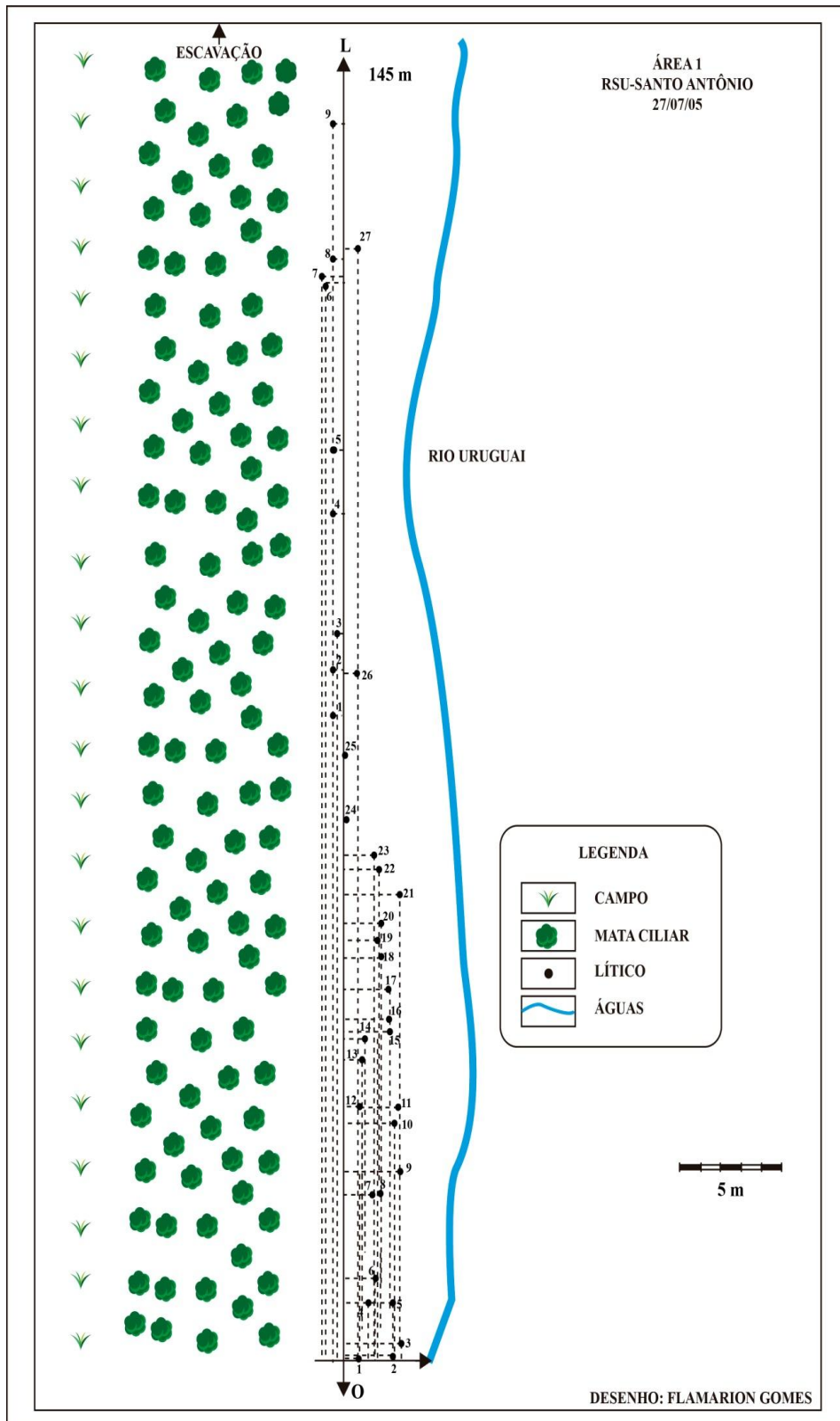


Fig.121. RS U – Santo Antônio, coleta superficial área 1. Gomes.

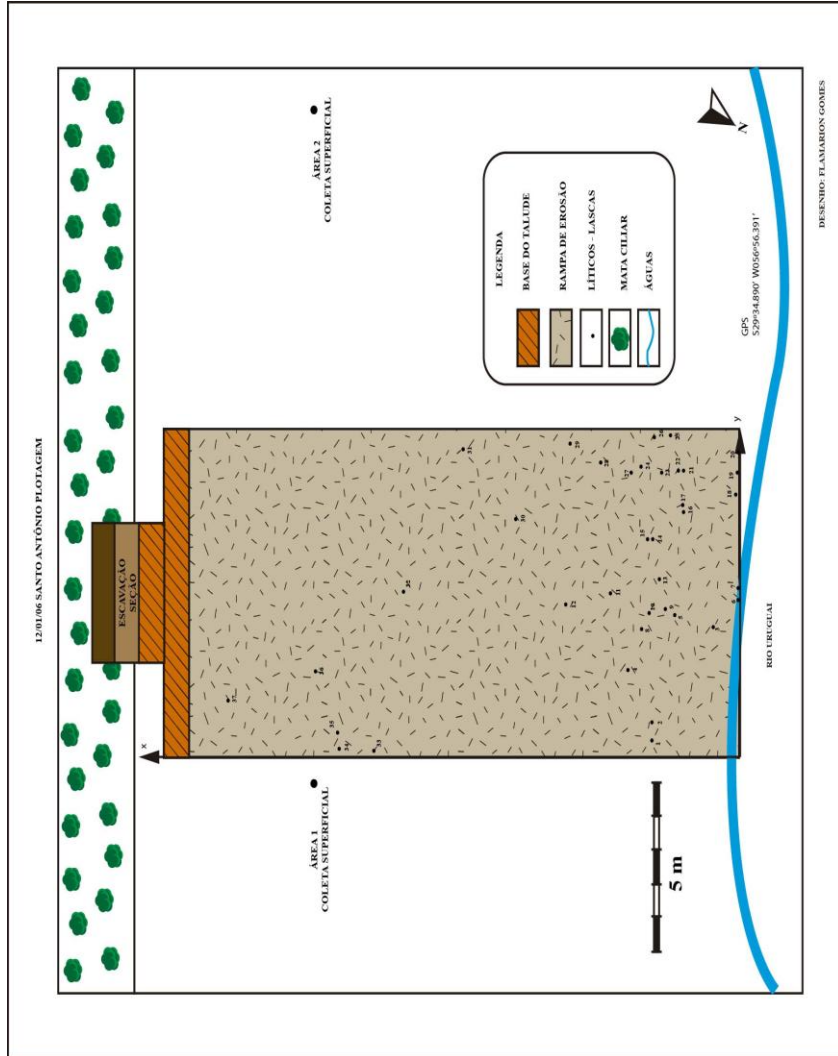


Fig.122. RS U – S. Antônio, escavação. Gomes.

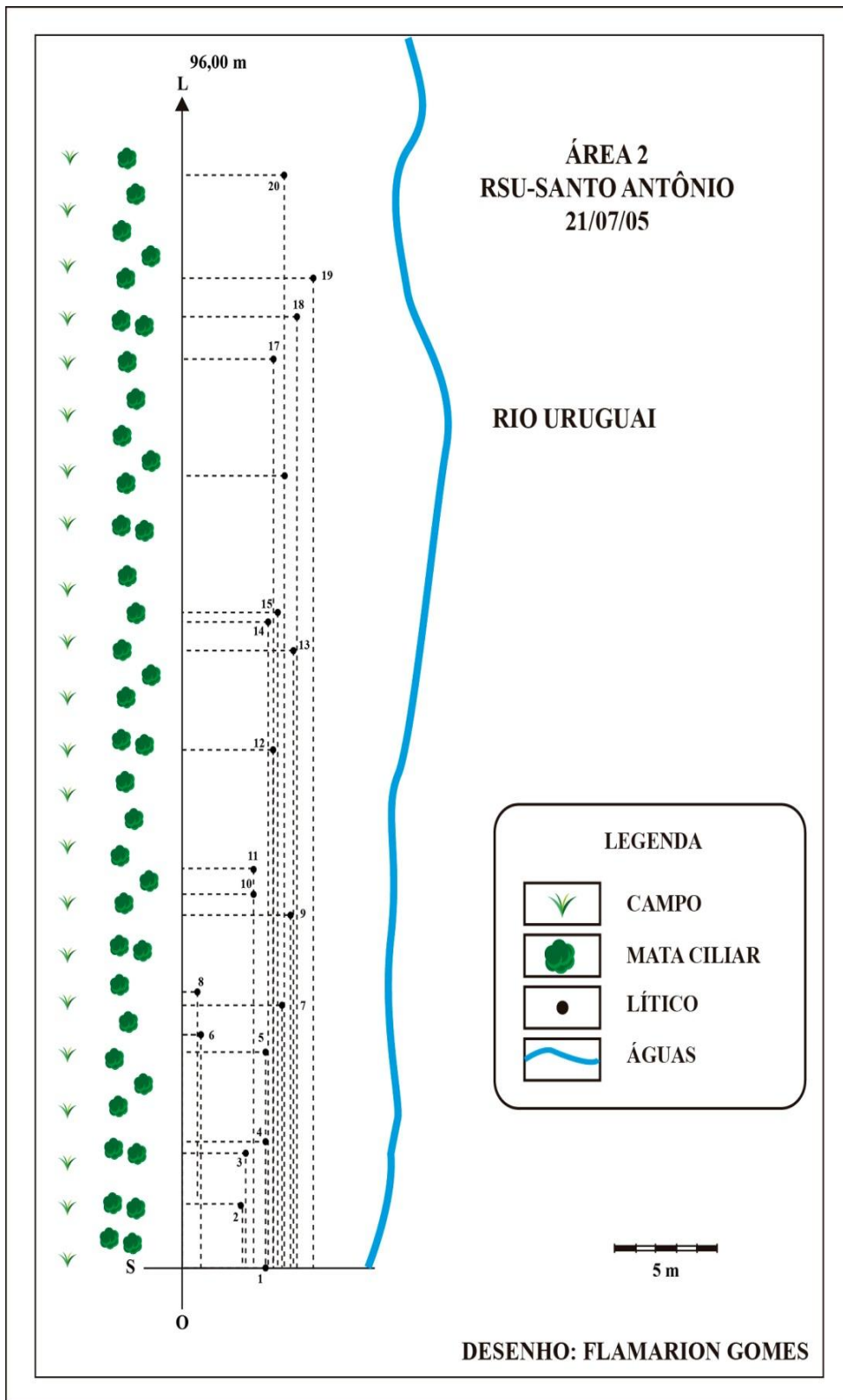
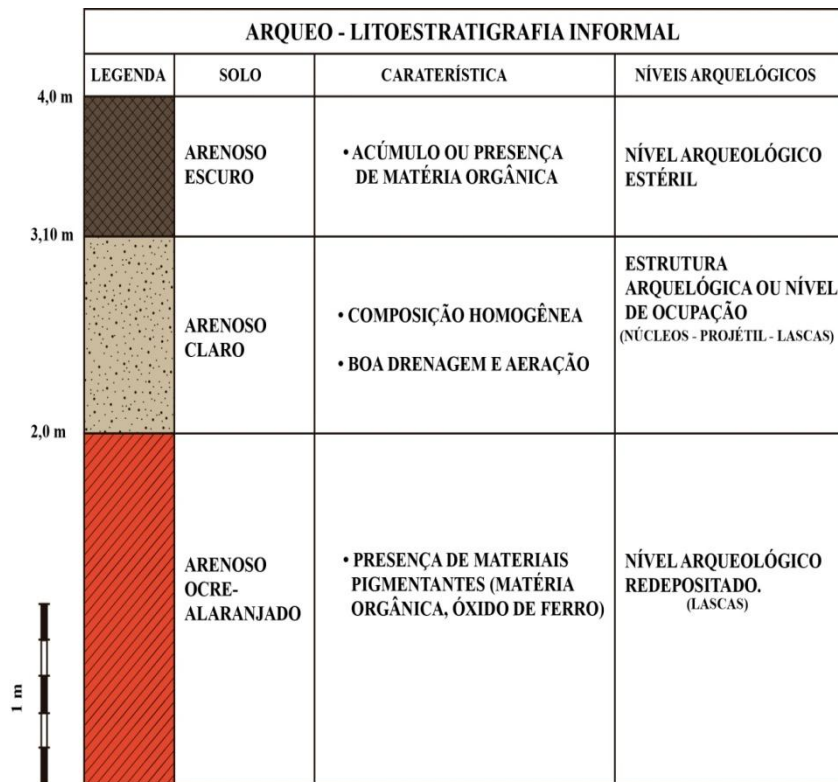


Fig.123. RS U – Santo Antônio, coleta superficial área 2. Gomes.

Os sedimentos que compõem o solo onde encontra-se o sítio, com base em OLIVEIRA (IBGE, 1992), é identificado como BT3 – Brunizen vértico calç. Tex.arg. e méd./arg.+ vertissolo eutrófico Ta a Cher. e mod. Text.média./arg.rel.pl.



Fig.124. RS U – Santo Antonio, barranca. Gomes.



SÍTIO: RS U - SANTO ANTÔNIO

Fig.125. Perfil da seção de escavação (P.2.) RS U – Santo Antônio. Gomes.

No ponto intermediário entre as áreas de coleta 1 e 2, onde situa-se o sítio propriamente dito, com a concentração de lascas estratificadas, observamos o nível de sedimentos claros, como um interface entre a face superior do terreno, de camada preta holocênica, com os sedimentos inferiores com predomínio de lamitos alaranjados. Estes compostos lamíticos são, em maior escala, responsáveis pela retenção das águas acumuladas em P.I. Isto vale para a porção da margem do rio Uruguai situada ao norte da foz do arroio Touro-passo, exatamente no local do sítio RS U – Santo Antônio, também por estas partes dos terrenos situados ao norte da foz do arroio serem mais planas do que as coxilhas que predominam na porção sul ou margem esquerda do arroio Touro-passo.

De acordo com MILLER (1987), as regiões adjacentes as margens do rio Uruguai não chegam a transbordar em épocas de enchentes, uma vez que os terrenos propícios para inundação (P.I.) permanecem protegidos pela erosão dos barrancos, mantendo o fluxo das águas no canal do rio Uruguai. A mesma situação não ocorreria com seus tributários, onde a vazão das águas é rapidamente preenchida e as planícies de inundação recebem drásticos volumes de água que não suportam o dreno original. No entanto, este prognóstico não corresponde com o que presenciamos. Os eventos climáticos dos últimos anos tem propiciado situações em que o rio Uruguai acabe por transbordar, atingindo assim, os sítios arqueológicos que poderiam estar localizados em planície de inundação. As contradições de Miller são freqüentes, pois também sobre os sítios localizados as margens do rio Uruguai existem inferências já apresentadas a respeito da destruição dos mesmos pela ação das águas.

Um dos elementos mais pertinentes sobre o sítio RS U – Santo Antonio deve-se as observações realizadas no oportuno momento de sua descoberta. Pode-se dizer que o contexto da disposição dos vestígios líticos explica-se pelo consórcio de duas situações complementares, diretamente relacionadas a ação das águas. Ao decorrer das prospecções realizadas ao longo das margens do rio Uruguai, na porção norte da foz do arroio Touro-passo, a primeira constatação realizada indicava o fenômeno do deslocamento de material pela ação das correntes após cheias e inundações, deixando desta forma pontos alternados de material. No caso do rio Uruguai, estes vestígios não formam cascalheiras tal como observado no arroio Touro-passo por dois fatores: a) ausência de meandros no trecho prospectado; b) ausência de afloramentos ou níveis de conglomerados na pedogênese da área do sítio.

Tal situação (ausência de matéria-prima no sítio), corrobora para definir a presença dos resíduos de arenito na estratigrafia como elementos intrusivos, oriundos de atividade humana, sobretudo pelos vestígios compõem-se não somente de uma substancial estrutura arqueológica relativa à fins de produção de implementos, senão a presença destes, como núcleos, microlascas, lascas utilizadas sem modificação e peças bifaciais confeccionadas a partir de apurada tecnologia de produção.

Destaca-se como um dos fatores mais importantes sobre a localização do sítio RS U – S. Antônio não somente a correta escolha do local à ser prospectado, mas sobretudo e principalmente, ‘o momento’ em que nos ocupamos em efetivar a prospecção. Tal como ocorre no próprio arroio Touro-passo, como já havíamos relatado, torna-se relativamente fácil a localização de toda a sorte de material arqueológico por toda a região, sobretudo na área do projeto. No entanto, em função do tamanho da área por onde se estendem estes vestígios, o maior desafio consistiu em localizar sítios de ocupação, fossem recentes (holocênicos) ou antigos (pleistocênicos).

Inicialmente foi necessário conhecer todos os compartimentos topográficos, posteriormente se fez necessário compreender a dinâmica de distribuição dos vestígios arqueológicos e seus agentes de perturbação/destruição. Por fim, se fez necessário entender que não se deve apenas pensar o local e o método, mas que fundamentalmente *há um momento certo* para se observar cada tipo de sítios arqueológico. Inicialmente o período das secas eram exclusivamente aguardados para as finalidades de prospecção, haja vista que as cheias impossibilitam sequer, o acesso as localidades próximas. O momento exato para os achados em estratigrafia ainda preservados, devem ocorrer, portanto, após as cheias, quando as águas começam a recobrar seu nível normal.

Para este sítio, portanto, os agentes de destruição mais presentes são de origem hidráulica, a partir de dois processos principais. O processo erosivo decorrente das chuvas (agente pluvial) formando rampas de erosão a partir de ravinas pequenas que podem transformar-se em grandes bossorocas; o processo de redeposição por arraste fluvial após os períodos das grandes cheias do rio Uruguai.

Portanto, o momento que afirmamos ser o mais adequado para a localização dos sítios em estratigrafia situa-se entre os dois processos referidos. Vale lembrar que o mesmo processo que pode destruir um sítio, como no caso das chuvas, é o mesmo que também aflora os sítios encobertos. A única condição que efetivamente destruirá os sítios será no caso de períodos ‘prolongados’ de chuva intensa, o que torna-se um pouco mais raro. Foi nos períodos sempre de inverno que localizamos os 3 sítios de ocupação.

Com relação aos aspectos metodológicos, ocorreram 3 etapas de trabalho de campo. O primeiro relativo às prospecções iniciais que visavam recobrir a maior área de superfície na porção norte da foz do arroio Touro-passo, onde desaguá no rio Uruguai. Foram percorridos terrenos em planície de inundação e aproximadamente cinco quilômetros ao longo das margens do rio Uruguai. Os vestígios líticos eram encontrados com certa constância, mas de maneira isolada e evidentemente rolados, até atingirmos o primeiro ponto de concentração, no qual foi realizado a primeira coleta superficial sistemática, com a elaboração do croqui apresentado, que evidencia a disposição aleatória do lítico. Nesta campanha realizada em julho de 2004, foi identificado o ponto do sítio RS U – S. Antônio, onde encontravam-se as lascas estratificadas. O local foi demarcado e iniciou-se uma nova coleta sistemática à parte da coleta realizada no ponto 1. Estava evidente já no momento da descoberta que o sítio localizado necessitaria de uma intervenção localizada, capaz de dar sentido ao contexto encontrado. Um planejamento prévio nos conduziu ao entendimento de que nesta situação a abordagem consistiria e uma escavação em profundidade, localizada no ponto de concentração das lascas e nos arredores. Desta forma, a equipe NUPA-PUCRS retornou ao sítio em janeiro de 2006, quando na oportunidade escavamos o sítio e localizando a estrutura do mesmo, que compunha-se de um núcleo altamente concentrado de lascas de arenito, no qual oscilavam entre pequenas e médias atingindo em torno de 900 unidades desta categoria. Dois núcleos de pequenas proporções foram recuperados, em associação estratigráfica e tecnológica a dois bifaces de tamanho médio. Todos os vestígios condizem a mesma matéria-prima, e a relação entre lascas pequenas e médias, núcleos e bifaces deixam evidente o trabalho do artesão sobre os blocos de arenito. Os núcleos localizavam-se nos lados opostos da concentração de lascas, enquanto as peças bifaciais estavam a apenas alguns centímetros de um dos lados da concentração de lascas. Alguns fatores fazem este sítio ser considerado ocupado:

- a) há apenas um nível arqueológico estratificado, as lascas superficiais encontravam-se ‘roladas’ do barranco, encontrando-se com alguns outros vestígios arrastados pelo rio Uruguai;
- b) há uma sequência de operações que se evidenciam, da percussão sobre os pequenos blocos, ao processo de façongem que resultou na concentração de lascas pequenas e médias até se atingir as peças bifaciais;
- c) Todos os vestígios encontrados dizem respeito a mesma matéria-prima, sem qualquer variação de coloração, textura, densidade, brilho;

- d) O conjunto dos vestígios encontrava-se agrupado e a disposição das peças maiores (núcleos e peças bifaciais) encontravam-se em sentido horizontal e recobertos por sedimentos.

Os trabalhos se desenvolveram nesta fase por aproximadamente uma semana de trabalhos de campo. A última prospecção realizada no local foi feita em 2006. Nesta oportunidade, o segundo ponto foi explorado, ultrapassando o lugar da escavação, apresentando a mesma situação narrada sobre o ponto 1, onde o arraste fluvial provocou a dispersão de alguns vestígios líticos, já sem a consistência dos achados anteriores.



Fig.126. Localização dos vestígios em estratigrafia do sítio RS U – Santo Antônio. Gomes.



Fig.127. Demarcação da área de escavação do sítio RS U – S. Antônio. Gomes.



Fig.128. Ravinas sobre conjunto lascas.

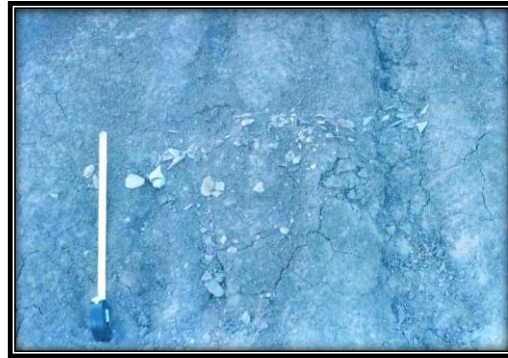


Fig.129. Concentração de lascas em estratigrafia.



Fig.13. Início da decapagem.



Fig.131. Águas do rio Uruguai, RS U - S. Antônio.



Fig.132. Marcação das lascas superficiais roladas da estratigrafia. Gomes.



Fig.133. Trabalhos arqueológicos preliminares no sítio RS U - S. Antônio. Gomes.



Fig.134. Sítio RS U – Santo Antônio, escavação. Gomes.



Fig.135. RS U – S. Antônio, concentração de lascas. Gomes.



Fig.136. RS U – S. Antônio, etapa final da escavação. Gomes.

Concluimos sobre este sítio que a disposição do acúmulo de lascas, concentradas no mesmo nível estratigráfico apresenta seguramente uma camada de ocupação, mesmo com ausência de sinais de carvão e demais estruturas fixas, tais como as de habitação, cocção ou sepultamento, por exemplo. A própria concepção de ‘ocupação’ em termos arqueológicos deve ser acompanhada da percepção que nem toda a efetiva presença humana tenha que ser de ordem fixa, relativa a aldeamentos ou associada a fins que requeiram uma permanência mais prolongada no lugar. Este sítio nos reporta ao que parece ter sido apenas um efêmero momento na história cotidiana de um indivíduo que habilidosamente prepara seus apetrechos para suas finalidades elementares.



Fig.137. RS U – S. Antônio, rio Uruguai. Gomes.

Com efeito ao que pretendíamos como fundamental neste trabalho, apresentar os sítios arqueológicos em seus contextos ambientais e arqueológicos, redefinindo as espacialidades e identificando sítios de ocupação e sem ocupação, temos por concluído a proposta central. No entanto, só foi possível a releitura dos sítios arqueológicos levando-se em consideração a disposição da cultura material, a qual carece de uma observação mais aproximada. É o que fazemos no capítulo seguinte, ao apresentar os vestígios líticos a partir de inferências a organização tecnológica dos mesmos, nos subsidiando sobre a compreensão dos diferentes tipos de ocupação dos sítios.

Capítulo 5.

‘ARTE’ E ‘FATOS’: AS INDÚSTRIAS LÍTICAS NO ARROIO TOURO-PASSO.

O quadro que passamos a trabalhar neste momento é um complemento importante sobre a questão arqueológica da área de estudo. Não realizamos uma abordagem de ordem tecnológica sobre as indústrias líticas, uma vez que nossa proposta consistiu na compreensão da dinâmica ambiental que atuou e ainda atua sobre os sítios arqueológicos definindo os mesmos enquanto lugares de ocupação efetiva, ou locais resultantes da redeposição involuntária de vestígios. No entanto, a efetividade de nossas observações de campo respalda-se pela forma como os vestígios líticos se apresentam nos sítios, mas também com a observância de categorias padronizadas de estudos de coleções líticas. As classificações atribuídas aos conjuntos líticos resultaram das potencialidades de informação arqueológica inerentes a cada sítio e/ou do tipo de intervenção realizada e até mesmo no tipo de acesso que tivemos a cada coleção, uma vez que nem todos os vestígios resultaram de nossos trabalhos de campo. Neste sentido, as classificações tiveram algumas variações. Não elaboramos modelos específicos de estilos tecnológicos, ou padrões de variação, variabilidade ou manutenção dos aspectos de ordem tecnológica, servindo-nos da cultura material para fins de identificação das áreas pesquisadas enquanto sítios arqueológicos.

As referências teórico-metodológicas que subsidiam nossas representações sobre os conjuntos líticos encontram-se prioritariamente em DIAS (1995, 1997, 1999, 2000, 2003), DIAS & HOELTZ (1997). Neste último artigo, intitulado “*Proposta Metodológica para o Estudo das Indústrias Líticas do Sul do Brasil*”, as autoras propõem a utilização do conceito central de ‘cadeia operatória’, ou ‘sequência de produção’. Partindo desta perspectiva, o elemento aglutinador das representações do lítico se estrutura em função da concepção de ‘organização tecnológica’. Por ‘organização tecnológica’ BUENO (2007:69-70) comenta: “O conceito de *Organização Tecnológica* surge a partir dos trabalhos etnoarqueológicos de Binford, na década de 70, preocupado em investigar a relação entre variabilidade artefactual e padrões de mobilidade entre grupos caçadores-coletores.” A organização tecnológica envolveria na prática ‘estratégias’ de produção, utilização, transporte e descarte, como respostas ao ambiente que incluiriam ainda a previsibilidade, distribuição, periodicidade, produtividade e mobilidade dos recursos, tamanho e padrão de distribuição das áreas de captação.

Salienta-se, no entanto, que a tecnologia lítica é apenas um dos fatores que integram um sistema tecnológico em sentido mais amplo, que comporta as múltiplas variáveis consideradas acima. O imperativo do sistema de análise proposto em DIAS e HOELTZ (op.cit.) pauta-se pela observação das seguintes categorias: a) resíduos de lascamento (núcleos e lascas), b) artefatos (unifaciais, bifaciais), c) artefatos (brutos, polidos). A organização tecnológica estará imbuída do emprego destas estratégias, aplicadas em todas as etapas das cadeias operatórias. No entanto, é apenas no sítio RS U – Menezes que obtivemos no conjunto lítico, implementos que podem ser ordenados de acordo com toda a sequência de operações, demonstradas no quadro abaixo.

QUADRO 3. ETAPAS DE PRODUÇÃO.

CONTEXTO CULTURAL	CONTEXTO ARQUEOLÓGICO
Aquisição de matéria-prima	Matéria-prima presente no sítio
Redução inicial ou preparação de núcleos	Lascas corticais, núcleos esgotados, lascas e núcleos usados sem modificação, fragmentos de lascamento, percutores, bigornas, etc...
Modificação primária	Lascas secundárias, bifaces ou unifaces com ou sem modificação, pré-formas, lascas retocadas e utilizadas
Modificação secundária ou refinamento (retoque)	Artefatos com acabamento por retoque, lascas secundárias, microlascas de retoque
Uso	Artefatos com marca de utilização ou fraturados pelo uso, fragmentos de artefatos (pedúnculos, bordas, etc...)
Reciclagem para modificação ou manutenção de artefatos alterados pelo uso	Artefatos com gume reativado, artefatos feitos sobre fragmentos de lascamento, microlascas e lascas de reativação
Abandono do artefato	Situação de descarte do artefato após o uso

Fonte: DIAS & HOELTZ (1997).

Para os demais sítios, a representações que passamos a apresentar se estruturam ao redor de “Indicadores de análise” (DIAS; HOELTZ, op.cit.:27), que refletem os diferentes processos de produção, mas sem necessariamente informar sobre uma sequência de operações. Ocorrem no entanto situações distintas. Se para o sítio RS U – Menezes foi possível recuperar o que parece ser todas as etapas de produção, os outros dois sítios descobertos em nossas pesquisas ao contexto holocênico, a saber o RS U – Santo Antônio, RS U – Pindaí-mirim, apesar das coletas sistemáticas e escavações controladas, não apresentaram todas as sequências de operações em função de suas características próprias de ocupação. Enquanto o RS U – Santo Antônio reflete uma ocupação localizada, restringindo muito a gama de vestígios (predominantemente lascas), o RS U – Pindaí-mirim corresponde apenas a uma área de captação de matéria-

prima, atingindo nada além do que seria uma segunda ou terceira etapa de produção presente no sítio. Desta forma, o conjunto lítico destes dois últimos sítios mencionados tem suas representações registradas sob a forma dos seguintes indicadores:

QUADRO 4.

Núcleos e lascas ¹
Artefatos unifaciais e bifaciais ²
Artefatos brutos e polidos ³

5.1. O sítio RS U – Menezes e as etapas de produção.

Iniciamos nossas considerações sobre a indústria lítica deste sítio a partir da composição da matéria-prima⁴ presente no mesmo. Predominante na área da pesquisa em sentido mais amplo, verificou-se em maior frequência a utilização de arenito, também ocorrendo a presença de calcedônia, basalto e algumas rochas que não foram identificadas, estas sem representatividade quantitativa. Uma pátina enegrecida, de cor grafite que segundo E. Miller trata-se de óxido de manganês, aparece associada aos vestígios do contexto pleisto-holocênico, sobretudo ao material da Fase Uruguai proveniente dos sítios localizados às margens do rio Uruguai. Para os sítios paleoindígenas no arroio Touro-passo, o RS I - 66 Milton Almeida, RS I – 67 Touro-passo e RS I – 68 Ribeiro, são as concreções CaCo₃ (carbonato de cálcio) que aparecem incrustadas em líticos dos sítios paleoindígenas que mais caracterizam o material a primeira vista. Sobre os líticos que estariam relacionados ao contexto holocênico, quando ocorrem alterações na superfície, estas se devem na maior parte dos casos a formação de líquens. Isto acontece pela porosidade do arenito, o que facilita a absorção de água, tornando-se assim agente susceptível a instalação e proliferação de matéria

¹ Núcleo: “Bloco de matéria-prima, preparado para que dele se possa tirar, uma ou uma série de lascas.”; Lasca: “Fragmento de rocha, debitado por uma percussão aplicada em um ponto determinado do núcleo” (LAMING-EMPERAIRE, 1967:35).

² Uniface: “É, de modo geral, um utensílio lascado em uma só face e definido por oposição aos bifaces que são lascados nas duas faces”; Biface: “É uma ferramenta de bloco, teoricamente trabalhada na totalidade de suas duas faces [...]. Como para os choppers e chopping-tools, [...] sob esse nome genérico, se confundam utensílios diferentes”. (LAMING-EMPERAIRE, op.cit.:69).

³ Artefatos brutos/polidos: “[...] artefatos resultantes da utilização de seixos, ou fragmentos de matérias-primas em estado natural ou bruto nos quais observa-se [...] presença de marcas de utilização.” (DIAS,HOELTZ, 1997:43).

orgânica. O basalto possui inexpressiva representatividade (01 núcleo) para este sítio, no entanto reforça o entendimento de que o arenito se faz como o recurso mais significativo para o trabalho em rocha pelo artesão pré-histórico que ocupou o sítio RS U – Menezes. A calcedônia compõe 85 unidades líticas (10% da coleção), na maior parte lascas. Este tipo de matéria-prima por constituir-se em propriedades de sua composição física (clivagem) muito particulares, distinguem-se das etapas destinadas a produção das coleções em arenito, sendo assim apresentadas em separado do restante da coleção. As lascas de calcedônia, iniciais ou corticais, são ínfimas no sítio, indicando o início do preparo deste tipo de rocha em seu local de captação (coleta/extração), normalmente junto aos cursos d'água. Os núcleos de calcedônia (06) possuem gume cortante e retoques marginais e invasores na borda lateral (mesial) ou na extremidade da peça (distal). Por suas pequenas dimensões, uma projeção de uso sugere atividades que envolvam precisão no trabalho ao qual destinavam-se. O restante das lascas seguem nesta mesma direção. Há evidências tais como micro-serrilhamentos.

As imagens da sequência demonstram as variações mais frequentes.



Fig.138. Lítico com pátina negra e sem pátina. Gomes.



Fig.139. Lítico com CaCo3. Gomes.



Fig.140. Núcleo de basalto. Gomes.



Fig.141. Lascas de calcedônia. Gomes.

Observamos um total de 810 vestígios líticos oriundos das nossas escavações no sítio RS U - Menezes, dos quais constatou-se o predomínio do arenito em diversas colorações (ao menos seis tonalidades). Sabemos que esta pluralidade de cores se manifesta em função dos fenômenos de metamorfismo próprios da rocha. Outra explicação pode se dar em função da estratégia de captação em afloramentos mais distantes, ficando evidente, de qualquer forma, a predileção pelo arenito para os trabalhos de lascamento.



Fig.142. Arenitos do sítio RS U – Menezes. Gomes.

Com relação ao modo de aquisição da matéria-prima existem duas possibilidades mais frequentes que estarão relacionados a disponibilidade do material, da maneira como estes recursos encontram-se disponíveis da natureza e das escolhas culturais do artesão para os fins desejados. Estas possibilidades são: coleta e/ou extração. Com relação a massa inicial, o mais comum em sentido geral parece ser seixos, blocos, lascas, plaquetas, nódulos, calhaus e cristais. Dentre estas opções enunciadas, o artesão pré-histórico que habitou ao longo do arroio Touro-passo encontrou três formas básicas, ao menos no contexto ambiental holocênico, a saber:

a) Seixos rolados depositados em cascalheiras formadas próximas das sequências meandrantas das águas do próprio arroio Touro-passo e seus afluentes;



Fig.143. Cascalheira, arroio Pindaí-mirim. Gomes.

b) Afloramentos de blocos de arenito em pedimento de sopé nos terrenos próximos às águas do arroio Touro-passo, Pindaí-mirim e possivelmente em outros arroios e sangas das proximidades (Carumbé, Palmito);



Fig.144. Afloramento rochoso, arroio Touro-passo. Gomes.

a) Afloramentos dos derrames basálticos da Formação Serra Geral, localizados nas porções inferiores dos terrenos prospectados em planície de inundação, predominantemente no arroio Touro-passo e nas margens do rio Uruguai;



Fig.145. Derrame basáltico em P.I. Arroio Touro-passo.

No sítio RS U – Menezes, as fontes de abastecimento de arenito são provenientes de diferentes áreas de captação bem como de formas de acesso. No entanto, a mais abundante fonte para captação de matéria-prima neste sítio encontra-se imediatamente ao seu próprio contexto geomorfológico, através dos blocos de arenito de diferentes tamanhos dispersos pelas imediações no próprio terreno do sítio. Tal material encontra-se empilhado em pequenos montes artificiais ajuntados pelos agricultores modernos para o fim de evitar choques com arados mecânicos e demais implementos agrícolas. Tais blocos são encontrados predominantemente em superfície, mas podem ser encontrados também a níveis estratigráficos, nesta situação em rara ocorrência.



Fig.146. Bloco de arenito em superfície. Gomes.



Fig.147. Blocos de arenito recolhidos. Gomes.



Fig.148. Bloco de arenito em estratigrafia. Gomes.



Fig.149. Bloco de arenito em estratigrafia. Gomes.

Para a etapa de produção que se relaciona a redução inicial ou preparação de núcleos, estima-se um conjunto total de 97 líticos, inseridos nas categorias: a) lascas corticais (14), b) lasca utilizada sem modificação (27), c) núcleo utilizado sem modificação (03), d) núcleos esgotados (14), e) núcleos modificado sem retoque (10).

a) Lascas corticais/iniciais (43 unid.).

Ocorre no sítio quantidades significativas de lascas, no entanto, ‘corticais/iniciais’ com superfície natural completamente preservada, apenas 05 unidades. Estas cinco lascas iniciais variam entre os tamanhos de pequeno a grande e originam-se de retiradas sobre seixos. Consideramos também lascas nesta categoria com até 50% da superfície original preservada.



Fig.150. Lascas corticais (iniciais). Gomes.



Fig.151. Lascas 100% corticais (inicias). Gomes.

b) Lascas utilizadas sem modificação⁵ (27 unid).

A expressão refere-se a lascas que apresentam marcas ou sinais aparentes de ‘uso’, tais como ranhuras, cicatrizes, micro-serrilhamentos e/ou desgastes nos bordos, tornando-os ativos, porém sem a presença de retoques. O conjunto é composto por lascas de tamanho pequeno, médio e grande. As lascas utilizadas sem modificação mantêm um volume geométrico compatível com o manuseio por apenas uma das mãos, o que sugere a utilização como alguma espécie de ‘lâmina’, destinando-se a um trabalho que requeira uma certo grau de precisão.



Fig 152. Lascas utilizadas grandes. Gomes.



Fig 153. (B) Lascas utilizadas médias e pequenas. Gomes.

c) Núcleos utilizados sem modificação (03 unid.).

Categoria composta por três pequenos blocos de arenito: “A” (n.1.1.2.30/peso:1250gr), “B” (n.1.1.2.29/peso:1000gr) e “C” (n.1.1.2.31/peso:600gr). Todos os 3 núcleos utilizados sem modificação (percutores) apresentam dois tipos de marcas antrópicas. Um tipo de marca de uso, comum aos núcleos desta etapa ‘sem preparo’, se relaciona ao contexto dos caçadores-coletores holocênicos. Trata-se das marcas de uso, evidenciados pelos pontos de impacto concêntricos. O segundo tipo de marca antrópica é formado por linhas descontínuas que se entrecruzam, formando pequenos e rasos sulcos espalhados aleatoriamente por sobre as peças. Neste caso, trata-se de marcas de arado resultante das atividades atuais de agricultores locais. Estas marcas são comuns a todos os três implementos.



Fig.154. Percutor ‘B’. Gomes.



Fig.155. Percutor ‘C’. Gomes.



Fig.156. Percutor ‘A’. Gomes.



Fig.157. Conjunto de percutores. Gomes.

d) Núcleos esgotados ⁶ (14 unid.).

Pequenos blocos, seixos e lascas, apresentando um total de 14 unidades, de pequenas dimensões (comprimento máximo 5cm) sendo 12 em arenito, são de

volume prismático resultantes de sucessivos lascamentos alternados. Todos os núcleos esgotados apresentam múltiplos planos de percussão, resultando em uma multivariabilidade de arestas e ângulos tornando difícil a definição de um padrão recorrente neste caso.



Fig.158. Conjunto de núcleos esgotados. Foto: Gomes.

e) Núcleos modificados sem retoques (10 unid.).

Conjunto de 10 peças, todas em arenito. A remoção de pequenas lascas (1,0cm - 2,0 cm) confere as peças um volume geométrico ‘poliédrico’.



Fig.159. Núcleos poliédricos, vista lateral. Gomes. Fig.160. Núcleos poliédrico, vista superior. Gomes.

Uma próxima etapa, considerada a terceira, refere-se a chamada redução primária (unifacial/bifacial) somando-se um total de 97 líticos, distribuídos nas seguintes categorias: a) Lascas primárias, b) unifaces, c) bifaces, d) pré-formas.

a) Lascas primárias (71 unid.).

As lascas primárias são para este estudo, resultado da segunda sequência de debitage sobre núcleos, apresentam as duas faces (lados) sem córtex, mas preservam requícios da superfície original. O conjunto de lascas primárias constitui-se de 71

exemplares no total. Não há uma forma regular entre estas, seu volume geométrico tem espessura máxima de 1,5 cm. São lascas relativamente finas mesmo para o caso das maiores (grandes) em função de ambas as faces (dorsal/ventral) apresentarem negativos de retiradas anteriores.



Fig.161. Subconjunto de lascas primárias. Gomes. Fig.162. Lascas primárias estilo 'lâminas'. Gomes.

b) Unifaces (12 unid.).

No conjunto de unifaces do sítio consideramos o estilo *chopper*, em função dos exemplares do sítio não possuírem nenhuma das faces integralmente debitada.



Fig.163. Conjunto de unifaces. Gomes.



Fig.164. Unifaces estilo 'choppers'. Gomes.

c) Bifaces. (05 unid).

A peça que melhor representa esta categoria de artefato, nesta etapa de produção, representa-se por um seixo (peças ns.1.1.*88) com peso de 490 gramas.



Fig.165. *Biface* sobre seixo alongado. Foto: Gomes.

d) Pré-formas. (09 unid.).

Resulta do lascamento sobre lascas e núcleos originando, conforme DIAS; HOELTZ (1997:25), ‘pré-formas de artefatos ou instrumentos simples’. Pode originar-se do lascamento primário (a partir da II etapa de produção) peças unifaciais ou bifaciais (já inseridas na III etapa de produção), podendo ser pré-formas que poderiam tornar-se implementos mais elaborados destinados a variados fins.



Fig.166. Amostragem de pré-formas. Foto: Gomes.

Na próxima etapa, considerada a quarta e denominada Redução ou modificação secundária, enquadram-se 398 líticos nas seguintes categorias: a) Artefatos com retoque (141), b) lascas secundárias, c) microlascas, d) lascas muito pequenas.

a) Artefatos com retoques.

Observamos um conjunto de 32 núcleos que constituem-se de artefatos com retoques, dos quais 10 são considerados de tamanho ‘muito grande’ (+10cm-comprimento), possuindo a consistência de massa em média estipulada sobre as proporções de um punho fechado de uma pessoa adulta. Dentre estes, não existe um

padrão morfológico regular. Todos são em arenito. Núcleos grandes compõem um subgrupo de 17 unidades sem apresentar um volume geométrico padrão ou regular. Núcleos médios formam um subgrupo de 07 peças com uma regularidade em tamanho e forma, dos quais 05 poliédricos e 02 quadrados. Podem apresentar plataformas definidas, conferindo aos mesmos um aspecto plano-convexo. Sobre núcleos pequenos acreditamos que a partir de medidas inferiores a 4,0cm de extensões máximas, os núcleos pequenos deixem de ser trabalhados neste sítio, inserindo-se na categoria de núcleos ‘esgotados’, inerentes a etapa I deste modelo de análise.

Com relação aos artefatos retocados sobre lascas, estas podem ser grandes formam um grupo de 16 peças, das quais tomando por referência o plano de percussão, é possível definir um eixo longitudinal mais longo do que as bordas laterais. Para três peças o ponto de percussão localiza-se em sentido transversal ao eixo longitudinal das mesmas. Dentre os artefatos em lascas médias selecionamos um subgrupo de 14 peças, as quais perfazem uma estrutura típica de lâminas, com o comprimento superior em dobro a largura. Apresentam uma nervura guia central na face dorsal, formando com frequência ainda na face dorsal uma estrutura de lascamento em formato de ‘Y’, na extremidade inversa ao ponto de percussão e bulbo. Os retoques são alternados e podem aparecer tanto em sentido dorsal/ventral, em uma ou em ambas as bordas laterais de maneira contínua ou descontínua. Três destas lascas (1.1*898/1.1*528/1.1*534) apesar dos retoques e micro serrilhamentos laterais, possuem a porção distal com uma extremidade pontiaguda. Lascas pequenas formam um conjunto de 71 unidades, das quais 11 apresentam córtex, sendo apenas uma inicial e as demais primárias. Predomínio de arenito. Não apresentam alterações na superfície, esta rugosa o que pode indicar serem provenientes da debitagem sobre blocos. Os retoques neste grupo de lascas distribuem-se de maneira alternada sobre as mesmas, sendo que as menores dentro da escala das lascas pequenas (1,5cm-2,5cm) apresentam micro-lascamentos e serrilhamentos.



Fig.167. Núcleos médios retocados. Gomes



Fig.168. Lascas médias, estilo lâminas. Gomes



Fig.169. Lascas retocadas. Gomes.



Fig.170. Lascas retocadas. Gomes.

b) Lascas secundárias (112 unid.).

Formam um grupo de 112 lascas. As lascas secundárias fazem parte de uma etapa mais elaborada de debitage, estão situadas em nosso estudo a partir da terceira sequência de operações, e portanto, a característica principal deste tipo de lasca consiste em ser resultado de produção de bifaces, e sendo assim, mais finas e levemente curvas, além de tamanhos reduzidos, mas ainda não ao ponto de serem classificadas enquanto micro-lascas (1,0cm) ou muito pequenas (1,0cm à 1,5cm).



Fig.171. Lascas secundárias médias. Gomes.



Fig.172. Lascas secundárias pequenas. Gomes.

c) Lascas muito pequenas (99 unid) e Microlascas (46 unid.).

As microlascas possuem em média 1,0cm. Considerou-se uma variação de até 2mm quando a lasca ultrapassar em apenas uma das dimensões, ou de até 1mm para ambos os lados da peça. As microlascas inserem-se num processo tanto quanto peculiar, pois estão mais frequentemente associadas aos estágios finais da produção de implementos mais elaborados como pontas de projétil, unifaces e bifaces de uso variado. No entanto, por ser um sítio de superfície, podem resultar de agentes perturbadores do sítio. As lascas muito pequenas não apresentam peculiaridades específicas, e parecem estar associadas aos mesmos eventos que originaram as microlascas.



Fig.173. Lascas 'muito pequenas'. Gomes.



Fig.174. Microlascas. Gomes.

Uma quinta etapa do processo de produção observado define-se por sua Utilização e/ou uso, considerando apenas artefatos fraturados e fragmentos de artefatos.

a) Artefatos fraturados.

Três peças, uma de perfil foliáceo com fratura ao meio, duas pontas de projétil sendo uma faltando a base e outra com fratura no pedúnculo e na extremidade da ponta.



Fig.175. Artefatos com fraturas transversais. Gomes.

b) Fragmentos de artefatos (27 unid.).

Do conjunto desta categoria, apenas duas podem ser consideradas ‘pedúnculos’ finalizados, um com retoque na base tipo rabo de peixe, o outro foliáceo, ambos com acabamento nas faces dorsal/ventral. As outras peças parecem ser pedúnculos de artefatos não finalizados, ou pré-formas. São peças pequenas, a maior (1.1*247) atinge os 3,3cm de comprimento, enquanto que a mais curta 1,6cm (1.1*248), sendo que nesta a largura é superior ao que eixo longitudinal da peça. A peça mais larga é de uma base foliácea (3,4cm). Os demais pedúnculos parecem ser retos, com retoques laterais e apenas nas faces dorsais. Todas as 27 peças desta categoria apresentam fratura na sua porção mesial, podendo a fratura ser ‘transversal’ ou ‘diagonal’.



Fig.176. Pedúnculos e pseudo-pedúnculos fraturados. Fig.177. Pseudo-pedúnculos em destaque.

A sexta etapa desta cadeia operatória diz respeito ao estágio de Manutenção x modificação nos implementos. Considera neste estágio artefatos reativados.

a) Artefatos reativados (06 unid.).

Conjunto de 6 peças no geral. Duas fazem parte inquestionável do grupo definido por ‘artefatos com gume reativado’. São peças de tamanho mediano, todas em arenito e com debitagens predominantes nas faces dorsais. Os gumes reativados se evidenciam pelos pequenos retoques secundários, normalmente sobre partes fraturadas, resultando em peças notadamente disformes ou em formato distinto do original.



Fig.178. Conjunto de instrumentos reativados.



Fig.179. Implemento pedunculado reativado.

ETAPAS DE PRODUÇÃO – SÍTIO: RS U – MENEZES.

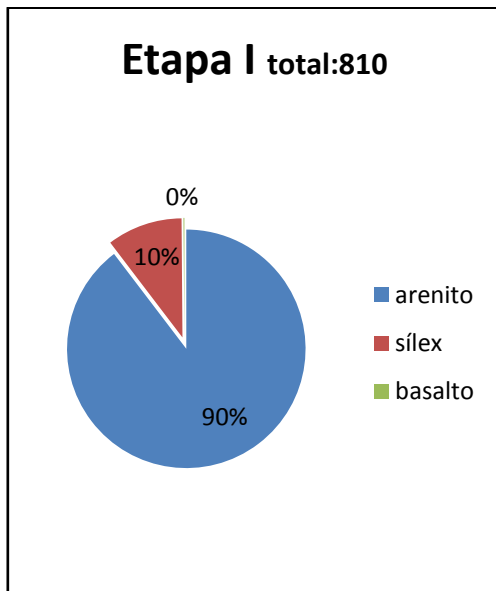


Fig.180. Matéria-prima.

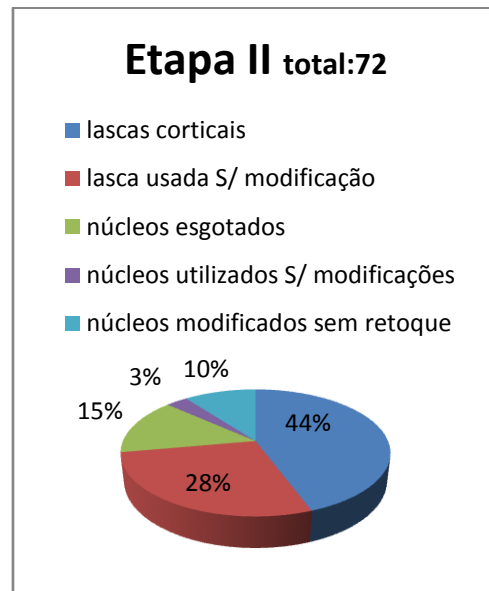


Fig.181. Redução Inicial/preparo de núcleos.

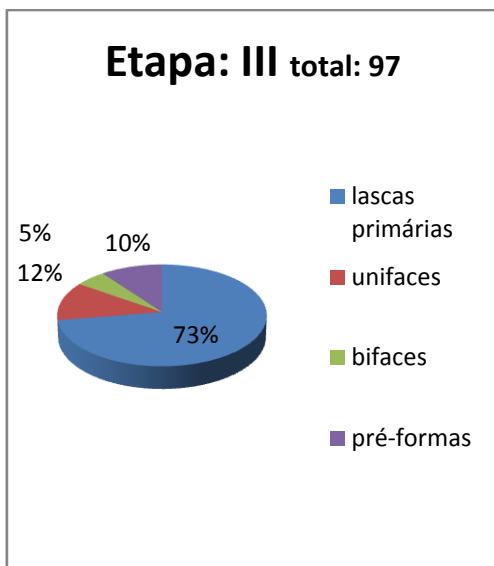


Fig.182. Redução primária. (unif./bif.).

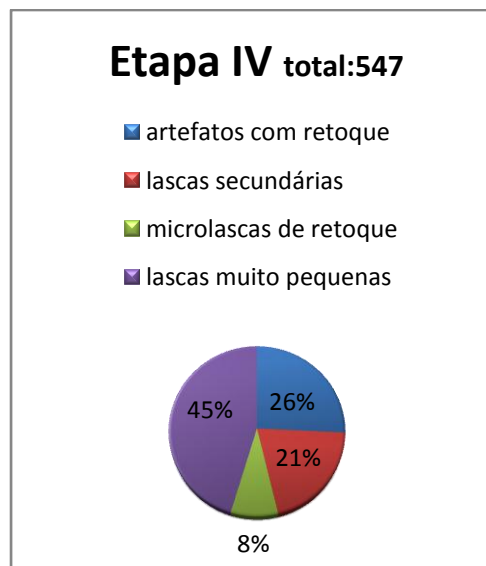


Fig.183. Redução secundária. (refinamento/retoque).

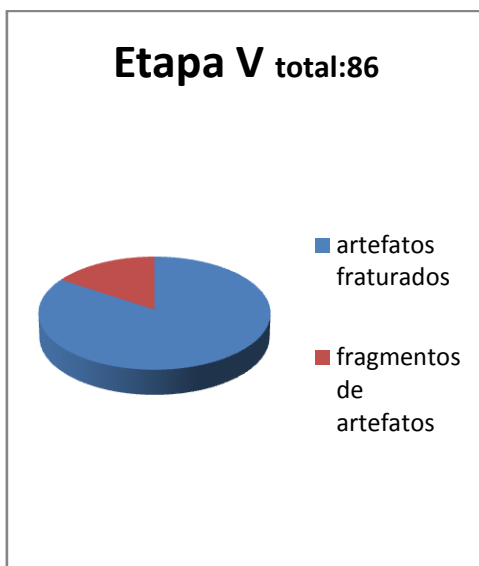


Fig.184. Utilização.



Fig.185. Manutenção x modificação

5.2. O Sítio RS U – Santo Antônio.

5.2.1. A coleção escavada.

A matéria-prima presente no sítio RS U – Santo Antônio é unicamente constituída por um tipo de arenito silicificado, de tonalidade acinzentada. Este sítio constituiu-se sobre uma deposição de sedimentos, concentrando-se nestes um conglomerado de lascas de façongem, originadas de 5 núcleos localizados em

associação estratigráfica, dos quais desprenderam-se as mesmas lascas após o trabalho do artesão.

Tanto no sedimento que encobriu os vestígios, como nos demais relacionados a estratigrafia do sítio, não existe matéria-prima diretamente associada ao contexto dos vestígios culturais. Fica latente que a matéria-prima presente no sítio fora importada de outra área pelo artesão, assentando-se o mesmo no exato local, ou muito próximo, da área de lascamento localizada, fazendo dali seu breve assentamento para fins de produção de uma indústria de lascas, das quais dentre lascas utilizadas sem modificação, retocadas, até a elaboração de aperfeiçoadas peças bifaciais, tendo outras sido fraturadas sem que tenhamos a definição se a fratura ocorreu no momento de produção, utilização, descarte ou até mesmo de sua localização e remoção já ao contexto dos trabalhos arqueológicos. A ausência de lascas corticais completas sugere que a massa inicial que originou os raros núcleos sofreram uma debitage inicial em seu local de extração ou coleta, transportando-se apenas os núcleos já debitados e prontos para a etapa de processo de façonagem.

a) Núcleos. (05 unid.).

Os núcleos deste sítio apresentam a mesma estrutura em poliedro irregular piramidal oblíquo. Tiveram o preparo de plataformas bem definidas, sendo que nos dois núcleos menores as cicatrizes de retiradas de lascas de perfil fino e alongado destacam-se nas peças. O núcleo maior apresenta retiradas mais irregulares, obtendo-se do mesmo lascas pequenas, quadradas, oblíquas e outras lascas largas. Apenas dois núcleos encontravam-se ainda em estratigrafia e associação direta com o conglomerado de lascas, já os demais localizados encontravam-se, como algumas lascas, rolados por meio das ravinas formadas pelas rampas de erosão, em superfície, e nas camadas estratigráficas inferiores, próximo ao nível das águas do rio Uruguai.



Fig.186. Núcleos em arenito. Gomes.

b) Lascas (1205 unid.).

Nenhuma lasca apresenta 100% de superfície cortical nas peças deste sítio. Algumas conservam em torno de 10% a 30% de reserva de córtex, baseando nossa interpretação anterior ao entendimento que a massa inicial deve ter sofrido uma debitage inicial, sendo transportado ao sítio apenas os núcleos já com preparo inicial. Variam de tamanho e espessura, de pequenas a grandes. Poderiam ser enquadradas em etapas diferentes da cadeia operatória, no entanto, optou-se por manter as mesmas nesta categoria, dado a presença do resquício de córtex nestas poucas peças.



Fig.187. Lascas corticais. Gomes.



Fig.188. Lascas formatos irregulares. Gomes.



Fig.189. Lascas com retoques. Gomes.



Fig.190. Lasca curva. Gomes.



Fig.191. Lascas com maior espessura. Gomes.



Fig.192. Lascas com bordas irregulares. Gomes.



Fig.193. Lascas 'médias' tipo lâminas. Gomes.



Fig.194. Lasca com borda irregular. Gomes.



Fig.195. Lascas com fratura transversal (a).



Fig.196. Lascas com fratura transversal (b).



Fig.197. Lascas pequenas. Gomes.



Fig.198. Lascas tamanhos variados. Gomes.



Fig. 199. Lascas espessas pequenas. Gomes.

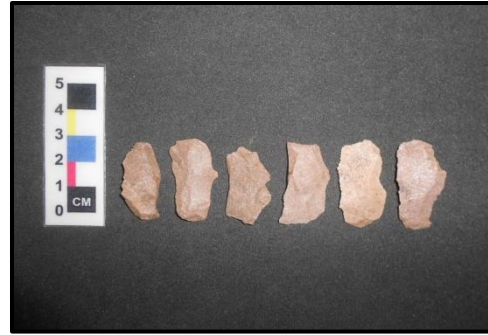


Fig. 200. Lascas pequenas de perfil longitudinal.



Fig. 201. Lascas de formas variadas (a). Gomes.



Fig. 202. Lascas formas variadas (b). Gomes.



Fig. 203. Lascas muito pequenas. Gomes.



Fig. 204. Microlascas. Gomes.

c) Artefatos unifaciais, bifaciais (08unid.) e pré-formas (01 unid.).



Fig. 205. Peças bifaciais. Gomes.



Fig. 206. Pré-forma, instrumento simples.



Fig.207. Peças fraturadas (a). Gomes.



Fig.208. Peças fraturadas (b). Gomes.



Fig.209. Peças fraturadas (c). Gomes.

Artefatos brutos e polidos bem como as demais categorias de análise não se encontram representadas na coleção deste sítio.

Sítio RS U – Santo Antônio: área escavada.

Núcleos: 05; lascas: 1205; artefatos. unifaciais: 00; artefatos. bifaciais: 09, artefatos brutos: 00; artefatos polidos: 00. TOTAL: 1.219 unidades.

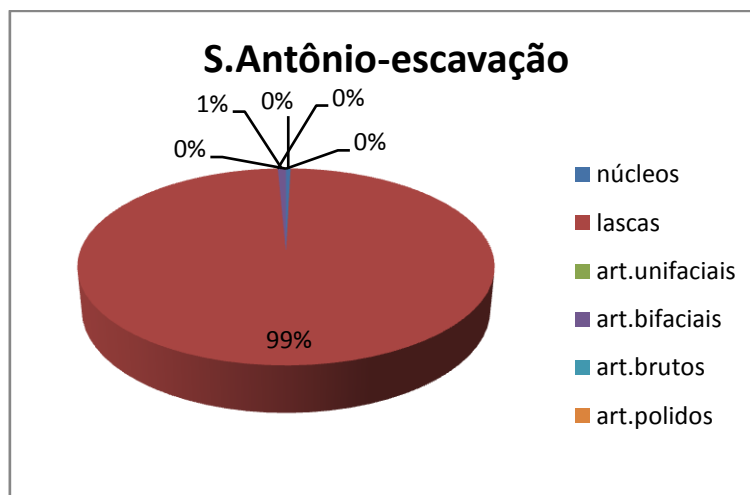


Fig.210. Gráfico RS U – S. Antônio, escavação. Gomes.

5.2.2. A coleção de superfície (Coleta superficial pontos 1 e 2).

Apesar de terem sido realizadas coletas superficiais em dois trechos distintos, contendo apenas um trecho de separação correspondente a área de escavação, considera-se toda a área de vestígios um único sítio. As metodologias diferenciadas empregadas para os trechos coletados e a área escavada referem-se a situação paradoxal do mesmo, que inclui material *in situ* como também redepositado. No entanto, enquanto o material escavado consistia em características próprias, as peças superficiais nos dois trechos apresentam as mesmas características e fazem parte de apenas um mesmo modelo de redeposição. Por estes motivos, as representações visuais e quantitativas foram agrupadas sem distinção entre os trechos de coleta superficial.

a) Núcleos (295unid.).



Fig.211. Núcleos semi-circulares. Gomes.



Fig.212. Núcleo semi-circular. Gomes.



Fig.213. Núcleo sem pátina e com pátina negra.



Fig.214. Núcleo plano-convexo. Gomes.



Fig.215. Núcleo com retirada dorsal centralizada.



Fig.216. Núcleo com retiradas periféricas. Gomes.



Fig.217. Núcleo discoidal. Gomes.



Fig.218. Núcleo tipo 'lenticular'. Gomes.

b) Lascas:



Fig.219. Lasca grande com retoque. Gomes.



Fig.220. Lascas grandes faces ventrais. Gomes.



Fig.221. Lascas grandes com córtex (a).



Fig.222. Lascas grandes com córtex (b). Gomes.



Fig.223. Lascas grandes sem córtex. Gomes.

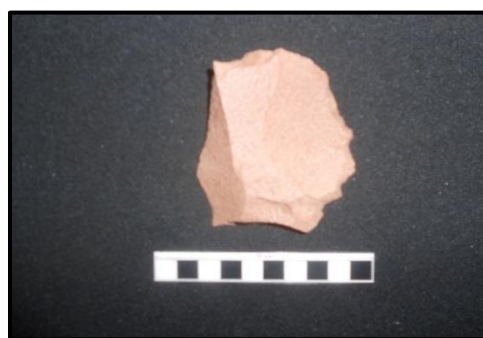


Fig.224. Lasca grande com retoques. Gomes.



Fig.225. Lascas médias com retoques. Gomes.



Fig.226. Lasca fraturada e lasca retocada. Gomes.



Fig.227. Lascas médias. Gomes.



Fig.228. Lascas médias e pequenas. Gomes.

c) Artefatos unifaciais, bifaciais e pré-formas.



Fig.229. Artefatos unifaciais. Gomes.

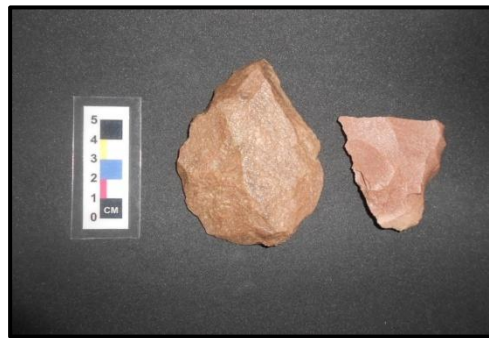


Fig.230. Artefatos unifaciais fraturados. Gomes.



Fig.231. Artefatos unifaciais (choppers). Gomes.



Fig.232. Peça bifacial. Gomes.



Fig.233. Ponta de projétil fraturada. Gomes.

d) Artefatos brutos e polidos.

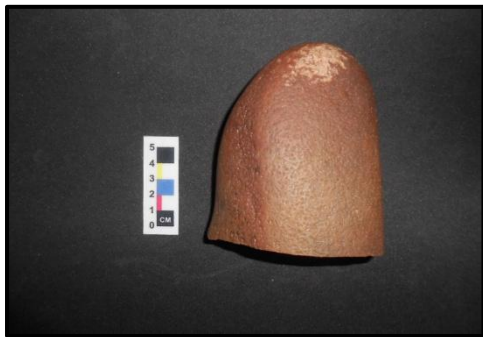
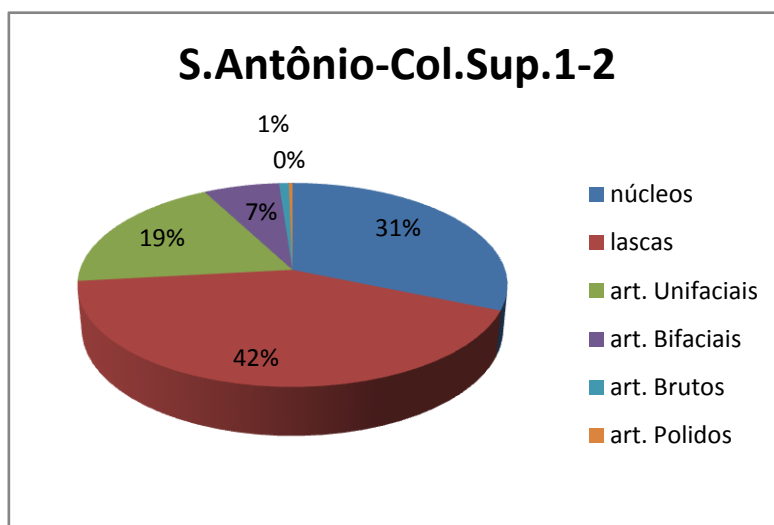


Fig.234. Percutor. Gomes.



Fig.235. Pedra com depressão semi-esférica.

Sítio: RS U - Santo Antônio. Pontos de coleta superficial 1 e 2. Núcleos: 295; lascas: 395; artefatos unifaciais: 179; artefatos bifaciais: 62, artefatos brutos: 08; artefatos polidos: 03. Total: 942 unidades.



5.3 O Sítio RS U – Pindaí-mirim, coleção de superfície.

O arenito é a matéria-prima predominante neste sítio, bem como núcleos e lascas de proporções médias e grandes. Lascas menores podem ocorrer dispersas pelo sítio, sempre em superfície pois o mesmo assenta-se sobre afloramento rochoso. Quando ocorrem artefatos, estes são sempre pouco elaborados, sendo as peças unifaciais e bifaciais representadas por implementos simples como choppers e chopping-tools.

a) Núcleos (26 unid.).



Fig.236. Núcleos grandes. Gomes.



Fig.237. Núcleos médios (a). Gomes.



Fig.238. Núcleos médios (b). Gomes.



Fig.239. Núcleos médios (c). Gomes.

b) Lascas (15 unid.).



Fig.240. Lascas 'muito grandes'. Gomes.



Fig.241. Lascas grandes. Gomes.



Fig.242. Lascas médias. Gomes.

c) Artefatos unifaciais, bifaciais e pré-formas.



Fig.243. Artefatos unifaciais (choppers).



Fig.244. Artefatos unifaciais (choppers).



Fig.245. Artefatos unifaciais. Gomes.

Sítio: RS U – Pindaí-mirim. Núcleos: 26; lascas:15; artefatos unifaciais, bifaciais e pré-formas:10. TOTAL: 51 unidades

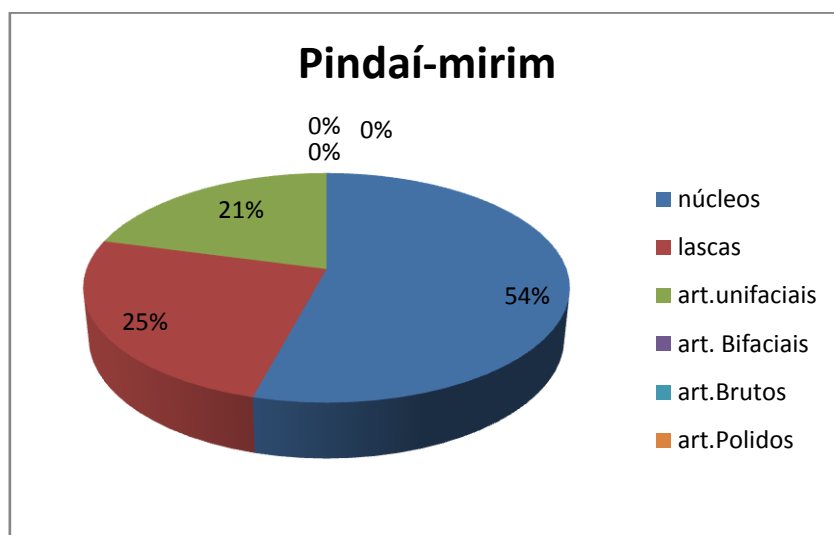


Fig.246. Gráfico RS U – Pindaí-mirim. Gomes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que após mais de meio milênio de descobertas, e que apesar da saturação do meio ambiente e do impacto disto nos sítios arqueológicos, ainda podemos salientar a importância da Arqueologia como ciência capaz de corroborar ao entendimento das sociedades humanas do período pré-colonial brasileiro. Entre acertos e desacertos teórico-metodológicos, as pesquisas que se desenvolveram ao longo deste lento processo histórico produziram informações que não necessariamente se complementam, ao contrário, o que vimos é que existem etapas, momentos em que se constituem determinados quadros explicativos que acabam posteriormente por ser revistos, aperfeiçoados ou até mesmo refutados, resultando em novas informações.

Creio que em nosso caso não tenha sido diferente. Após os estudos bibliográficos e documentais preliminares, somente em campo foi possível perceber que as informações colhidas das pesquisas anteriores a nossa, na área do arroio Touro-passo, necessitavam de um novo posicionamento frente as mudanças de época. Inicialmente nossa própria pesquisa preconizava prosseguir na mesma direção trilhada pelas pesquisas anteriores. O enfoque paleoindígena, as relações com fósseis e a antiguidade dos sítios mostravam-se como um tema fascinante e promissor. Mas as experiências de campo nos apontavam um cenário arqueológico e ambiental distinto do qual havíamos tomado conhecimento a partir da bibliografia.

Na medida em que passamos a ter contato com os sítios em campo e comparar com os artigos e documentos primários produzidos por E. Miller, passamos a questionar se o mesmo tema sobre o paleoíndio, se a mesma metodologia de percorrer barrancas, se a mesma tentativa de localizar fósseis e buscar relações com vestígios líticos, de fato, seriam tão eficazes o quanto pareciam ter sido no passado. Creio que E. Miller seguiu um padrão de pesquisa de sua época, condizente com seus recursos tecnológicos, aparato teórico-metodológico e por uma visão de mundo própria do momento, quando o interesse pelo passado mais remoto da presença humana na região passava pela necessidade de se estabelecer um primeiro ordenamento espacial, temporal e cultural. Em seu momento de pesquisa a elaboração de uma ordem tafonômica dos eventos culturais cuja as origens se reportam as influências das ciências da terra e biológicas impregnou a Arqueologia histórico-cultural com seu pragmatismo classificatório. Resultou desta influência a estipulação das tradições e fases arqueológicas, fundamentadas no tipologismo, no estabelecimento das seriações e quantificações por

amostragens, dos poços-teste, da perspectiva histórico-cultural evolucionista para uma interpretação de aperfeiçoamento das técnicas empregadas nos vestígios líticos, dos modelos estratigráficos, das associações entre vestígios arqueológicos e paleontológicos e destas questões todas como indicadores espaço-temporais. Todo este legado já havia sido rompido pelas gerações posteriores de arqueólogos gaúchos ao desenvolver seus estudos em outras regiões. É o caso encontrado em DIAS (2007) a respeito de suas pesquisas efetuadas no Vale do rio dos Sinos, segundo a qual seriam as distinções tecnológicas os indicadores de fronteiras territoriais entre diferentes grupos de uma respectiva região, não meros guias-fósseis associados a fronteiras ecológicas. No caso da área de nosso estudo, estas premissas defasadas ainda se faziam como a única explicação para os sítios, fundamentalmente pela ausência de novos estudos.

Somente após as primeiras empreitadas da arqueologia no Estado, sobretudo a partir das regiões leste, nordeste e sul que a fronteira oeste ganhou notoriedade por sua antiguidade. Também foi neste mesmo contexto nas décadas de 1960 e 1970 que foram localizados os sítios RS I - 66 Milton Almeida, RS I - 67 Touro-passo e RS I - 68 Ribeiro, e com eles o 'paleoíndio' no arroio Touro-passo. A questão paleoindígena que ganhou força como um desdobramento do Pronapa, como vimos, havia surgido a partir de outro sítio, o RS I - 50 Sanga da Cruz, e das associações entre vestígios humanos com fauna pleistocênica extinta. O tema ganha repercussão e apoio internacional. O arroio Touro-passo poderia sobressair-se sobre a área da Sanga da Cruz, talvez, em função da proximidade destes 3 sítios, o que tornaria a área um epicentro de incrível referência sobre um tema tão importante para a Arqueologia sul-americana. Mas não foi o que aconteceu. Decorridos mais de três décadas das descobertas de E. Miller, a área não havia recebido novos estudos formalizados junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Nem mesmo a instalação de um campus universitário avançado da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, detentora de um dos mais importantes centros de pesquisa arqueológica do Estado, resultou num interesse maior pelos sítios da região. E não falamos apenas dos três sítios paleoindígenas no arroio Touro-passo, senão dos mais de 30 sítios arqueológicos localizados no município, com datações que acusam registros pleistocênicos até o período cerâmico.

Após as análises das fontes documentais, da avaliação dos métodos de campo empregados por E. Miller, comparamos com as inferências mais recentes de Milder (2000) sobre os modelos de ocupação para os sítios da região. Enquanto o primeiro

apresentava uma pormenorizada avaliação estratigráfica, atendo-se a qualquer nuance das matrizes dos sedimentos, o segundo pesquisador realiza uma explanação ampla e imprecisa, aplicando localmente um modelo utilizado para uma região do sudeste brasileiro.

O modelo de S. Milder estava correto, e não poderia ser diferente, ou seja, os sítios arqueológicos podem ser encontrados em todo o tipo de compartimento topográfico, entre planície de inundação aos pontos mais elevados terrenos que chamamos de coxilhas. Mas a simples indicação destes pontos de localização de sítios não auxiliaram na elucidação de qualquer problemática específica. De tal sorte, as investidas arqueológicas sobre o arroio Touro-passo poderiam registrar complementarmente ações de ‘salvamento arqueológico’ em atuações de arqueologia de contrato, ou eventuais investidas esporádicas e em pontos isolados que não produziram efetivamente nenhuma informação passível de referência.

Nas circunstâncias de um completo abandono das pesquisas de campo, ainda que frequentemente referenciados na literatura especializada, encampamos uma empreitada desafiadora que resultou na criação de uma estrutura institucional somente a partir do ano de 2000, com a fundação do Núcleo de Estudos e Pesquisas Arqueológicas (NUPA) da PUCRS- Câmpus Uruguaiana. A partir de então, passamos a percorrer a área do arroio Touro-passo, ainda em busca dos sítios antigos e das relações entre fósseis e vestígios arqueológicos. Nos deparamos com um quadro de uma imensa dispersão de líticos, as vezes em associação com fósseis, as vezes com materiais históricos (vidraria, faianças, metal), e até mesmo cerâmico. A partir das características próprias de cada tipo de sítio, em comum o fato de uma irreparável perturbação dos mesmos, direta ou indiretamente, pelo incremento da mecanização dos trabalhos no campo.

Dado as mudanças na paisagem, a imensa degradação dos sítios arqueológicos, as velhas problemáticas já não demonstravam mais nenhum proveito. O problema da imensa distribuição de lítico sobre os terrenos acrescia-se da observação de que em determinados períodos, a abundância de vestígios pareciam ‘escassear’ ao ponto de facilmente interpretar-se que os mesmos haviam sido coletados de forma irregular. De fato esta situação se fez e ainda deve ser freqüente, mas sobretudo nas margens do rio Uruguai e arroio Touro-passo. Quando retornávamos aos sítios, poderíamos constatar novamente grandes quantidades de material em superfície. Tal disseminação de vestígios apenas ocasionalmente dispunham-se de forma mais concentrada, o que

tornava difícil conceber onde um sítio terminava e onde começava outro. Passamos a entender que todo o arroio Touro-passo desta forma, assumia contornos de se representar como um sítio arqueológico, pelo inusitado da situação, passamos a definir as adjacências do arroio como uma ‘área arqueológica’.

Esta dinâmica ambiental atuando sobre os sítios arqueológicos passou a chamar nossa atenção e o particularismo das associações arqueo-paleontológicas acabaram ficando em segundo plano. Sobre os sítios que pudemos precisar melhor seus contornos, como no caso do RS U – Menezes, ainda assim aferiu-se um deslocamento na superfície do terreno de aproximadamente 50cm em média, para o caso de lascas médias e núcleos pequenos, assim como artefatos de pequenas dimensões no geral. Apesar do sítio não encontrar-se em barranca, a própria declividade do terreno associado ao incremento de atividades antrópicas e intemperismos, potencializavam um relativo ‘deslocamento’ das evidências arqueológicas de suas estruturas de origem.

Por fim, um outro fator que também chamou nossa atenção foram as mudanças de fato na paisagem. Alguns pontos de referência na área como estradas e silos ganham em paralelo aos processos erosivos, desmatamento e períodos alternados de cultivo, alterações na paisagem ao ponto em que um mesmo local assumia feições completamente distintas com o passar do tempo. Estes fatores são históricos, e não chamaram a atenção de E. Miller pelo seu procedimento instituir-se sobre as barrancas. No entanto, no caso dos dias atuais, o próprio pesquisador deveria concordar sobre o fato de que este procedimento já não se sustenta mais, isto porque as próprias barrancas pesquisadas já não existem mais.

Apenas com o tempo foi possível aferir que o maior agente desta dinâmica dos sítios tratava-se da ação das águas, normalmente eventos conjugadas entre chuvas e enchentes de grandes proporções. Enquanto as chuvas atuam de maneira a formar rampas de erosão, quando intensas, a correnteza acaba por acentuar os taludes em meio a fluxo das águas nos talvegues, formando barrancas ‘novas’ assim que as águas baixam, estas cada vez mais distante das margens que circundam o leito original. As águas passam por definir a sorte do arqueólogo, caso este não se atente ao entendimento deste fenômeno. Portanto, percebemos que não apenas onde localizam-se os sítios, mas sobretudo, o momento em que estes são localizados definirá a forma com a qual o lítico se distribuirá na paisagem.

Foi em decorrência deste cenário de disseminação de vestígios, acrescido de um drástico impacto ambiental que percebemos o quanto as velhas questões

arqueológicas abordadas a partir dos sítios da área haviam sido seriamente comprometidas. Este tipo de enfoque, e ainda a ausência de pesquisas sistemáticas mais recentes ou com informações que suscitasse novas discussões, fomentou a necessidade primordial em se estabelecer alguma forma de re-ordenamento sobre os espaços. Passamos a entender que sem este novo ordenamento espacial qualquer outra proposta de estudo sobre a área correria um sério risco de obter dados equivocados e resultados futuramente questionáveis, como o caso dos sítios paleoindígenas conhecidos. Não adentramos ao campo da geoarqueologia por entender que esta linha de pesquisa, utilizada por S. Milder, não traria informações novas, no máximo complementar-se com algum dado mais específico que de qualquer forma não avançaria mais do que algumas linhas no discurso pronto sobre o paleoíndio do arroio Touro-passo. Também por identificarmos que a perturbação dos sítios atualmente está tão atrelada as atividades agrícolas atuais, quanto ao próprio intemperismo. As análises isoladas dos processos geomorfológicos da região já não explicam por si mesmo a dinâmica da formação e transformações dos sítios arqueológicos da área.

Passamos a priorizar, portanto, um novo primeiro passo necessário, e um redirecionamento de nossa própria pesquisa para outra direção, a do reordenamento espacial sobre os sítios na paisagem, buscando uma textualização das parcialidades (sítios) que compõem um contexto mais abrangente (área, região). Enquanto o modelo de S. Milder se apresentava muito amplo, o de E. Miller se apresentava muito restrito. A Formação Touro-passo, que contou com a contribuição de M. Bombin, destinava-se ao espaço que o pesquisador definiu por 'área tipo', não ultrapassando muito além das margens do referido arroio. Desta forma, sítios em áreas mais elevadas situariam-se fora do modelo de M. Bombin, e poderiam enquadrar-se no abrangente modelo de S. Milder. Buscamos então na Arqueologia Espacial, a partir dos postulados de D. Clarke, a uma alternativa para o ordenamento dos espaços, estipulando os níveis de análise que trabalhamos. Desta maneira conseguimos contextualizar tanto as barrancas quanto a paisagem, ou seja, realizamos escavações e coletas sistemáticas que nos proporcionaram tanto uma visão estratigráfica (verticalizada) quanto superficial (espacialmente horizontalizada). A Arqueologia Espacial passou a nos orientar no campo teórico-metodológico, nos auxiliando tanto nas prospecções, quanto no entendimento da conturbada dinâmica ambiental.

No entanto, somente a estipulação destes níveis de análise, sem limites muito claros, deixava ainda uma lacuna que precisava ser preenchida. Foi neste sentido que

entendemos que mais do que descrever a paisagem seria pertinente um novo exercício sobre o ‘pensar’ a área, e encontrar as formas nas quais poderíamos tanto conjugar sítio e paisagem de uma maneira mais intrínseca e menos polarizada. E foi nos conceitos contemporâneos da Geografia que encontramos um bom embasamento para aplicar dois conceitos que entendemos ser fundamentais para qualquer abordagem que se pretenda dar em novas pesquisas do período pré-colonial na área. Trata-se das concepções de ‘local’ e ‘lugar’. São expressões que utilizamos em nível micro da área de estudo, equivalente a dimensão dos sítios arqueológicos. Estes foram retratados por E. Miller como paleoindígenas, ou vinculados a Tradição Umbu, ainda que praticamente sem qualquer referência a este segundo fator. S. Milder não elabora nenhuma perspectiva nova sobre os sítios arqueológicos, denominando os sítios de associação involuntária como ‘falsos sítios’. Em nosso entendimento a expressão parece inadequada. Os sítios não são falsos, os sítios RS I – 66 Milton Almeida, o RS I – 67 Touro-passo e o RS I – 68 Ribeiro não são falsos sítios, como nenhum caso que seja de nosso conhecimento. O postulado que resgatamos da terminologia geográfica refere-se a concepção de local um espaço sem identidade, ou para o caso da arqueologia, sítios que não foram ocupados e sim formados em decorrência de situações naturais. Quando falamos de locais como espaços sem identidades, nos referimos a ausência no contexto arqueológico da escolha pelo artesão pré-histórico de um espaço para ocupar, seja este para residir, sepultar, caçar, captar matéria-prima, determinar uma área para suas investidas em suas estratégias de caça entre outras inúmeras possibilidades. Alguma forma de vínculo entre o indivíduo, seu grupo social e este espaço, é neste sentido que um espaço ou local qualquer ganha o sentido de lugar. O que é local arqueológico e o que é lugar arqueológico definem o tipo de contribuição que poderão fornecer ao pesquisador. Portanto, o que presenciamos é que qualquer tentativa em se constituir um problemática de pesquisa sobre caçadores-coletores na área do arroio Touro-passo deve passar a constituir-se enquanto a primeira avaliação do arqueólogo em campo, se o sítio é um ‘local’ ou um ‘lugar’.

Dos conceitos que nos apropriamos da Geografia, definimos portanto que determinados sítios constituem-se em locais arqueológicos, ou seja, que são resultado de ações pos-deposicionais formados em função de arraste fluvial, originando depósitos de cascalheiras que distribuem-se de forma aleatória ao longo das margens do arroio Touro-passo. Tais cascalheiras também sofrem alterações como o deslocamento destes depósitos, assim poderíamos encontrar ao longo das margens do arroio Touro-passo não

‘apenas’ três sítios paleoindígenas, mas tantos quantos os fatores de perturbação exaustivamente enunciados aqui, sejam capazes de ‘formar’.

Este mesmo fenômeno atua também sobre os sítios nas margens do rio Uruguai. Quando do período de estiagem, as águas revelam material tanto rolado das porções superiores dos barrancos, mesclando-se com material oriundo de arraste fluvial, formando uma ‘mistura’ de indústrias líticas.

Desta forma, concluímos que tentar atribuir um entendimento de ocupação do sítio se este estiver localizado em barranca, induzirá o pesquisador ao estabelecimento de relações arqueo-estratigráficas equivocadas. Todavia, se o momento for posterior a períodos de chuva de forte intensidade, na ocasião em que as águas começam a baixar, há possibilidades de se localizar materiais em estratigrafia *in situ*. Isto vale tanto para os sítios do arroio Touro-passo quanto para os sítios do rio Uruguai. Ainda assim esta chance é nula ou baixíssima para os sítios paleoindígenas mencionados neste estudo. Em nossa última prospecção no RS I - 66 e no RS I - 67, a nova barranca formada distava cerca de 2m de valas de irrigação, já em terreno de plantio, o que significa que neste processo de mudanças na paisagem, os vestígios que estavam em barranca agora deverão encontrar-se em alguma lavoura. Desta forma os vestígios que se depositam no local do sítio RS I 66 – Milton Almeida, poderão facilmente no futuro serem interpretados como sítio recentes, assumindo assim uma nova ‘identidade’ arqueológica.

Vimos que os sítios paleoindígenas apresentam todas estas características de perturbação relatadas, tanto de ordem natural quanto antrópica. Vimos também que o fator de destruição dos mesmos já haviam sido relatados por E. Miller e referendados por S. Milder. Desta forma, entendemos melhor porque dois sítios que seriam importantes para a questão paleoindígena sofreram apenas alguns recortes estratigráficos, como no caso do RS I – 67 Touro Passo e o RS I – 68 Ribeiro. Nem mesmo E. Miller ocupou-se destes sítios, apesar da proximidade entre ambos, centrando seus esforços no RS I – 66 - Milton Almeida. No caso deste último, por praticamente todo o período da pesquisa não creditávamos que além da abundância de líticos associados involuntariamente também com fósseis rolados, fosse possível comprovar a ocupação do sítio tornando-o em nosso conceito um ‘lugar’ arqueológico. Sobre uma área degradada como as demais, somente os registros fotográficos obtidos em consultas aos arquivos do MARSUL evidenciaram estruturas de cocção diretamente associadas a líticos em sedimentos pleistocênicos ainda não erodidos. As fotos revelaram o que hoje o sítio não tem mais capacidade de apresentar, estruturas arqueológicas preservadas e

em coerência estratigráfica. Enfim uma dúvida sanada, que manteve-se por 40 anos sobre os relatórios de E. Miller, que afinal, mesmo afirmando que os sítios seriam destruídos, o sítio nas suas condições ambientais atuais não confirmava as impressões sobre prováveis ocupações relatadas do pesquisador.

Para o caso dos sítios que localizamos durante os anos do projeto (2000 – 2010) que subsidiaram esta pesquisa, em função da proliferação de vestígios em diferentes compartimentos topográficos, passamos a realizar prospecções assistemáticas em diferentes partes dos terrenos a fim de localizar sítios ‘bem’ preservados. Constatamos que isoladamente, até mesmo nas estradas internas das propriedades rurais que percorremos poderia ser localizado lascas, núcleos e artefatos de toda ordem, chamando a atenção principalmente lenticulares e bolas de boleadeiras. Apesar da facilidade em se encontrar vestígios isolados, apenas três locais apresentaram boas condições de preservação, um no arroio Touro-passo que chamamos de RS U – Menezes, o outro nas margens do arroio Pindaí-mirim e um terceiro em barranca, nas margens do rio Uruguai. Já descrevemos a situação dos mesmos bem como os trabalhos realizados. Foi a experiência obtida nestes sítios em oposição aos sítios antigos que tornou factível nossas observações sobre os fatores de distinção entre os sítios com características de ocupação dos formados aleatoriamente. Mas além da constatação de que os mesmos indicam ocupações humanas pelo exposto, a percepção que temos do conjunto de sítios ‘recentes’ trabalhados nos direciona ao entendimento de questões mais amplas, como indicadores demográficos por exemplo. Os lugares pesquisados indicam a presença de grupos bastante restritos. No caso do sítio RS U – Menezes, no qual as características de ocupação indicam um acampamento satélite, onde os processos de manufatura do lítico resultaram na evidenciação de várias etapas da cadeia operatória preconizada por COLLINS, adaptada por DIAS; HOELTZ (1997), estima-se a presença de um grupo pequeno de indivíduos no espaço do sítio. Em comparação com o sítio RS U – Pindaí-mirim, o fato observado sobre o lugar indica de mesmo modo a atividade de grupo(s) restrito(s). O afloramento não é único na área e também a oferta de matéria-prima, principal uso do lugar, é do mesmo tipo (seixos, blocos e plaquetas) de muitos outros ‘pontos’ de cascalheiras ou afloramentos facilmente adquiridos ao longo das margens deste arroio até então desconhecido para a arqueologia gaúcha. O sítio que tornou-se mais complexo, o RS U – Santo Antônio, por apresentar ‘setores’ bastante distintos, requereu um outro tipo de avaliação, por parcialidades. Ficou claro que nos três ‘setores’ ou ‘pontos’ de trabalho, ocorrem duas situações distintas.

Enquanto o material encontrado em superfície, notadamente distribuído em decorrência de arraste fluvial, observamos uma grande quantidade de material muito superior ao que foi coletado sistematicamente. É como no caso dos sítios paleoindígenas um local que apresenta uma dinâmica muito acentuada com relação a distribuição do material pelo terreno. Em função dos fatores de origem hidráulica já relatados, há um fluxo de deslocamento de material nos dois pontos de coleta superficial, que chegam ao sítio juntamente com uma carga de sedimentos que podem ser provenientes das alturas do alto Uruguai. A abundância de vestígios líticos que aparecem no sítio de forma sazonal não serve como indício de ocupação do lugar, portanto, sem o conhecimento exato da origem do material não podemos atestar a presença de grandes grupos no sítio RS U – Santo Antônio. Neste caso, também não podemos concluir que se trate de grupos pequenos ocupando o mesmo espaço por muito tempo. Esta questão, das estimativas do tamanho dos grupos para sítios nestas condições no parece inviável, como se tornam tantas outras questões importantes que não podem ser afirmadas com base neste tipo de sítio (locais). No entanto, para o que chamamos de lugar da escavação, apesar da grande quantidade de material, que se aproxima das mesmas quantidades coletadas superficialmente nos pontos 1 e 3, a situação é paradoxalmente inversa. Enquanto nas coletas superficiais a área de dispersão atinge as centenas de metros, de forma aleatória e formadas em boa parte por artefatos, a quantidade equivalente concentrada no sítio praticamente em um mesmo bloco sedimentar coeso e agrupado, formado em quase a totalidade por resíduos de lascamento, com inexpressiva quantidade de núcleos e artefatos finalizados, nos oferece o entendimento de um trabalho pormenorizado de produção de poucos artefatos, mas bastante elaborados como as peças bifaciais encontradas. O número reduzido de artefatos em associação a estrutura arqueológica como um todo, parecia compatível com a satisfação das necessidades de poucas pessoas, muito provavelmente uma ação isolada de apenas um indivíduo.

A perspectiva de pequenos grupos de indivíduos estimados para os sítios recentes nos causou um certo grau de estranheza, pois a expectativa sobre a qual depositávamos nossas hipóteses, com base na proliferação de vestígios (perturbados), em conformidade ao longo período de tempo indicado pelas datações, pressupunha a comprovação de atuação de grupos maiores. Talvez, conforme LEROI-GOURHAN (1971), a explicação pode se dar em função da necessidade de um mesmo grupo dispor de uma área que se equivale em extensão a do arroio Touro-passo, ocorrendo ao longo do tempo, em caso de aumento demográfico a pressão pela ocupação de áreas novas

ainda que a manutenção de contato entre micro-bandos pudessem favorecer ao elo de identidade cultural maior, projetado quiçá para uma região mais ampla. O fato é que ao longo dos últimos 10 mil anos AP não se projetam significativos aumentos demográficos na área do arroio Touro-passo, pelo menos até o ponto ao qual chegamos nesta pesquisa.

Se os demais sítios paleoindígenas nos deixavam com sérias dúvidas a respeito dessas datações, os registros históricos do sítio RS I – 66 Milton Almeida, dão um bom indicativo desta presença. A quantidade dos sítios descobertos não é significativa em termos numéricos. Esta foi uma escolha pessoal. Poderíamos sim identificar como sítios arqueológicos inúmeros pontos de localização de vestígios a fim de transparecer que nossas prospecções tivessem sido mais produtivas. Preferimos, no entanto, reordenar o entendimento dos espaços e definir planos de ação sobre aqueles aos quais efetivamente pudessem oferecer informações mais seguras sobre a ocupação humana pré-histórica na região. Creio que as escolhas foram acertadas. A importância dos sítios descobertos não está em sua quantidade, mas na capacidade de nos produzir informações mais coerentes e seguras. A respeito das estimativas de número de indivíduos os sítios nos deixaram com esta impressão, de uma baixíssima densidade populacional que não se incrementou nem com os milênios de ocupação, nem pelo fator das mudanças geo-climáticas que em tese, teriam favorecido a proliferação e diversidade de plantas e animais, conforme o que se produziu na literatura especializada por muito tempo.

Um passo foi dado em sentido a uma nova direção, e acredito que, apesar de nossa contribuição ser modesta, a realizamos com base consistente. Implica-se na busca pela questão das identidades culturais, para o esclarecimento dos padrões de manutenção ou de variações e/ou variabilidades tecnológicas empregadas no registro lítico, novas perspectivas de abordagem, como fizemos com relação as interpretações espaciais. Tais abordagens já existem e tem se mostrado eficientes e sem comparação ao antigo sistema das tradições e fases arqueológicas.

Outras abordagens poderiam de fato contribuir para um esclarecimento mais pontual sobre os grupos locais. Autores como HILBERT consideram, por exemplo, que o conteúdo sgnio da cultura material é tão importante quanto são os atributos analíticos para o entendimento das identidades culturais. TIXIER; INIZIAN; ROCHE (1980:35) avaçam ao sentido da própria ‘percepção’ sobre o objeto, ou em seus termos *Perception* [...] *Elle consiste en un enregistrement quase inconscient d’une multitude d’images*

visuelles et de sensations tactiles [...] Du volume qu'est l'objet, avec enregistrement immédiat dès apparences technologiques et de leur enchanement.

Uma dessas abordagens construtivas seria, ao nosso entendimento, instituir a concepção de estilo tecnológico para as análises dos conjuntos líticos. Um novo quadro, com uma visão focada nos processos de produção, a partir da concepção de organização tecnológica poderá efetivamente contribuir para a compreensão do comportamento cultural destes grupos, e assim, efetivamente ter condições de se estabelecer relações de semelhanças ou de distinções dos mesmos, aproximando-se da identificação de indicadores de identidades culturais específicas. Tais identidades definem-se a partir de dois processos, um passa pelo entendimento de que o resultado da produção das indústrias líticas refletem escolhas culturalmente determinadas por estes grupos sociais. Desta forma, as cadeias operatórias que encontram-se associadas às estratégias de aquisição da matéria-prima, da redução inicial e secundária, até o resultado final que é o utensílio, e mesmo seus resíduos, só se validam sobre sítios que detenham estas etapas preservadas até certo grau que permita recuperá-las integralmente.

O estudo da tecnologia lítica pode sim ser realizado sobre sítios perturbados, no entanto a localização de sítios bem preservados (ocupados) podem sem dúvida agregar na construção destas identidades culturais desconhecidas o elemento fundamental da cultura, o lugar. Ao se distinguir entre sítios ocupados (lugares) e sítios sem ocupação (locais) poderemos garantir que a construção de padrões de assentamento e modelos de ocupação, associados a datações, conferirão rotas migratórias mais seguras e consistentes capazes efetivamente de dar um novo entendimento sobre a dinâmica espacial dos grupos pré-históricos e da ocupação da América meridional.

Em linhas gerais, o sistema econômico caçador-coletor da área do arroio Touro-passo apresenta características típicas deste modelo social, a julgar-se pela grande área de dispersão de evidências, mesmo que em grande parte dos casos tenha ocorrido em função da ação hídrica, fica evidente um alto grau de mobilidade, condizente com um padrão nomádico esperado.

Talvez o arroio Touro-passo pudesse ser compreendido como sendo todo ele um sítio arqueológico. De fato, seja em superfície nos campos ou nas barrancas, é possível encontrar vestígios líticos variados, de implementos bem elaborados como pontas de projétil e boleadeiras até lascas sem uso, refugos e detritos em geral. Outro fato é claro, o predomínio incontestável da figura dos caçadores-coletores sobrepujando a área sobre qualquer resquício de vestígios cerâmicos. Sim, estes existem em

abundância e grande variedade nas margens do rio Uruguai, mas transpõem a foz do arroio Touro-passo, inserindo-se ao norte desta foz na área da povoação de São Marcos, e ao sul somente nas proximidades de Santa Velha.

Esta foi a contribuição que tivemos a pretensão de oferecer, senão diretamente ao entendimento do modelo caçador-coletor da área do arroio Touro-passo, mais ao auxílio metodológico para o prosseguimento das pesquisas arqueológicas da região. Esperamos que a textualização das espacialidades arqueológicas tenha sido esclarecida a contento, talvez desfazendo alguns mitos, lançando novos olhares das barrancas para as paisagens, produzindo alguma informação útil ao futuro das pesquisas na região.

Bibliografia

- AB'SABER, A. **Espaços ocupados pela expansão dos climas secos na América do Sul, por ocasião dos períodos glacial quaternários.** Paleoclimas. N.3, São Paulo, SP., 1977.
- ÁLVAREZ, M; RODINO, Ivan. **Organización tecnológica em el proceso de poblamiento del extremo sur de sudamérica.** In: Habitus, v.4, n.2. Goiânia, 2006.
- ANDREFSKY, W. **Lithics macroscopic approaches to analysis.** Cambridge University Press, 1998.
- ARAÚJO, A. **As geociências e suas implicações em teoria e métodos arqueológicos.** Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia: São Paulo, 1999. p.35-45.
- AREND, L. M. **Geografia Física.** In: Rio Grande do Sul Aspectos da Geografia. (Org.) Harry Rodrigues Bellomo. 4ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1990.
- ASCHERO, C. **Ensayo para una clasificación morfológica de artefatos líticos.** Revisión, 1983.
- AUSTRAL, A. **Informe sobre la segunda campaña arqueológica al río Cuarein (Paypasso, 1980).** 5º Congresso Nacional de Arqueologia. Montevideo, 1982.
- BAEZA, J; TADDEI, A. et al. **Investigaciones arqueológicas en el área de Salto Grande: tres primeros radiocarbonos.** In: V Encontro de Arqueologia del Litoral. Fry Bentos, novembro, 1977.
- BARRETO, C. **A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia no Brasil.** In: Antes de Cabral: Arqueologia Brasileira - I – Revista da USP, nº 44, 1999-2000.
- BARROS, M; MESSINEO, Pablo. **Abastecimiento y explotación de materias primas em El Arroyo Tapaque (Buenos Aires, Argentina).** In: Habitus, v.4, n.2, Goiânia, 2006. P.711-737.
- BATE, L. **Material lítico: metodologia e classificação.** Noticiário Mensual. XVI. Santiafo-Chile. Museu Nacional de História Natural, 1971.
- BECKER, Í. I. **O Que Sobrou dos Índios Pré-históricos do Rio Grande do Sul.** In: KERN (Org.) Arqueologia Pré-histórica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997. P.330-356.
- BERTRAND, G. **L' archeologie e Paisaje Dans la Perspective de L'ecologie Historique.** Actes 209e colloque Arqueologie 209e Paisaje, N. 13, Universite de Tours, Paris, 1977.

BETTANINI, T. **Espaço e Ciências Humanas**. Tradução Liliana Fernandes. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1982.

BIGARELLA, J. ANDRADE, G. **Contribution to the study of Brazilian quaternary: The geological Society of America Special paper**. Rochester, v.84. 1965. P.441-464.

BINFORD, L. **A Proposed Attribute List for the Description and Classification of Projectile Points**. In: Miscellaneous Studies in Typology and Classification. Anthropological Papers. Musculi (?) of Anthropology. Univ. Michigan. Auu Arbor, 1963.

BINFORD, L. **Ocupación paleoíndio em El centro Del Chile: adaptación em tierras bajas**. Estudios Atacameños. San Pedro de Atacama. Editorial Universitário, n.8,1987. P.142-185.

BINFORD, L. **En Busca del Pasado**. Barcelona, Ed. Crítica, 1988.

BOLLNOW, O. **O homem e o espaço**. Tradução Aloísio S. Editora da UFPR, Curitiba, 2008.

BOMBIN, M. **Modelo Paleoecológico Evolutivo Para o Neoquaternário Da Região Da Campanha-oeste Do Rio Grande Do Sul (Brasil). A Formação Touro-Passo, Seu Conteúdo Fossilífero e a Pedogênese Pós-deposicional**. In: Comunicações do Museu de Ciências da PUCRGS. PUCRGS, n.15, Porto Alegre, 1976. P.1-90.

BOMBIN, M. **Por que muitos dos grandes mamíferos pleistocênicos sul-americanos se extinguiram?** Porto Alegre: Museu de Ciências da PUCRS, Veritas tomo XXV, n.98, Porto Alegre, 1980.

BORDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

BORDES, F. **Le paleolitique dans le monde**. Paris. Haschette, 1956.

BORRERO, L. A.. **La extinction de la megafauna: su explicacion por factores concurrentes la situacion em Patagonia Austral**. Instituto de la Patagonia: Punta Arenas (Chile), vol.8, 1977.

BOSCH, A; FEMENIAS, J. et al. **Dispersión de las puntas de proyectil líticas pisciformes en el Uruguay**. 3 Congresso nacional de Arqueologia del Litoral. Montevideo, 1980.

BUENO, L. **Organização tecnológica e teoria do design: entre estratégias e características de performance**. In: Das pedras aos homens: tecnologia lítica na arqueologia brasileira. Lucas Bueno, Andrei Isnardis, organizadores – Belo Horizonte, MG: Argvmentvm: FAPEMIG; Brasília, DF: CAPES, 2007. P.67-94.

BULLETIN DE L INSTITUTE D ESTUDES LATINES ET DU CENTRE DE RECHERCHES A PRIGANIEL. **Archaeologie e Paisaje**. University de Tours, Actes 210e colloque n^o 13. Paris, 1978.

BUTZER, K. **Archaeology as human ecology**. Cambridge Press. Londres, 1984.

BUTZER, K. **Arqueología – Una Ecología del Hombre: Método y Teoría Para un Enfoque Contextual**. Barcelona: Ediciones Bellaterra, 1989.

BLANCH ESPUNT, R; MAYORAL FRANCO, F. **Valoración de los Elementos Arqueológicos en la Distribución Espacial**. Coloquio sobre distribución y relaciones entre asentamientos. Teruel, 1984.

BRAIDWOOD, R. J. **Homens Pré-históricos**. 2.ed. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1988.

BRÉZILLON, M. **La Dénomination des Objets de Pierre Taillée: Matériaux pour un Vocabulaire des Préhistoriens de Langue Française**. Paris: Gallia Préhistoire, 1977.

BROCHADO, J. J. P. **Histórico das pesquisas arqueológicas no Estado do Rio Grande do Sul**. In: Iheringia. Série Antropologia, n.1, Museu Rio Grandense de Ciências Naturais: Porto Alegre, 1969. P.3-42.

BROWN, A. G. **Alluvial Geoarchaeology**. Cambridge University, Press, 1997.
CAGGIANO, M. A. **Prehistoria Del N.E. Argentino el Vinculaciones con la Republica Oriental Del Uruguay y Sur de Brasil**. São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas, Pesquisas, Antropología, N.38. 1984.

CARANDINI, A. **A Historia en la Tierra**. Barcelona: Editorial Critica en Arqueología, 1990.

CARBONNEL I ROURA, et. Ali. **Conceptos Básicos em e Analisis Espacial**. Colóquio sobre distribución y relaciones entre los asentamientos. Teruel, 1984.

CARLE, C. B. **Mais Uma Vez o Problema do Lítico**. In: Anais do VI Simpósio Sul-riograndense de Arqueologia. Porto Alegre: PUCRS/CEPA, 1993. P.100-105.

CARLE, C. **Mais Uma Vez o Problema do Lítico**. In: Anais do VI Simposio Sul-riograndense de Arqueologia. Porto Alegre: PUCRS-CEPA, 1993. P.100-106.

CASTROGIOVANNI, A; COSTELLA, R. **Brincar e cartografar com os diferentes mundos geográficos. A alfabetização espacial**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

COLLECTION DE L ECOLE FRANÇAISE DE ROME. **Structures de l Habitat et Occupation du Sol Dans les Payes Méditerranéens: les Methodes et l Apport de l Archaeologie Extensive**. Publications de la casa de Velásquez – Série Archaeologie fas IX, Cartum 2, Rome – Madri, 1998.

COLLINS, M. **Una Propuesta Conductal Para El Estudio de La Arqueologia Lítica**. Etnia, n. 34(?) /95. Buenos Aires, 1989/90. P.47-65.

CONSENS, M. **História de Uma Desconstrução, Análise Tecno-tipológica de Indústrias Líticas Como Recurso Interpretativo Sobre Aspectos da Diferença**

Cultural. In: Revista do Cepa, v.23, n.29, Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC, 1999. P.64-72.

CONSENS, M. **História de Uma Desconstrução. Análise Tecno-tipológica de Indústrias Líticas Como Recurso Interpretativo Sobre Aspectos da Diferença Cultural.** In: Revista do CEPA, Vol.23, n.29, p.64-72, Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC, 1999.

COPÉ, S. M. **A Ocupação Pré-colonial do Sul e Sudeste do Rio Grande do Sul.** In: KERN (Org.) Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991. P.191-219.

COPÉ, S; SALDANHA, J; CABRAL, M. **Contribuições para a pré-história do planalto: estudo da variabilidade de sítios arqueológicos de Pinhal da Serra, RS.** In: SCHMITZ, P; Casa subterrâneas nas terras altas do sul do Brasil. Pesquisas-Antropologia, 58, 2002. P.121-138

COPÉ, S. **Les Grands Constructeurs Précoloniaux du Plateau du Sud Brésil: Étude de Paysage Archaeologiques à Bom Jesus, Rio Grande do Sul, Brésil.** Tese de doutorado. Paris, Universidade de Paris I, Pantheon-Sorbonne, 2006.

COPÉ, S; BARRETO, J; SILVA, M. **12.000 Anos de História: Arqueologia e Pré-história do Rio Grande do Sul.**/ Catálogo de exposição organizado pelo Museu da UFRGS, Porto Alegre, 2013.

COSTELLA, R. **O significado da construção do conhecimento geográfico gerado por vivências e por representações espaciais.** Tese de doutorado. PPGG-UFRGS, Porto Alegre, 2008.

CHALHUB, S. **A Meta-linguagem.** São Paulo: Editora Ática, Série Princípios. 1986.

CHEBATARROF, J. **El yacimiento lítico prehistorico del arroyo Catalan Chico.** Revista Nacional (60). Montevideo, 1961. P. 78-92.

CLARKE, D. **Spatial Archaeology.** Cambridge, 1977.

CLARKE, D. **Models in Arhaeology.** London: Methuen, 1972.

CLARKE, D. **Analytical Archaeology.** London: Methuen, 1968.

CLARKE, G. **A Pré-história.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

CRIADO BOADO, F. et. Alii. **Arqueología del Paisaje.** Colección Arqueoloxía – Investigación 6, Xunta de Galicia, 1987-1989.

CRIADO BOADO, F. **El Control Arqueológico de Obras de Trazado Lineal: Planteamientos Desde la Arqueología del Paisaje.** In: Actas del XXII Congreso Nacional de Arqueología. Vigo, 1993. P.7-14.

DESAULNIERS, J. B. **Fenómeno: Uma Teia Complexa de Relações**. Organizado por Julieta Beatriz Ramos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

DEMANGEOT, J. **Os meios “naturais” do globo**. Tradução de Ribeiro Martins; Nogueira Santos. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2000.

DIAS, A. **Panorama da Arqueologia pré-colonial da região sul-brasileira**. In: Quaternário do Rio Grande do Sul: integrando conhecimentos. Orgs. Ana Maria Ribeiro, Soraia Girardi Bauermann, Carolina Saldanha Scherer. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de paleontologia, 2009. P.255-271.

DIAS, A. **Da tipologia à tecnologia: reflexões sobre a variabilidade das indústrias líticas da Tradição Umbu**. In: Das pedras aos homens: tecnologia lítica na arqueologia brasileira. BUENO, L; ISNARDIS, A. (Orgs). Belo Horizonte: Argvmentvm: FAPEMIG; Brasília: CAPES, 2007. P.33-66.

DIAS, A. **Estudo da Representatividade de Pontas de Projétil Líticas Enquanto Marcadores Temporais Para a Tradição Umbu**. In: Anais da VIII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira. Vol.1. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. P.309-332.

DIAS, A. **Painel dos Últimos Trinta Anos de Pesquisas Arqueológicas dos Caçadores-coletores do Sul do Brasil**. In: Revista do CEPA, Vol.23, n.29, Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC, 1999. P.52-59.

DIAS, A.; HOELTZ, S. E. **Propostas Metodológicas Para o Estudo das Indústrias Líticas do Sul do Brasil**. Vol.21, n.25, Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC, 1997. P.21-62.

DIAS, A.; JACOBUS, A. **Quão Antigo é o Povoamento do Sul do Brasil**. Taller Internacional de INQUA La Colonización Del Sur de America durante la Transición Pleistoceno/Holoceno, Universidad Nacional de La Plata, 2000.

DIAS, A.; JACOBUS, A. **Quão Antigo é o Povoamento do Sul do Brasil**. Revista do CEPA, v.27, n.38. Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC, 2003.

DIAS, A. **Diversificar para poblar: El contexto arqueológico brasileño en la transición Pleistoceno-Holoceno**. Complutum, v.15, 2004. P.249-263.

DIAS, A. **Sistemas de Assentamento e Estilo Tecnológico: Uma Proposta Interpretativa para a Ocupação Pré-colonial do Alto Vale do Rio dos Sinos**. Tese de doutorado. FFLCH-USP, São Paulo, 2003.

DIAS, A. **Novas perguntas para um velho problema: escolhas tecnológicas como índices para o estudo de fronteiras e identidades sociais no registro arqueológico**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas, Belém v.2,n.1, 2007. P.59-76.

DIAS, A. **Les chasseurs-cueilleurs de la Forêt Atlantique Du Brésil Meridional.** In: VIALOU, D. (Ed.) *Peuplements et Préhistoire em Amériques.* Paris: CTHS, 2011. P.357-370.

DIAS, A. **Hunter-gatherer occupation of South Brazilian Atlantic Forest: paleoenvironment and archaeology.** *Quaternary International*, v.256, 2012. P.2012.

DIAS, A.; BUENO, L. **Povoamento inicial da América do Sul: contribuições do contexto brasileiro.** *Estudos Avançados*, 29 (83), 2015.

DUNNEL, R. **Classificação em Arqueologia.** Tradução: Astolfo Araújo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

EPSTEIN, I. **O Signo.** Ática: São Paulo, Série Princípios. 1986.

FÁVERA, J. **Fundamentos da Estratigrafia Moderna.** Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Rio de Janeiro, 2001.

FEMENÍAS, J; IRIARTE, J. **Puntas de Proyectoil Del Río Negro Medio: Primer Paso em La Construcción de Uma Cronología Cultural.** *Arqueologia de las Tierras Bajas*, Montevideo, _ _ _ Ed. Colt. 2003.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Manual Técnico de Geomorfologia.** Série Manuais Técnicos em Geociências, n.5: Rio de Janeiro, 1995.

FOGAÇA, E. **Mãos Para o Pensamento. A Variabilidade Tecnológica de Indústrias Líticas de Caçadores-coletores holocênicos a Partir de Um Estudo de Caso: As Camadas VIII e VII da Lapa do Boquete (Minas Gerais, Brasil – 12.000/10.500 B.P.).** Tese de doutorado. PUCRS-PPGH, Porto Alegre, 2001.

FOGAÇA, E. **Estudo Arqueológico da Tecnologia Humana.** *Habitus*, v.1, Goiânia: Editora da UCG, 2003. P.147-179.

FOGAÇA, E; BOËDA, E. **A Antropologia das Técnicas e o Povoamento da América do Sul Pré-histórica.** *Habitus*, v.4. n.2, Goiânia: Editora da UCG, 2006. P.673-684.

FICHER, C.; THURSTON, T. **Landscape archaeology: towards a definition.** *Antiquity* 73: 630-1, 1999.

FLENNIKEN, J.; RAYMOND, A. **Morphological Projectile Point Typology: Replication Experimentation and Technological Analysis.** *Laboratory of Lithic Technology*, *American Antiquity*, vol.51, n.3: Washington State university, Pullman, 1986. P.603-614.

FUNARI, P. **Arqueologia.** São Paulo, Ática, 1991.

FUNARI, P.; NEVES, E.; PODGOREN, I. **Introdução a Primeira Reunião Internacional de Teoria Arqueológica na América do Sul: Questões e Debates.** *Anais da I reunião internacional de teoria arqueológica na América do Sul.* In: *Revista*

do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, Suplemento 3. 1999.

FUNARI, P. **L'Arqueologia en Brasil: política y academia en una encrucijada.** In: POLITIS, G. (ed.) *Arqueologia em América Latina hoy*, Bogotá: Biblioteca Banco Popular, 1992: 57-69.

FUNARI, P. **Arqueologia Brasileira: visão geral e reavaliação.** *Revista de História da Arte e Arqueologia*, n.1. Campinas: UNICAMP, 1994: 23-40.

GARANGER, J. et al. **La Prehistoria em El Mundo. Nueva edición de La Prehistoria, de Andre Leroi-Gourhan.** Ediciones Akal, S.A.: Madri-España, 2002.

GAVET, Ph. **Prospectives archéologiques.** In: *Actes Du Colloque Archeologie Du Paysage*, Paris, Universite de Tours, 1977. P.547-557.

GELL, A. **A Antropologia do tempo. Construções culturais de mapas e imagens temporais.** Tradução de Vera Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GOMES, F. **Arqueologia e pré-história platina na margem esquerda do médio rio Uruguai: Uruguiana.** Dissertação de mestrado. CPGMILA-UFSM, Santa Maria, 2002.

GOMES, F. **Aspectos da cultura material e espacialidade na Estância Velha do Jarau (1828-1905). Um estudo de caso em arqueologia histórica rural.** Dissertação de mestrado. IFCH-PUCRS, Porto Alegre, 2001.

GONZÁLES, É. **O Estudo da Interação Cultural em Arqueología.** Anais da I reunião internacional de teoria arqueológica da América do Sul. In: *Revista de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Suplemento 3.* 1999.

GREIMAS, A. **Semiótica e Ciências Sociais.** Tradução de Álvaro Lorencini e Sandra Nitrini. Editora Cultrix: São Paulo, 1976.

GREIMAS, A. **Sobre o Sentido. Ensaios semióticos.** Tradução de Ana Cristina Cruz Cezar [Et al.]. Revisão Milton José Pinto. Petrópolis: Vozes, 1975.

GROSS, D. **Protein capture and cultural development in the amazon Basin.** In: *American Antropologist* 77 (3), 1975. P526-549.

HAGERSTRAND, T. **Innovation diffusion as spatial process.** Chicago: University of Chicago Press, 1967 (1953).

HARRIS, E. **Princípios de Estratigrafia Arqueológica.** Barcelona: Editorial Crítica, 1991.

HAYNES, C. **The early Americans.** *Science*, n.166. 1969. P.709-715.

HESTER, J. **Late Pleistocene environments and early man in South America.** *The American Naturalist*, 1966. P.377-388.

HILBERT, K. **A Variabilidade de Conjuntos Líticos Frente a Funcionalidade de Sítios Arqueológicos de Caçadores-coletores.** In: Revista do CEPA, Vol.23, n.29, Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC, 1999. p.73-79.

HILBERT, K. **A interpretação étnica na Arqueologia dos caçadores-coletores da região do Prata.** Estudos Ibero-americanos. Porto Alegre: v.XXVII, n.2, 2001. p.103-119.

HILBERT, K. **Indústrias líticas como vetores de organização social ou: um ensaio sobre pedras e pessoas. Das pedras aos homens: tecnologia lítica na arqueologia brasileira.** In: BUENO, L; ISNARDIS, A. (Orgs). Belo Horizonte: Argvmentvm: FAPEMIG; Brasília: CAPES, 2007. P.95-116.

HILBERT, K. **Caçadores-Coletores Pré-Históricos No Sul do Brasil: Uma Redefinição das Tradições Líticas Umbu e Humaitá.** Anais do III Congresso Internacional de Estudos Ibero-Americanos. O povoamento do Rio da Prata. Porto Alegre: PPGH, 1998. p.41 – 41

HILBERT, K. **Arqueologia Pré-Histórica do Uruguai: Uma Revisão.** Estudos Ibero-americanos. Porto Alegre-RS: v.20, n.1, 1994. p.137 – 161.

HILBERT, K. **Caçadores-Coletores Pré-Históricos No Sul do Brasil: Um Projeto Para Uma Redefinição das Tradições Líticas Umbu e Humaitá.** In: Negros e Índios, Literatura e História.1 ed. Porto Alegre-RS : Edipucrs, 1994, p.219.

HILBERT, K. **Aspectos de La Arqueologia en el Uruguay.**1 ed. Alemanha: Philip Von Zabern, 1992, v.44. p.187.

HILBERT, K. **Distribuição e Uso do Espaço entre Grupos de Caçadores-Coletores: Alguns Casos Específicos.** VI Simpósio Sul-riograndense de Arqueologia: Novas Perspectivas. Porto Alegre: 1991.

HODDER, I. **Interpretación en Arqueología.** Barcelona, Editorial Crítica, 1978.

HODDER, I. **The Spatial Organisation of Culture.** London, Duckwerth, 1978.

HODDER, I; ORTON, C. **Spatial Analysis in Archaeology.** Cambridge University Press, New York/Cambridge, 1978.

HODDER, I. **Theory ans Practice in Arcaheology.** Routledge, London, 1992.

HOELTZ, S. **Contexto e Tecnologia: Parâmetros para uma interpretação das Indústrias Líticas do Sul do Brasil.** In: BUENO, L; ISNARDIS, A. (Orgs). Belo Horizonte: Argumentvm: FAPEMIG; Brasília: CAPES, 2007. P.209-242.

HOELTZ, S. **Artesãos e Artefatos Pré-históricos do Vale do Rio Pardo.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1997.

HOELTZ, S. **Estudo de Coleções Líticas: Limites e Possibilidades.** In: Revista do CEPA, Vol.23, n.29, Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC, 1999. P.60-63.

HOELTZ, S. **As tradições Umbu e Humaitá. Releitura das Indústrias Líticas das Fases Rio Pardinho e Pinhal através de uma Proposta alternativa de Investigação.** Porto Alegre: PUCRS, 19/04/1995

HOELTZ, S. **Tecnologia lítica: Uma proposta de leitura para a compreensão das indústrias do Rio Grande do Sul, Brasil, em tempos remotos.** PUCRS-PPGH/Tese de doutorado: Porto Alegre, 2005.

ISNARDIS, A. **Notas sobre a solidão das Indústrias Líticas. In: Das pedras aos homens: tecnologia lítica na arqueologia brasileira.** Orgs. Lucas Bueno, Andrei Isnardis. Belo Horizonte, MG: Argumentvm: FAPEMIG: Brasília; Brasília, D.F.: CAPES, 2007. P.195-208.

INGOLD, T. **Culture, perception and cognition.** In: Ingold, T. The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill. London: Routledge, 2002.p.157-171.

JACOBUS, A. **A Utilização de Animais e Vegetais na Pré-história do RS.** In: KERN (Org.). Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997. P.63-87.

JACOBUS, A. **Arqueofauna na Tradição Umbu.** In: Revista do CEPA, Vol.23, n.29, Santa Cruz do Sul, Editora da UNISC, 1999. P.88-93.

JACOBUS, A. **Alimentos Usados Pelo Homem Pré-histórico.** In: Pré-história do Rio Grande do Sul. Documentos 05. São Leopoldo: Gráfica da UNISINOS, 1991. P.161-178.

JACOBUS, A. **Por que não comeram o glossotério.** Revista do CEPA, Santa Cruz do Sul, v.26, n.35/36, 2002. P.181-214.

JOBIM, P. **Possibilidades de abordagem em Indústrias Expedientes.** In: : Das pedras aos homens: tecnologia lítica na arqueologia brasileira. BUENO, L; ISNARDIS, A. (Orgs). Belo Horizonte: Argumentvm: FAPEMIG; Brasília: CAPES, 2007. P. 117-139.

JOLY, F. **A cartografia.** Tradução, Tânia Pellegrini. Papirus: Campinas, 1990.

KERN, A. **Antecedentes Indígenas.** Síntese Rio-grandense, Porto Alegre: Editora da Universidade-UFRGS, 1994.

KERN, A. **Paleopaisagens e Povoamento Pré-histórico do Rio Grande do Sul.** In: KERN (Org.). Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997. P.13-61.

KERN, A. **Origens da Ocupação Pré-histórica do Rio Grande do Sul na Transição Pleistoceno-Holoceno.** In: KERN (Org.) Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997. P. 89-102.

KERN, A. **Cultura Material e Paleopaisagens: Limites e Possibilidade de Um Modelo.** In: Revista do CEPA, Vol.23, n.29, Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC, 1999. P.80-87.

KERN, A. **A Carta Internacional de Arqueología e os Critérios Básicos Para a Intervenção em Sítios Arqueológicos.** Porto Alegre: EDIPUCRS. Anais da VIII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, vol. 1, 1995.

LAMING-EMPERAIRE, A. **Guia para o Estudo das Indústrias Líticas da América do Sul.** Manuais de Arqueologia, Curitiba, Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, UFPR, n.2. 1967.

LANATA, J; NEFF; H. **Discutiendo algunas escalas de la transmisión cultural: artefacto y espacio.** Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia: São Paulo, 1999. P.47-56.

LAZZARI, M. **Objetos Viajeros e Imágenes Espaciales: las Relaciones de Intercambio y la Producción del Espacio Social.** Anais da I Reunião Internacional de Teoria Arqueológica na América do Sul, In: Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 1999. P.371-386.

LEROI-GOURHAN, A. **Pré-história.** São Paulo: EDUSP, 1981.

LEROI-GOURHAN, A. **El gesto y la palabra.** Traducción: Felipe Carrera D. Ediciones de la Biblioteca de la Universidad Central de Venezuela, 1971.

LENCIONI, S. **Região e Geografia.** Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

LE LANNOU, M. **Les Paisajes Fósiles.** Actes e colloque Archaeology e Paisaje. N.13, Universitma, Fonseca; et. Ali. A Tralha Doméstica Em Meados do Século XIX: Reflexos da Emergência da Pequena Burguesia do Rio de Janeiro.

LISBOA, N. **Aspectos Morfoestruturais e Geomorfogenéticos do Extremo Sul-ocidental do Planalto Meridional, Quaraí-RS.** In: Revista Ciência e Natura, Centro de Ciências Naturais e Exatas-UFSM. Vol. 12-Dez, 1994. P.105-109.

MANSUR, M. **Instrumentos Líticos: Aspectos da Análise Funcional.** Arquivo Museu de História Natural-UFMG, v.1, Belo Horizonte, 1986/1990. P.115-169.

MAUSS, M. **As técnicas do corpo.** In: Mauss, M. Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac; Naify, 2003.p.399-422.

MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. **Qual o espaço do lugar?** Estudos. São Paulo: Perspectiva, 2012

MARTINEZ, F. E ZAPATERO, R. **El Análises de Territórios Arqueológicos: Uma Introdução Crítica.** Aqueología Espacial - Coloquio sobre distribución y relaciones entre los asentamientos. Teruel, 1984.

MELATTI, J. **Índios do Brasil.** 7ª. Ed., São Paulo: HUCITEC, 1993.

MELO, P. **É Possível Perceber Evolução no Material Lítico Lascado? O Exemplo das Indústrias Encontradas no Vale do Rio Manso (MT).** In: Habitus, v.4, n.2. Goiânia, 2006. P.739-770.

MEGGERS, B. **Advances in brazilian archeology, 1935-1985.** American Antiquity, 50 (2), 1985: 364-373.

MILDER, S. **Considerações Sobre Paleoambientes no Sudoeste do Rio Grande do Sul.** In: Anais do VI Simpósio Sul-riograndense de Arqueologia. Porto Alegre: PUCRS/CEPA, 1993. P.17-21.

MILDER, S. **Uma Breve Análise da Fase Arqueológica Ibicuí.** In: Revista do CEPA, Vol.19, n.22, Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC, 1995.

MILDER, S. **A Fase Ibicuí: Uma Revisão Arqueológica, Cronológica e Estratigráfica.** Dissertação de Mestrado, PUCRS, Porto Alegre, 1994

MILDER, S. **Arqueologia do Sudoeste.** Tese de Doutorado, USP, São Paulo, 2000.

MILLER, E. **Pesquisas Arqueológicas Efetuadas No oeste Do Rio Grande Do Sul (Campanha-Missões).** In: s/d. p.13 -21, 1969.

MILLER, E. **Resultados preliminares das escavações no sítio pré-cerâmico RS-LN-1: Cerrito Dalpiaz (abrigo sob rocha).** In: Iheringia. Série Antropologia, n.1 Museu Rio-Grandense de Ciências Naturais: Porto Alegre, 1969. P.43-104.

MILLER, E. **Resultados preliminares das pesquisas arqueológicas paleoindígenas no Rio Grande do Sul, Brasil.** In: Acta Del Congreso Internacional de Americanistas. Vol.3, Mexico, 1976.

MILLER, E. **Pesquisas Arqueológicas Paleoindígenas No Brasil Ocidental.** Estudios Atacameños, Chile, p.37-61, 1987.

MIRANDA, J. et alii. **Bases Para el Estudio de las Relaciones Entre el Médio Geográfico y los Asentamientos Humanos.** Coloquio sobre distribución y relaciones entre los asentamientos. Teruel, 1984.

MITHEN, S. **A Pré-história da Mente. Uma Busca Das Origens Da Arte, Da Religião e Da Ciência.** Tradução, Laura Cordellini Barbosa de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

MORAIS, J. **Perspectivas Geoambientais da Arqueologia do Paranapanema Paulista.** São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. 1999. Tese de Livre Docência.

MORAIS, J. **Arqueologia e fator Geo.** Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, 9: 3-22, 1998.

MORAIS, J. **Tópicos de arqueologia da paisagem.** Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, 10: 3-30, 2000.

MORAN, E. **Adaptabilidade Humana: Uma Introdução a Antropologia Ecológica.** Tradução: Carlos Coimbra, Marcelo Brandão, Fábio Larsson. 2. Ed. Rev-ampl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

NAMI, H. **Investigaciones Actualísticas para Discutir Aspectos Técnicos de los Cazadores-recolectores Del Tardiglacial: El Problema Clovis-Cueva Fell.** Punta Arenas (Chile): ANS. INST. PAT. Ser. Cs. Hs., 1997. P.152-186.

NELSON, M; HEGMON, N; KULOW, S; SCHOLLMEYER, K. **Archaeological and Ecological Perspectives on Reorganization: A Case Study from Mimbres Region of the U.S. Southwest.** In American Antiquity 71(3):403-432, 2006.

NOELLI, F. **Ocupação Humana na Região Sul do Brasil: Arqueologia, Debates e Perspectivas 1872-2000.** In: Revista USP, n.44, São Paulo: Gráfica CCS, 1999-2000. P.218-269.

NUNES, B. [et.al] **Manual Técnico de Geomorfologia.** Rio de Janeiro, IBGE, Departamento de Recursos Naturais e Estudos Ambientais, 1994.

OLIVEIRA, E; MILDRE, S. **Considerações preliminares sobre uma nova fauna de moluscos fósseis da Formação Touro-passo (Pleistoceno Superior-Holoceno).** Veritas, Porto Alegre, 35, 1990. P.121-129.

PAULA COUTO, C. **Mamíferos fósseis do quaternário do sudoeste brasileiro.** Boletim Paranaense de Geociências, n.3. Curitiba, 1975. p.89-132.

PACHECO, L. **Teoria Arqueológica: Algumas Considerações Práticas.** In: Anais do VI Simpósio Sul-riograndense de Arqueologia. Porto Alegre: PUCRS:CEPA, 1993.

PERELMAM, R. **L'archéologie Dans la Problematique Generale des Paysages.** Actes e colloque Archaeologie e Paysage, N.13, Université de Tours, 1978.

PEREZ, L; CURBELO, P. **Análisis de las estrategias adaptativas desarrolladas em El Uruguay Medio.** Anais da V Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira. Faculdades Integradas de Santa Cruz. V.17, no. 20, 1990. P.17-33.

POLITIS, G. **La actividad infantil em la producció n el registro arqueológico de cazadores-recolectores.** Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 1999. Pág.263-283.

POZZO, R. VIDAL, L. **O conceito geográfico de paisagem e as representações sobre a ilha de Santa Catarina feitas por viajantes dos séculos XVIII e XIX.** Revista Discente Expressões Geográficas, UFSC, n.6. Ano VI, p.11-131. Florianópolis, 2010.

PROUS, A. **Experimentação na Arqueologia Brasileira: Entre gestos e funções.** In: BUENO, L; ISNARDIS, A. (Orgs). Belo Horizonte: Argymentvm: FAPEMIG; Brasília: CAPES, 2007. P.155-172.

PROUS, A. **Arqueologia Brasileira.** Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1992.

PROUS, A. **Arqueologia, Pré-história e História.** In: Pré-história da Terra Brasilis. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999. P.19-32.

PROUS, A. **História da Pesquisa e a Bibliografia arqueológica no Brasil.** Arquivos do Museu de História Natural. Belo Horizonte: UFMG, 4/5, 1979/1980: 11-24.

RAMOS, A. **Sociedades Indígenas.** Série Princípios, 5 ed. São Paulo: Editora Ática, 2001.

RAMBO, B. **A Fisionomia do Rio Grande do Sul: Ensaio de Monografia Natural.** 3.ed. São Leopoldo: Ed.UNISINOS, 2000.

RATTO, N. **Analisis Funcional de lãs Puntas de Proyectil Líticas de Sitios Del Sudeste de La Isla Grande de Tierra Del Fuego.** Arqueologia, n.1, 1991 (?) P. 151-178

REIS, J. **Não pensa Muito Que Dói. Um Palimpsesto Sobre Teoria Na Arqueologia Brasileira.** Tese de doutorado. Campinas, UNICAMP. 2003.

RENFREW, C; BAHN, P. **Arqueología – Teorías, Métodos y Práctica.** Madrid: Ediciones Akal, 1993.

REDMAN, C. **Multistage fieldwork and analytical techniques.Trabalho de Campo em Estágios Múltiplos e Técnicas Analíticas.** Tradução: Adriana Schmidt Dias. American Antiquity, n.38 (1), 1977.

RIBEIRO, P. **A Tradição Umbu No Sul do Brasil.** In: Revista do CEPA, vol.17, n.20; FISC, Santa Cruz do Sul, 1990.

RIBEIRO, P. **Os Mais Antigos Caçadores-coletores do Sul do Brasil.** In: Pré-história da Terra Brasilis. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1999. P.75-88.

RIZZO, A. **Hallazgos arqueológicos efectuados em um yacimiento em grutas em Tres de Maio. Provincia de Misiones, Republica Argentina.** In: anais de Segundo

Simposio de Arqueologia da área do Prata. Pesquisas. V.18. São Leopoldo, 1968. P.11-19.

RIZZO, A. **Consideraciones Sobre El Precerámico em El Sureste de La Provincia de Misiones.** In: **V Encuentro de Arqueología Del Litoral.** Museo Municipal de História natural de La Intendência Municipal de Rio Negro. Fray Bentos (Uruguay), 1977.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. **O estudo da interação cultural em Arqueologia.** Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo, 1999. P.31-34.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. **Arqueologia em Perspectiva:150 anos de prática e reflexão no estudo do nosso passado.** In: Antes de Cabral: Arqueologia Brasileira - I – Revista da USP, nº 44, 1999-2000.

RODET, M. J.; ALONSO, M. **Uma terminologia para indústria lítica brasileira.** In: Das pedras aos homens: tecnologia lítica na arqueologia brasileira. BUENO, L; ISNARDIS, A. (Orgs). Belo Horizonte: Argvmentvm: FAPEMIG; Brasília: CAPES, 2007. P.141-154.

RUIVO, J. **Os Paradigmas Arqueológicos: Uma Abordagem Crítica.** In: Anais do VI Simpósio Sul-riograndense de Arqueologia. Porto Alegre: PUCRS/CEPA, 1993. P.115-124.

RUIZ RODRÍGUEZ, A et alii. **Concepto de Producto em Arqueología.** Colóquio Sobre Distribción y Relaciones Entre Los Asentamientos. Teruel, 1984.

SALDANHA, J. **Paisagem, Lugares e Cultura Material: Uma Arqueologia Espacial nas Terras Altas do Sul do Brasil.** PPGH-PUCRS, Porto Alegre, 2005. Dissertação de Mestrado.

SANTOS, M. **A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção.** 2ª.ed. Editora Hucitec, São Paulo, 1997.

SANTOS, D. **A reinvenção do espaço. Diálogos em torno da construção do significado de uma categoria.** Editora da UNESP, São Paulo, 2002.

SANTOS, A. R. **Diálogos Geológicos. É preciso conversar mais com a Terra.** São Paulo: O Nome da Rosa, 2008.

SANTOS, M. **Análise do Material Lítico do Sítio de Itapeva 1º. Campanha de Escavações de 1982.** Monografia. PUCRS-IFCH, Porto Alegre, 1985.

SACHOBINGER, J. **Prehistoria de suramerica.** Ed. Labor. Barcelona, 1969.

SEMENOV, S. **Prehistoric technology, an experimental study of the oldest tools and artifacts from traces of manufacture and wear.** London, 1970.

SILVA, K; SILVA, M. **Dicionário de conceitos históricos.** 2. Ed. – São Paulo: Contexto, 2006.

SOUZA, A. **História da Arqueologia Brasileira**. Pesquisas. Antropologia, n.46, São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1991.

SUGUIO, K. **Dicionário de Geologia Sedimentar e Áreas Afins**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

SHANKS, M.; HODDER, I. **Social theory and archaeology: Theory and practice**. Routledge: London, 1992.

SHANKS, M; TILEY, C. **Social Theory and Archaeology**. Cambridge: Cambridge Pollity Press, 1987.

SHANKS, M; HODDER, I. **Processual, post-processual and interpretative archaeologies**. In: HODDER, I. et all *Interpreting archaeology*. London/New York: Routledge, 1995.

SCHIFFER, M. **Toward the identification of formation processes**. In: *American Antiquity*. V.48, 1983.p.675-706.

SCHIFFER, M. **Formation processes of the archaeological record**. Salt Lake City, University of Utah Press. [1987]1996.

SCHMITZ, P. **A Pesquisa Arqueológica no Estado do Rio Grande do Sul**. In: Dédalo. Museu de Arqueologia e Etnologia Universidade de São Paulo. N.17-18, São Paulo, 1973.

SCHMITZ, P. **A Questão do Paleoíndio**. In: *Pré-história da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1999. P.55-59.

SCHMITZ, P. **O Mundo da Caça, Pesca e da Coleta**. In: *Pré-história do Rio Grande do Sul*. Documentos, 05. São Leopoldo: Gráfica da UNISINOS, 1991. P.9-30.

SCHMITZ, P. **Os Aterros dos Campos do Sul: A Tradição Vieira**. In: *Pré-história do Rio Grande do Sul*. Documentos 05. São Leopoldo: Gráfica da UNISINOS, 1991. P.107-132.

STRECK, E. et al. **Solos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EMATER/RS; UFRGS, 2002.

SOUZA, C. [Et. Al]. **Representações sociais. Estudos metodológicos em educação**. Coleção Formação do Professor, n.5. Champagnat: Curitiba, 2011.

SUERTEGARAY, D. **Geografia Física e Geomorfologia.Uma (re) leitura**. Ijuí: Editora da UNIJUÍ, 2002.

TADDEI, A; Et al. **Las Industrias Líticas Arqueológicas de los Rios Tacuarembó Grande y Chico**. In: **V Encuentro de Arqueologia Del Litoral**. Museo Municipal de Historia Natural de La Intendencia Municipal de Rio Negro (Uruguay): Fray Bentos, 1977. P.225-243.

TADDEI, A.; F., JUAN. **Un Precerámico de Lascas em El A^o Catalan Chico (Depto. De Artigas). El Sítio Arqueológico 19-S-4.** In: VII Congreso Nacional de Arqueología. Colonia Del Sacramento, 1980.

TADDEI, A. **Um Yacimiento de Cazadores Superiores 224el Medio Rio Negro, Uruguay.** In: Anais do Terceiro Simpósio de Arqueologia da Área do Prata. São Leopoldo: Estudos Leopoldinenses, n.13, Instituto Anchietao de Pesquisas, 1969. P.57-79.

TILLEY, C. **Interpreting Material Culture.** In: HODDER, I. (ed). The Meanings of Things – Material Culture and Symbolic Expression. Cambridge: Harper Collins Academic. 1989. P.185-194.

TILLEY, C. **A Phenomenology of landscape.** Berg Publishers, Oxford/Providence, USA, 1994.

TILLEY, C. **Metaphor and Material Culture.** Blackwell Publishers, Oxford Massachusetts, 1998.

TIXIER, J; INIZIAN, M. et al. **Prehistoire de la pierre taillée: terminologie et technologie.** C.E.R. P. Valbone.1980.

THOMAS, J., **Culture and Identity.** Routledge, London, 1996.

TRIGGER, B. **Historia Del Pensamiento Arqueológico.** Barcelona: Editorial Critica, 1992.

TRIGGER, B. **Além da História: Os Métodos Da Pré-História.** São Paulo: Editora da USP, 1973.

UBILLA, M. **Mamíferos fósiles, Geocronología e Paleoecología de la Formación Sopas (Pleistoceno sup.) Del Uruguay.** Ameghiniana, 22. Buenos Aires, 1985. P.441-458.

VIALOU, Á. **Metodologia de análise para as Indústrias Líticas do Pleistoceno no Brasil Central.** In: Das pedras aos homens: tecnologia lítica na arqueologia brasileira. BUENO, L; ISNARDIS, A. (Orgs). Belo Horizonte: Argumentvm: FAPEMIG; Brasília: CAPES, 2007. P.173-193.

VIANA, S. **Variabilidade Tecnológica em Sistema de Debitagem – Sítios Lítico-cerâmicos do Vale do Rio Manso (MT).** In: Habitus, v.4, n.2, Goiânia, 2006. P.797-832.

VIDART, D; CAMP-SOLER, R; et al. **El catalanense: Uma industria de morfologia protolítica em el Uruguay.** Ameríndia (1).Montevideo, 1962. P.2-28.

WICANDER, R. Et.ali. **Fundamentos de geologia.** Tradução Harue Ohara Avritcher. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

WILLEY, L. An introducing to american archaeology. II. South America. New Jersey, 1971.

TEIXEIRA, W. [et. al.] Orgs. **Decifrando a Terra**. -2ed. – São Paulo, Companhia Editora Nacional, 2009.

ANEXOS – Fichas de datação do PROPA.

Too small

Smithsonian Institution
Radiocarbon Laboratory
Radiation Biology Laboratory
1244J Parklawn Drive
Rockville, Md., 20852

SI- 2623

Rec'd:

Site name: *HILTON ALMEIDA-1* Site number: *ALS-1-66*

Exact site location: *VEJA Nº 4,500*

Latitude: *29° 40' 12" S* Longitude: *56° 51' 10" W*

Cultural and/or time range of site:

PALEO INDIÓ

Sample material: *CARVÃO* Cat. No. 4501

Genus and species:

Identified by: *EURICO TH. MILLER*

Geological/chemical environment of sample:
SEDI. PLEIST. ARENOSO BÁSICO

Evidence of leaching or humus: *SIM*

Evidence of contamination or root penetration: *SIM*

Field packaging: *SACO PLÁSTICO*

Preservative or fungicide: *NÃO*

Excavation coordinates and stratigraphic position:

*Q - 26 C sul; PROF: 3,0-3,05m (datum: 3,6-3,65m)
3,00 - 3,05 meter actual depth in bank.*

Feature number and description: *nº 4,501*

Associated cultural materials: *LÍTICOS LASCADOS*

Estimated age and basis: *10,000 ± 1000 A.D.*

Importance of dating this sample: *mesma de 4,500 e
comparação com o mesmo cronológica e estratigráficamente*

OVER----

Dennis Stanford, Director of PaleoIndian Research Program for SI,
Feb. 18, 1975

Submitter and affiliation: *Eurico Th. Miller, Museu Arqueologico do Rio
Grande do Sul, Brasil*

Collector and collection date: *Eurico Th. Miller, April 5, 1974*

Contract Research Project for Smithsonian
Other dates from site, position and publication reference:

Relevant publications:

Further comment:

Smithsonian Institution
Radiocarbon Laboratory
Radiation Biology Laboratory
12441 Parklawn Drive
Rockville, Md., 20852

SI- 2622
Rec'dj

Site name: *MILTON ALHEIDA-1* Site number: *RS-J-66*

Exact site location: *HARGEM DIREITA DO ARROIO TOURO ASSO AM. DO RIO URUGUAI NO HUM. DE URUGUAIANA, RS, BRASIL*

Latitude: *28°40'12" S* Longitude: *56°51'10" W*

Cultural and/or time range of site:

PALEOINDIO

Sample material: *CARVÃO* Cat. No. 4500

Genus and species:

Identified by: *EURICO TH. HILLER*

Geological/chemical environment of sample:
SEDIM. PLEIST. ARENOSO BASICO

Evidence of leaching or humus: *SIM*

Evidence of contamination or root penetration: *SIM*

Field packaging: *SACO PLÁSTICO*

Preservative or fungicide: *NÃO*

Excavation coordinates and stratigraphic position:

Q-24 C sul; PROFUNDIDADE 2,5-2,7m (datação 3,5-3,7m)
2.50- 2.70 meters in actual depth in bank.

Feature number and description: *no 4500*

Associated cultural materials: *OSSOS E LITICOS LASCADOS*

Estimated age and basis: *10.000 ± 1.000 AD.*

Importance of dating this sample: *DATAÇÃO DESTE SITIO PALEOINDIGENA, SEM COHO DA PALEO FAUNA E PALEOCLIMA.*

OVER----

Dennis Stanford, Director of PaleoIndian Research Program for SI,
Feb. 18, 1975

Submitter and affiliation: *EURICO TH. HILLER - MUSEU ARQUEOLOGICO DO RIO GRANDE DO SUL*

Collector and collection date: *EURICO TH. HILLER, April 5, 1974*
5-4-1974

Contract Research Program for the Smithsonian
Other dates from site, position and publication reference:

Relevant publications:

Further comment:

SI-263
Rev. 7-71

100 Small eolog

Smithsonian Institution
Radiocarbon Laboratory
Radiation Biology Laboratory
1241 Parklawn Drive
Rockville, Md., 20852

SI- 2629
Rec'd:

Site name: RIBEIRO Site number: RS-1-68
Exact site location: MARGEM ESQUERDA DO RIO TOUO PASSO
MUNICÍPIO DE URUGUAIANA, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL
Latitude: 29°40'34" S Longitude: 56°51'25" W

Cultural and/or time range of site:
PALEO INDIGENA

Sample material: CARVÃO VEGETAL Cat. No. 5155

Genus and species:
Identified by: EURICO TH. HILLER

Geological/chemical environment of sample:
PLEISTOCÊNICO (FINAL)

Evidence of leaching or humus: SIM

Evidence of contamination or root penetration: SIM

Field packaging: SACO PLÁSTICO

Preservative or fungicide: NÃO

Excavation coordinates and stratigraphic position:
A 3,1m de profundidade 3.1 meters in depth.

Feature number and description: amostra C44 n° 5155

Associated cultural materials: LÍTICOS LASCADOS E OSSOS DE
FAUNA PLEISTOCÊNICA EXTINTA

Estimated age and basis: 10.000 ± 1.000 ESTRATIGRAFIA

Importance of dating this sample:
IMPORTANCIA = PALEO INDIGENA, PALEONTOLOGICA, & GEOMORFOLOGICA
CLIMÁTICA

OVER---

Dennis Stanford, Director, PaleoIndian Archeology
Program, NMNH, SI. Feb. 18, 1975

Submitter and affiliation: EURICO TH. HILLER - MUSEU ARQUEOLÓGICO
DO R. G. S. - BRASIL

Collector and collection date: EURICO TH. HILLER - 14/1/74
Apr 13, 1974

Contract research project for PaleoIndian Program of SI.

Other dates from site, position and publication reference:

NÃO HA'

Relevant publications:

NÃO HA'

Further comment:

ESTE SÍTIO CONSTA-SE NUM DEPOSITO FLUVIAL (CASCALHEIRA
FOSSIL) DUM SÍTIO ARQUEOLÓGICO ERODIDA QUE FOI NOVAMENTE
ENCOBERTO POR SEDIMENTOS DO FINAL DO PLEISTOCENO E QUE
NA PRESENTE ÉPOCA ESTÁ SENDO NOVAMENTE RECOBERTO.
O CARVÃO ENCONTRA-SE NA PORÇÃO OU CANADA ÚLTIMA
(SUPERIOR) DO DEP. FLUVIAL, ACIMA E TANGENTE ÀS
EVIDÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS - CONCLUE-SE QUE O DEPOSITO
TEM UMA ANTIGUIDADE EQUIVALENTE AO CARVÃO PARA HAIS.

SI-265
Rev. 7-71

Too Small

Smithsonian Institution
Radiocarbon Laboratory
Radiation Biology Laboratory
12441 Parklawn Drive
Rockville, Md., 20852

SI- 2627

Rec'd:

Site name: *TOURO PASSO - A* Site number: *AS-F-6P*
Exact site location: *NOVA # 5000*

Latitude: *28° 40' 12" S* Longitude: *56° 52' 20" W*

Cultural and/or time range of site:

PALEO INDIO

Sample material: *CARVÃO* Cat. No. 5003

Genus and species:

Identified by: *E. HILLER*

Geological/chemical environment of sample:
SED. PLEIST. BÁSICO

Evidence of leaching or humus: *SIM*

Evidence of contamination or root penetration: *SIM*

Field packaging: *SACO PLÁSTICO*

Preservative or fungicide: *NÃO*

Excavation coordinates and stratigraphic position:

PROF.: 5,5 - 5,6 M

5.50 - 5.60 meters in depth.

Feature number and description: *# 5003*

Associated cultural materials: *LÍTICOS CASCADOS*

Estimated age and basis: *13,000 ± 1000 A.D.*

Importance of dating this sample: *RESHA DE # 5000*

OVER-V

Dennis Stanford, Director of PaleoIndian Research Program for Smithsonian,
Feb. 18, 1975

Submitter and affiliation: *E. HILLER - HARSUL*

April 6, 1974

Collector and collection date: *E. HILLER 8-4-1974*

Contract Research Project for Smithsonian
Other dates from site, position and publication reference:

Relevant publications:

Further comment:

SI-263
Rev. 7-71

9230 ± 145 B.P. (1950)
7280 B.C.

Smithsonian Institution
Radiocarbon Laboratory
Radiation Biology Laboratory
12441 Parklawn Drive
Rockville, Md., 20852

SI- 2625
Rec'd:

Site name: *TOURO PASSO-A* Site number: *RS-I-67*
Exact site location: *VEJA N° 5000*

Latitude: *29° 40' 12" S* Longitude: *58° 52' 20" W*

Cultural and/or time range of site:

PALEO INDIO

Sample material: *CARRÃO* Cat. No. 5001

Genus and species:

Identified by: *E. HILLER*

Geological/chemical environment of sample:

SED. PLEIST. BÁSICO

Evidence of leaching or humus: *SIM*

Evidence of contamination or root penetration: *SIM*

Field packaging: *SACO PLÁSTICO*

Preservative or fungicide: *NO*

Excavation coordinates and stratigraphic position:

PROF.: 5,0 - 5,4 M 5.00 - 5.40 meters in depth.

Feature number and description: *N° 5001*

Associated cultural materials: *OSSES E LÍTICOS LASCADOS*

Estimated age and basis: *11.000 ± 1.000. A.D.*

Importance of dating this sample: *MESMO DE 11.5.000*

OVER----

Dennis Stanford, Director of the Smithsonian PaleoIndian Research
Program, Feb. 18, 1975

Submitter and affiliation: *E. HILLER - MARSUL*

Collector and collection date: *E. HILLER* April 6, 1975
6-4-1974
Contract Research Program for the Smithsonian

Other dates from site, position and publication reference:

Relevant publications:

Further comment:

Too Small

Smithsonian Institution
Radiocarbon Laboratory
Radiation Biology Laboratory
12441 Parklawn Drive
Rockville, Md., 20852

SI- 2626
Rec'd:

Site name: TOURO PASSO-1 Site number: RS-T-67

Exact site location:

Latitude: 29° 40' 12" S Longitude: 56° 52' 20" W

Cultural and/or time range of site:

PALEO INDIAN

Sample material: CARVÃO Cat. No. 5002

Genus and species:

Identified by: E. HILLER

Geological/chemical environment of sample:
SED. PREIST. BÁSICO

Evidence of leaching or humus: SIM

Evidence of contamination or root penetrations: SIM

Field packaging: SACO PLÁSTICO

Preservative or fungicide: NAO

Excavation coordinates and stratigraphic position:

PROF.: 5,3-5,35 M
5.30 - 5.35 meter depth.

Feature number and description: A-5002

Associated cultural materials: OSSOS E LITIOS LASCADOS

Estimated age and basis: 11.500 ± 1000 A.D.

Importance of dating this sample: MESMA DATA 5000

OVER----

Dennis Stanford, Director of the PaleoIndian Research Program for SI,
Feb. 18, 1975

Submitter and affiliation: E. HILLER - HARSUL

Collector and collection date: E. HILLER April 6, 1974
Contract Research Project for Smithsonian 6-4-1974

Other dates from site, position and publication reference:

Relevant publications:

Further comment:

4675 ± 75 B.P. (1950)
2725 B.C.

Smithsonian Institution
Radiocarbon Laboratory
Radiation Biology Laboratory
12441 Parklawn Drive
Rockville, Md., 20852

SI- 2628

Rec'd:

Site name: TOURO PASSO-1 Site number: 45-1-62
Exact site location: VEVA 055000

Latitude: 29° 40' 12" S Longitude: 56° 52' 20" W

Cultural and/or time range of site:

PALEO INDIO

Sample material: CARVÃO Cat. No. 5004

Genus and species:

Identified by: E MILLER

Geological/chemical environment of sample:

Evidence of leaching or humus: SIM

Evidence of contamination or root penetration: SIM

Field packaging: SACO PLÁSTICO

Preservative or fungicide: NAO

Excavation coordinates and stratigraphic position:

PROF.: 5,8 - 5,9 M

5.80 - 5.90 meters in depth.

Feature number and description: 05 5004

Associated cultural materials: RARAS EVID. DE LITICOS LASCADAS

Estimated age and basis: 14.000 ± 1.000 A.D.

Importance of dating this sample: HESHA DE 055000

OVER----

Dennis Stanford, Director of Paleo-Indian Research Program for Smithsonian Institution, Feb. 18, 1975.

Submitter and affiliation: Eurico Th. Miller, Museo Arqueologico do Rio Grande do Sul.

Collector and collection date: Eurico Th. Miller, April 6, 1974
Contract Research Project for Smithsonian

Other dates from site, position and publication reference:

Relevant publications:

Further comment:

Smithsonian Institution
Radiocarbon Laboratory
Radiation Biology Laboratory
12441 Parklawn Drive
Rockville, Md., 20852

SI- 2624

Rec'd:

Site name: TOURO PASSO -1 Site number: RS-I-61P
Exact site location: HARLEN DIREITA DO ARROIO TOURO PASSO AA6. PA
RIO URUGUAI, NO MUN. DE URUGUAIANA, RS, BRASIL
Latitude: 23° 40' 12" S Longitude: 56° 52' 20" W
Cultural and/or time range of site:

PALEOINDIO

Sample material: CARVÃO Cat. No. 5000

Genus and species:

Identified by: E. HILLER

Geological/chemical environment of sample:
SED. PLEIST. BÁSICO

Evidence of leaching or humus: SIM

Evidence of contamination or root penetration: SIM

Field packaging: SACO PLÁSTICO

Preservative or fungicide: NÃO

Excavation coordinates and stratigraphic position:

PROF: 4,2 - 4,3 M
4,20 - 4,30 meter depth.

Feature number and description: N. 5000

Associated cultural materials: LÍTICOS LASCADOS

Estimated age and basis: 9.000 ± 1000 A.D.

Importance of dating this sample: DATAÇÃO DESTE SÍTIO
PALEOINDÍGENA, DESTE EXTRATO E MATERIAL CULTURAL E,
COMPARAÇÃO COM DATAÇÕES ARQUEOLÓGICAS, PALEONTOLÓGICAS
E CLIMÁTICAS DO SÍTIO RS-I-66. MILTON ALMEIDA - A

OVER--

Dennis Stanford, Director of the PaleoIndian Research Program for SI
Feb. 18, 1975

Submitter and affiliation: E. HILLER - HARSUL - RA - BRASIL

Collector and collection date: E. HILLER April 6, 1974
6-4-1974
Contract Research Project for the Smithsonian

Other dates from site, position and publication reference:

Relevant publications:

Further comment:

SI-262
Rev. 7-73

9450 ± 115 B.P. (1950)
7500 B.C.

Smithsonian Institution
Radiocarbon Laboratory
Radiation Biology Laboratory
12441 Parklawn Drive
Rockville, Md., 20852

SI- 2634

Rec'd:

Site name: PALHITO Site number: RS-1-92
Exact site location: MARGEM ESQ. DO RIO URUGUAI - MUN. BELOBOUCAIANA
R.G.S. - BRASIL
Latitude: 29°32'47" S Longitude: 56°54'35" W
Cultural and/or time range of site:
PALEO INDIGENA

Sample material: CARVÃO VEGETAL Cat. No. 5160

Genus and species:

Identified by: EURICO TH. HILLER

Geological/chemical environment of sample:

Evidence of leaching or humus: SIM

Evidence of contamination or root penetration: SIM

Field packaging: SACO PLÁSTICO

Preservative or fungicide: NÃO

Excavation coordinates and stratigraphic position:

PROF. 5,1 M - TESTE A MARGEM DO RIO URUGUAI
5.1 meter in depth on margin of the Rio Uruguai,
Feature number and description: AMOITRA Nº 5160

Associated cultural materials: LÍPICOS LASCADOS

Estimated age and basis: 10.000 ± 1.000 ESTRATIGRÁFICA

Importance of dating this sample:

A MESMA DE RS-1-91

OVER----

Dennis Stanford, Director of the Smithsonian PaleoIndian Archeology
Research Program. Feb. 18, 1975

Submitter and affiliation: EURICO TH. HILLER, MUSEU ARQUEOLÓGICO DO
R.G.S. - BRASIL

Collector and collection date: EURICO TH. HILLER - 24/4/74
April 28, 1974

Contract Research Project for the Smithsonian
Other dates from site, position and publication reference:

NÃO HÁ

Relevant publications:

NÃO HÁ

Further comment: